UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FERNANDA ARANTES E SILVA

Coletivos juvenis e transição para vida adulta:
Desafios vividos por jovens da cidade de São Paulo

Versão Corrigida

São Paulo
2018

FERNANDA ARANTES E SILVA

Coletivos juvenis e transição para vida adulta:
desafios vividos por jovens da cidade de São Paulo

Tese apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como requisito para a obtenção do título de Doutora.

Área de Concentração: Sociologia da Educação

Orientadora: Profa. Marília Pontes Sposito

São Paulo
2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

-
301.2
S586c	Silva, Fernanda Arantes e Coletivos juvenis e transição para vida adulta: desafios vividos por jovens da cidade de São Paulo / Fernanda Arantes e Silva; orientação Marília Pontes Sposito. São Paulo: s.n., 2018. 234 p.; tabs.; apêndice Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Sociologia da Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 1. Coletivos 2. Jovens 3. Adultos 4. Transição 5. Desafios I. Sposito, Marília Pontes, orient.
-

Elaborado por Nicolly Leite – CRB-8/8204

SILVA, Fernanda Arantes e. **Coletivos Juvenis e transição para a vida adulta: desafios vividos por jovens da cidade de São Paulo**. 230 fl. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2018.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

São Paulo
2018

Para Raul, minha razão para lutar por uma sociedade
mais justa...

Para Renato, que não permitiu que eu esmorecesse
diante das dificuldades...

AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese é um processo solitário. É preciso distanciar-se da vida social, mergulhar de cabeça no mar profundo da análise, na tormenta da escrita e reescrita. Aproveitar a maré alta das boas ideias, resignar durante a maré baixa e aguardar a próxima onda de inspiração. É estar atento aos sinais de alerta para não cair nos redemoinhos e ser arrastado pelo desespero. Algumas ondas nos pegam de surpresa e dão um caldo, desses de perder a direção e sentido. É nesses momentos que vemos que, por mais solitário que seja doutorar, não estamos sozinhos. Por isso agradeço:

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e à CAPES¹, pela concessão da bolsa de estudos que garantiu minha dedicação exclusiva à pesquisa na maior parte do tempo.

Ao meu filho Raul, por me ensinar o significado do amor incondicional. Por ser, desde que veio ao mundo, a melhor parte de todos os dias.

Ao Renato, pelo amor, carinho e, acima de tudo, paciência e por estar ao meu lado, na alegria e na tristeza, no mestrado e no doutorado. Por não me deixar desanimar na reta final, abastecendo a dispensa com guloseimas.

Aos meus pais, por serem exemplos de integridade e dignidade. Por todo amor e carinho que sempre me deram. Por me incentivarem a estudar e a seguir estudando, mesmo quando tudo parecia não fazer mais sentido. Por me acolherem em sua casa e cuidarem do Raul e de mim para que pudesse concluir o doutorado.

À Carine e Caroline, amadas sobrinhas, pelo carinho, pela paciência e por me incentivarem a seguir em frente mesmo quando tudo parecia tão inatingível.

Aos meus sogros, pela disponibilidade em me ajudar. À Severina em especial, por cuidar de nós na reta final da escrita da tese.

Aos muitos familiares – entre tios, tias, avó, primos – que, mesmo sem entender os sentidos e utilidades de tantas horas de leituras, atividades de campo e escrita, ações que me afastaram do convívio familiar, torceram pelo meu êxito.

À Lilian, Waldemar, Henrique e Enzo, pelos almoços de domingo que alimentavam o corpo e a alma.

À querida e amada amiga Raquel Souza, que ao longo desses anos foi uma verdadeira co-orientadora. Sem sua leitura atenciosa do projeto de pesquisa não teria conseguido a bolsa de estudos. Ter você ao meu lado tornou o processo menos espinhoso.

¹ Processo nº 2014/20343-2, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

Ao amigo fiel Hamilton Harley, que me encorajou a inscrever o projeto no processo de seleção, pelos estimulantes diálogos travados na academia, no café, nos encontros étlicos, tão necessários para que pudéssemos seguir em frente.

À Sylvie Klein, irmã que a vida me deu, por ser meu porto seguro. Por me mostrar o significado da verdadeira amizade. Por me encorajar a seguir em frente, mesmo quando todos os caminhos pareciam sem saída. Por ser meu exemplo de mãe, de mulher e de militante. Por sempre me questionar sobre minhas decisões e me apoiar incondicionalmente em todas elas. Por ter acompanhado de perto minhas duas “gestações”, a do Raul e a da tese.

Ao querido Nicolas, que desde o seu nascimento em 2013 tornou minha vida mais colorida e, neste ano de 2018, foi exemplo de coragem. Sua alegria contagiante não nos deixou esmorecer diante das adversidades.

À Camilinha Orba, à Deise Rosalio, ao Thiago RG, à Marla Santos, ao Nilson (Plancton), à Carol Ferrarezi, à Rack, ao Cesinha Ramos, à Mariana Martha e ao Danilo Calderon. Amigas e amigos que fazem parte de uma grande família escolhida. Cada um de vocês, à sua maneira, foram importantes no trajeto percorrido até aqui.

À Rosa Soto, pelo seu abraço aconchegante, pelo seu olhar que transmite paz e pelo amor que transborda em suas palavras. À Thalita Soto Riva pela amizade, pelo cuidado e carinho nos momentos em que mais precisava.

Às queridas Gisela do Val e Crislei Custódio, amigas que a graduação me trouxe. Companheiras essenciais na escrita do relatório de qualificação em 2015/2016, para espairecer nos momentos em que o cérebro já não concatenava as ideias, proporcionando-me instantes de pausa regados a café, cappuccinos e boas doses de risada. Sem a presença de vocês, os corredores do Bloco A não têm a menor graça.

À Sheila Boesel, à Pamela Morimoto, à Janaina Lima Bonfá e à Alessandra Villas-Bôas, amigas que a maternidade e a dança materna me deram. Sou grata a vocês por cada palavra de incentivo, por cada roda de conversa e desabafo sobre as dificuldades da maternidade, por cada dança e por cada café tomado. Maternar e doutorar ficou mais leve com vocês ao meu lado.

Ao amigo e querido professor Zé Sérgio, por sempre aparecer de surpresa na sala 223 para colocarmos o papo em dia e me encorajar na escrita da tese.

Aos/Às funcionários/as da Secretária de Pós-Graduação da FEUSP pelo atendimento atencioso. Agradecimento especial ao Marcelo Souza Ribeiro, sempre disponível para esclarecer as infindáveis dúvidas.

Aos colegas Gil Marçal, Rosário Ramalho, Harika Maia e James Abreu, que conheci por meio do Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI). Pessoas com quem aprendi o verdadeiro significado do serviço público.

Ao querido Gabriel Medina, que mesmo com o passar dos anos e com a distância física, se fez presente.

À Marília Jahnel e à Thais Waldman, pela amizade, companheirismo, carinho e cuidado, que mesmo com a distância não esqueceram de mim.

Às jovens e aos jovens que tiveram paciência e disponibilidade para compartilharem suas experiências de vida comigo, concederem entrevistas e atenderem minhas demandas de pesquisa. Sem vocês, esta tese não existiria.

À Fernanda Batista, por ter aceitado o desafio de revisar esta tese e por tê-lo realizado com tamanha maestria.

Aos professores Elmir Almeida e Paulo Carrano, pelas preciosas contribuições no Exame de Qualificação.

Aos companheiros do GETESE, pelas leituras e discussões partilhadas ao longo desses anos. Em especial ao querido Elmir Almeida e à querida Marilena por todo carinho e partilha de interpretações das leituras e do mundo.

À minha orientadora, Marília Pontes Sposito, pelos quinze anos de parceria. Por me ensinar na prática o significado do artesanato intelectual e a bordar as palavras. Pela disponibilidade com que sempre me acolheu, pela força que transmitiu e pelas inúmeras horas de cuidadosa orientação, tanto para a vida acadêmica como para minha vida pessoal. Sua paciência e generosidade desmedida transformou a bolsista de iniciação científica, que não queria seguir a carreira acadêmica, em uma pesquisadora.

... O Senhor... mire, veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra montão.

Guimarães Rosa

RESUMO

SILVA, Fernanda Arantes e. **Coletivos Juvenis e transição para a vida adulta: desafios vividos por jovens da cidade de São Paulo**. 234 fl. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2018.

Em que medida a participação dos jovens nos coletivos juvenis afeta, e como afeta, os modos de transição para a vida adulta na atualidade? Esta foi a pergunta norteadora desta pesquisa, que se apoiou em uma abordagem qualitativa, por meio da realização de entrevistas compreensivas com 30 indivíduos jovens, sendo 17 homens e 13 mulheres, na faixa etária de 19 a 31 anos, participantes e ex-participantes de diferentes formas associativas juvenis da cidade de São Paulo. A pesquisa constatou que os processos de transição para a vida adulta são marcados por idas e vindas (PAIS, 2001) e identificou que a experiência nos grupos trouxe novos desafios para os jovens no trânsito para a vida adulta, em especial no campo do trabalho e da independência pessoal. A presença nos coletivos afetou as individualidades jovens nas suas diferentes “gramáticas”: do suporte, da identidade e do respeito (MARTUCCELLI, 2007). Possibilitou, também, forjar uma nova forma de viver a adultez, pautada na criatividade e no engajamento. Participar dos coletivos juvenis não afetou somente a transição, mas possibilitou reconfigurar o início da vida adulta, que ganhou novos contornos. Por fim, a pesquisa inferiu que as fronteiras entre ser jovem e ser adulto não são fixas e nem delimitadas de modo rígido, mas elásticas e porosas, o que permite aos indivíduos circularem entre os dois mundos no mesmo tempo histórico: são jovens que vivem a adultez e adultos que carregam consigo as experiências e o modo de vida de jovens.

Palavras chaves: coletivos juvenis, jovens, juventude, transição, vida adulta, desafios.

ABSTRACT

SILVA, Fernanda Arantes e. **Youth Collectives and transition to adult life: challenges faced by young people in the city of São Paulo**. 234 fl. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2018.

In which way the participation of young people in youth collectives affect, and how does it, the modes of transition to adulthood today? This was the guiding question of this research, which was based on a qualitative approach, through the comprehensive interviews with 30 young individuals, 17 men and 13 women, in the age group of 19 to 31 years old, participants and former participants of different youth associations in the city of São Paulo. The survey has shown that the transition process to adult life are marked by comings and goings (PAIS, 2001) and identified that group experiences has brought new challenges for young people on the road to adulthood, especially in professional life and personal independence. The presence in the collective affected the young individuals in their different “grammars”: from support, identity and respect (MARTUCCELLI, 2007). Also provided to forge a new way of living adulthood, based on creativity and engagement. Participating in the youth groups did not only affect the transition, but allowed to reconfigure the beginning of adult life, which has gained new contours. Finally, the research inferred that the boundaries between being young and being an adult are not fixed or bounded in a rigid mode, but elastic and porous, allowing individuals to move between the two worlds at the same historical time: they are young people living adulthood and adults who carry the experiences and way of life of young people.

Keywords: youth collective, young, youth, transition, adult life, challenges

RESUMEN

SILVA, Fernanda Arantes e. **Colectivos juveniles y transición a la vida adulta: desafíos vividos por jóvenes de la ciudad de São Paulo**. 234 fl. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2018.

¿Dé que forma la participación de los jóvenes en los colectivos juveniles afecta los modos de transición para la vida adulta en la actualidad? Ésta fue la pregunta guion de esta investigación, que se apoyó en un abordaje cualitativo, por medio de la realización de entrevistas comprensivas con 30 individuos jóvenes, 17 hombres e 13 mujeres, con edad entre 19 e 31 años, participantes y exparticipantes de diferentes organizaciones juveniles de la ciudad de São Paulo. La investigación concluyó que los procesos de transición para la vida adulta son marcados por idas y venidas (PAIS, 2001) e identificó que la experiencia en los grupos ha traído nuevos desafíos para los jóvenes en la transición para la vida adulta, en especial en el campo del trabajo y de la independencia personal. La presencia en los colectivos afectó las individualidades jóvenes en sus diferentes “gramáticas”: del soporte, de la identidad y del respeto (MARTUCCELLI, 2007). Eso ha posibilitado, además, forjar una nueva forma de vivir la fase de la vida adulta, pautada en la creatividad y en el compromiso. Participar de los colectivos juveniles no ha afectado solamente la transición, pero ha posibilitado reconfigurar el inicio de la vida adulta, que ha ganado nuevos alineamientos. Para finalizar, la investigación mostró que las fronteras entre ser joven y ser adulto no son fijas tampoco determinadas de modo rígido, pero sí, son elásticas y porosas, lo que permite a los individuos caminar entre dos mundos en el mismo tiempo histórico: son jóvenes que viven la fase adulta y adultos que llevan consigo las experiencias y el modo de vida de los jóvenes.

Palabras claves: colectivos juveniles, jóvenes, juventud, transición, vida adulta, desafíos.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – COLETIVOS JUVENIS POR ÁREA DE ATUAÇÃO E REGIÃO

QUADRO 2 – PARTICIPANTES DO SEXO FEMININO

QUADRO 3 – PARTICIPANTES DO SEXO MASCULINO

LISTA DE SIGLAS

ADESAMPA	-	Agencia São Paulo de Desenvolvimento
ALFASOL	-	Alfabetização Solidária
ASSAOC	-	Associação Amigos das Oficinas Culturais do Estado de São Paulo
AVC	-	Acidente Vascular Cerebral
CCA	-	Centro para Criança e Adolescente
CCJ	-	Centro Cultural Para Juventude Ruth Cardoso
CCS	-	Centre for Contemporary Cultural Studies
CEI	-	Centro de Educação Infantil
Cenpec	-	Centro de Estudos e Pesquisa em Educação e Ação Comunitária
CEU	-	Centro de Educação Unificado
CJ	-	Centro para Juventude
CPTM	-	Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
ECA	-	Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo
EGRIS	-	European Society for Regional and International Social Research
EJA	-	Educação de Jovens e Adultos
FATE	-	Family and Transitions in Europe
FFC	-	Favela Futebol Clube
FMU	-	Faculdades Metropolitanas Unidas
GRET	-	Grupo de Investigação em Educação e Trabalho
MBA	-	Master of Business Administration (Mestrado em Administração e Negócios)
MC	-	Mestre de Cerimônias
ONG	-	Organização Não Governamental
PIBID	-	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PROAC	-	Programa de Ação Cultural
PROUNI	-	Programa Universidade para Todos
SENAI	-	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	-	Serviço Social da Indústria
SMC	-	Secretaria Municipal de Cultura
SMDHC	-	Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania
SMADS	-	Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social
SMTE	-	Secretaria Municipal de Trabalho e Empreendedorismo de São Paulo
SPTV	-	São Paulo TV
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
TIC	-	Tecnologias da Informação e Comunicação
TUSP	-	Teatro da Universidade de São Paulo
UNESP	-	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
VAI	-	Programa de Valorização de Iniciativas Culturais
VAI TEC	-	Programa de Valorização de Iniciativas Tecnológicas

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	21
1. DESENHO DA PESQUISA: PROBLEMÁTICA E APOIOS TEÓRICOS	23
1.1 A NOÇÃO DE PROVA COMO OPERADOR ANALÍTICO NO ESTUDO DOS JOVENS	27
1.2. CAMINHOS DA PESQUISA: METODOLOGIA ADOTADA	32
2. TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA: UMA ATUALIZAÇÃO EM TORNO DOS ESTUDOS	53
2.1 HEMISFÉRIO NORTE: DESDOBRAMENTOS DAS PESQUISAS SOBRE TRANSIÇÃO PARA VIDA ADULTA	53
2.2 A AMÉRICA LATINA E OS ESTUDOS SOBRE TRANSIÇÃO PARA VIDA ADULTA	63
2.3 A CONSTRUÇÃO DE UMA AGENDA DE PESQUISA BRASILEIRA SOBRE TRANSIÇÃO PARA A IDADE ADULTA	65
3. COLETIVOS JUVENIS: AFETAR E SER AFETADO	73
3.1 COLETIVOS: FORMAS DE EXPRESSÃO E ATUAÇÃO	77
3.2 COLETIVOS JUVENIS: ORIGENS E SOBREVIVÊNCIA	81
3.3 “SÓ AFETA QUANDO EXISTE O AFETO”	95
4. O DESAFIO DO TRABALHO	103
4.1. CREDENCIAIS EDUCACIONAIS: ALCANÇADAS E ALMEJADAS	104
4.1.1 Inserção laboral: desafio já enfrentado.....	107
4.2 ENTRE A ASPIRAÇÃO E A CONCRETIZAÇÃO: DESAFIO DA INDEPENDÊNCIA ECONÔMICA E POSSIBILIDADE DA REALIZAÇÃO PESSOAL	111
4.2.1 Caminhos e estratégias adotados para trabalhar com o que se almeja.....	114
5. INDEPENDÊNCIA E VÍNCULOS FAMILIARES: DESAFIOS MÚLTIPLOS.....	133
5.1 CAMINHOS PERCORRIDOS RUMO À INDEPENDÊNCIA	136
5.2 ENTRE A ASPIRAÇÃO E A CONCRETIZAÇÃO: A BUSCA PELA INDEPENDÊNCIA DOMICILIAR	140
5.3 INDEPENDÊNCIA PESSOAL E AS NOVAS RELAÇÕES FAMILIARES.....	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
REFERÊNCIAS	169
APÊNDICE A – DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES	179
APÊNDICE B – DESCRIÇÃO DOS COLETIVOS	214

APRESENTAÇÃO

Esta tese nasceu como desdobramento da pesquisa realizada no mestrado², por meio da qual foram estudados os coletivos juvenis que frequentavam o Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso, mantido pela Secretaria Municipal de Cultura e situado na zona norte da cidade de São Paulo.

Ao final da pesquisa do mestrado, concluiu-se que a participação de mulheres e homens jovens nessas formas de associações possibilitava-lhes alargar experiências nesse momento do percurso de vida, vivenciar o período da juventude, distantes dos espaços institucionalizados, como a escola e a família. Os grupos propiciavam ambientes de sociabilidade, de elaboração de projetos individuais e coletivos, de identificação com o outro, de interpretação do cotidiano e formas de intervir no mesmo (SILVA, 2010).

Além disso, concluiu-se que o pertencimento a agrupamentos juvenis não se configura na vida de moças e rapazes como um fator episódico, pois as formas associativas, como já havia identificado Lilianne Magalhães (2008), são dotadas de “atitudes, padrões de consumo e comportamentos, gostos, crenças e mesmo os vínculos de sociabilidade e lazer revelam a presença de um modo de vida diferenciado” (p. 28).

Enquanto na pesquisa de mestrado o foco foram os coletivos, no doutorado o olhar foi direcionado para os indivíduos jovens participantes desses grupos. A partir da junção de dois temas pouco explorados – coletivos juvenis e transição para a vida adulta –, buscou-se apreender se a participação dos jovens nos grupos afetava, e como afetava, a vida desses indivíduos no processo de transição para a vida adulta.

A partir de uma abordagem qualitativa, por meio da realização de entrevistas compreensivas com 30 jovens com idade entre 19 e 31 anos, na sua maioria moradores(as) da cidade de São Paulo, integrantes e ex-integrantes de coletivos de diferentes linguagens e expressões, chegou-se aos resultados apresentados nesta tese, que está dividida em seis capítulos.

No primeiro, apresentam-se as inquietações que originaram essa pesquisa. Trata-se de um capítulo introdutório no qual a pesquisa é desenhada e apresenta-se ao leitor o percurso

² Grupos juvenis e equipamentos públicos: um estudo do centro cultural da juventude da cidade de São Paulo/Fernanda Arantes e Silva; orientação Marília Pontes Sposito. São Paulo: s.n, 2010. Pesquisa realizada entre 2008 e 2010, teve como objetivo conhecer os integrantes dos grupos, seus estilos, os modos de utilização das instalações do Centro Cultural da Juventude e de que forma este equipamento poderia ou não auxiliar na constituição e consolidação das ações empreendidas pelos grupos.

trilhado para a elaboração e desenvolvimento do trabalho, os referenciais teóricos, metodológicos e os desdobramentos do trabalho de campo. Neste capítulo, expõe-se, ainda, em síntese o perfil dos(as) participantes da pesquisa.

Um breve balanço da produção acadêmica, nacional e internacional, sobre transição para a vida adulta é apresentado no segundo capítulo. O objetivo não foi realizar levantamento exaustivo e muito menos produzir um estado da arte sobre o tema, mas identificar as motivações de estudiosos a se debruçarem sobre o tema e como o mesmo passou a compor as agendas de pesquisas nos países do hemisfério norte, nos latino-americanos e no Brasil. Além disso, buscou-se estabelecer diálogo com essa produção e algumas conexões com a pesquisa realizada, embora ela tenha se dedicado a tratar dois temas que caminhavam separados e pouco explorados: coletivos juvenis e transição para a vida adulta.

O terceiro capítulo ocupa-se dos modos como a participação nos coletivos juvenis afetou os indivíduos em suas diferentes “gramáticas” – do suporte, da identidade e do respeito (MARTUCCELLI, 2007). Apresenta, de modo sucinto, como os estudos sobre formas associativas juvenis passam a ocupar as agendas de pesquisa. Caracteriza os coletivos juvenis, aos quais se recorreu para conhecer os indivíduos estudados nesta tese, os modos como foram criados e as estratégias empregadas pelos seus integrantes para sobreviverem ao longo dos anos.

No quarto capítulo, os desafios comuns dos e das jovens no âmbito do trabalho são apresentados. Discute-se como a participação nos coletivos potencializou o anseio em trabalharem na área cultural, de fazer um jornalismo voltado para as questões periféricas e de se dedicarem à vida de artistas. Os modos como esse desafio se declinam na vida dos diferentes jovens e as estratégias acionadas para enfrentá-los também são apresentados.

A prova da independência pessoal, tema do quinto capítulo, desdobra-se em três desafios: a busca de um lugar para chamar de seu, a conjugalidade para aqueles(as) que já deixaram o domicílio paterno e, por fim, a redefinição do papel de filhos quando esses retornam para a residência da família de origem após morarem fora.

Nas considerações finais, as principais reflexões apresentadas ao longo da tese e seus achados são sintetizados, num esforço de situar as principais contribuições deste trabalho no campo de estudos sobre coletivos juvenis e transição para a vida adulta.

1. DESENHO DA PESQUISA: PROBLEMÁTICA E APOIOS TEÓRICOS

O problema de pesquisa, norteador da realização desta tese, nasceu a partir da identificação de duas insuficiências: uma no campo dos estudos sobre transição para a vida adulta e a outra, no conjunto de investigações realizadas sobre coletivos juvenis.

No Brasil ainda são poucas as pesquisas, na área da Educação e Ciências Sociais, dedicadas a compreender os processos de transição para a vida adulta percorridos por moças e rapazes. Nos poucos estudos existentes, os indivíduos jovens são analisados a partir das dimensões clássicas – escolaridade, trabalho e família. As primeiras pesquisas, realizadas no âmbito da demografia, analisaram as alterações nos calendários de entrada na vida adulta, analisadas pelo término dos estudos, inserção laboral, conjugalidade e chegada dos filhos (CAMARANO, 2004 e 2006).

São ausentes nos estudos sobre transição para a idade adulta temas que exploram outras dimensões da vida do indivíduo, como, por exemplo, o tempo livre, o lazer, a participação em coletivos juvenis, entre outras. No entanto, esses aspectos também devem ser considerados nos processos que envolvem o mover-se para a adultez.

Da mesma forma, os estudos sobre as formas associativas juvenis também são escassos. No primeiro Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira, realizado sob a coordenação de Marília Sposito em 2002, identificou-se a emergência do tema sobre grupos juvenis nas pesquisas, pois muitos estudos preocuparam-se em valorizar as manifestações juvenis com objetivo de sensibilizar os profissionais da educação pública. Diante desse direcionamento, as descobertas trazidas, como bem observou Sposito e Corti (2002), tornam-se frágeis, pois reduzem o tema e apresentam certa ingenuidade ao buscar novas alternativas pedagógicas para a instituição escolar.

No segundo Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação, constatou-se que os estudos sobre grupos juvenis ganhou reconhecimento e passaram a ocupar a agenda de pesquisadores nas áreas da Antropologia e Ciências Sociais, o que, contudo, não se verificou nas áreas da Educação e Serviço Social (ALMEIDA, 2009). Para Almeida (2009), um dos motivos para o número reduzido de pesquisas sobre o tema pode indicar que “os pesquisadores vinculados à área da Educação ainda apresentam resistência em considerar o jovem para além da figura do aluno/estudante, bem como têm dificuldade para reconhecer e legitimar outros espaços/tempos nos quais os atores juvenis agem – individualmente ou coletivamente [...]” (p.128).

Ao todo foram mapeadas 64 produções sobre grupos juvenis e os temas ou problemas mais recorrentes de pesquisa foram:

1) as formas de socialização, sociabilidades e processos identitários de jovens vinculados a grupos de estilo musicais, de dança ou coletivos de outra natureza; 2) as representações, percepções, sentidos ou significados que jovens produtores de culturas, ou envolvidos com um estilo específico, formulam sobre a realidade social em que estão inseridos: a escola a periferia, o bairro, a favela, o local, a cidade, a metrópole, a sociedade; 3) dinâmicas e impasses nos processos de produção e reprodução do estilo, das culturas ou dos movimentos. (ALMEIDA, 2009, p. 133)

Os estudos realizados reafirmam a tese “de que é ainda pela dimensão da cultura que os jovens se mobilizam, se organizam e disputam, com outras formas associativas, as possibilidades de inserção e integração na dinâmica societária e de construção de processos de identificação” (ALMEIDA, 2009, p. 162).

Algumas lacunas, no entanto, foram identificadas no levantamento. Verificou-se a ausência, nas produções, de análises que considerassem as diferenças existentes entre os sexos no que diz respeito tanto a diferenças na vivência da condição juvenil como vivência no grupo juvenil. Das 64 produções, somente cinco estudos trataram das relações de gênero, no interior dos grupos, e analisaram o pertencimento sexual dos integrantes. Também não foram alvos de investigação os “coletivos juvenis LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), de segmentos do feminismo, setores religiosos – de diferentes confissões –, socioambientais, rurais ou do campo, indígenas, das múltiplas comunidades virtuais” (ALMEIDA, 2009, p. 163).

Nos estudos sobre coletivos juvenis, o tema do curso de vida também não está presente. Embora as pesquisas realizadas permitam inferir a abertura de inúmeras possibilidades de experimentação para os indivíduos jovens pelas formas associativas, elas não lançam olhar para compreender como a participação nos grupos reverbera nos processos de mover-se para a vida adulta.

A partir da identificação dessas insuficiências, na intersecção dos temas – coletivos juvenis e transição para vida adulta – e na ausência de pesquisas que articulam esses dois assuntos e escolham os jovens como objeto privilegiado de análise, desenhou-se o problema de pesquisa norteador da realização desta tese. A pergunta disparadora foi: ***em que medida a participação dos jovens nos coletivos juvenis afeta, e como afeta, os modos de transição para a vida adulta na atualidade?***

Desta pergunta, desdobraram-se algumas questões: como moças e rapazes jovens estão realizando a transição para a vida adulta na sociedade contemporânea? Como se processam os modos de ação coletiva dos jovens a partir do momento em que passam a vivenciar experiências

do mundo adulto? Quais são os desafios vividos pelos jovens para se tornarem adultos? Quais respostas são dadas para enfrentar as provas da transição?

Os indivíduos jovens, integrantes dos coletivos juvenis, na transição para a vida adulta³ foram o objeto de análise desta pesquisa. Jovens, em determinado período do curso de vida⁴, que na nossa sociedade apresentam características específicas reunidas na expressão juventude.

A categoria juventude é uma construção social e histórica. Os jovens são os indivíduos concretos, forjados em meio as inúmeras relações, que configuram um universo social em constante transformação (BOURDIEU, 1983; LEVI e SCHMITT, 1996; PONCELA, 2003).

Claudine Attias-Donfut (1996) alerta para o uso do termo *juventude* para designar o próprio indivíduo e não o período em que ele está inserido. Esse tipo de sobreposição não ocorre quando os estudiosos tratam da infância e das crianças ou da velhice e dos idosos. A noção de jovem remete aos sujeitos concretos da condição juvenil e são historicamente situados e o termo *juventude* diz respeito à categoria analítica, que reúne características mais gerais de determinado momento do curso de vida.

Segundo François Dubet (2004), a juventude na sociedade moderna pode ser caracterizada como um período no qual os indivíduos vivem uma prova. Na percepção do autor, a juventude não está situada entre a infância e a adultez: ela é a entrada na vida, preparação e mobilização para conquistar uma posição, cada vez menos programada, menos previsível, pois a mudança se tornou a regra. Os jovens estão expostos a inúmeros desafios e são impelidos a cada vez mais investir, por si mesmos, na sua formação escolar, na busca pela autonomia e independência, garantindo assim uma posição favorável ao entrar na vida adulta.

Os jovens são atores capazes de agir e de imprimir orientações a partir das condições que delimitam sua existência. São instados a planejar suas vidas, no médio e longo prazo, devem estar prontos para se adaptar às mudanças e improvisar quando necessário. Em síntese: ter iniciativa, ser flexível e conseguir lidar com a frustração. Embora os sujeitos jovens possuam uma margem maior de ação, eles ainda não estão instituídos de completa autonomia e independência, principalmente em relação aos seus familiares mais próximos.

³ Embora a pesquisa tenha se dedicado a compreender os processos de transição para a idade adulta, entende-se que transitar entre os períodos da vida é uma característica inerente as todas as idades e não apenas à juventude (GIDDENS, 2003). No entanto, cada momento do curso de vida, e cada trânsito realizado, tem suas especificidades.

⁴ O conceito curso de vida é utilizado em contraposição à ideia de ciclos de vida, uma vez que ciclo faz referência ao agrupamento das idades colocadas em sequência linear, progressiva, sendo cada período dotado de características próprias, constituindo-se como um modelo homogeneizador aplicável a todas as sociedades. Já o conceito de curso de vida é entendido como um processo gradual, imerso em aspectos sociais, históricos e individuais para compreender os períodos da vida (GRIN DEBERT, 1999).

François de Singly (2004) chama a atenção para o uso inadequado das categorias autonomia e independência usadas para interpretar a entrada dos jovens na adultez. Para o autor, as mudanças sociais contemporâneas permitiram evidenciar que a autonomização e a conquista da independência são, e sempre serão, processos diferentes que, por estarem relacionadas, são alvos de confusão. Os jovens constroem e usufruem de autonomia, mesmo que não disponham de independência financeira. Isto é, embora dependam materialmente dos pais, não estão limitados nas formas como escolhem e decidem como agir. No entanto, os jovens podem ser impedidos de agir diante da falta de recursos suficientes, o que irá interferir na capacidade de concretizar sua autonomia.

No Estatuto da Juventude são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos. Porém, para melhor compreensão das especificidades desta população a divisão em três subgrupos etários é adequada: 15-17 (adolescentes-jovem), 18-24 (jovem-jovem) e 25-29 (jovens-adultos). Segundo Debert (2004), o sistema de datação constitui-se como um mecanismo básico de atribuição de *status* (atingir a maioridade penal, direito ao voto, a ter carteira de habilitação), de definição de papéis ocupacionais (inserção no mercado de trabalho), de formulação de demandas sociais (direito à meia entrada). Todavia, é preciso atentar para essas subdivisões no interior da corte etária, pois é diferente ser jovem aos 15 anos, aos 25 e aos 29 anos. Em cada momento do percurso de vida, os jovens deparam-se com inúmeros desafios e possibilidades (SPOSITO *et al.*, 2018). Por exemplo, para os jovens com idade entre 25 e 29 anos, mover-se para a idade adulta configura-se como um dos principais desafios.

Mas o que significa ser adulto? Os conceitos adultez, aduleidade e adulecência são recentes e demonstram a necessidade de conceituação e de realização de pesquisas sobre o tema. Assim como a juventude, a representação do adulto é uma construção social, histórica e cultural. A idade adulta é apresentada muitas vezes como sinônimo de estabilidade, um período da vida isento de problemas e como referência para as demais idades (BOUTINET, 2000).

No senso comum a imagem do adulto está carregada de atributos, tais como ser responsável por si e por outros, ser autônomo, ser independente, ter um trabalho que lhe garanta renda fixa, estar em um relacionamento amoroso sério e ter filhos. Ser adulto é, portanto, ser estável. Mover-se para a vida adulta é conquistar esses atributos e essa suposta estabilidade.

José Machado Pais (2003) chama atenção para substituição da imagem de uma idade adulta estática para a ideia de aprendizagem contínua, isto é, os adultos também buscam realizar-se pessoal, profissional e afetivamente. E nessa busca, estão em constante aprendizado. Portanto, assim como nas demais idades da vida, trilham percursos complexos permeados por avanços e recuos.

Como já dito, os indivíduos jovens, participantes de coletivos juvenis que se movem para a vida adulta, foram o objeto aqui estudado. Buscou-se, portanto, fazer um estudo do indivíduo, isto é, compreender como foram afetados pela participação deles em coletivos juvenis e, assim, apreender “a forma que vivem, lutam e afrontam o mundo”. (MARTUCCELLI e SINGLY, 2012; p. 11).

Em suas ações, os indivíduos mobilizam diversas dimensões, às quais Martuccelli (2007) nomeou de gramáticas do indivíduo: são elas do suporte, dos papéis, do respeito, da identidade e da subjetividade. Em sua obra *Gramática do indivíduo*, o referido autor explana especificamente sobre os significados e implicações de cada uma das dimensões. Porém, não cabe, no presente capítulo, explicar sobre cada uma delas, pois o alvo é o conceito analítico de prova que será abordado em seguida. No entanto, importante dizer que a pesquisa esteve apoiada na concepção de que o indivíduo tem uma gramática múltipla acionada no processo de transição para a vida adulta e algumas dessas dimensões foram afetadas com a participação dos jovens nos coletivos.

1.1 A NOÇÃO DE PROVA COMO OPERADOR ANALÍTICO NO ESTUDO DOS JOVENS

Diversas são as teorias sociológicas existentes para o estudo dos indivíduos. Sem a pretensão de aprofundar a discussão, quatro serão aqui destacadas, apoiando-se nas considerações tecidas por Danilo Martuccelli e François de Singly no livro *Las sociologías del individuo*.

A primeira é a teoria do indivíduo socializado por disposições e hábitos, vertente da qual o sociólogo Pierre Bourdieu foi o principal expoente. Em seus estudos, Bourdieu buscou mostrar a relação estreita entre as disposições individuais e a posição ocupada ou herdadas pelos indivíduos (MARTUCCELLI e SINGLY, 2012).

Jean-Claude Kaufmann e Bernard Lahire, que também estudaram os indivíduos pelo viés das disposições e hábitos, ampliaram a teoria ao analisarem os múltiplos e contraditórios processos de socialização dos indivíduos. Kaufmann sublinha que os indivíduos são constituídos por dois tipos de hábitos – hábito-comportamento aprendido e hábito-memória social –, cada qual com processos de registro e reprodução diferentes. No hábito-comportamento aprendido, os indivíduos aprendem por meio da internalização e no hábito-memória social, pela objetivação. Desse modo, para o estudo do indivíduo, Kaufmann alerta para a necessidade de considerar, de modo simultâneo, os esquemas incorporados e as

prescrições sociais dos contextos de ação e interação. Em suas pesquisas, observou que os indivíduos, em inúmeras situações, são provocados o tempo todo por tensões internas, resultantes da desarmonia das disposições incorporadas e do conflito entre a base disposicional e nossa vontade inconsciente (MARTUCCELLI e SINGLY, 2012).

Os indivíduos, na perspectiva de Lahire, são o resultado de múltiplos “vincos” da estrutura social que neles estão sedimentados. Tais vincos são incorporados por meio das socializações primárias e secundárias. Desse modo, os estudos sociológicos devem encontrar, no nível microssociológico, os efeitos das estruturas sociais. Devem descrever os processos de socialização pelos quais os indivíduos adquirem as inúmeras disposições que os fabricam, isto é, dar conta das diferentes socializações como resultado, cada vez mais individual, das variadas formas de socialização – familiar, escolar, culturais etc.

As ações individuais são, portanto, o resultado das disposições plurais adquiridas nos diversos processos de socialização sem um fim específico, ou seja, à medida que os indivíduos prosseguem na vida, um número cada vez maior de esquemas é incorporado. Desse modo, o comportamento está determinado socialmente, embora não seja possível prevê-lo. Segundo Martuccelli e Singly (2012), nesta perspectiva de estudo o indivíduo não existe por um trabalho reflexivo sobre si, mas pela complexidade de sua socialização e a diversidade de suas práticas.

Uma segunda teoria é a de um indivíduo orientado por instituições e normas sociais que lhes são impostas: são indivíduos solicitados e produzidos por inúmeras instituições sociais que os constroem a desenvolver uma biografia pessoal a partir de uma série de prescrições. As pesquisas que se apoiam nessa teoria estudam os indivíduos a partir da relação estabelecida por eles com as normas e instituições sociais. As pesquisas realizadas por Dominique Memmi demonstraram que “se estabelece o controle normativo por conta de uma exigência de adesão dos atores, ainda que esta exigência se manifeste apenas ‘na ponta da língua e em determinada situação’: dessa forma, os indivíduos, uma vez que se submetem às regras, constituem-se em tantos sujeitos” (MARTUCCELLI e SINGLY, 2012, p. 65).

Na terceira, o indivíduo é estudado a partir da teoria de que ele se forja pelo reconhecimento dos outros sobre sua pessoa. Nessa perspectiva, durante os processos de socialização, os outros significativos ocupam lugar de destaque na constituição dos indivíduos em todos os períodos do curso de vida. François de Singly, que se apoia nessa perspectiva para estudar família e busca analisar as ligações identitárias, observou que a relação estabelecida entre o eu e os outros significativos não é estável, pois há contradições nos processos de individualização. Por mais que seja importante ter o apoio dos outros significativos para a

construção da identidade pessoal, também é preciso que essa identidade pessoal não seja dependente deles.

A quarta teoria é a do eu construído pelas provas. Para uma das vertentes dessa teoria, o indivíduo está submetido a uma prova permanente, designada por François Dubet (1994) pelo termo de experiência, que se caracteriza pelo esforço realizado pelo ator para conjugar e encadear três lógicas de ação – integração, subjetivação e estratégia. A dissolução dos princípios de uma sociedade, porém, constrange os indivíduos a se prover de uma unidade pessoal: desse modo, o indivíduo deve estar integrado a uma comunidade, criar estratégias para lutar pelos seus interesses e desenvolver uma atividade crítica (subjetivação). Devido à crise da ideia de sociedade, o sistema social não garante a unidade pessoal do indivíduo e demanda um trabalho sobre si que deve ser desenvolvido por cada indivíduo com a finalidade de se fabricar enquanto autor de sua experiência. A prova é, portanto, dotar-se de uma experiência que articule integração, subjetivação e estratégia.

A segunda vertente, que se propõe a estudar os indivíduos a partir das provas da individuação, foi a eleita para a realização desta pesquisa, levando-se em consideração que as transformações ocorridas nos âmbitos econômicos, sociais, culturais, educacionais, no mundo do trabalho e nas instituições centrais da sociedade alteraram a produção social dos indivíduos.

Martuccelli (2010) chama a atenção para as características das individualidades da América do Sul, onde o mundo institucional é mais precário. Segundo o autor, o indivíduo latino-americano é um ator “socialmente agonizante”. Devido à vulnerabilidade das posições sociais e os movimentos cíclicos da conjuntura, os indivíduos enfrentam diversas contingências de modo pessoal (inclusive quando recorrem à solidariedade dos grupos), o que não os caracteriza, portanto, como independentes economicamente. Esses fatores colocam o indivíduo em um combate permanente contra as inconstâncias da existência, como a morte, a angústia, entre outros, mas sobretudo, frente as contingências da vida social.

O indivíduo do Sul pode ser caracterizado pela falta de uma vida interior. Sua intimidade é desenhada culturalmente mais por uma extensão compartilhada que pela introspecção pessoal. Seu gênio é estruturado a partir do laço social, da sociabilidade, da semiologia cotidiana. “O indivíduo latino-americano se define pela sua agonia contra a contingência e por sua exterioridade. Nos dois casos e, pois, antes que qualquer outra coisa, um individualismo da sociabilidade” (MARTUCCELLI, 2010, p. 292). É graças a aquisição dessas habilidades relacionais que o indivíduo assume a sua existência e afirma todos os dias a sua possibilidade de estar no mundo.

Segundo Martuccelli (2010),

Os indivíduos são atores no sentido mais amplo do termo: devem constantemente enfrentar imprevistos tanto macrosociológicos (inflações, instabilidades políticas, choques de eventos externos...) como microsociológicos (despedidas, evolução de trajetórias familiares, problemas de saúde...). É importante compreender que, por trás da aparente semelhança universal destas situações, estão na verdade, na maneira de enfrentá-los, vários modelos de individualidade. No caso da América Latina, quase seria possível afirmar que *a substância da vida social é a consciência permanente do acidente e do imprevisto*. (p. 293)

O indivíduo é, portanto, o produto da soma de elementos estruturais que não encontra nas instituições sua principal razão de ser. O indivíduo constitui-se a partir da vida social e, nela, nas suas dinâmicas e intercâmbios. Sem apoio institucional, é responsável por todos os âmbitos de sua vida e mobiliza diversos recursos para encarregar-se de si mesmo, lançando mão de estratégias (MARTUCCELLI, 2010).

Desse modo, os indivíduos do Sul encarregam-se e responsabilizam-se pelo seu processo de individuação. E para estudá-los, é preciso que um novo modo de fazer pesquisa seja empregado. Os indivíduos, e não apenas as estruturas, e as diversas formas de se constituírem enquanto tal, são os sujeitos da investigação sociológica.

Danilo Martuccelli é na atualidade quem, por meio de suas pesquisas e vasta bibliografia, vem apontando para a necessidade de realizar uma sociologia do indivíduo, que permita apreender as mudanças históricas e sociais, pela perspectiva do indivíduo. Para ele,

[...] as sociedades atuais estão submetidas a um processo estrutural de singularidade que se observa em vários âmbitos sociais (na produção industrial, no consumo, nas instituições, em nossa sociabilidade...). Ao contrário do que denunciam tantas perspectivas a propósito da uniformização do mundo, é preciso refletir acerca dos desafios que uma sociedade singular propõe para a análise sociológica. É esta reflexão que explica, segundo o autor, a mudança de rumo necessária: produzir uma sociologia para os indivíduos capaz de propor uma inteligibilidade dos fenômenos sociais no nível dos indivíduos. (ARAUJO e MARTUCCELLI, 2012, p. 75)

Além disso, nas sociedades atuais a maior parte das trajetórias tendem a individualizar-se, sendo, portanto, imprescindível que as investigações tenham como objetivo apreender as diversas formas em que se constroem as existências individuais. Para compreender essa nova dinâmica social é necessário, como propõe Danilo Martuccelli (2007a), uma mudança de rumo. Como o próprio autor pontua, a sociologia sempre se interessou pelo indivíduo, no entanto ela o aborda apenas como a consequência imediata de mudanças estruturantes. Em seu livro *Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo*, Martuccelli faz uma análise, no capítulo 1, em que apresenta as três grandes estratégias intelectuais para o estudo do indivíduo: a socialização, a subjetivação e a individuação (p. 19). Apresenta também ao leitor a continuidade

histórica, a diversidade das vias de estudo do indivíduo e a inflexão contemporânea, comum a cada uma delas.

O estudo pela via da individuação consiste em “estabelecer uma relação *sui generis* entre a história da sociedade e a biografia do autor” (MARTUCCELLI, 2007a, p. 30). Isto é, uma via que, considerando as grandes transformações históricas, propõe-se a escrever e analisar a produção dos indivíduos nas sociedades modernas. Para o autor, “a dinâmica essencial da individualidade combina um eixo diacrônico com um eixo sincrônico, tratando de interpretar no horizonte de uma vida – ou de uma geração – as consequências das grandes transformações históricas” (MARTUCCELLI, 2007a, p. 30).

No centro da teoria da individuação, está a noção de prova ou desafio. É a partir do estudo das provas vivenciadas por cada indivíduo e dos suportes à sua disposição que será possível compreender esse processo. Mesmo em uma sociedade globalizada como a nossa, o processo de individuação carrega as marcas das mudanças estruturais, mas deve ser analisado a partir do modo como são objeto de respostas por parte dos indivíduos. As provas são, então, os desafios históricos produzidos social e desigualmente distribuídos que os atores são obrigados a enfrentar para que possam constituir-se enquanto indivíduos (MARTUCCELLI e SINGLY, 2012).

As provas, enquanto desafios estruturais, são as mesmas para parcelas majoritárias da sociedade; as diferenças estão situadas nas posições e recursos que grupos ou indivíduos possuem para enfrentá-las (MARTUCCELLI, 2007a).

Tomando a noção de prova como operador analítico, a pesquisa investigou quais os desafios que caracterizam o movimento em direção a vida adulta, como se declinam a partir da perspectiva de gênero⁵ e quais as respostas dos indivíduos para enfrentá-los. Ao apoiar-se na perspectiva sociológica da individuação e no conceito de prova, a pesquisa propôs-se a estudar a transição para a vida adulta, distanciando-se da simples lógica do preparo dos jovens para ascender à posição de adulto.

⁵ Gênero refere-se a “toda construção social relacionada à distinção e hierarquia masculino/feminino, incluindo também aquelas construções que separam os corpos em machos e fêmeas, mas indo muito além. As diferenças ou semelhanças entre os sexos e as interações e relações de poder entre homens e mulheres são apenas parte do que é abrangido pelo conceito de gênero assim definido. E, por outro lado, elas mesmas não podem ser inteiramente explicadas apenas nesse âmbito, pois estão sempre articuladas a outras hierarquias e desigualdades de classe, raça/etnia, idade etc”. (CARVALHO, 2012)

1.2. CAMINHOS DA PESQUISA: METODOLOGIA ADOTADA

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizada a metodologia qualitativa, que se caracteriza por ter flexibilidade e heterodoxia. A primeira, a flexibilidade, remete as técnicas de coleta de dados, como a observação direta, observação participativa, entrevistas, levantamento e análise de documentos, entre outras. Permite ao pesquisador o acesso a inúmeras fontes de informação, com as quais poderá estabelecer relação estreita para melhor compreender e apreender a realidade social alvo de investigação. A heterodoxia diz respeito à capacidade do investigador de integrar e analisar a variedade do material obtido (MARTINS, 2004).

Diante da diversidade de técnicas disponíveis para a realização de pesquisas de cunho qualitativo, optou-se pela utilização de entrevistas e coleta de dados secundários. A escolha pela técnica da entrevista apoiou-se na proposta das sociologias do indivíduo, que privilegia a realização de entrevista, pois ela permite um olhar sociológico a partir de três elementos: o trabalho dos sujeitos sobre si, a singularidade e o fato de creditar coerência para as ações do indivíduo. No trabalho sobre si mesmo, a entrevista possibilita a criação de um espaço de reflexão entre o pesquisador e o entrevistado. Além disso, a entrevista pode ser para o indivíduo um momento de retorno sobre si mesmo.

Para Martuccelli (2012), a entrevista, seja em sua forma clássica, seja no intercâmbio múltiplo, não recolhe representações acabadas, mas contribui para produzi-las, ajudando os sujeitos entrevistados a considerar elementos da zona de não consciência e da zona de consciência (p. 93). A partir dessa proposta metodológica, em que a reflexão dos indivíduos sobre si mesmos é relevante, entende-se que o processo de individuação não tem um fim, e o que interessa do ponto de vista metodológico é a reflexão produzida.

Desse modo, as entrevistas não foram empregadas na pesquisa simplesmente para o recolhimento de informações dos participantes, pois tinham um papel fundamental: suporte para a exploração. Para tal, lançou-se mão da entrevista compreensiva, proposta por Jean-Claude Kaufman (2011), que por ser um suporte para exploração é um instrumento flexível, isto é, o entrevistador não fica amarrado ao seu roteiro de questões, uma vez que as perguntas também emergem durante o encontro.

Na entrevista compreensiva, o entrevistador envolve-se ativamente nas questões a serem abordadas, pois assim desperta o envolvimento do entrevistado. Essa proposta de implicação vai na contramão das orientações para que a relação entre pesquisador e pesquisado seja o mais impessoal possível, justamente por entender que a retenção do entrevistador reflete

no quanto o entrevistado irá se envolver com as perguntas. Para Kauffmann (2011) “a não personalização das perguntas ecoa a não personalização das respostas” (p. 39).

Ao empregar a entrevista do tipo compreensiva, o pesquisador assume o desafio de um “saber-fazer” mais pessoal que padronizado. O que está em voga é a criatividade e descoberta científica, pois a “entrevista compreensiva procura produzir novas preposições teóricas, através de uma articulação estreita e contínua entre o processo de recolha de dados e o processo de formulação de hipóteses” (FERREIRA, 2014, p. 982).

A entrevista compreensiva é o resultado de uma composição, social e discursiva, que envolve vozes que dialogam reciprocamente a partir dos lugares ocupados por seus interlocutores no momento da entrevista, o que interroga e o que responde. Essa composição abre espaço para a possibilidade de improviso, nas perguntas e nas respostas.

Vitor Ferreira (2014) salienta que a improvisação não ocorre de forma anárquica, que o improviso na entrevista compreensiva é preparado, informado e controlado. Compara a improvisação realizada na entrevista com a realizada na música:

Na música, a improvisação é concebida como a habilidade de, simultaneamente e ao correr da pena, produzir e interpretar sons, dentro de determinados parâmetros harmônicos, melódicos, ou rítmicos. Ora, para improvisar, os bons intérpretes têm de deter o controle recíproco dos parâmetros sobre os quais estão a trabalhar musicalmente – particularmente se não tocam sozinhos –, ou o resultado sonoro criado soará incongruente. O mesmo acontece nas artes de entrevistar. No encontro de posições que constitui qualquer entrevista (com-posição), a posição de entrevistador não é impessoal, não se quer demasiado técnica, e muito menos se quer estandardizada. Assumir uma função de comando através do ato de perguntar é assumir claramente uma posição, a de entrevistador, que implica um ponto de vista – inquirir, e delimitar sobre que domínio(s). (p. 982)

Cabe, portanto, ao entrevistador gerenciar a posição de “entre-ver”, com o objetivo de evitar imposição sob o ponto de vista do entrevistado. É preciso que o pesquisador tenha conhecimento sobre o tema a ser abordado, planejamento dos tópicos que interessem ambos e experiência para conduzir encontros sociais desse gênero. Além disso, deve ser capaz de dialogar com o ponto de vista do entrevistado, o que irá favorecer o processo de “composição improvisada”. Desse modo, a “boa pergunta” pode não ser aquela elaborada previamente pelo pesquisador, mas a que tem significado para o entrevistado, que o convida a tomar uma posição, a explicar um ponto de vista, pois a “boa resposta” é resultado do desempenho de um exercício criativo que nasce na composição improvisada (FERREIRA, 2014).

Do mesmo modo que as entrevistas não são simples recolhimento de informações, a análise do material também não o é. O papel do pesquisador durante a análise é se debruçar para interpretar o conteúdo que emergiu dos encontros. Deve levar em consideração que as

respostas para uma mesma questão são múltiplas, isto é, a análise não busca a homogeneidade, e sim sua diversidade. Não trabalha com a ideia de que será possível transferir integralmente, em sua totalidade, as informações coletadas, pois “toda entrevista é de uma riqueza profunda e de uma complexidade infinita, cuja compreensão total é estritamente impensável” (KUFFMANN, 2011, p. 40).

Em síntese, foram realizadas entrevistas compreensivas. Buscou-se estabelecer uma relação dialógica com os jovens participantes, permitindo a improvisação, tanto nas perguntas quanto nas respostas. A cada entrevista realizada, novas composições foram elaboradas, o que enriqueceu o campo e a análise posterior.

O trabalho de campo foi dividido em quatro etapas: (i) levantamento de coletivos formados por jovens, a partir dos projetos selecionados pelo Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo; (ii) seleção dos coletivos; (iii) contato e aproximação com os/as integrantes, em busca de interessados em participar da pesquisa por meio de entrevista e (iv) realização das entrevistas. Os tópicos a seguir abordarão os caminhos percorridos.

Programa VAI: levantamento dos coletivos

A cidade de São Paulo conta com inúmeros coletivos juvenis atuantes nas mais diferentes frentes de mobilização, como, por exemplo, na área educacional, cultural, esportiva, partidária, no resgate da cultura de matriz africana, artística, entre outras. A realização de um levantamento exaustivo dos coletivos atuantes na metrópole paulistana não foi efetuada nesta pesquisa, uma vez que seria necessário um estudo específico e de fôlego para a realização dessa tarefa.

O mapeamento dos grupos foi realizado por meio da internet, a partir de consulta aos resumos dos projetos selecionados e disponibilizados no *blog* do Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais (VAI), da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e da visualização das informações disponíveis nas redes sociais utilizadas pelos coletivos, como *facebook*, *blogs* e *sítios da internet*.

A escolha por realizar o mapeamento dos grupos a partir dos projetos selecionados pelo Programa VAI justifica-se por ser este um dos mais importantes programas, se não for o único, que trabalha prioritariamente com projetos de jovens com idade entre 18 e 29 anos, o que possibilitou localizar os sujeitos-alvo desta pesquisa. Além disso, o Programa elege projetos

das mais diferentes áreas de atuação e regiões da cidade, o que garantiu a diversidade. Por fim, o VAI permite a inscrição de projetos de coletivos iniciantes no processo de seleção, uma vez que os demais editais geralmente exigem um portfólio de atuação, isto é, exigem histórico de atividades e é voltado para profissionais da cultura.

O Programa VAI é fruto da Lei municipal nº 13.540/ 2003⁶, regulamentada pelo Decreto nº 43.823/2003⁷. Sua finalidade é apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, desenvolvidas principalmente por jovens das camadas populares, residentes em regiões da cidade onde não há ou são insuficientes os recursos e equipamentos culturais.

Em novembro de 2013, foi aprovada a Lei nº 15.897⁸, que alterou a lei de 2003, instituindo duas modalidades: VAI 1 – voltada para grupos e coletivos compostos por pessoas físicas, prioritariamente jovens de baixa renda, com idade entre 18 e 29 anos; VAI 2 – voltada para grupos e coletivos compostos por pessoas físicas, jovens ou adultos de baixa renda, que comprovem histórico de no mínimo dois anos de atuação em regiões desprovidas de recursos e atividades culturais ou que tenham sido contemplados na primeira modalidade. A aprovação da nova lei em 2013 foi um ganho para os coletivos já contemplados pelo programa, que não podiam mais concorrer, e para as pessoas adultas que desenvolvem atividades nas regiões periféricas da cidade.

Por meio do estímulo à criação, ao acesso, à formação e à participação do pequeno produtor e criador no desenvolvimento cultural da cidade, da promoção da inclusão cultural e do estímulo às dinâmicas culturais locais e a criação artística, o Programa VAI, de 2003 a 2014, havia contemplado 1313 projetos. Os subsídios disponibilizados pelo programa possibilitaram a muitos jovens a satisfação de seus projetos se tornarem realidade. Coletivos juvenis constituíram-se e os já existentes fortaleceram-se, não somente devido ao auxílio financeiro recebido, mas também pelo suporte técnico e incentivo recebidos da equipe da Secretaria Municipal de Cultura (SMC), responsável pelo desenvolvimento do Programa⁹.

A seleção dos projetos é anual e por meio de edital, geralmente aberto ao final de cada ano. Encerrada as inscrições, os projetos são distribuídos para a comissão de avaliação e

⁶ Lei do Programa VAI nº 13.540/2003. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0B05i6L_Eild9cIIXYZNwVzdIa0E/view?pli=1>. Acesso em: 22 ago 2018.

⁷ Decreto do Programa VAI nº 43.823/2003. Disponível em:

<https://docs.google.com/file/d/0B05i6L_Eild9S2JJWUk2Wi1pdnM/edit>. Acesso em: 22 ago 2018.

⁸ Lei do Programa VAI nº 15.897. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0B05i6L_Eild9LTBiQnh4SHNzcjA/edit>. Acesso em: 22 ago 2018.

⁹ Entre os anos de 2011 e 2012, fui membro da Comissão de Avaliação de Propostas do Programa VAI, cuja finalidade era selecionar e avaliar o resultado dos projetos aprovados. Durante esses anos, pude acompanhar de perto a atuação da equipe junto aos grupos e coletivos.

propostas, composta por representantes do governo e da sociedade civil¹⁰. Os projetos selecionados devem ser executados em até oito meses. Os recursos são liberados em até três parcelas, sendo a primeira adiantada e as demais condicionadas à prestação de contas, que incluem relatórios das atividades, demonstrativos das despesas, como extratos bancários, notas fiscais e recibos.

Desde 2013, o Programa VAI disponibiliza em seu *blog*¹¹ o resumo dos projetos e um mapa colaborativo, no qual os contemplados podem inserir informações sobre o coletivo e as atividades do projeto. Para o mapeamento dos coletivos, foi utilizado principalmente o *blog* mantido pelo Programa VAI, com riqueza de informações e um histórico de todos os anos. Também foram consultadas páginas das redes sociais alimentadas pelos próprios grupos.

O Programa para Valorização de Iniciativas Culturais da cidade de São Paulo pode ser considerado uma importante Política Pública para Juventude, pela qual os coletivos juvenis e seus participantes encontram meios para colocarem suas ações em prática. O VAI possibilita aos jovens, moradores de periferia, a agirem em suas localidades e também sobre si mesmos, mostrando a eles novas formas de ser e estar no mundo.

Seleção dos coletivos

O *blog* do Programa VAI disponibiliza os resumos dos projetos contemplados a partir do ano de 2006. O levantamento abrangeu os projetos selecionados entre os anos de 2006 a 2014. O trabalho de mapeamento compreendeu, portanto, a leitura e releitura de 1207 resumos, com o objetivo de identificar os grupos contemplados nesse período. Na primeira leitura realizada, 103 coletivos foram identificados. Foi necessária, no entanto, uma releitura dos resumos, uma vez que em alguns deles não constavam o nome do grupo que havia desenvolvido o projeto e era preciso identificar se, nestes casos, o projeto havia sido implementado por um coletivo, por somente uma pessoa ou por uma Pessoa Jurídica. Após a releitura, o levantamento atingiu 286 coletivos que se enquadravam nos critérios apresentados.

O trabalho seguiu, portanto, a seguinte dinâmica: leitura de cada resumo para localizar o nome do coletivo realizador do projeto. Caso o resumo não incluísse o nome do coletivo, era realizada uma busca pelo nome do projeto no buscador *Google* para identificar o responsável

¹⁰ Os membros da sociedade civil são indicados pelo Conselho Municipal de Cultura. Quando este não está em funcionamento, é indicado pelo Secretário Municipal de Cultura, dentre as organizações com atuação cultural.

¹¹ Disponível em: <<http://programavai.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 22 ago. 2018. <http://programavai.blogspot.com.br/>. Acesso em: 22 ago. 2018.

pelo mesmo. Já com o nome do grupo, era feita pesquisa nas redes sociais para verificar se o coletivo continuava atuando nos dias atuais. Interessava inserir no mapeamento aqueles grupos que, mesmo passados alguns anos, permaneciam atuantes para que fosse possível localizar jovens com atuação coletiva prolongada, isto é, que a sua atuação não tivesse se resumido à realização apenas de um projeto, mas que houvesse gerado engajamento na manutenção do coletivo e na realização de outras atividades, que poderiam afetar os processos de individuação dos sujeitos durante a transição para a vida adulta.

Dessa forma, foram incluídos neste mapeamento coletivos que, em 2015, ano em que foi realizado o levantamento, continuavam ativos, isto é, que divulgavam suas ações através das redes sociais. Também se optou por manter no mapeamento os grupos com integrantes de idade acima dos 29 anos, mas que ainda estavam atuantes na cidade.

Dos resumos lidos, 286 coletivos se enquadraram nos critérios adotados: atividade continuada mesmo após ter sido contemplado pelo VAI, faixa etária e diversidade territorial. Desses coletivos identificados: 85 atuavam na zona leste; outros 85 na zona sul; 51 na zona norte/noroeste; 38 agiam pela cidade ou sua ação se dava por meios eletrônicos¹²; 18 na zona oeste; e 8 na região central da cidade.

Embora os coletivos estivessem envolvidos em diversos campos de atuação, identificou-se grande presença daqueles envolvidos com teatro/circo (65), dança (32), hip hop (27), música (25) e audiovisual (23). Há um número expressivo de grupos que elegeram como área de atuação a literatura marginal (29), eleição esta que pode ser associada à apropriação por parte de escritores oriundos da periferia, a partir dos anos 2000, do termo *literatura marginal* ou *periférica*, que muito fora utilizado nos anos 1990 (NASCIMENTO, 2006 e MAGALHÃES, 2008). Foram identificados também coletivos que se propunham a realizar ações envolvendo múltiplas linguagens (23).

O mapeamento permitiu também identificar o aparecimento, dentre os projetos contemplados, de coletivos com outras áreas de atuação. Do total selecionado, 14 escolheram como área de atuação as artes visuais (grafite e fotografia) e outros 11, a área da comunicação¹³. Oito coletivos dedicavam-se a discussão e realização de atividades relacionadas às questões

¹² Embora nos resumos apareça a subprefeitura em que o proponente reside, não é possível afirmar que a sua atuação se dê naquele território, uma vez que pelos meios eletrônicos ou, no caso de projetos que propunham a itinerância pela cidade, o que se sobressai é a circulação pela cidade e a chegada da ação em outros pontos. Nesses projetos, também é possível que os integrantes residam em diferentes regiões.

¹³ As atividades desenvolvidas pelos coletivos classificados como de comunicação eram: manutenção de *blogs*, sítios da internet, rádio e TV web e jornalismo comunitário.

raciais. Há aqueles dedicados ao resgate da memória (8), ao campo da igualdade de gênero (7), política (5), moda (3), Live-Action¹⁴ (2) e meio ambiente (2).

Por meio dos resumos disponibilizados no *blog* do VAI, não foi possível identificar a idade dos participantes no ano em que o projeto foi contemplado pelo Programa, o que permitiria fazer uma projeção da idade que estariam no momento de realização da pesquisa.

Como enunciado no início deste capítulo, o levantamento aqui realizado não teve como propósito a identificação de todos os coletivos existentes na cidade. Além disso, a leitura dos resumos dos projetos selecionados pelo Programa VAI e a pesquisa nas redes sociais demonstraram que nenhum mapeamento seria suficiente para identificar todos eles, uma vez que a cada ano são formados novos agrupamentos de jovens e alguns deixavam de realizar suas ações por determinado período de tempo, retomando-as em outros momentos.

A proposta de realizar no âmbito da pesquisa um levantamento dos coletivos atuantes no município de São Paulo teve como objetivo traçar um panorama das diversas formas que jovens, moças e rapazes, organizam-se para conseguir recursos financeiros para intervirem e, de algum modo, interferirem no desenho da vida da cidade. A partir da leitura da descrição apresentada, é possível identificar que cada um dos 286 grupos e coletivos aqui mapeados desejavam, por meio da realização de seus projetos, modificar a realidade em que vivem.

São inúmeros os motivos que mobilizam moças e rapazes a dedicarem horas de seus dias, noites e finais de semana, para o desenvolvimento de ações que beneficiem outras pessoas, além delas mesmas. Transformar a paisagem cultural do bairro ou da cidade, denunciar, propor mudanças, tornar a cidade mais democrática estão nas metas de muitos dos grupos. Não estão descartadas, também, aspirações de inclusão no circuito artístico e cultural. Mas a pergunta que permanecia era: *será que o engajamento nessas atividades afetava os processos de transição para a vida adulta? Se sim, como afetava?*

As informações acessadas a partir do *blog* do Programa e pelas páginas da internet e redes sociais dos grupos e coletivos foram: descrição do coletivo, ano de formação¹⁵, ano ou anos em que foram contemplados pelo VAI¹⁶, área de atuação e, em alguns casos, o número de participantes.

¹⁴ Live-Action, expressão originária da língua inglesa que significa Ação ao Vivo, é uma atividade variante do Role Playing Game (RPG), que se assemelha a um teatro de improviso.

¹⁵ Não foi possível identificar o ano de formação de todos os grupos, por falta de informação nas páginas e redes sociais.

¹⁶ Apenas de um grupo, Pombas Urbanas, não foi possível identificar o ano em que foi contemplado pelo Programa VAI, pois o mesmo somente faz a indicação da contemplação, provavelmente ocorrida entre 2004 e 2005. No *blog* do Programa não estão disponibilizados os resumos dos projetos subsidiados nestes anos. Alguns grupos e coletivos divulgaram em suas páginas o recebimento do apoio do Programa VAI para 2015, nesses casos a informação foi incluída.

Após o levantamento dos coletivos, o próximo passo foi a seleção dos que seriam contatados para dar início às entrevistas. Para a escolha dos grupos, os critérios utilizados foram: (i) coletivos das cinco regiões da cidade, para garantir a representatividade de todas as regiões; (ii) coletivos cujas atividades abrangesse as diferentes regiões; (iii) coletivos das mais diversas áreas de atuação.

Para dar início às entrevistas, doze grupos foram previamente selecionados. Dessa seleção prévia, foram entrevistados jovens de sete coletivos: Literatura Suburbana, Útero Punk, Treme Terra, Poetas Ambulantes, Correspondência Poética, Núcleo Macabéa de Teatro e Coletivo 132. A partir das indicações recebidas por eles, chegou-se a mais quatro coletivos: Nós, Madalenas (audiovisual), Sarau do Burro (literatura), Coletivo Apuama (múltiplas linguagens) e Coletivo Perifacine (audiovisual). Fez-se necessário selecionar mais dois grupos para substituir os que não responderam às tentativas de contato: Coletivo Paulisséia e Cine Campinho.

Em resumo, nove coletivos foram selecionados a partir do levantamento e os demais, dezesseis, foram indicados pelos jovens entrevistados. Os 25 grupos são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Coletivos por área de atuação e região

Coletivo	Área de Atuação	Região
Literatura Suburbana	Literatura	Brasilândia, Zona Norte
Poetas Ambulantes	Literatura	Itinerante
Correspondência Poética	Literatura	Itinerante
Arte Maloqueira	Literatura	Guaianases, zona leste
Sarau do Burro	Literatura	Vila Madalena, zona oeste
Cine Campinho	Audiovisual	Guaianases, zona leste
Perifacine	Audiovisual	São Mateus, zona leste
Grupo Transformar	Audiovisual	São Mateus, zona leste
Nós, Madalenas	Audiovisual	Itinerante
Paulisséia	Audiovisual	Ermelino Matarazzo, zona leste
Cine da Quebrada	Audiovisual	Jardim Monte Azul, zona sul
Periferia em Movimento	Comunicação	Virtual
Nós, Mulheres da Periferia	Comunicação	Virtual

Núcleo Macabéa	Teatro	Ipiranga, zona sul
Na Rego	Teatro	Santa Cecília, centro
Reversa Companhia	Teatro	Bom Retiro, centro
Grupo Teta de Teatro	Teatro	Bom Retiro, centro
Muros que Gritam	Grafite	Ermelino Matarazzo, zona leste
Coletivo 132	Grafite	Vila Mariana, zona sul
Cia. de Arte Negra Treme Terra	Dança	Rio Pequeno, zona oeste
Banda Útero Punk	Música	Brasilândia, zona norte
São Mateus em Movimento	ONG	São Mateus, zona leste
Manifesto Crespo	Racial	Itinerante
Revitarte	Revitalização de espaços públicos	Jardim Monte Azul, zona sul
Coletivo Apuama	Múltiplas Linguagens	Vila Madalena, zona oeste
Passeando pelas Ruas	Patrimônio/ Memória	Itinerante

Caminho percorrido rumo às entrevistas

Antes de realizar as entrevistas, foi elaborado um roteiro semiestruturado que permitisse apreender diferentes aspectos da vida dos indivíduos, tomando o cuidado para que as questões levantadas não formatassem suas respostas e evitassem que o momento da entrevista seguisse pelo caminho da história de vida ou que o indivíduo fizesse uma biografia autonarrativa. O interesse era realizar uma entrevista compreensiva, apreender o momento presente, criando um espaço de reflexão entre pesquisador e entrevistado. As perguntas norteadoras, portanto, centraram-se no período atual de vida, possibilitando aos entrevistados recorrer, ou não, a acontecimentos do passado que lhes ajudassem a explicar o presente. Buscou-se experiências e desafios que pudessem ser reveladores dos processos de transição para a vida adulta.

Um primeiro roteiro foi elaborado e, em junho de 2015, duas entrevistas piloto, com pessoas de ambos os sexos participantes de grupos juvenis, foram realizadas. As entrevistas piloto foram fundamentais para a reestruturação do roteiro, pois, por medo de deixá-lo fechado demais, acabou-se por deixá-lo aberto em demasia, o que não possibilitou apreender minúcias

da realidade vivida pelos(as) entrevistados(as). Dessa forma, após a aplicação desse piloto, o roteiro foi reconstruído como um grande guia, explicitando os diversos aspectos da vida, ao qual se recorria ao perceber que tais aspectos tinham sido esquecidos inicialmente ou detectava-se a necessidade de que fossem aprofundados.

O roteiro contemplou os seguintes aspectos: trabalho, educação, relação familiar, religião, moradia, mobilidade, tempo livre, participação no grupo/coletivo, desafios enfrentados naquele momento de vida e estratégias criadas para superá-los, momentos marcantes de suas vidas, percepção que tinham sobre ser jovem e ser adulto e como se viam. Par dar início às entrevistas, solicitou-se uma autoapresentação dos jovens, com a seguinte provocação disparadora: **“conta como está a sua vida agora”**.

Após a conclusão do mapeamento e seleção dos coletivos, iniciou-se o processo de contatar os seus integrantes. Diversos caminhos foram utilizados: envio de mensagem explicando a pesquisa para o endereço eletrônico do coletivo informado no *site*, *blog* ou página do facebook, envio de *e-mail* direto para um dos integrantes do grupo, mensagens pelo facebook e, em último caso, ligações telefônicas. Os contatos foram estabelecidos em blocos: inicialmente foi enviado *e-mail* ou mensagem pelo facebook para alguns coletivos e, conforme os retornos chegavam, as entrevistas eram agendadas, e novos grupos eram contatados. O objetivo era marcar a entrevista assim que a pessoa interessada em concedê-la respondesse, evitando que a data agendada ficasse distante do momento de interesse, mas nem sempre foi possível.

O retorno ao convite para participação da pesquisa foi classificado em: demorado, rápido e muito rápido. No demorado, inserem-se aqueles que levaram por volta de três a quatro semanas para responder ao e-mail, sendo necessário encaminhar o e-mail para um dos integrantes ou entrar em contato pelo facebook. Após o retorno, continuávamos trocando mensagens para agendar a data da entrevista, marcadas, geralmente, 7 dias após o contato. Rápido são aqueles que, em menos de uma semana, respondiam ao e-mail, contudo a resposta rápida não necessariamente levava ao rápido agendamento da entrevista. Por último, muito rápido foram aqueles que respondiam entre um ou dois dias e já propunham data para encontro, com poucos dias de intervalo do nosso primeiro contato.

As entrevistas foram realizadas nos mais diversos locais e espaços, escolhidos pelos próprios entrevistados: espaços culturais, como a Casa de Cultura da Brasilândia, o Centro Cultural São Paulo, o Itaú Cultural e a Ocupação Cultural Ermelino Matarazzo; bibliotecas, como a Mario de Andrade, a Biblioteca São Paulo (que fica no Parque da Juventude e próximo à estação de metrô Carandiru), a Biblioteca Municipal Jamil Almansur Haddad (em

Guaianases) e a Biblioteca da Faculdade de Educação da USP (na Cidade Universitária); no local de trabalho, como escola estadual, Ponto de Cultura Afrobase e Casa de Cultura de São Mateus; em parques, como o Parque da Aclimação e Parque Municipal em Guaianases; na residência; praça de alimentação de um supermercado; padaria; bar. Alguns entrevistados até relutaram em escolher um local¹⁷, mas após insistência escolheram local próximo de suas residências.

Dos 30 entrevistados, somente cinco não indicaram local de encontro, então sugeriu-se que a entrevista fosse realizada na Biblioteca Mario de Andrade, na região central da cidade. Somente uma entrevista foi realizada por *Skype*, pois a jovem não tinha disponibilidade para um encontro presencial.

O principal ponto de partida para os encontros foi a cidade de Osasco, cidade em que reside a pesquisadora. Somente para duas entrevistas, foi a Faculdade de Educação da USP. A duração dos trajetos variava entre 1h30 a 2h30 e lançou-se mão de todas as formas de deslocamento possíveis: caminhada até a estação, trem, metrô e ônibus. Dos bairros em que foram realizadas as entrevistas, somente o Rio Pequeno, Ermelino Matarazzo e Vila Albertina não eram conhecidos. Os demais já eram antigos conhecidos, fosse por conta dos trabalhos realizados na gestão pública (no Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso como gestora entre os anos 2006 e 2013 e na Coordenação de Políticas para Juventude como coordenadora adjunta de 2013 a 2015), ou para a realização de atividades de lazer no tempo livre da pesquisadora. Independentemente de conhecer ou não o bairro, dirigir-se para os locais da entrevista tornava-se algo muito especial. Cada detalhe do trajeto era observado, como o comportamento das pessoas que dividiam o transporte coletivo, a paisagem, algumas arborizadas, como o caminho para chegar ao parque da Aclimação, outras repletas de construções, que deixavam o caminho cinza, e algumas que escancaravam a desigualdade social da cidade, como a presença de barracos de madeira, construídos ao longo das vias do trem com destino a Ermelino Matarazzo.

Nos percursos realizados, a alegria, a ansiedade e o medo estavam presentes. Era um misto de alegria, por realizar mais uma entrevista, a ansiedade em chegar para finalmente conhecer aqueles(as) que, de modo indireto, já eram conhecidos por meio de fotos nas redes sociais e o medo de como seria o encontro, o desenrolar da entrevista e se o local escolhido

¹⁷ Esses jovens queriam facilitar a circulação, no entanto, para mim era importante o deslocamento para as diversas regiões da cidade, pois assim teria contato com o modo como eles circulavam, já que a maioria utilizava transporte coletivo. Queria, na medida do possível, ter a mesma experiência de mobilidade que eles (as) tinham para a realização de seus trajetos e ao explicar isso para eles (as) percebia que a receptividade aumentava, e, no final, acabavam dizendo que também seria melhor se a entrevista pudesse ser realizada próximo de sua casa ou trabalho, e até mesmo em sua residência, que ocorreu em apenas dois casos.

permitiria ou não que pudessem dividir suas vivências. Em uma entrevista, o medo se fez presente de modo tão contundente que se cogitou a desmarcação minutos antes de chegar ao local. Foi a segunda entrevista realizada no Campo Limpo, na residência do entrevistado, em um sábado. Quando ele sugeriu que a entrevista fosse realizada em sua residência, não se identificou nenhum problema e prontamente foi aceito. A entrevista foi agendada por *whatsapp* no dia anterior, uma sexta-feira. No dia seguinte, algumas questões se fizeram presente: não iria invadir demais a privacidade dele? Será seguro ficar sozinho em sua casa? Com quem morava? Será que é casado? O medo foi dominando. Chegando à residência, uma gata foi à porta fazer a recepção, em seguida o entrevistado abriu o portão e foram realizadas as devidas apresentações, seguindo-se para o interior da casa. Ele estava montando o carrinho de bebê que sua companheira e ele tinham acabado de ganhar de uma amiga: nesse momento, o medo foi embora.

As entrevistas eram longas e duravam entre 1h30 a 3h. Quanto mais entrevistas eram realizadas, mais o roteiro era apropriado. No entanto, a cada nova entrevista agendada, havia o receio de que os entrevistados ficassem inibidos ou constrangidos com as perguntas. E cada encontro era surpreendente, tomar contato com experiências e trajetórias de vida tão diversas entre si, mas que dialogavam em muitos aspectos. Ao término de cada encontro, a sensação era de preenchimento e via-se sentido na pesquisa proposta.

Com os(as) entrevistados(as), a relação estabelecida durante e após as entrevistas foi de grande empatia. Embora no início existissem inquietações por parte de alguns, o receio foi se desfazendo, principalmente quando se explicava em linhas gerais qual era a pesquisa. Eles ficavam mais à vontade na medida em que percebiam que a proposta era de uma conversa e, caso alguma pergunta os deixasse desconfortáveis, era só sinalizar que não haveria problema. Assim, ao longo da entrevista iam se soltando e falavam com muito entusiasmo, criando o espaço de reflexão desejado, a ponto de, em alguns momentos, exclamarem “nunca tinha pensado nisso”, “que difícil falar sobre isso”, “essa sua pesquisa é bem profunda”, entre outras expressões indicando que a resposta não estava pronta, que era necessário um trabalho de elaboração.

As entrevistas foram realizadas em dois momentos: o primeiro, entre os meses de setembro e outubro de 2015, em que foram entrevistados treze jovens; e o segundo, entre março e julho de 2016, em que dezessete jovens foram entrevistados, totalizando 30 entrevistas. Apresenta-se a seguir quadros com síntese dos participantes¹⁸ separados por sexo:

¹⁸ Para fins desta pesquisa serão apresentados nomes fictícios para resguardar a identidade dos jovens participantes.

Quadro 2 -Participantes sexo feminino

Nome	Idade	Cor/Raça	Classe social	Escolaridade	Estado civil	Filhos	Mora com?	Região de moradia	Situação de trabalho	Coletivo
Amanda	19	Branca	Popular	Superior Incompleto	Solteira	Não	Pais	Vila das Belezas Zona Sul	Estagiária	Cine da Quebrada
Iara	20	Negra	Popular	Superior Incompleto	Solteira	Não	Mãe e irmãos	Vila Albertina Zona Norte	Empregada	Nós Madalenas
Amélia	23	Branca	Média	Superior Incompleto	Solteira	Não	Pais	Santana Zona Norte	Desempregada	Na Rego
Tulipa	24	Negra	Popular	Superior Completo	Solteira	Não	Tios	Rio Pequeno Zona Oeste	Empregada	Cia. de Arte Negra Treme Terra
Renata	25	Branca	Média	Superior Completo	Solteira	Não	Mãe	Sorocaba/SP	Desempregada	Cia. Reversa
Larissa	25	Branca	Média	Mestranda	União estável	Não	Namorado	Bela Vista Centro	Desempregada	Cia. Reversa
Suzy	26	Branca	Média	Mestranda	Solteira	Não	Prima	Goiânia/GO	Bolsista CNPQ	Na Rego

Eloá	26	Negra	Popular	Superior Completo	Solteira	Sim	Pais	Vila Prudente Zona Leste	Freelancer Microempreendedora Individual	Manifesto Crespo
Shaira	27	Negra	Popular	Superior Completo	Solteira	Não	Pais	Jardim Miriam Zona Sul	Empregada	Nós, Mulheres da Periferia
Paula	27	Negra	Popular	Superior Incompleto	Solteira	Não	Sozinha	São Mateus Zona Leste	Empregada	Coletivo Perifacine
Marina	27	Branca	Popular	Superior Completo	Solteira	Não	Pais	São Mateus Zona Leste	Empregada s/carteira assinada	Grupo Transformar
Tais	27	Negra	Popular	Ensino Médio	Casada	Sim	Esposo	Brasilândia Zona Norte	Empregada	Banda Útero Punk
Maira	30	Branca	Média	Ensino Médio	Solteira	Não	Pais	Vila Madalena Zona Oeste	Autônoma (Grafiteira)	Coletivo Apuama

Quadro 3 – Participantes sexo masculino

Nome	Idade	Cor/Raça	Classe social	Escolaridade	Estado Civil	Filhos	Mora com	Região de Moradia	Situação de trabalho	Coletivo
Bento	25	Negro	Popular	Ensino Médio	Solteiro	Não	Pai	Guaianases Zona Leste	Empregado	Arte Maloqueira
Paulo	25	Negro	Popular	Superior Completo	Solteiro	Não	Pais	São Miguel Zona Leste	Empregado	Passeando Pelas Ruas
Hugo	26	Branco	Popular	Ensino Técnico Profissionalizante	Solteiro	Não	Mãe e irmã	São Bernardo do Campo/SP	Autônomo	Núcleo Macabéa
Igor	28	Negro	Popular	Ensino Médio e cursos técnicos variados	Casado	Não	Companheira	Brasilândia Zona Norte	Microempreendedor Individual	Literatura Suburbana
João	28	Negro	Popular	Ensino Médio	Solteiro	Sim	Mãe	Carapicuíba/SP	Empregado	Cia. de Arte Negra Tremeterra
Pedro	28	Branco	Popular	Superior Completo	Solteiro	Não	Pais e irmã	Ermelino Matarazzo Zona Leste	Empregado	Coletivo Paulisséia
Tomas	28	Branco	Popular	Superior Completo	Solteiro	Não	Pais e irmã	Grajaú Zona Sul	Empregado s/carteira assinada	Periferia em Movimento

Caique	28	Branco	Popular	Superior Completo	Solteiro	Não	Amigos	Bom Retiro Centro	Autônomo	Banda Relampiandos
Artur	28	Branco	Média	Doutorando	Solteiro	Não	Pais	Vila Mariana Zona Sul	Empregado s/carteira assinada	São Mateus em Movimento
Lucas	28	Branco	Popular	Superior Completo	Casado	Sim	Companheira	Vila Andrade Zona Sul	Desempregado (bico de taxista)	Revitarte
Vinicius	29	Negro	Popular	Superior Completo	Solteiro	Não	Amigos	Aclimação Zona Sul	Autônomo (Grafiteiro)	Coletivo 132
Valter	29	Negro	Popular	Superior Completo	Solteiro	Não	Mãe e Irmã	Ermelino Matarazzo Zona Leste	Empregado s/carteira assinada	Muros que Gritam
Carlos	29	Branco	Popular	Ensino Médio	Casado	Sim	Companheira	Guarulhos/S P	Empregado	Sarau do Burro
André	30	Branco	Popular	Superior Incompleto	Casado	Sim	Companheira	Campo Limpo Zona Sul	Autônomo	Correspondência Poética
Rogério	30	Negro	Popular	Superior Incompleto	Solteiro	Não	Pais	Guaianases Zona Leste	Desempregado	Cine Campinho
Antônio	31	Branco	Popular	Superior Completo	Casado	Não	Companheira	Ermelino Matarazzo Zona Leste	Empregado	Muros que Gritam

Year	Percentage of respondents
1994	65
1995	68
1996	70
1997	72
1998	68
1999	70
2000	72
2001	80
2002	82
2003	84
2004	85

*Perfil dos participantes*¹⁹

Com o intuito de aproximar o leitor das moças e rapazes que possibilitaram a redação desta tese, segue uma breve apresentação. A proposta inicial era entrevistar metade homens e metade mulheres, porém os retornos positivos para participação na pesquisa vieram mais de jovens do sexo masculino, o que impossibilitou seguir com a proposta inicial. Trinta jovens foram entrevistados, dezessete homens e treze mulheres.

A princípio interessava entrevistar jovens com idade entre 25 e 29 anos, também conhecidos como jovens-adultos. No entanto, seguindo as indicações realizadas pelos próprios entrevistados(as), foram incorporados na pesquisa jovens com menos de 25 e mais de 29 anos. Todas as pessoas entrevistadas com idade abaixo dos 25 anos eram mulheres, no total de quatro com idades de 19, 21, 23 e 24 anos.

Na faixa etária dos 25 anos, dois rapazes e duas moças concederam entrevista, com 26, duas mulheres e um homem. Com 27 anos, quatro mulheres e, na faixa etária dos 28 anos, foi a vez da concentração de rapazes, assim como no grupo de 29 anos, quatro homens concederam entrevista. Dois rapazes e uma moça já haviam chegado à casa dos 30 e, por fim, um rapaz estava com 31 anos.

Dentre os trinta jovens, 24 eram de camadas populares e o restante, 6, de camadas médias. O termo camadas populares é aqui empregado conforme definição dada por Magda Soares,

A palavra camada, quando empregada para designar grupos sociais, significa um conjunto particular de indivíduos que não constitui um elemento estrutural independente da sociedade, mas é modelado por circunstâncias sociais e econômicas. Os indivíduos ou grupos de indivíduos que constituem uma camada tendem para uma ou outra das duas classes sociais em oposição (classes dominantes ou classes dominadas), e, dentro de cada uma, distribuem-se em diferentes classes, ou frações de classe. Assim, a expressão camadas populares designa grupos sociais que pertencentes às classes dominadas, identificam-se por uma característica comum, a de constituírem um conjunto de grupos polarizados em oposição àqueles que detêm o monopólio do poder e do controle econômico e social. (SOARES, 1986, p. 80-81)

Os termos camadas populares e camadas médias são utilizados no plural, pois são compostos por indivíduos de diferentes estratos sociais. Além disso, segundo Romanelli (2003), as camadas sociais podem se sobrepor e geralmente são delimitadas por meio do fator renda, mas o estilo de vida das famílias não é forjado somente pelo rendimento, pois elementos

¹⁹ Perfil mais detalhado das moças e rapazes que deram vida a esta tese pode ser consultado no Apêndice 2.

simbólicos também estão presentes. Embora aspectos comuns, como serviços de saúde, educação e transportes precários, aproximem as famílias, não é possível agrupá-las sob uma denominação homogênea, pois os modos como enfrentam os desafios impostos pela escassez no meio em que vivem as tornam diferentes.

Nessa direção, Kathya Araujo e Danilo Martuccelli (2015) propõem o uso da noção individualidade popular. Segundo os autores:

A noção de individualidade popular aponta para a descrição da existência de uma experiência social e posicional comum entre seus membros; remete, dentro de uma evidente continuidade, à acentuação histórica de certas tendências à individualização neste grupo social nas últimas décadas; e, por último, é interessante pelas variações intragrupais e interpessoais de seus membros. Vale dizer que as individualidades em questão, sem rechaçar, em nenhum momento, seu aspecto coletivo, permitem declinações singulares, uma vez que estão constantemente abertas a mudanças e a revisão histórica e experiencial. (p. 90)

Desse modo, assim como os jovens cuja origem social de seus familiares era de camadas populares, isto é, não detinham o “monopólio do poder e do controle econômico e social”, as famílias das camadas médias tampouco estavam de posse desse monopólio. Contudo, alguns fatores, como bairro em que residiam, acesso a serviços e formação dos pais, foram marcadores de diferença entre eles.

Entre os seis jovens aqui denominados como das camadas médias, uma havia retornado para casa de sua mãe em Sorocaba (SP), outra morava em Goiânia (GO). Os demais, quatro, residiam na casa dos pais em São Paulo em bairros com maior infraestrutura, como Aclimação, Vila Madalena e Santana, que dispõem de mais linhas de ônibus, de metrô, maior quantidade de hospitais e espaços culturais. Seus pais eram graduados no ensino superior e estavam empregados formalmente²⁰, ou no setor privado ou no funcionalismo público, e dois já estavam aposentados. A formação entre os pais desses jovens era bem diversificada: médicos, biomédicos, contadores, pedagogos e artistas plásticos. Todos residiam em imóveis próprios.

No grupo dos jovens cujas famílias são de camadas populares, treze residiam na casa dos pais, em imóvel próprio e em bairros periféricos, como Jd. Guarapiranga, Jd. Miriam, Grajaú, Campo Limpo, Vila Andrade e Vila das Belezas, na zona sul; Vila Albertina, na zona norte; Ermelino Matarazzo, Vila Prudente, São Mateus e Jardim Helena, na zona leste; Rio Pequeno, zona oeste. Dois jovens moravam em outros municípios (Carapicuíba e São Bernardo do

²⁰ A formação escolar e a ocupação dos pais dos entrevistados não foram exploradas durante as entrevistas. As poucas informações sobre esses temas apareceram durante as respostas dos jovens, portanto não é possível descrever com exatidão a escolaridade e a ocupação deles.

Campo). Nessas regiões, a infraestrutura de saúde, educação, espaços culturais e transporte é precária.

Entre os jovens que não moravam mais com os pais, seis dividiam a casa com companheiros e apenas um não morava de aluguel. A maioria, quatro, residia em bairros periféricos, como Brasilândia, zona norte; Vila das Belezas e Vila Andrade, zona sul. Apenas uma jovem morava em apartamento no bairro da Bela Vista e outro morava em Guarulhos, a residência de ambos era locada. Dois rapazes dividiam aluguel de uma casa com amigos, sendo que um migrou de Interlagos para morar na Aclimação e outro veio do Tatuí/SP para o Bom Retiro, no centro. Uma garota morava sozinha em uma casa locada em São Mateus.

Nas famílias dos jovens das camadas populares, poucos pais, cinco, haviam cursado o ensino superior e, entre esses, o pai e as mães de três jovens foram estudar junto com os filhos ou depois deles, beneficiando-se das políticas de bolsas de estudos e de cotas do governo federal. A ocupação dos pais é bem diversificada – taxista, atendimento ao público, dona de casa e cozinheira em creche da prefeitura.

No que diz respeito à escolarização dos jovens, dezoito haviam concluído o ensino superior, três estavam cursando e dois haviam trancado a matrícula. O restante, sete, havia concluído o ensino médio. Embora alguns jovens tivessem declarado o seu interesse em retomar os estudos, cursando alguma graduação, o que se inferiu durante as entrevistas foi que a educação já não tinha tanta centralidade na vida dos jovens, uma vez que as credenciais educacionais conquistadas até aquele momento eram suficientes. Dos trinta jovens, seis demonstraram que tinham interesse em cursar o ensino superior: quatro, três homens e uma mulher, tinham planos de curto prazo para retomar os estudos; dois apenas projetavam para o futuro, não descartando a possibilidade de estudar, sendo que um dizia que cursar o ensino superior era uma necessidade imposta pela sociedade e que talvez ele devesse cursar. A única garota que desejava voltar a estudar estava em busca de realização pessoal, já que não pode cursar antes, pois não teve condições financeiras e emocionais para conciliar estudo, trabalho e nascimento da filha.

Em relação à parentalidade, somente seis jovens possuíam filhos, duas moças, três rapazes e um estava prestes a se tornar pai. Desses jovens, um homem e uma mulher não estavam mais casados, os demais dividiam o mesmo teto. No que diz respeito ao estado civil, eram poucos os(as) casados(as) ou que moravam junto com companheiro(a). Dos 30, somente seis se encontravam nessas situações, o restante estava solteiro(a), alguns(mas) em um relacionamento amoroso, mas a grande maioria não namoravam.

Dos jovens não casados, poucos constituíram domicílio independente ao dos pais, sendo que três dividiam aluguel com amigos e uma jovem morava sozinha. Os demais, vinte e seis, viviam com suas famílias de origem. Desses jovens, alguns já haviam deixado a casa dos pais, total de cinco, e retornaram tempos depois.

No que tange à ocupação, a maioria dos jovens exerciam alguma atividade profissional (25), quatro estavam desempregados e uma era bolsista de mestrado. Dos ocupados, três eram autônomos e dois emitiam nota pelos serviços prestados por meio de sua Microempresa Individual (MEI). Quatro eram funcionários públicos, sendo três professores da rede estadual e uma em cargo comissionado na prefeitura. Sete eram contratados por CLT e seis realizavam atividades por projetos ou por meio de contratos de curta duração, após seleção em editais ou contratos em equipamentos culturais.

De modo geral, há uma heterogeneidade de perfis, homens e mulheres, que participam de coletivos diferentes. No capítulo 3 serão examinadas as características gerais desses coletivos e os modos como os jovens foram afetados por eles.

2. TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA: UMA ATUALIZAÇÃO EM TORNO DOS ESTUDOS

Neste capítulo, será apresentada a revisão bibliográfica realizada. Cabe ressaltar que a proposta não foi a de fazer um Estado da Arte sobre o tema e nem um levantamento exaustivo das produções, mas mapear as pesquisas realizadas nas áreas de Ciências Sociais e Educação²¹. O capítulo está dividido em três partes: na primeira, apresentam-se os desdobramentos das pesquisas efetivadas no Hemisfério Norte, destacando as produções de pesquisas que, considerou-se, colocaram as discussões sobre transição para a vida adulta em cena e contribuíram para consolidar um campo de estudo. Na segunda, verificam-se os desdobramentos das pesquisas nos países da América Latina e, por fim, são apresentadas as produções brasileiras.

2.1 HEMISFÉRIO NORTE: DESDOBRAMENTOS DAS PESQUISAS SOBRE TRANSIÇÃO PARA VIDA ADULTA

Pode-se considerar como estopim para o início dos estudos sobre essa fase da vida o que foi denominado de prolongamento da juventude, ou seja, o período da juventude passou a se estender no tempo. Nos países desenvolvidos, observou-se que, após o fim da segunda guerra mundial, houve alteração na idade em que os jovens entravam no mercado de trabalho e deixavam a casa dos pais para formar uma nova unidade familiar. Com vistas a compreender essas mudanças, em fins dos anos 1980 e início dos 1990, pesquisadores europeus debruçaram-se sob essa problemática. Até início dos anos 2000, realizou-se um conjunto de pesquisas e criaram-se grupos de investigação a fim de ampliar o alcance das pesquisas. Essas primeiras produções serão aqui apresentadas com mais detalhes.

Em 1987, foi criado o Grupo de Investigação em Educação e Trabalho (GRET) por pesquisadores da Universidade Autônoma de Barcelona, com dois objetivos principais: ter

²¹ Para a revisão da literatura dos estudos sobre transição para a vida adulta, tomou-se como ponto de partida o extenso referencial teórico apresentado por Melissa Mattos Pimenta (2007) em sua tese de doutorado. A autora identificou as principais contribuições das pesquisas europeias e um guia para a leitura mais atenta dos trabalhos indicados por ela. Além disso, o levantamento bibliográfico foi realizado por meio do Portal de Periódicos da CAPES, que reúne uma vasta produção científica nacional e internacional. Privilegiaram-se os trabalhos desenvolvidos na área das Ciências Sociais e Educação, por entender que dialogariam diretamente com o tema desta pesquisa. Os descritores utilizados para busca foram: juventude, jovens, jovens adultos, prolongamento da juventude, transição, transição para a vida adulta, trânsito até a adultez, vida adulta e curso de vida.

enfoque teórico, que se alinhasse às mudanças ocorridas no final do século XX, e experimentar novos procedimentos metodológicos, que se ocupassem menos da apreensão de valores e atitudes dos jovens e focassem na construção de itinerários e realização das transições (CASAL, MERINO, GARCIA, 2006, 2011). Os estudos realizados pelo GRET foram os primeiros a colocar em debate o tema da transição para a idade adulta no meio acadêmico espanhol.

O grupo lançou mão de biografias de itinerários para apreender a juventude, entendida como um trecho da biografia de transição, como um processo social de busca de autonomia econômica e de emancipação plena da família, conquistado com o acesso a um domicílio próprio e independente. Para a realização das pesquisas, o GRET apoiou-se em dois tempos chave: transição escola-trabalho e transição familiar. A transição escola-trabalho é entendida como o conjunto de aquisições, expectativas e ações dos atores jovens estudantes, no processo de posicionamento social ou na estrutura ocupacional. E a transição familiar ocorre de modo gradual, abrangendo os dois/três últimos anos de permanência na família de origem, até os dois/três anos contínuos em uma posição social domiciliar definida. A transição para a vida adulta compreenderia, portanto, três marcadores: formação, inserção e emancipação.

As pesquisas realizadas pelo GRET visavam reconstruir e identificar os itinerários, de êxito ou de fracasso, que delineiam os jovens na tomada de decisões e oportunidades no que diz respeito à transição profissional e emancipação familiar, relacionando-os com a estrutura social e a construção de expectativas e oportunidades, a partir da metodologia de corte longitudinal. O itinerário seria então o percurso realizado e a trajetória, o futuro anunciado. Nas pesquisas o grupo encontrou cinco modalidades de transição: êxito precoce; trajetórias operárias; trajetórias desestruturadas; trajetórias de precariedade e aproximações sucessivas (CASAL *et al.*, 2011).

A perspectiva biográfica de itinerários contribuiu para o estudo da transição, ao incluir nas análises as variáveis tempo, por meio de estudos longitudinais, as expectativas dos jovens e as trajetórias por eles construídas. Os jovens tiveram papel ativo no processo de transição para a vida adulta e seus projetos foram estudados levando em consideração as influências das estruturas sociais. Os pesquisadores do GRET também inferiram que há disparidades nas formas de emancipação familiar, uma vez que os impulsos iniciais são variáveis, sendo também diverso o tempo em cada biografia construída pelos atores.

Na França, Oliver Galland (1990, 1996 e 1997) identifica que a explosão escolar foi um dos motivos de adiamento da entrada no sistema laboral, que também pode ser observado nos demais países desenvolvidos e em desenvolvimento. Ademais, houve uma postergação na

entrada em uma profissão, uma vez que o término dos estudos não significou a entrada imediata no sistema de emprego e que o acesso ao mercado de trabalho tornou-se um período “de exploração, de espera e de tateamentos” (GALLAND, 1997, p. 10). Outros elementos, como a flexibilização das relações de trabalho e a precarização do emprego, também afetaram o modo como os jovens acessam o mercado de trabalho.

Para Galland (1997), diante das transformações ocorridas ao longo do século XX, colocou-se em xeque o modelo de instalação da transição para a idade adulta. Tal modelo consistia na transposição de três etapas: entrar na vida profissional, partir da casa da família e formar uma nova família. Segundo o autor, surgia uma nova idade da vida, que seria intermediária. Com suas pesquisas longitudinais de coortes etárias, utilizando indicadores estatísticos, observou a desincronização das etapas que serviam como marcadores nas transições tradicionais, corroborando para a ideia de prolongamento da juventude.

Com o objetivo de realizar pesquisas comparativas entre alguns países, em 1994 foi formada a European Society for Regional and International Social Research (EGRIS)²², que, até meados dos anos 2000, realizou três estudos. O primeiro, de caráter geral, analisou as semelhanças e divergências nos processos de transição para a vida adulta, para o qual foi necessário estabelecer uma estrutura integrada de pesquisa que possibilitasse a efetivação das comparações, pois as pesquisas até então desenvolvidas eram pensadas a partir das estruturas sociais nacionais de cada país, o que dificultava as comparações regionais e internacionais das mudanças e como elas afetavam a vida dos sujeitos jovens.

Os estudos empreendidos identificaram a diversidade existente nos processos de transição e nos modos em que as políticas são organizadas nos diferentes países. Os países do norte europeu e os da região mediterrânea diferem no modo de organizar os sistemas educativos, mercado de trabalho, proteção social, seguridade e nas políticas voltadas para os jovens. Dessa forma, uma trajetória identificada como de risco em um país não necessariamente o será em outro. Há também variações no modo de percepção e na gestão das diferenças de gênero, assim como no tratamento e implementação de políticas voltadas para as minorias étnicas. Estas políticas variam de acordo com a prioridade que cada país possui na constituição de ações que objetivam a igualdade de oportunidades e pela capacidade que possuem de abordar as diferenças culturais. Nos países escandinavos, o sistema de proteção social está desenhado

²² Fundada em 1993, iniciou os trabalhos em 1994, a rede foi composta pelos seguintes países: Dinamarca, Alemanha, Irlanda, Itália, Países Baixos, Portugal, Espanha e Reino Unido.

de modo a proteger os jovens com itinerários descontínuos, o que não acontece nos países mediterrâneos.

O segundo estudo realizado visou compreender os enquadramentos familiares em que as transições ocorriam. As investigações foram realizadas no âmbito do projeto Family and Transitions in Europe (FATE)²³ e inferiram que, nos países do sul da Europa (Portugal, Espanha, Itália e Grécia), onde os Estados Sociais são relativamente poucos desenvolvidos, a família sempre exerceu papel importante no suporte e na gestão das transições; já nos países do norte (Alemanha, Holanda e Dinamarca), os apoios estatais foram reduzidos, o que levou as famílias a assumirem a linha de frente do apoio às transições (PAIS *et al.*, 2005).

O EGRIS também desenvolveu o projeto *Trajetórias desencaminhadoras*, com o objetivo de apreender como ocorriam as políticas voltadas para apoiar os jovens nos processos de transição, principalmente entre escola-trabalho. A conclusão do projeto mostrou que as políticas estão pautadas na lógica da linearidade e criam uma ordem artificial de transição. Os resultados mostraram que as políticas mais propensas a conduzir as trajetórias desencaminhadoras²⁴ são aquelas que não dialogam com as perspectivas subjetivas dos jovens adultos, restringindo a integração social à inserção no mercado de trabalho; funcionam como “contentores”, isto é, retiram os jovens das ruas e os direcionam a planos de carreira, ao invés de auxiliar na construção de seus próprios planos; maquiagem o descompasso estrutural entre o sistema educativo e o mercado de trabalho, personalizando o problema do trabalho insuficiente e definindo conjunto de carências atribuídos aos déficits estruturais; desmotivam os jovens exigindo mais educação sem ser capaz de oferecer formação adequada; por fim, o acesso aos recursos são regulados por critérios burocráticos como idade, sexo, nacionalidade e tempo de desemprego, e não levam em conta as necessidades individuais (DU BOIS-REYMOND e BLASCO, 2004).

Segundo os pesquisadores do EGRIS, as políticas públicas empreendidas não eram efetivas, pois não se atentavam à natureza despadronizada da transição. Os países priorizaram as políticas que visavam a integração, como por exemplo as políticas educacionais e de qualificação; porém, na formulação das mesmas não levaram em consideração as mudanças

²³O projeto *Famílias e transições na Europa* combinou abordagens quantitativas e qualitativas, com o propósito de explorar as experiências de transição relacionadas com educação e trabalho, entrada no mercado de trabalho, situação residencial, relações intergeracionais, apoio familiar e estatal e planos de futuro (PAIS *et al.*, 2005).

²⁴ “Estruturas (políticas) que intentam e prometem levar os jovens à integração social através da orientação, educação, formação e políticas de bem-estar e mercado de trabalho, mas de fato reproduzem ou reforçam os riscos de exclusão social que sofre este coletivo” (DU BOIS-REYMOND e BLASCO, 2004).

ocorridas, tratando a transição para a vida adulta como um processo linear (DU BOIS-REYMOND, BLASCO, 2004; DU BOIS-REYMOND, 2009).

Os estudos acima foram essenciais para colocar em cena o tema da transição para a vida adulta nas pesquisas sobre juventude e, ainda que tenham lançado mão de metodologias diferentes, há semelhanças nas investigações realizadas, por exemplo, pelos pesquisadores do Grupo de Investigação em Educação e Trabalho e por Olivier Galland. O conceito de idade adulta no modelo de análise proposto pelo GRET é pensado, assim como no de Galland, em torno de alguns marcadores como escolaridade atingida, situação profissional, tipo de habitação e a idade em que os eventos são realizados. O GRET elegeu a inserção profissional e a emancipação familiar como as variáveis determinantes para afirmar se alguém é ou não adulto, enquanto no modelo proposto por Galland a ênfase estava na saída da família de origem e formação da própria família.

Em ambas as propostas de análise não foi dada atenção para a possibilidade de reversão de trajetórias. A entrada para a vida adulta não pode ser definida somente a partir do êxito ou fracasso na ocupação alcançada e na inserção profissional, é preciso verificar também quais são as expectativas dos jovens em relação ao seu futuro como adultos e às políticas institucionais de apoio a essas transições.

A possibilidade de reversão de trajetórias está presente nas análises realizadas pelos pesquisadores do EGRIS, que desenvolveram o conceito de jovens adultos como uma ferramenta heurística para auxiliar no exame da natureza mutável das transições entre a juventude e a idade adulta. A formulação dessa ferramenta esteve apoiada em algumas perspectivas: despadronização e fragmentação ou estrutura ioiô das trajetórias (PAIS, 2002); a diferenciação entre os constrangimentos estruturais do mercado de trabalho e a exclusão evidenciada por políticas sociais e educacionais; e o uso da agência dos jovens adultos para lidar com as transições.

As pesquisas realizadas pelo GRET, pelo EGRIS e por Olivier Galland serviram como guias para a realização de outros estudos sobre transição para a vida adulta em diversos países. As contribuições trazidas por elas e apresentadas acima ofereceram um panorama dos caminhos possíveis e seguidos para compreender o movimento dos jovens em direção à idade adulta.

No levantamento realizado para esta tese, foram localizadas 20 publicações de resultados de pesquisas sobre o tema entre os anos 2007 e 2016²⁵. Observou-se que estudos desenvolvidos nesse período elegeram públicos específicos e lançaram mão de pesquisas

²⁵ Cabe reiterar que não foi realizado estado da arte sobre o tema.

qualitativas, privilegiando o uso de entrevistas. Poucas se propuseram a desenvolver estudos comparativos entre diferentes países e o principal enfoque foi a transição entre escola e trabalho, seguido dos arranjos e das novas relações familiares. Apenas três pesquisas propuseram-se a compreender os apoios estatais disponíveis aos jovens para moverem-se para a vida adulta.

As alterações ocorridas no mercado de trabalho, sobretudo a partir de 1990, como a flexibilização, a precarização dos contratos, as jornadas parciais e o desemprego juvenil (PAIS, 1991), colocaram em evidência o tema da transição escola-trabalho. Desse modo, diversas pesquisas tiveram por objetivo compreender como diferentes públicos realizavam essa transição e, em algumas, com quais apoios os jovens podiam contar.

Um conjunto de estudos, dentre as 20 publicações mapeadas, buscou apreender como jovens com deficiência realizavam a transição da escola para a vida profissional. Identificou-se que há diferenças nas trajetórias quando se estuda em escolas “especiais”²⁶ ou tradicionais. O panorama encontrado foi este:

- Os jovens escoceses com deficiência, que realizaram sua escolarização em escolas especiais, tendem a não ingressar no mercado de trabalho (RIDDEL, 2009).
- Os jovens com deficiência em Oregon (EUA) estudam somente até o término da educação básica, o que dificulta a inserção deles na vida ativa (PORVENMIRE-KIRK, LINDISTRON e BULLIS, 2009).
- Os jovens com deficiência na Espanha (ESTEFANIA, 2011; NOELL, PAZOS, COMALADA e ROVIRA, 2015) e em Portugal (FANZERES, CRUZ-SANTO e SANTOS, 2016) têm como principais suportes a escola e as organizações da sociedade civil para realizarem a transição para a vida adulta.

Os jovens em situação de vulnerabilidade social e o modo como se inseriam no mercado de trabalho também foram objetos de pesquisas. Uma das pesquisas buscou compreender como jovens ingleses pobres, com fracas habilidades de leitura e dificuldades com matemática, realizavam a transição entre a escola e o trabalho e quais estratégias desenvolviam para sanar as dificuldades em decorrência da defasagem escolar. (SIMPSON e CIESLIK, 2007). Pesquisas realizadas com jovens em situação de rua em diversos países aferiram que eles não reuniam condições favoráveis para seguir os padrões típicos de transição para a idade adulta. Os empregos por eles conquistados eram em sua maioria sazonais e, por serem menos escolarizados, eram os primeiros a serem demitidos (MCCARTHY, WILLIAMS e HAGAN, 2009). No Canadá, pesquisa realizada com jovens moradores de abrigos mostrou que os mesmos

²⁶ Instituição especializada destinada a prestar atendimento a educandos portadores de deficiência.

enfrentam dificuldades para entrar no mercado de trabalho. São jovens com ampla rede de suporte, como de amigos e trabalhadores sociais para realizarem a transição, no entanto muitos criam uma relação de dependência com seus suportes, o que dificulta o processo de transição (GOYETTE, 2010). Na Espanha, estudo realizado identificou que abandonar a escola e começar a trabalhar, com vistas a superar a escassez em que viviam, era estratégia empregada por jovens espanhóis que estavam abaixo da linha da pobreza. Porém, a inserção precoce não era garantia para sair da situação precária em que viviam, pois, os jovens acabavam reproduzindo um círculo de pobreza (FONAYET, 2015).

Dois estudos, um realizado em Portugal (KOVACS, 2013) e o outro na Espanha (GENTILE, 2015), foram sobre as trajetórias de inserção laboral de jovens de diferentes camadas sociais diante de contextos de flexibilização do mercado de trabalho. Os jovens portugueses, ao terminar o ensino básico, seguem realizando a transição laboral. Porém, aqueles com experiência profissional, que trabalharam durante o ensino básico, conseguem uma boa inserção, mesmo que o clima de incerteza ainda esteja presente; já os que não têm experiência anterior, acabam em inserções precárias. Na Espanha, Gentile estudou jovens com ensino superior e identificou três discursos deles frente às dificuldades encontradas com a crise: no primeiro, a crise é narrada como uma armadilha, em que os jovens não se sentiam donos de seus destinos e perderam seus pontos de referência para planejar o futuro, convencidos de que suas transições não se desenvolveram como ocorreu com seus pais; no segundo, a crise é entendida como um obstáculo, ou seja, os jovens reconhecem a gravidade da conjuntura econômica, mas se mantêm otimistas, pois estão envolvidos em projetos de emancipação coerentes com seus itinerários de formação; por fim, alguns jovens viam na crise uma oportunidade, pois são originários de famílias com alta disponibilidade econômica e patrimonial, amparados pelos pais e têm a oportunidade de construir seus projetos de emancipação desde uma posição social de vantagem objetiva.

Compreender a transição para a vida adulta analisando as razões para constituir domicílio independentes, a parentalidade, alongamento da estadia na casa paterna, os apoios e relações familiares esteve presente em cinco estudos (MULDER, 2009; DU BOIS-REYMOND, 2009; SWARTZ e O'BRIEN, 2009; MORENO, 2012; KING, 2013). Pesquisas realizadas em países europeus do Sul, do Norte e do Oeste, na América do Norte e na Austrália aferiram que os jovens são motivados a sair do domicílio paterno por diversas situações, como trabalho, estudos, serviço militar, fuga dos conflitos familiares, casamento, independência, entre outras. E as formas de habitação podem ser divididas em duas: sair para morar sozinho ou para morar com

companheiro romântico (MULDER, 2009). Pesquisas realizadas em países da Europa Ocidental e América do Norte (SWARTZ e O'BRIEN, 2009) identificaram que as famílias entendem o apoio material disponibilizado para seus filhos como andaimes em direção à maior independência.

Pesquisa realizada na Holanda mostrou que, a despeito da despadronização do curso de vida, os jovens desejam seguir o caminho de transição para a vida adulta, que consiste em terminar os estudos, trabalhar, constituir habitação independente e se casar. Além disso, os homens holandeses, ao descobrirem que se tornarão pais, buscam informações sobre paternidade para que possam exercer esse novo papel da melhor forma (DU BOIS-REYMOND, 2009).

Em estudo comparado entre Espanha, Itália, Portugal, Holanda, Luxemburgo, Bélgica, França, Alemanha, Grécia, Áustria e Reino Unido (MORENO, 2012), fatores como escassas políticas de emancipação, solidariedade intergeracional, cultura da casa própria, condição econômica precária do mercado de trabalho, juntamente com a inflexibilidade e o dispendioso mercado da habitação, criaram uma cultura de dependência dos pais como estratégia de acúmulo de capital e uma estratégia para driblar os riscos em um ambiente precário exemplificado pela exclusão social e pobreza.

King (2013) estudou jovens ingleses que tiraram um ano sabático, isto é, não ingressaram imediatamente no ensino superior, e optaram por dedicar-se ao trabalho voluntário no seu país ou no exterior. O fato de terem decidido realizar um ano sabático, assumindo responsabilidades que antes não tinham, modificou a relação com os pais, que passaram a tratá-los de modo diferente, estabelecendo-se assim uma relação de amizade e de diálogo entre iguais.

Com menor incidência nos estudos, houve também o interesse por apreender como os apoios estatais impactavam na transição para a vida adulta. Nesse ponto, será dado destaque ao estudo realizado por Cécille Van De Velde (2008), autora que realizou pesquisa comparativa acerca das experiências contemporâneas de passagem para a idade adulta na Dinamarca, Reino Unido, França e Espanha.

Embora os caminhos percorridos pelos indivíduos sejam singulares, Van de Velde (2008) pondera que o tornar-se adulto na sociedade contemporânea não se dilui na singularidade de cada biografia, uma vez que as provas são construídas de acordo com as normas sociais e com as disposições econômicas, políticas, religiosas e culturais que afetam profundamente, e de forma diferente, a trajetória de cada um e se alteram de país para país.

Van de Veld (2008) confrontou as noções de maturidade, responsabilidade, independência e as múltiplas referências: inditória, familiares ou profissionais. A autora afirma que, em uma sociedade que valoriza a mobilidade e o vir a ser, a passagem para a vida adulta cada vez mais atende a uma representação de si, não sendo, portanto, mera aquisição estatutária. O reconhecimento intrafamiliar do status de adulto é mais valorizado entre os jovens. A autonomia e a responsabilidade, mais que a independência financeira, seriam características marcantes da idade adulta para os jovens pesquisados. Ao final da pesquisa, foram identificadas quatro formas de experiências de tornar-se adulto, que são tipologias de experiências e não categorização dos indivíduos: “se encontrar”, “se assumir”, “se colocar” e “se instalar”.

A primeira tipologia, “se encontrar” ou a lógica do desenvolvimento pessoal, é uma característica da sociedade dinamarquesa. Nela, a juventude é institucionalizada, há um alto nível de proteção social garantido para todos os cidadãos. A lógica do desenvolvimento pessoal prolonga e acentua a individualização no centro do percurso de vida contemporâneo. A independência precoce dos jovens da Dinamarca é garantida por políticas estatais, que oferecem aos jovens com idade acima de 18 uma política de garantia de independência financeira, sejam eles estudantes ou desempregados. Tal auxílio permite aos jovens trilharem caminhos baseados na reversibilidade e na descontinuidade, em um processo de busca de si, de “se encontrar”. A valorização da independência tem raízes na tradição protestante, presente na socialização empreendida pelos pais, sendo a autonomia o eixo condutor (VAN DE VELD, 2008).

Em “se assumir” ou a lógica da emancipação individual, enquadram-se os jovens britânicos. O percurso pauta-se em uma lógica de emancipação individual dividida em três fases: independência residencial, estudos e aquisição de um emprego estável. A estrutura social sustenta as trajetórias dos jovens, valorizando o emprego e culpabilizando o possível alongamento de apoio dos pais, a ponto de ser visto como saudável deixar a casa dos pais aos 18 anos. Essa estrutura, do tipo liberal, configura os percursos dos jovens e define o que é ser adulto. A norma presente pauta-se no fato de que os jovens assumam os atributos sociais adultos, incentivando-os a ligeiramente provar suas capacidades individuais, dando sentido aos seus itinerários biográficos. Desse modo, eles buscam concluir o quanto antes os estudos e conseguir um trabalho estável (VAN DE VELD, 2008).

A tipologia “se colocar” ou a lógica da integração social reporta-se aos jovens franceses. Ao compará-los com seus homólogos europeus, eles se diferenciam, pois vivem sob pressão social, que lhes convida a “se colocar” no seio de uma hierarquia predefinida. Na sociedade

francesa, a idade adulta é vista como definitiva, sendo a juventude associada ao tempo de estudos e da inserção profissional. A formação escolar inicial é interiorizada como desafio e induz a trajetórias de estudos lineares e precoces e legitima a aceitação, por parte dos jovens e de seus pais, da manutenção no domicílio de origem por mais tempo. Os jovens da França vivem um paradoxo, em que lhes são exigidos comportamentos de independência, o que os aproxima dos países do Norte da Europa, mas precisam trilhar trajetórias profissionais, que são características dos países do Sul da Europa. Essas trajetórias duais inscrevem-se no tipo de sociedade corporativista, em que o *status* social define o indivíduo, cujo acesso está condicionado à obtenção de um diploma (VAN DE VELD, 2008).

Na tipologia “se instalar” ou a lógica da adesão familiar, estão os jovens espanhóis. Seguindo a dinâmica dos demais jovens europeus do Sul, os jovens espanhóis vivem mais tempo na casa de seus pais e também têm dificuldades para se inserir profissionalmente no mercado de trabalho. Partir da casa dos pais para se inserir de fato na vida adulta está condicionado à obtenção de emprego, ter uma casa própria e ao casamento, o que ocorre cada vez mais tarde. Essa condição está apoiada em uma matriz cultural ligada ao catolicismo, que dá contornos a esse tipo de itinerário de instalação (VAN DE VELD, 2008).

Para os jovens espanhóis, a entrada na vida adulta significa ter casa própria, casar e constituir família. A juventude é, então, um tempo longo de espera para a estabilização profissional e familiar. No centro da longa trajetória percorrida pelos jovens, a independência financeira desempenha papel limiar intermediário, constituindo suporte para a construção da autonomia individual, o que permite aos jovens afirmar a sua individualidade no seio das relações intergeracionais, consistindo, também, em preparação material para a sua própria instalação no futuro (VAN DE VELD, 2008).

Elina Lahelma e Toulia Gordon (2008), em pesquisa realizada com jovens finlandeses, aferiram que o Estado de Bem-estar social finlandês disponibiliza recursos sociais e endossa, por meio de políticas públicas, a independência individual e autossuficiência dos jovens, oferecendo benefícios de desemprego, subsídios de alojamento, empréstimos e habitação social para estudantes. No entanto, o aporte financeiro recebido pela família não pode ser descartado e este varia entre as diferentes classes sociais.

Por fim, Valentina Cuzzocrea e Rebecca Collins (2015) utilizaram os resultados de estudo de caso transnacional, o projeto Edgeryders, que disponibilizou uma plataforma online e convidou os participantes a debater suas experiências, na tentativa de alcançar uma idade adulta totalmente independente. O estudo foi realizado pelo Conselho da Europa, que teve como

objetivo explorar onde as políticas nacionais e transnacionais de juventude existentes não estavam fornecendo estruturas e mecanismos de apoio adequados para a transição dos jovens para a idade adulta independente. Analisou como os jovens estão forjando a sua individualidade no processo de transição de modo colaborativo. Os jovens participantes do referido projeto enfrentavam os desafios, especialmente os relacionados ao setor produtivo, por meio de ações colaborativas, desenvolvendo projetos em suas comunidades, transformando os problemas socioeconômicos das regiões em que vivem, muitas vezes encarados como individuais, em problemas coletivos, buscando soluções que pudessem beneficiar a todos.

2.2 A AMÉRICA LATINA E OS ESTUDOS SOBRE TRANSIÇÃO PARA VIDA ADULTA

Os estudos realizados na América Latina são mais recentes que os do hemisfério norte, com uma produção relativamente menor na primeira década dos anos 2000, ampliada na segunda década. No que foi possível localizar durante a revisão bibliográfica efetuada, observou-se que são poucos os países latinos dedicados ao tema nas áreas das Ciências Sociais e Educação²⁷. Os países que mais realizaram pesquisas foram México e Argentina, e, em menor proporção, Uruguai, Cuba e Chile.

Assim como nos países do hemisfério norte, estudos realizados no Chile (GHIARDO E DÁVILA, 2008), em Cuba (SUAREZ e LUIS, 2009), no Uruguai (CARDOZO e IERVOLINO, 2009) e no México (ECHARRI CANOVAS e PEREZ, 2007; SAUCEDO, 2011; PEREZ BALEON) buscaram compreender a não sincronização das etapas de transição para a vida adulta, a fim de verificar se o fenômeno, intitulado como prolongamento da juventude também estava presente em seus países e como ele se expressava entre os jovens de diferentes camadas sociais. Foram estudos apoiados em dados estatísticos de censo demográficos ou de pesquisas sobre juventude, comparando diversas cortes de jovens.

Os estudos sobre a transição escola-trabalho também estiveram presentes e, a partir da segunda metade dos anos 2000, as pesquisas elegeram públicos específicos. Desse modo, duas investigações visaram compreender como os jovens, moradores de zonas rurais, transitavam para a vida adulta. A primeira, realizada no México, identificou que os jovens residentes em municípios de economia rural casam-se mais cedo e deixam a escola para inserirem-se no

²⁷ Durante a revisão localizou-se produção profícua sobre o tema da transição para a vida adulta na área da Psicologia, a partir do enfoque do adulto emergente cunhado por Jeffrey Arnett (professor do Departamento de Psicologia da Universidade Clark, em Massachusetts). Seu principal interesse de pesquisa é o emergir na idade adulta.

mercado de trabalho, encontrando dificuldades para conseguir um emprego mais qualificado. Além disso, diante da escassez de ofertas de trabalho, migram para os Estados Unidos da América (PEREZ, 2012). A segunda pesquisa, realizada na Argentina, mostrou que as principais dificuldades encontradas para que os jovens transitem para a idade adulta é o acesso à terra e a tensão geracional. Esses empecilhos levam os jovens a migrarem para os grandes centros urbanos em busca de trabalho (DIEZ, 2014).

Quatro pesquisas tiveram como objetivo compreender como os jovens em situação de desvantagem social e moradores das zonas urbanas estavam transitando para a idade adulta. Pesquisa realizada na Argentina estudou jovens participantes de organizações de qualificação profissional e inferiu que essas organizações atuavam como mediadoras de capital social e forneciam suportes coletivos, que contribuíam para que os jovens desenvolvessem suas próprias estratégias de ação no trânsito para a vida adulta (JACINTO e MILLENAAR, 2009). Em pesquisa comparativa entre estudantes de escolas públicas e privadas de La Plata e Buenos Aires, foram identificados dois caminhos seguidos por eles: ou ingressam no ensino superior, adiando a entrada no mercado de trabalho, ou aliam as atividades laborais com os estudos superiores (OTERO, 2011).

Estudo mexicano reconstruiu trajetórias de jovens em situação de vulnerabilidade e identificou que alguns jovens superavam as desvantagens por meio da escolarização e da inserção laboral e outros acabavam reproduzindo as desvantagens, inserindo-se em trabalhos precários (SALAS e OLIVEIRA, 2014). Outro estudo, também mexicano, investigou como jovens que não estudavam e não trabalhavam realizavam o movimento em direção a vida adulta. Identificou que alguns permaneciam na casa dos pais com ou sem filhos, sem realizar nenhuma transição (BERMUDEZ-LOBERA, 2015).

Duas pesquisas interessaram-se pelas trajetórias percorridas por jovens que tiveram filhos durante a adolescência. Estudo uruguaio identificou que as jovens mães, em comparação com as que não tinham filhos, acabavam deixando a escola, enfrentavam dificuldades para a inserção laboral e para constituir domicílio independente dos pais (VARELA e LARA, 2015). Pesquisa mexicana comparou estudantes universitárias mães e não mães, a fim de compreender as trajetórias percorridas por aquelas que tiveram filhos antes de ingressar no ensino superior e por aquelas que tiveram filhos durante. Identificou que as mães estudantes que tiveram filhos durante o curso encontravam dificuldades para permanecer na universidade (MILLER e ARVIZU, 2016).

A compreensão das relações familiares e emancipação habitacional também foram objetos de estudo em alguns países. As configurações familiares e o modo como os jovens encarregavam-se das dinâmicas domésticas, redefinindo os papéis assumidos no interior do domicílio de origem e adquirindo maior autonomia frente ao mundo adulto, foi objeto de estudo mexicano (SALAS e OLIVEIRA, 2009). A emancipação familiar e os apoios recebidos (estatais, para jovens em desvantagem social; e familiar, para os de famílias de classe média) foram tema de pesquisa na Argentina (ARANCIBIA, 2013). No Uruguai, observou-se que quanto maior o grau de escolaridades dos jovens, mais tempo permanecem na casa dos pais. Constatou-se também que os jovens, ao saírem da casa dos pais, estavam formando menos domicílios familiares, ou seja, o número de casas compartilhadas com amigos havia aumentado (CIGANDA e PARDO, 2014).

Por fim, foi localizado estudo comparativo entre as capitais mexicana e argentina, a fim de comparar semelhanças e diferenças no trânsito para a vida adulta entre os jovens de ambos países. Foram analisadas as clássicas etapas utilizadas para compreender a transição e identificou-se que os jovens mexicanos deixavam a escola mais cedo que os portenhos, que prosseguiram nos estudos e acessavam mais o ensino superior (FERRARIS e SALGADO, 2015).

As pesquisas aqui revisadas trouxeram pistas de como os estudos sobre transição para a vida adulta entraram na agenda de alguns países latino-americanos. Assim como observado no hemisfério norte, as análises concentram-se no tema da inserção laboral e há poucas pesquisas comparativas entre os países, o que não permite delinear aproximações e diferenças nos modos de entrar na vida adulta dos jovens dos diferentes países. É, portanto, ainda um tema emergente, com poucas produções em outros países.

A seguir, apresentar-se-á como o tema entra na agenda de pesquisas no Brasil e os desdobramentos delas.

2.3 A CONSTRUÇÃO DE UMA AGENDA DE PESQUISA BRASILEIRA SOBRE TRANSIÇÃO PARA A IDADE ADULTA²⁸

Os estudos sobre as condições de vida de homens e mulheres jovens intensificaram-se nos anos 1990 no Brasil. O mote inicial para tal enfoque foi o temor de uma explosão demográfica, uma vez que o potencial de reprodução dos jovens havia se acentuado. Ainda relacionado à fecundidade, as pesquisas focaram na maternidade entre as jovens com idade

²⁸ Na revisão bibliográfica brasileira incluiu-se, para além das publicações, as dissertações e teses sobre o tema.

abaixo de 20 anos. Outros temas também nortearam as investigações sobre juventude, mas mantiveram a discussão pautada pelo negativismo, “relacionadas à instabilidade derivada das mudanças no mercado de trabalho, da violência das grandes cidades e das crescentes taxas de prevalência e de mortalidade por difusão de doenças sexualmente transmissíveis” (CAMARANO *et al*, 2004:15).

No Brasil, a questão da transição para a vida adulta não se tornou objeto privilegiado de investigação nas áreas da Ciências Sociais e Educação. Um número significativo de trabalhos, que direta ou indiretamente se debruçaram sobre o tema, foram realizados no âmbito da demografia e da economia, e raramente, no da sociologia e educação. Além disso, são estudos que utilizam informações sobre os jovens brasileiros a partir do Censo Demográfico, das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNADs) e da Pesquisa de Padrão de Vida (PPV), todas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apresentam indicadores sobre frequência escolar, acesso ao mercado de trabalho, natalidade, ocupação, renda e situação familiar (CAMARANO; MELLO; PASINATO; KANSO, 2004; CAMRANO *et al*, 2006; NASCIMENTO, 2006; VIEIRA, 2009; MADEIRA, 2009; MELLO, 2015; RIBEIRO, 2014). Do conjunto das pesquisas que analisaram os dados estatísticos para compreender a transição para a idade adulta, as seguintes serão destacadas: as coordenadas por Ana Amélia Camarano (2004 e 2006) e a realizada por Joice Melo de Vieira (2009).

Em 2004, apoiando-se em dados das Pesquisas por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE de 1982 e 2002, foi realizada a pesquisa demográfica “Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros”. A pesquisa analisou as dimensões escolar e laboral, além da posição do jovem no domicílio, procurando explorar as diversas formas de transição para a vida adulta entre os jovens. Os resultados trouxeram algumas indagações, como a seguinte: “Os jovens que não saem da casa parental tornam-se adultos?”. Embora os dados disponíveis não tenham permitido responder tal indagação, as pesquisadoras salientaram a necessidade de reconhecer que o processo de se tornar adulto não depende apenas da passagem por determinadas etapas da vida, mas que é necessária a identificação do jovem com a idade adulta.

Por fim, a pesquisa realizada em 2004 mostrou que são múltiplos os trajetos percorridos pelos jovens nessa transição: alguns se tornam independentes, saindo da casa dos pais em condições de chefes e cônjuges; outros permanecem na condição de filhos por mais tempo na casa paterna. Em algumas situações, os filhos nascem antes do casamento, o casamento ocorre antes da inserção no mercado de trabalho, e assim por diante. A transição pode ocorrer em

novos arranjos familiares, que não passem necessariamente pela saída da casa dos pais (CAMARANO; MELLO; PASINATO; KANSO, 2004).

No livro *Transições para vida adulta ou vida adulta em transição*, Camarano (2006) e demais pesquisadores apresentaram resultados da pesquisa realizada com base no Censo Demográfico de 1980 e 2000. Identificaram que muitas das mudanças ocorridas na sociedade não dizem respeito apenas à população jovem, pois a instabilidade, geralmente associada ao período da juventude, também chegou à fase adulta.

Para os autores, o alongamento da duração da vida foi a mudança mais importante aferida no período analisado, sendo que a redução da mortalidade infantil pode ser considerada a principal responsável. Porém, uma vez que se vive mais, questiona-se “como se vive cada fase da vida” (p. 320). No intervalo de vinte anos, a pesquisa mostrou que as principais fases do curso de vida – infância, vida adulta e velhice – permanecem marcadas pelos mesmos eventos - termino dos estudos, inserção laboral, formação de domicílio independente e parentalidade-, e a sequência delas permanece praticamente sem alteração: por exemplo, para os homens são os eventos relacionados ao mercado de trabalho que delimitam essas fases; já para as mulheres, o casamento e a maternidade ainda definem a vida adulta, embora a participação delas no mercado de trabalho tenha aumentado.

A pesquisa realizada por Joice Melo de Vieira (2009)²⁹ possui como diferencial a metodologia adotada, que é a análise de entropia de combinação de status de coortes sintéticas³⁰. Ela descreveu e analisou, em sua tese de doutorado, o processo de transição para a vida adulta no Estado de São Paulo em dois momentos de alargamento da coorte jovem, 1970 e 2000, a partir dos dados dos censos demográficos. Identificou que o período mais intenso de mudança nos processos de transição aconteceu nos anos 2000, em São Paulo, em idades próximas das que ocorriam em 1970. Contudo, o nível da curva eleva-se mais em 2000 a partir dos 17 anos para ambos os sexos, o que indica que o curso de vida a partir dessa idade apresenta maior variabilidade, isto é, aumentaram as possibilidades de combinações de status. Enquanto no ano

²⁹ VIEIRA, Joice Melo. **Transição para a vida adulta em São Paulo: cenários e tendências sociodemográficas**. Tese (Doutorado em Demografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

³⁰ Essa metodologia possibilita “medir a despadronização do curso de vida, o quão fragmentado se encontra um grupo em termos das experiências a que estão expostos, considerando o status escolar, laboral, residencial, marital e parental. [...] A amplitude do índice de entropia geral varia de 0, quando há perfeita homogeneidade (ou seja, todos os indivíduos estariam concentrados em uma única combinação de status) até a entropia máxima (máxima heterogeneidade, situação na qual haveria exatamente o mesmo número de indivíduos em cada uma das combinações de status possíveis). O valor máximo da entropia depende de quantos status estão sendo combinados, já que no cálculo da entropia máxima é preciso conhecer o número total de combinações de status possíveis” (VIEIRA, 2009, p. 96 e 109).

de 1970 não havia aceitação social e nem no interior das famílias para uma jovem solteira na condição de mãe, no ano de 2000 esses valores modificaram-se, e essa combinação de status foi maior. Em 1970, foram encontrados apenas 28 casos de jovens mulheres nessa condição; em 2000, esse número subiu para 1858. Essas mudanças na sociedade tornaram maior a heterogeneidade das possibilidades ao longo do curso de vida jovem e adulta em 2000.

No que diz respeito ao status laboral, tanto em 1970 como em 2000, no caso dos homens, havia maior heterogeneidade antes dos 20 anos e após os 40 anos, isto é, menos homens integrando a População Economicamente Ativa (PEA); entre os 20 e 40 anos, existia uma padronização, pois, participar da PEA é uma experiência universal para os rapazes. Já entre as mulheres, havia heterogeneidades em todas as idades na vida ativa, pois, ainda que a participação feminina tenha aumentado, ela ainda está longe de se tornar universal. A pesquisa captou também mudanças na autonomia residencial, principalmente entre os homens. Enquanto em 1970 a maioria absoluta havia conquistado autonomia residencial entre as idades de 25 e 39 anos, em 2000 houve uma diminuição de homens não residentes na casa dos pais. A porcentagem de homens e mulheres, chefes de família ou cônjuges em um domicílio independente, também diminuiu (p. 119).

Por fim, ao analisar as transições não familiares, Vieira observou que as idades de saída da escola e entrada no mercado de trabalho se sobrepuseram para a população jovem de 15-30 anos. Enquanto em 1970 as idades em que os rapazes pararam de estudar coincidiam com as idades em que se encontravam trabalhando, em 2000 o tempo escolar e o de trabalho passaram a ser conjugados. Entre as mulheres, não houve alterações neste aspecto. Nas transições familiares, os resultados revelaram que as mudanças não foram significativas, pois a idade em que se conquista a independência residencial ocorre muito próximo da idade em que os jovens se unem. Em relação à maternidade, a desigualdade de renda acentuou-se entre 1970 e 2000, isto é, em 2000 houve um rejuvenescimento da maternidade entre as moças mais pobres, e entre as ricas, o adiamento.

As pesquisas quantitativas são fundamentais, pois oferecem pistas para a realização das pesquisas qualitativas, com vistas a compreender as mudanças a partir de dados microssociológicos, articulando-os com os dados macrossociológicos. Além disso, com a realização de pesquisas qualitativas, é possível analisar dimensões importantes nos processos de transição para a vida adulta, não presentes nos dados estatísticos.

Dentre as pesquisas qualitativas realizadas no Brasil, destaca-se o doutorado de Melissa Mattos Pimenta (2007), que compreendeu qual o papel dos sujeitos jovens na construção de

seus trajetos biográficos. A pesquisa foi realizada com moças e rapazes com idade entre 25 e 30 anos, residentes do município de São Paulo. A autora recolheu relatos de vida por meio de entrevistas individuais e realizou seis grupos focais, a fim de identificar as representações sobre o que é ser jovem e o que é ser adulto. Constatou que não há uma representação única de adulto e nem única de jovem, sendo as representações múltiplas e situadas segundo gênero e origem social.

Em sua pesquisa, também realizou análise comparativa das diferentes experiências biográficas recolhidas. A partir dessa análise, identificou que “nem todos os jovens passam pelas mesmas etapas de transição e, tampouco, as atravessam da mesma forma” (p. 392). No que diz respeito à escolarização e ao trabalho, os resultados obtidos evidenciaram que, embora a partir de 1990 tenha aumentado o número de crianças e adolescentes no sistema educativo, duas características permaneciam presentes e determinavam a relação entre escola e trabalho: o ingresso precoce na vida ativa e a conciliação ou superposição de estudo e trabalho.

Em relação aos estudos, o aspecto mais relevante encontrado, e que esteve presente na fala de todos os jovens dos diferentes segmentos sociais, foi a ideia de que a formação escolar é um processo de preparação para uma vida profissional, não sendo possível compreender essa dimensão desatrelada do universo do trabalho. A principal motivação para o ingresso na vida ativa foi o desejo de independência financeira, podendo ser considerado “um ritual de passagem para o mundo adulto, na medida em que deixam de ser apenas dependentes e passam a ser provedores de recursos” (p. 408). A pesquisa revelou que, mesmo para os jovens que completaram o ensino superior e conseguiram ocupações mais qualificadas e melhor remuneradas, suas trajetórias profissionais foram marcadas por descontinuidades e irregularidades, assim como as dos jovens que não possuem ensino superior (PIMENTA, 2007).

Ao analisar o papel da família no processo de transição, Pimenta (2007) identificou que ela é mais que uma fonte de apoio material e financeiro: atua como facilitadora e mediadora da autonomização dos indivíduos. No entanto, os apoios materiais são importantes e, nos segmentos com maior capital econômico, a oferta é maior e pode se estender independentemente de limites de idade ou do fato de os jovens já não morarem mais com sua família.

As pesquisas destacadas oferecem um panorama de como foi construída a agenda brasileira de pesquisas sobre o tema da transição para a idade adulta. O levantamento bibliográfico localizou outros estudos qualitativos sobre o tema, que serão rapidamente abordados abaixo.

A maioria dos estudos aqui revisados, assim como pode ser identificado nas investigações realizadas no hemisfério norte e nos países latino-americanos, concentraram esforços para compreender como as mudanças ocorridas no mercado de trabalho afetaram a transição da escola para o universo laboral, elegendo-se públicos específicos para a análise.

Dois estudos realizados no Município de São Gonçalo (RJ) identificaram que os trajetos percorridos não são lineares, pois a região de moradia e a renda dos jovens interferem nas trajetórias. Os jovens moradores de regiões mais providas de equipamentos e serviços públicos, e que possuíam mais renda, articulavam experiências de trabalho com cursos de formação, o que lhes permitiu configurar uma área de atuação profissional. Os jovens residentes de regiões desprovidas de serviços e equipamentos públicos, e com rendas mais baixas, estudaram no período noturno e tinham histórico de repetência, com experiências de trabalho reduzidas e restritas, realizando trabalhos manuais e domésticos (PEREGRINO, 2011; FERNANDEZ, 2012).

Em Belo Horizonte, a pesquisa analisou as trajetórias de dois jovens moradores de bairros periféricos e identificou que os caminhos percorridos por eles foram marcados pela precariedade, incerteza e necessidade de escolher entre entrar para o tráfico ou buscar um trabalho fora da ilegalidade. Para estes jovens, o sistema educativo ofereceu pouco ou nenhum subsídio que os auxiliassem no caminho que trilharam para a vida adulta (MARINHO, 2015).

Em pesquisa realizada com jovens concluintes do ensino médio, moradores de um distrito rural de Feira de Santana/BA, constatou-se que os jovens vivem dois momentos de transição: terminar o ensino médio e mudar-se da área rural para a urbana, onde estão as opções de trabalho fora da área agrícola. Encontram-se em um dilema, pois nem todos querem deixar a área rural, mas migrar é para muitos a condição para manter a família no campo. Desse modo, os jovens, ao concluírem o ensino médio, ou ingressam no mercado de trabalho para investir em cursos profissionalizantes ou realizam cursos profissionalizantes para aumentar as chances de melhor inserção laboral ou ingresso no ensino superior (LARANJEIRA, IRIART e RODRIGUES, 2016).

Estudo realizado com jovens de camadas médias e concluintes do ensino superior no Rio de Janeiro identificou que os mesmos apostavam na ampliação da escolarização para ascender profissional e socialmente. Subjacente ao ingresso no ensino superior estava o projeto de independência e autonomia em relação à família; porém, diante da conjuntura econômica, questionavam a viabilidade de concretizá-lo (LINS DE BARROS, 2010).

No levantamento realizado, que priorizou estudos realizados na área da Educação e da Ciências Sociais, foi encontrada somente uma pesquisa brasileira que estudou o tema da

transição para a idade adulta visando compreender os novos arranjos familiares e como se configuram a independência econômica e a autonomia dos jovens. Nádia Maciel Falcão (2015), ao estudar jovens moradores de Manaus, identificou que, embora as relações entre pais e filhos tenham se tornado cada vez mais espaços de negociação e aconselhamento, há uma estreita relação entre independência econômica e ampliação de autonomia. Mas a conquista da autonomia é influenciada por outros fatores, em especial pelo entendimento dos jovens de que a casa é de seus pais e que devem respeitar as regras por eles impostas, mesmos quando eles são responsáveis pela manutenção financeira da família (FALCAO, 2014 e 2015).

Dois estudos analisaram a transição para a idade adulta a partir da percepção dos jovens sobre os sentidos de ser adulto. Pesquisa realizada com jovens recifenses mostrou que o entendimento dos participantes é de que a responsabilidade é algo que acompanha o indivíduo a vida inteira e que a maturidade é diferente de ser adulto, pois é o que se aprende por meio das experiências. Quanto à noção de transição, para os entrevistados a própria vida é uma transição, ou seja, a cada momento do percurso que ocorrem mudanças, novos desafios aparecem (MULLER, 2008). Em estudo comparativo entre Brasil e Espanha, identificou-se que, diferente dos jovens espanhóis, os brasileiros não viam contradição em manter uma identidade jovem, ainda que já tivessem cruzado alguns limiares da vida adulta. Somente os jovens com filhos identificavam-se como adultos (NASCIMENTO e ALVARO, 2014).

Por fim, pesquisa realizada com jovens migrantes haitianos moradores de São Paulo mostrou que a migração para esses jovens passou a compor mais um momento a ser enfrentado para se tornar adulto. Mesmo para os jovens que vieram para o Brasil após o terremoto ocorrido em 2010, deixar o país já estavam em seus planos, pois as condições econômicas não eram favoráveis (BAPTISTE, 2015).

Importante reiterar que a revisão bibliográfica realizada não foi exaustiva. O objetivo foi identificar os motivos iniciais que levaram os pesquisadores a estudar a transição para a vida adulta, as contribuições trazidas por eles e quais os principais temas mais presentes nas investigações. Dessa forma, a revisão salientou que, a partir do momento em que a transição dos jovens para a vida adulta tornou-se objeto de preocupação de diferentes áreas de pesquisa, a transição escola-trabalho configurou-se como um dos principais recortes realizados para compreender as mudanças ocorridas para tornar-se adulto.

Tal interesse pode ser explicado pelo fato de a inserção laboral não ser mais apenas um dos momentos da transição para a idade adulta, mas sim um longo processo que tem como objetivo a obtenção de um emprego mais estável. Além disso, a maioria das pesquisas sobre

juventude busca compreender os jovens na intersecção com a escola, com o trabalho ou unem essas duas dimensões. Haveria, portanto, uma transposição dessas temáticas para os estudos sobre transição, não levando em consideração outros aspectos da vida dos jovens, como, por exemplo, o tempo livre, a participação política, a atuação coletiva, entre outros (SPOSITO, 2009).

A partir da identificação da ausência de investigações que considerassem outras dimensões da vida dos indivíduos, propôs-se a realização desta tese de doutorado. Elegeram-se como público específico os jovens participantes de coletivos e foi analisado se a participação neles afetava e como afetava a transição para a vida adulta. É sobre as diversas formas de afetar e deixar-se afetar que trata o próximo capítulo.

3. COLETIVOS JUVENIS: AFETAR E SER AFETADO

Os estudos sobre formas associativas juvenis passam a ocupar as agendas de investigação no início do século XX. Nos Estados Unidos, a Universidade de Chicago criou um departamento de sociologia, no qual pesquisadores interessados em estudar comunidades imigrantes e a pobreza se reuniram, e as mazelas sociais da cidade de Chicago passaram a ser o foco de pesquisas. Segundo Alba Zaluar (1997) foi a *desorganização social* a teoria que inicialmente fundamentou a chamada Escola de Chicago, provocada pela migração ou imigração para regiões marcadas pela penúria e decadência, “onde os costumes e os valores tradicionais perderiam força ou deixariam de regular comportamentos, abrindo caminho para a crise da moralidade, dos laços familiares e de vizinhança, o que favoreceria as atividades criminosas” (p. 17-18).

Nesse contexto, a delinquência juvenil foi considerada o tema mais importante e estudos sobre as gangues que já existiam em Chicago foram realizados, dividindo-as em territórios dominados por jovens de diferentes etnias e pelos laços de vizinhança. Nos primeiros estudos sobre grupos juvenis, o que predominou foi a negatividade, a anomia e a homogeneidade de condutas e valores (SILVA, 2010).

A pesquisa realizada por Foot Whyte (2005) na primeira metade do século XX pode ser considerada referência para os estudos sobre o associativismo dos jovens. Whyte estudou uma área pobre e degradada de Boston, habitada por imigrantes italianos, e mostrou que no lugar da desordem social, propagada por estudos anteriores, os moradores daquela região se organizavam a partir de padrões de comportamento e hierarquias bem definidos. Whyte morou por quatro anos no bairro que ele nomeou Corneville. Conviveu com os seus pesquisados, os *college boys* (jovens estudantes da universidade) e os *street boys* (rapazes que interromperam os estudos). Em sua imersão atentou-se para as sociabilidades juvenis, os laços de lealdade, bem como as relações de poder predominantes no interior de suas formações que modulavam às interações com o mundo adulto (ALMEIDA, 2009).

A partir da década de 1960 foi ganhando espaço e visibilidade pesquisas focadas na idade, tendo como referência o período da adolescência e a formação de uma cultura juvenil no âmbito escolar. Tais pesquisas tinham como interesse explicar as práticas, organizações e valores dos jovens de diferentes origens e de diversas posições sociais (SILVA, *idem*). Talcott Parsons (1968), a partir dos anos 1950, trouxe grande contribuição para o entendimento dos grupos e cultura juvenil ao estudar a experiência de jovens da classe média no ensino

secundário. Para o autor, a formação de grupos e de uma cultura juvenil pode ser um campo favorável para o exercício da independência e do controle adulto, além de ter uma importância para o processo de socialização e de transição do espaço da família para a vida pública.

O Centre for Contemporary Cultural Studies – CCCS, formado em 1964 na Universidade de Birmingham, Inglaterra, dedicou-se a estudar as práticas culturais dos jovens de seu país. O termo juventude destacou-se na Grã-Bretanha após a Segunda Guerra Mundial (CLARKE, HALL e JEFFERSON, 2006), período marcado por grandes mudanças sociais, como a transição para a vida urbana, o que deteriorou os mecanismos de controle social que favoreciam a reprodução do grupo operário e a ampliação da escolarização nos meios da classe operária. Segundo Neveu e Mattelart (2006), essas mudanças afetaram as referências culturais e redefiniram o espaço no qual esses jovens poderiam inscrever seus projetos profissionais. Apoiados nessas mudanças, os pesquisadores do CCCS lançaram seus olhares para a cultura de massa e práticas culturais populares, em especial aquelas desenvolvidas por filhos de operários.

Desse modo, as pesquisas empreendidas pela Escola de Birmingham vincularam as subculturas que emergiam entre os jovens à sua cultura de origem, a operária. Segundo os pesquisadores a formação e o envolvimento dos jovens em grupos como os *mods*, *punks*, *rastas*, *rockers*, *ruddies*, *skinheads*, *teddy-boyz*, entre outros, eram produtos de relações sociais que objetivavam expressar e resolver as incoerências camufladas e não equacionadas no seio da cultura parental (ABRAMO, 1994).

Para Gary Clark (2008), os estudos empreendidos pelo CCCS não olharam para as instituições hegemônicas, como a família, a escola e o trabalho, pois a resistência estaria alocada nelas e são imprescindíveis para analisar a relação entre juventude e cultura da classe trabalhadora. Clark também chamou a atenção para a necessidade de a análise da juventude superar o interesse exclusivo no estilo, uma vez que as subculturas devem ser observadas como um estilo de vida estruturado por relações sociais baseadas em classe, gênero, idade e raça. Ao focar apenas no estilo, não é possível explicar se a existência dessas subculturas é um fenômeno duradouro ou efêmero. Todavia, é inegável a importância das pesquisas realizadas, já que trouxeram a dimensão cultural nos estudos da classe trabalhadora inglesa e evidenciaram o contexto de crise do período.

As primeiras pesquisas realizadas pelo Centre for Contemporary Cultural Studies também receberam críticas dos chamados estudos pós-subculturais. Os pesquisadores tinham como anseio reavaliar “a relação entre jovens, música, estilo e identidade, no terreno social cambiante do novo milênio, em que fluxos globais e subcorrentes locais se rearticulam e

reestruturam de maneira complexa, produzindo novas e híbridas constelações culturais”. A principal crítica é que seus precursores “superestimaram os rituais de resistência juvenil, conferindo-lhes importância política não demonstrada teórica ou historicamente”. Ao entender a subcultura como parte de uma cultura de classe, os primeiros estudos se tornaram objeto de crítica posterior (FREIRE FILHO, 2005; p. 142 e 143).

José Machado Pais (2003) chama atenção para a necessidade de se observar a diversidade dos modos de vida dos jovens, contrapondo os variados universos de análise para explicar e entender as diferentes culturas juvenis. Ao estudá-las, recorreu ao recurso metodológico do “curso de vida” e buscou apreendê-las, apoiando-se em uma sociologia da vida cotidiana, que lhe permitiria:

Mostrar e demonstrar que os usos que os jovens fazem dos seus tempos quotidianos, incluindo os de lazer – aqueles que provavelmente mais contribuem para constituição, difusão, consolidação das culturas juvenis – não podem ser separados do ordenamento social estruturante que lhes envolve. (p.16)

Helena Abramo (1994) aponta que, a partir da segunda metade da década de 1960, ocorre um conjunto de mobilizações de jovens, com manifestações por meio de uma série de eventos com expressiva dimensão de simultaneidade internacional. Ganham visibilidade ações juvenis como as comunidades hippies, o psicodelismo, a proposição de amor livre, festivais de música, manifestações pelo fim da Guerra do Vietnã, a luta contra regimes ditatoriais nos países da América Latina, movimentos estudantis, *skinheads*, entre outros. Essas ações são lidas por alguns estudiosos como a formação de uma *contracultura*, produzida pela negação da sociedade tecnocrática e pela recusa de integração a ela (ROSZAK, 1972 *apud* ABRAMO, 1994).

De meados de 1960 a meados de 1970 viveu-se o aumento, a propagação e a diluição desses acontecimentos e o cenário envolvendo grupos juvenis fragmenta-se. Em especial os movimentos estudantis, que passam a se expressar de forma pontual e localizada. Do mesmo modo, a contracultura perde força e a ideia de uma “revolução juvenil” desaparece.

Em fins dos anos 1970, por volta de 1976-1977, surge na Inglaterra uma nova forma associativa, o movimento *punk*. Segundo Abramo (1994), nasce como uma nova cultura juvenil articulada em torno de uma reversão musical dentro do *rock*, distinguindo-se por suas vestimentas exageradas e pela surpreendente amplitude internacional. Rompem com os parâmetros de beleza, virtuosismo e sua música é produzida de modo rudimentar e simples, sem a necessidade de grandes aparatos, sendo o lema da proposta o “faça você mesmo” a partir dos recursos disponíveis. Assim, a partir do que tem ao alcance, os jovens compõem o estilo.

Lançam mão de materiais rudimentares e desvalorizados, muitas vezes considerado lixo, para compor a estética punk. São jovens das classes trabalhadoras dos subúrbios que se identificam com a proposta do movimento *punk*.

Ainda nesse período outras expressões relacionadas à cultura juvenil começaram a ocupar espaço na cena musical, como o *funk* e o *hip hop*, iniciadas nos Estados Unidos e com a população jovem negra e de baixa renda como protagonistas.

O movimento *hip hop* surgiu em meio a diversas crises norte-americanas, entre elas a luta pelos direitos civis, que teve como principal protagonista Martin Luther King Jr. Além da motivação política, os jovens latinos e das comunidades negras buscavam novos estilos de dança, música e artes que representassem os seus locais de moradia (SANTOS, 2017).

No Brasil, enquanto o *funk* encontrou morada no estado do Rio de Janeiro, configurando-se como uma cultura típica dos jovens moradores dos subúrbios (VIANNA, 1988), é em São Paulo que o movimento *hip hop* ganhou a cena, depois expandindo-se para outros estados. Na capital paulista, o *hip hop* passa a chamar atenção a partir dos jovens adeptos do *breakdancing*, que passam a movimentar o Largo São Bento com música e dança aos finais de semana. A Praça Roosevelt transformou-se no ponto de encontro dos rappers, que preferiam cantar a dançar. Os jovens partidários do *graffiti* espalhavam-se pela cidade, deixando suas marcas em prédios públicos e muros residenciais (SANTOS, *idem*).

Desse modo, em meados dos anos 1980 e início dos 1990, a cidade de São Paulo acompanhou o surgimento de diversas ações coletivas protagonizadas por jovens que passaram a se apropriar dos espaços urbanos com base em novas formas de sociabilidade originadas da “socialização no mundo da rua” (SPOSITO, 1993).

A partir dos anos 2000, novos grupos ligados a diferentes expressões e linguagens foram ganhando a cena, novamente nos palcos das periferias da capital onde a oferta de equipamentos públicos e políticas culturais é escassa (FREITAS; DI PIERRO, 2015). Diante dessa realidade, intensificou-se a aliança entre o fazer artístico e a luta por garantia de direitos e apropriação do espaço público. Como observou Carles Feixa (1994), com o surgimento dos agrupamentos juvenis, novas vivências culturais também foram criadas e buscavam responder às exigências surgidas das alterações na vida urbana.

Os coletivos aqui estudados reinventaram os modos de agir em busca de resposta às necessidades imposta pela realidade da vida nas periferias. Na ausência de equipamentos culturais, os grupos juvenis passaram a ocupar outros espaços, como as praças públicas, as escolas, os transportes coletivos, os terminais de ônibus, dando-lhes novas funções: declamar e

distribuir poesia, exibir filmes, realizar apresentações musicais, discutir questões públicas ou, simplesmente, estarem juntos. Pode-se dizer que os coletivos juvenis transformaram o território em um signo cultural e político (REGUILLO, 2013).

A multiplicação de coletivos juvenis pela capital paulista, aliada à implementação de ações voltadas para a população jovem em outros municípios, como Embu das Artes e Santo André, foi o que motivou a elaboração, em 2003, da Lei que deu origem ao Programa de Valorização de Iniciativas Culturais – VAI. Com a sua chegada por meio de aporte de recursos financeiros, mais jovens se sentiram impelidos a realizarem ações em conjunto e, consequentemente, novos grupos foram criados.

Apoiando-se nesse contexto esta pesquisa foi realizada. Os jovens integrantes dos coletivos juvenis deram vida a esta tese. Moças e rapazes que encontraram nos agrupamentos uma nova forma de atuar na esfera pública, distanciando-se das formas tradicionais de participação. Jovens que, por meio da realização de projetos, desenvolveram estratégias cotidianas para desvencilhar-se da dificuldade social e econômica em que vivem e almejavam desenhar possibilidades de futuro para si e para seus pares (REGUILLO, 2013).

Nas páginas que seguem, o leitor encontrará uma breve apresentação dos coletivos, os motivos pelos quais foram criados, as estratégias adotadas para sobreviverem ao longo do tempo e os modos como os indivíduos foram afetados pela participação nos grupos.

3.1 COLETIVOS: FORMAS DE EXPRESSÃO E ATUAÇÃO

Para familiarizar o leitor com os coletivos juvenis participantes desta pesquisa, segue uma breve caracterização dos mesmos. Os vinte e seis grupos, matéria-prima à qual se recorreu para conhecer os indivíduos estudados nesta tese, se distribuíam em uma série de expressões, não se restringindo apenas a uma linguagem.

A linguagem audiovisual era o meio pelo qual seis grupos se expressavam. Quatro atuam em bairros da Zona Leste da cidade de São Paulo: o Cine Campinho, com 15 integrantes, atua no Lajeado; o Perifacine, com dois membros, de São Mateus; o Grupo Transformar com 12, também de São Mateus; e o coletivo Paulisséia, com 8 integrantes, de Ermelino Matarazzo.

O grupo Cine da Quebrada, composto por quatro jovens, realiza suas ações no bairro Monte Azul, localizado na Zona Sul. O coletivo Nós Madalenas não possui um local fixo de atuação e suas nove integrantes são moradoras de diversos bairros periféricos. Os Grupos Transformar, Nós Madalenas e Paulisséia, dedicam-se à produção dos seus próprios vídeos, como documentários, curtas ou longa metragens. Quando finalizados, organizam exposições

seguidas de debates. Os demais coletivos de audiovisual realizam projeções de filmes organizados em torno de uma temática discutida após cada sessão, sendo que a principal característica do Perifacine é a itinerância das exposições, realizadas com uma Kombi.

Outros cinco grupos lançavam mão da literatura para atuarem, mas os modos de agir os diferenciavam. O Literatura Suburbana, por meio de seus escritos, realizava seus projetos nas escolas, com alunos e professores, discutindo a cultura afro-brasileira. Contava com oito integrantes e atuava na Brasilândia, Zona Norte. O Correspondência Poética, com dois membros, atuante na Zona Sul, tinha como carro-chefe a distribuição de poesias em terminais de ônibus e a organização do Festival de Poesia da cidade de São Paulo. O Poetas Ambulantes circulava nos transportes coletivos recitando poesias e convidando os passageiros a adentrarem no mundo da literatura. Seus seis integrantes são moradores de bairros da Zona Sul. O Arte Maloqueira, com dez integrantes, atua em bibliotecas públicas de Guaianases, realizando saraus mensais e o último, o Sarau do Burro, formado por três pessoas, também uma vez por mês reunia poetas e demais artistas na Galeria de Arte A7MA, na Vila Madalena, além de realizar concursos para publicação de antologias com os poemas dos participantes do sarau.

Embora tivessem a encenação como denominador comum, diversas eram as formas de atuação dos grupos de teatro³¹. O Núcleo Macabea, formado por seis atores, pautava sua criação cênica em temas como a migração e o retirante, atuando principalmente na favela do Boqueirão, na Zona Sul. Já o coletivo Na Rego, composto por quatro atores, iniciou sua atuação cênica retratando em seu primeiro espetáculo a difícil vida dos travestis que trabalhavam na rua Rego Freitas, na região central de São Paulo. Formado por três integrantes, o grupo Reversa Companhia tratava da questão da separação de duas mulheres em seu principal espetáculo, Cicatriz. Mesmo com temáticas diferentes, o objetivo dos atores era convidar o expectador para refletir sobre assuntos considerados tabus, geralmente ignorados pelo público. Esses grupos teatrais possuem uma peculiaridade: o local de moradia de seus integrantes não corresponde com o local de atuação deles.

Os grupos de grafite Muros que Gritam e Coletivo 132 também contribuíram para a pesquisa. Composto por 10 integrantes e sem um local fixo de atuação, Muros que Gritam realiza pintura de grandes painéis e se envolve em atividades de reivindicação de melhorias para a região em que dois de seus integrantes moravam, como a luta pela Casa de Cultura de Ermelino Matarazzo. O Coletivo 132, que existiu entre os anos 2008 e 2012, reuniu um grupo

³¹ Os jovens que integram os grupos de teatro possuem formação na área, sendo cinco com ensino superior e um formado em curso profissionalizante.

de jovens grafiteiros oriundos do extremo sul da cidade, que juntos alugaram uma casa na Vila Mariana e a transformaram em uma residência artística. Com o tempo, a casa passou a também ser um *point cultural*, em que diversas atividades artísticas eram realizadas, como saraus, festas etc. Com a especulação imobiliária, a casa foi vendida e demolida para a construção de um edifício, o que levou ao término do coletivo.

Na pesquisa, foram entrevistados integrantes de duas bandas. A música é o eixo de organização da Útero Punk, atuante na Brasilândia, e do Grupo Relampiandos, sem local fixo de atuação. Enquanto, para os integrantes do Grupo Relampiandos, a banda era o espaço para se expressarem artisticamente, para os quatro integrantes da Útero Punk, liderada por uma jovem mulher, a música tornou-se um veículo para denunciar a violência, fosse ela física ou emocional, que acomete as mulheres cotidianamente.

Dois coletivos eram da área da comunicação e carregavam em seus nomes o lugar do qual se expressavam: o Periferia em Movimento e o Nós, Mulheres da Periferia. Ambos almejavam dialogar com a periferia e oferecer a essa população informações que se distinguíssem das recebidas pelos veículos tradicionais de comunicação, pautando suas notícias na realidade em que viviam.

O Periferia em Movimento, formado por dois integrantes moradores da Zona Sul, divulgava diversas notícias em seu site³², tais como agenda cultural da periferia, orientações sobre como reagir a abordagens policiais e informações sobre cursos diversos. Já o coletivo Nós, Mulheres da Periferia, que contava com a participação de sete mulheres residentes em bairros de periferia, direcionava seu canal³³ para as mulheres moradoras também dessas regiões, compartilhando crônicas sobre o dia a dia dessas mulheres, programações culturais que tivessem a mulher como protagonista, além de informações sobre saúde e educação.

Outros grupos dedicam-se à questão racial, como o coletivo Manifesto Crespo, formado por três mulheres, que discute a estética negra por meio da realização de oficinas e palestras em diferentes regiões da cidade. Seus projetos estavam voltados às mulheres de todas as idades, mas também realizavam ações direcionadas para outros públicos.

Ainda sobre a temática racial, a Cia de Arte Negra Treme Terra, com vinte integrantes, dedica-se a estudar as religiões africanas e, através de seus espetáculos de dança, convida o público a se aproximar da cultura afro-brasileira. Com sede na região do Rio Pequeno, Zona Oeste da cidade, realizam oficinas por meio do Ponto de Cultura Afrobases. O núcleo Afrobases

³² Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

³³ Disponível em: <<http://nosmulheresdaperiferia.com.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

volta-se para atividades de educação e de valorização da cultura negra. Foi criado em 2009 pelo Instituto Nação, com objetivo de fortalecer a identidade étnica e cultural dos jovens de baixa renda moradores do bairro Rio Pequeno e adjacências, a fim de contribuir para a melhoria da sua autoestima, o sentimento de pertencimento do indivíduo a seu grupo, sua comunidade e cidade, reduzindo assim o déficit social e ampliando o acesso à cultura.

O coletivo Apuama, formado por três mulheres de diferentes áreas de atuação (teatro, artes plásticas e música), em 2014 realizou performances com o objetivo de discutir questões relacionadas à padronização de gênero, ao corpo e à ocupação do espaço. Por divergências de opiniões entre as integrantes, o coletivo não deu continuidade às suas ações.

O grupo Passeando pelas Ruas reconta a história do centro e dos bairros de São Paulo por meio de passeios pelos patrimônios da cidade. O coletivo passou por uma reformulação com a saída de dois integrantes e, no momento da entrevista, contava apenas com um casal de irmãos, moradores de São Miguel, na Zona Leste.

O coletivo Revitarte organiza mutirões para revitalizar espaços, tais como praças, terrenos, casas abandonadas e locais de passagem nos bairros, envolvendo diferentes pessoas em suas ações, desde moradores a artistas locais. Integravam o coletivo 11 jovens moradores do Jardim Monte Azul, Parque Arariba e Jardim São Luís, todos da Zona Sul.

A heterogeneidade das formas de expressão é acompanhada de um padrão, no qual a presença de jovens do sexo masculino ainda é majoritária, característica tradicional das culturas juvenis. Contudo, não se pode negar que há um importante aumento da presença de jovens mulheres em formas associativas, em especial em agrupamentos formados somente jovens do sexo feminino.

Dos 26 grupos participantes, quatro eram compostos somente por mulheres – Nós, Mulheres da Periferia, Nós Madalenas, Manifesto Crespo e Apuama – e três apenas por homens – Correspondência Poética, Sarau do Burro e Revitarte. Os 19 grupos remanescentes eram mistos, com a predominância da presença masculina em 10 deles.

Ao todo, 30 jovens foram entrevistados(as), total do qual 13 eram mulheres e delas, nove integravam os coletivos com formação mista. Somente uma delas, Amanda, integrante do Cine da Quebrada, relatou dificuldade na relação com os jovens com quem dividia as ações coletivas, atribuída por ela mais à diferença de idade do que ao fato de ser mulher. No entanto, Amanda ressaltou que, no início, foi preciso aprender a se impor para que fosse respeitada: “hoje em dia é mais fácil, porque eles já me conhecem e eu sei me impor. Mas é difícil. Às vezes, sinto-me bem excluída, acho que é mais por causa da idade, nem tanto por eu ser mulher. Mas eles me respeitam bastante” (Amanda, 19 anos, Cine da Quebrada). Amanda além de ser

a única integrante mulher, também era a mais nova, tanto no que diz respeito à idade (ela tinha 19 anos enquanto os três rapazes tinham idade entre 27 e 29 anos) como no tempo de permanência no coletivo, já que iniciou sua participação em fins de 2014, dois anos após a origem do Cine da Quebrada.

Assim como ela, as outras oito jovens entrevistadas não ocupavam papéis de coadjuvantes em seus coletivos e nem eram delegadas a elas ações do âmbito administrativo e de organização, diferente do que foi encontrado por Wivian Weller (2005) quando pesquisou a presença das mulheres no Hip Hop. Talvez por esse motivo as moças não tenham evidenciado em suas falas possíveis dificuldades de relacionamento entre os membros do sexo masculino. Ademais, o tempo de permanência delas nos coletivos também pode ter amenizado as desigualdades, pois, assim como Amanda narrou, essas jovens provavelmente aprenderam a se impor, contribuindo para que a relação entre homens e mulheres encontrasse equilíbrio³⁴.

Na convivência diária, as relações entre os membros vão se estreitando. Laços de amizade são criados e se fortalecem ao longo dos anos. O desejo de atuar na esfera pública desenvolvendo projetos, permite a moças e rapazes integrantes desses coletivos melhorar suas vidas e também a daqueles a seu redor. Porém, na estrada percorrida para consolidar o coletivo e suas ações, não encontram somente flores. É sobre esse percurso que trata o tópico a seguir.

3.2 COLETIVOS JUVENIS: ORIGENS E SOBREVIVÊNCIA

Nascer é fácil...

Os coletivos juvenis atuavam em diferentes frentes e a diversidade entre eles não se resumia apenas a formas de expressão, mas aos modos com que foram criados. Exceto os grupos de teatro Macabéa e Reversa Companhia, os demais nasceram sem a pretensão inicial de se organizarem enquanto coletivo, no entanto algumas características, como a escolarização de seus integrantes, gosto musical e a participação em alguns circuitos culturais, contribuíram para o surgimento dos grupos. O que é comum a todos é o começo de tudo com a união de duas ou mais pessoas para realização de uma ação conjunta, fosse ela de entretenimento, elaboração de

³⁴ Tais é membro e fundadora da Banda Útero Punk; Amélia e Susy iniciaram no coletivo Na Rego desde sua criação; Paula foi a idealizadora do coletivo Perifacine e, em 2015, somente ela e um rapaz integravam o grupo; Renata e Larissa, ambas do Reversa Cia., também fundaram o grupo de teatro ainda quando eram estudantes de licenciatura em teatro na Unesp; Tulipa integra a Cia Treme Terra desde sua criação; Marina passou a integrar o Grupo Transformar um ano após a criação do mesmo.

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC³⁵, redação de um projeto, inscrição em um edital ou simplesmente fazer algo para satisfazer uma aspiração. A realização pessoal é um elemento presente em todos os jovens entrevistados.

Quem poderia imaginar que o simples ato de reunir os amigos em casa para assistir a documentários resultaria na formação de um grupo de audiovisual? Pois foi dessa forma que o Cine Campinho se originou. Em 2005, alguns amigos moradores de Lajeado, Zona Leste da cidade, começaram a passar o tempo juntos: “a gente começou assistindo a documentários na casa de amigos, só que era limitado porque a casa de algumas pessoas comporta um número de pessoas, mas é algo que todo mundo queria participar, queria se envolver” (Rogério, 30 anos, Cine Campinho). Esses encontros foram nomeados pelos participantes de “cine debate”. Na época, participavam das sessões por volta de 10 pessoas entre moças e rapazes, no entanto foram três jovens irmãos, dois deles formados no magistério, que deram início às exhibições. Os documentários exibidos instigavam os jovens a refletirem sobre sua realidade, a cada novo encontro mais pessoas se interessavam pela atividade. Conforme os encontros aconteciam, novas ideias surgiam. Nessa etapa, pensaram em gravar um documentário sobre a realidade de Guaianases e exibi-lo para o maior número de moradores, convidando-os a discutir os problemas sociais e a reivindicar melhorias para o distrito. Ao mesmo tempo em que pensavam em formas para ampliar o público do cine debate. Pensaram em ocupar o campinho de futebol do Jardim Bandeirante, mas essa iniciativa exigia recursos financeiros para aluguel e compra de equipamentos. Em diálogo com outros coletivos atuantes na região, conheceram o programa VAI e, em 2007, inscreveram o projeto Cine Campinho (ALMEIDA, 2013).

Também foi de forma despretensiosa que, em 2007, Igor³⁶ e um amigo, ambos simpatizantes do movimento *hip hop* e escritores, começaram a percorrer as escolas da região da Brasilândia apresentando uma proposta de palestras sobre a Lei 10.639³⁷, aliadas com apresentações de *rap* e *break*: “A gente tinha um papel explicando a palestra e chegávamos na escola. As primeiras vezes a professora perguntava ‘quem são vocês?’. Não éramos ninguém, porque não existia esse conceito de coletivo” (Igor, 28 anos, Literatura Suburbana). A partir da provocação de uma educadora ao solicitar um projeto com “começo, meio e fim”, eles organizaram a escrita de um projeto nomeado “Escola da África” e passaram a se

³⁵ O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma atividade acadêmica obrigatória que consiste na sistematização, registro e apresentação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos, produzidos na área do curso, como resultado do trabalho de pesquisa, investigação científica e extensão.

³⁶ Igor além das ações do coletivo também investiu em sua carreira artística como rapper e escritor.

³⁷ Lei 10.639 inclui o estudo da História e Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino, abordando a luta dos negros no Brasil e a cultura negra brasileira.

autodenominar Literatura Suburbana. A princípio, realizavam oficinas nas escolas, unindo a leitura de contos aos jogos africanos. Depois começaram a reunir poesias de jovens escritores e imprimir livretos para a venda. A verba era revertida para o coletivo. Com a inscrição em editais de fomento, como o Programa VAI e o Programa de Ação Cultural – ProAC Editais³⁸, desenvolveram mais projetos, como a coleção literária Besouro, material físico utilizado para conversar com educadores, no qual abordavam a literatura, a arte, o *hip hop* e o Festival Reviva Rap.

Os novos modos encontrados por jovens para atuar na esfera pública estão, direta ou indiretamente, conectados a formas já consolidadas de ação, como, por exemplo, o movimento *hip hop*, que agrega diferentes expressões artísticas como o *break*, o grafite e o *rap*. Foi no centro paulista que o *hip hop* brasileiro teve seu início, sendo o *rap* o elemento mais difundido, pois suas letras versam sobre assuntos relacionados às periferias brasileiras (NASCIMENTO, 2009).

Segundo Érica Peçanha do Nascimento (2009), os versos de *raps* engajados começaram a ser produzidos no final dos anos 1980, quando o *hip hop* deixa de se restringir às participações artísticas nos bailes *black* e nas ruas do centro e passa a se organizar como um movimento cultural com atuação política. A partir dessa reconfiguração, foram criadas as posses, ou seja, associações de *breakers*, *rappers* e grafiteiros. Tinham como objetivo divulgar as suas expressões artísticas por meio da realização de oficinas culturais e shows em prol da comunidade, além de realizar encontros para discutir questões raciais e políticas.

É dessa conexão também que ganha a cena a literatura periférica e a criação dos saraus com o objetivo de dar voz aos poetas, como o Sarau Poesia na Brasa³⁹ e Elo da Corrente⁴⁰, na

³⁸ “O ProAC Editais é um programa de investimento direto do Estado em projetos culturais através de concursos regulamentados na forma de editais. Cada edital é direcionado a um determinado segmento artístico e/ou cultural. Os projetos selecionados recebem recursos financeiros diretamente da Secretaria para serem executados, não havendo necessidade de procurar patrocinadores”. Disponível em: <www.proac.sp.gov.br>. Acesso em: 19 abr. 2018.

³⁹ Sarau Poesia na Brasa foi criado em julho de 2008 com o objetivo de divulgar e produzir arte no interior da periferia. O sarau é realizado em um bar localizado no bairro da Brasilândia e os encontros ocorrem quinzenalmente. Fonte: <<http://brasasarau.blogspot.com.br/p/fotos.html>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

⁴⁰ O coletivo literário Sarau Elo da Corrente iniciou-se em julho de 2007 com o objetivo de construir, de forma participativa, referências positivas sobre o bairro Pirituba, onde está localizado. O sarau é realizado no bar do Santista e as demais atividades, como oficinas, cursos e reuniões, são realizadas no Espaço Cultural Elo da Corrente, localizado ao lado do bar. Fonte: <<http://elo-da-corrente.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

Zona Norte, a Cooperifa⁴¹ e o Sarau do Binho⁴², na Zona Sul. Os dois últimos foram fontes de inspiração para André, do coletivo Correspondência Poética, e Tadeu, do Poetas Ambulantes.

Foi em meados dos anos 2000, quando estava com 15 anos, que André começou a escrever poesias e estudar de forma autodidata literatura. Sua motivação foi enviar poesias para sua mãe, por meio de cartas, que havia retornado a Alagoas naquele ano. Segundo André, em 2005:

Conheci o Sarau do Binho, depois conheci a Cooperifa. Aí eu via a literatura! Aquela era uma literatura que eu queria, eu olhei e falei ‘isso aqui não tem precedentes na história’. Porque eu já tinha estudado toda a história da poesia, do Quinhentismo até aqui, e não existia precedentes na história de um movimento literário que tivesse o impacto que a literatura periférica estava tendo no Brasil. (André, 30 anos, Correspondência Poética)

Ao se identificar com os saraus e com a literatura que neles se manifestava, André se tornou um frequentador assíduo e começou a pensar em como poderia levar “as vozes dos poetas periféricos” a um número maior pessoas. Ele sempre trabalhara com produção cultural em projetos desenvolvidos por outras artistas. Em diálogo com um amigo, com quem dividia o aluguel de uma casa, constatou que estava há mais de 20 anos em São Paulo e não havia desenvolvido nada que fosse pensado por ele: “não fiz nada que eu pudesse falar que era um trabalho meu” (André, 30 anos, Correspondência Poética). Assim, incentivado por seu amigo, tirou da gaveta o projeto rascunhado em 2007, colocando em ação a proposta de “pesquisar a poesia que está sendo produzida, principalmente nas periferias, e difundi-la, nas mais diversas plataformas, ou seja, desde o ponto de ônibus até... sei lá... Londres” (André, 30 anos, Correspondência Poética).

O Poetas Ambulantes também nasceu do anseio de difundir a poesia produzida na periferia e o que também motivou seus integrantes foi a aproximação do circuito de saraus já realizados na cidade. Tadeu, um dos integrantes do Poetas Ambulantes entrevistado, mantinha dois *blogs*, um de crônicas no qual relatava situações da vida cotidiana, e outro de poesia. Certo dia, uma namorada leu o blog de poesias e o elogiou, disse que era melhor que o de crônicas.

⁴¹ A Cooperifa é um movimento cultural que iniciou em 2001 por meio da realização de saraus no bar do Zé Batidão, na Zona Sul de São Paulo. A Cooperifa foi quem deu início à realização de saraus nas regiões periféricas. Fonte: <http://cooperifa.com.br/?page_id=9>. Acesso em: 30 mar. 2018.

⁴² O Sarau do Binho nasceu oficialmente em 2004, idealizado por Binho e Susi, que realizavam em seu bar no bairro do Campo Limpo, Zona Sul da cidade, toda segunda-feira encontro aberto aos interessados por literatura. Em 2012, o estabelecimento, localizado em uma zona residencial e sem alvará de funcionamento, foi fechado pela prefeitura. Desde o fechamento do bar, Binho e Susi buscaram formas de dar continuidade aos encontros, oferecendo atividades de saraus para escolas, unidades do Sesc, entre outros espaços culturais. Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2016/07/1788435-sem-sede-ha-4-anos-sarau-do-binho-cresce-ocupando-escolas-e-centro-culturais.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

Ainda que de forma mais “discreta”, passou a escrever mais poesias. Ele já lia a coluna de Sérgio Vaz na revista *Caros Amigos*, porém não conhecia o sarau da Cooperifa. Ao conhecê-lo, identificou-se de tal forma que convidou outras pessoas, entre elas sua irmã também poeta.

Desse modo, Tadeu, sua irmã e demais amigos começaram a frequentar os saraus que, segundo ele, possuem uma “magia” e fazem com que todo poeta “sinta a necessidade de fazer um movimento seu” (Tadeu, 29 anos, Poetas Ambulantes). Esse grupo de seis amigos chegou a organizar um sarau na Vila Madalena, contudo avaliaram que a cidade já contava com vários e não cabia a eles organizarem mais um. Ainda em busca de como fazer reverberar pela cidade a poesia, a irmã de Tadeu e mais uma integrante começaram a recitar poesias dentro do ônibus. Tadeu relatou o encontro com elas logo após uma de suas intervenções e a satisfação e entusiasmo demonstrado por elas com o resultado. Marcaram de juntos recitar poesias no ônibus. Segundo ele: “a gente foi meio na inocência de ‘vamos fazer poesia porque a gente gosta’ e nem tinha noção do tamanho da coisa” (Tadeu, 29 anos, Poetas Ambulantes).

Revitalizar espaços degradados, como casas abandonadas, praças, escadões⁴³, motivou os jovens integrantes do coletivo Revitarte, pois sentiam a necessidade de serem úteis: “Nasceu através do ócio, dessa inatividade e da vontade de fazer alguma coisa. Tinha uma casa abandonada, que era de uma usuária de drogas (até já faleceu), e o pessoal pensou em revitalizar. Cada um pegou o que gostava de fazer e aplicou em algo bom” (Lucas, 28 anos, Revitarte). O coletivo reúne jovens com diversas habilidades do campo cultural e das artes, como produtores, grafiteiros, músicos, cineastas. Cada revitalização realizada é documentada e publicada no site do grupo⁴⁴.

Diante da reação inusitada do público leitor da *Folha de S. Paulo*⁴⁵ ao artigo publicado por jovens jornalistas correspondentes do Blog Mural⁴⁶, surgiu o Nós Mulheres da Periferia, como contou Shaira:

Eu já trabalhava no Blog Mural, que é uma rede de correspondentes de jornalistas da periferia que fica dentro da Folha de S. Paulo, mas é independente da Folha. A gente se conheceu nesse ambiente. A gente tinha reuniões mensais e tudo mais. A editora da época, que ainda é na verdade, foi super responsável, porque ela tem essa questão do feminismo e tudo mais, que era uma coisa que a gente não trabalhava, não estudava,

⁴³ É comum nos bairros com terrenos acidentados a construção de escadões para ligar as ruas.

⁴⁴ Disponível em: <www.revitarte.com.br>. Acesso em: 22 mar. 2018.

⁴⁵ Matéria disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/29772-nos-mulheres-da-periferia.shtml>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

⁴⁶ “Criado em 2010 pelo jornalista Bruno Garcez, o blog **Mural** é produzido por algumas dezenas de correspondentes comunitários – em sua maioria estudantes ou formados em jornalismo, mas sobretudo blogueiros interessados em contar o que se passa na região em que moram, na periferia da Grande São Paulo e imediações. Em 2015, o blog deu origem à Agência Mural”. Disponível em: <<http://mural.blogfolha.uol.com.br/perfil/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

nós jornalistas. E aí ela sugeriu que a gente fizesse um texto falando o que era ser mulher da periferia e a gente achou estranho, mas nos forçou a ter esse olhar. Fizemos um texto que se transformou num artigo, na época era 2012, perto do dia das mulheres. Fizemos para o Blog Mural, só que ela gostou tanto que vendeu para o jornal e saiu na coluna Tendências e debates. Foi um “boom”, porque o artigo se chamava Nós, Mulheres da Periferia e todo mundo começou a convidar a gente para dar aula de feminismo na periferia. A gente falou “oi?”, “que porra estão falando, a gente nem fala de feminismo, a gente nem falou de feminismo nesse texto, a gente nem sabe o que é feminismo”. Ficamos de 2012 até 2013 entendendo o que íamos fazer com isso. Várias mulheres se identificaram e várias mulheres compartilharam o texto, sentiram-se contempladas. A gente falou “nossa, tem uma oportunidade aí de trabalhar com o conteúdo” e decidimos em 2013 que seria um portal. Começamos, então, a se organizar para isso.

Por meio da realização de trabalhos acadêmicos e escolares, três coletivos foram constituídos. A Útero Punk iniciou sua trajetória com a reunião de garotas estudantes do Ensino Médio que, durante a discussão de um trabalho proposto pela escola, se identificaram com a temática e resolveram abordar, por intermédio da música, a violência que sofriam: “na escola, a professora abordava temas como pedofilia e violência sexual e tínhamos que fazer um trabalho, era para formar um grupo para debater [...] Éramos nove meninas e as nove tinham passado pela mesma coisa” (Tais, 27 anos, Útero Punk). Tais já tinha contato com o *punk rock* e começou “a escrever um monte de músicas” denunciando o abuso silencioso sofrido por muitas mulheres desde a infância, “geralmente dentro da própria casa”.

A partir dos questionamentos tecidos sobre o bairro de moradia e da pouca relação estabelecida com ele, Tomás, do coletivo Periferia em Movimento, começou a definir o tema de trabalho de conclusão do curso de jornalismo: “eu comecei a pensar no tema do TCC que teria que fazer; eu queria falar alguma coisa sobre o Grajaú, entender melhor que lugar era esse, de onde eu estava vindo” (Tomás, 28 anos, Periferia em Movimento). Em parceria com duas colegas de classe, decidiu pesquisar o “Evento pela Paz”, iniciado em 2000 a partir da reunião de um grupo formado por jovens e um missionário da igreja católica. O evento ocorre anualmente e consiste na ocupação de espaços públicos, apresentando nas atividades os índices de violência no distrito como forma de alerta para a alta taxa de mortalidade de jovens na região e para contribuir para a diminuição dos assassinatos.

O TCC, concluído em 2009, consistiu no documentário “Grajaú na construção da paz”. Para a elaboração do vídeo, foram entrevistados moradores e idealizadores do evento, realizadas pesquisas documentais para “entender quem é que está falando sobre isso, entender o que que a mídia está falando sobre as periferias e sobre os movimentos sociais, qual o retrato que traz isso e entender qual que seria o nosso papel com esse produto” (Tomás, 28 anos, Periferia em Movimento). Divulgaram os bastidores da pesquisa, o documentário finalizado e os materiais

não utilizados no trabalho em um blog, que ficou conhecido e “as pessoas começaram a pedir para gente divulgar: ‘ah divulga esse evento, divulga esse show que vai ter’. A gente começa a ver que a demanda é muito maior do que a gente imaginava e que não dava para terminar com a banca lá do TCC” (Tomás, 28 anos, Periferia em Movimento). Instigados pela reação do público, o grupo de trabalho da faculdade se organizou em um coletivo de jornalistas e, em 2010, elaboraram um projeto para concorrer ao Programa VAI.

O coletivo Na Rego foi fruto do TCC prático⁴⁷, defendido em 2013, de um estudante do curso de licenciatura em Arte-Teatro da Universidade Estadual Paulista –UNESP. Ele reuniu seus colegas na construção de uma performance cujo foco era retratar a realidade dos travestis que trabalhavam na rua Rego Freitas:

Começamos a desenvolver a pesquisa, que a princípio ia ser só um trabalho para o TCC do Théo, mas no ano seguinte vimos o VAI e demos uma expandida no que poderíamos fazer a partir dessa temática [...]. Com o VAI, conseguimos ter mais estrutura para aprofundar, fizemos outras atividades na rua, demos oficinas no CRD (Centro de Referência da Diversidade), que fica ali próximo, e também foi uma forma de estreitar laços com elas. Fizemos exibição na rua, seguido de debate. Conseguimos, a partir das outras ações, intensificar nossa relação com a rua, que acabou reverberando no trabalho, até amadurecer enquanto grupo. De repente, começamos a nos ver e a pensar como coletivo. (Amélia, 23 anos, Na Rego).

Enquanto para o Periferia em Movimento e o coletivo Na Rego a descoberta do Programa VAI ocorreu após já terem colocado em prática seus projetos, para outros a possibilidade de receber recursos financeiros para a realização de ações foi uma mola propulsora. No entanto, cabe ressaltar que antes da redação dos projetos os coletivos Manifesto Crespo, Nós Madalenas e Muros Que Gritam ainda não existiam enquanto grupos, somente a vontade de colocar em prática suas ideias.

O coletivo Manifesto Crespo nasceu da pretensão de uma jovem em ensinar outras mulheres a trançar seus cabelos. Seis mulheres negras reuniram-se, elaboraram em 2010 um projeto de oficinas de tranças e outras técnicas para cabelos crespos e o inscreveram no edital do VAI, sendo contempladas. As atividades foram realizadas em Perus, no espaço da Comunidade Cultural Quilombaue⁴⁸. Após essa atividade, ampliaram as ações do coletivo

Depois, em paralelo a isso, fizemos um registro audiovisual de trançadeiras e de pessoas que aprenderam a trançar com a avó, mãe, tia. Uma delas, psicóloga, já fazia oficina de

⁴⁷ Trabalho de Conclusão de Curso Prático, na área das artes, trata-se da pesquisa, elaboração e apresentação de uma performance ou um espetáculo sobre determinado tema.

⁴⁸ “A Comunidade Cultural Quilombaue é uma organização sem fins lucrativos que surgiu em 2005, a partir da iniciativa de um grupo de jovens, moradores de Perus, bairro periférico situado na zona noroeste de São Paulo.” (Disponível em: <<http://comunidadequilombaue.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 1 abr. 2018.)

tranças com mulheres vítimas de violência doméstica. A trança é uma ferramenta para ela trabalhar com mulheres. Essa coisa de pensar o cabelo, a relação da mulher negra com o cabelo, já estava presente em cada uma separadamente e aí a gente se juntou com esse questionamento em comum (Eloá, 26 anos, Manifesto Crespo).

Com o objetivo de conseguir recursos para tirar do papel suas ideias, um grupo de grafiteiros em 2010 elaborou um projeto para o Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo – ProAc, cujo nome era “Muros que Gritam”. O projeto não foi aprovado, mas o grupo de jovens seguiu com a ideia, pois identificaram no grafite a possibilidade de dizer algo através dos muros: “Muros que Gritam o quê? Que o muro grita? Grita tanta coisa, né? Não é só tinta, não é só colocar uma mensagem na parede, mas tem tantas outras coisas. E a gente começou a se denominar Muros que Gritam” (Valter, 28, Muros que Gritam). Valter relata que o seu envolvimento com o meio cultural e artístico está relacionado com a sua trajetória no interior da Igreja Católica e da sua participação na Pastoral da Juventude por um período da sua juventude. Trazia em sua bagagem essa experiência de atuação coletiva que lhe possibilitou “olhar o mundo e olhar para o meu próprio bairro de uma maneira diferente” (Valter, 28, Muros que Gritam).

O coletivo Nós, Madalenas reuniu em 2013 um grupo de jovens mulheres participantes das oficinas de formação do Instituto Criar de Televisão. Cada uma havia aprendido um ofício relacionado à área de audiovisual e juntas escreveram um projeto para o edital Carmem Santos⁴⁹, no entanto o projeto não foi aprovado, “só que ainda assim a gente sentiu muita sinergia no grupo” (Iara, 21 anos, Nós, Madalenas). A não aprovação neste edital não esmoreceu os interesses das jovens, que pensaram em um novo projeto para apresentar para o Programa VAI e em 2014 filmaram o documentário “Nós, Madalenas”.

Reguillo (2000) ressalta que as culturas juvenis atuam como expressão do mal-estar presente nas sociedades. Para a autora, “nenhuma prática está fora do social, o que em termos de análise deve ser traduzido na capacidade do analista para localizar o conjunto de expressões, processos, ações, objetos que ele estuda, no âmbito das gramáticas que os tornam possíveis ou impedem” (p. 52). Para os jovens, a atuação do coletivo não estava esvaziada de sentido político. Assim como Gilberto Moreno (2014) encontrou em sua pesquisa, as moças e rapazes

⁴⁹ “O Edital Carmen Santos Cinema de Mulheres – Apoio à Curta e Média-Metragem atende demanda da sociedade civil para incentivar políticas públicas transversais para as mulheres e cultura. Visa visibilizar a produção cinematográfica feita por mulheres e reconhecer o trabalho de diretoras e técnicas no universo audiovisual brasileiro. Trata-se de iniciativa do Ministério da Cultura, por meio da Secretaria do Audiovisual, e da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República.” Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/noticias-sav/-/asset_publisher/QRV5ftQkXuV/content/edital-carmen-santos-cinema-de-mulheres-2013/10889>. Acesso em: 1 abr. 2018.)

apresentaram duas maneiras de se pensar e fazer política: a que se desenvolve no âmbito do aparelho do Estado, nas organizações partidárias e nos sindicatos, denominado por ele como Política com “P” maiúsculo, e uma segunda, presente nas ações diárias relacionadas às práticas de ação coletiva, a qual denominou como política, com “p” minúsculo (p. 87).

Aos responderem se o coletivo atuava politicamente, os atores frisavam que a política deles era escrita com “p” minúsculo, como apresentado por Shaira: “o Nós é apartidário, mas a nossa política está no dia a dia. A política do dia a dia, da troca, do respeito, dar espaço, do pleitear pelos seus direitos, do pleitear pelo espaço da fala, essa é a política que a gente faz muito” (Shaira, 27 anos, Nós, Mulheres da Periferia); e Bento: “A nossa atuação política não é uma questão partidária, mas uma questão política, de discutir mesmo, da própria palavra política, que é você interagir com aquela realidade em que vive” (Bento, 25 anos, Arte Maloqueira); e também Lucas, “Tem, por mais que a gente não queira ser político, ele tem uma atuação política. Levanta um questionamento sobre o espaço público, como ele deve ser usado, sobre como aquele espaço é da pessoa que está ali, a cidade é sua e não do prefeito” (Lucas, 28 anos, Revitarte).

Para esses jovens, a política praticada por eles estava no dia a dia, nas pequenas ações realizadas no bairro onde viviam ou nas informações publicadas nas redes sociais pelas quais atuavam. Como os exemplos demonstram, a política está no cotidiano, nas pequenas ações que reverberam na reivindicação de direitos sociais.

A diversidade de formas pelas quais os coletivos aqui estudados ganharam vida sinaliza que, no início, embora possuíssem um projeto em comum, eles ainda não dispunham de organização que os caracterizassem enquanto coletivos. Tal organização foi sendo construída ao longo do tempo, conforme desenvolveram suas ações e projetos. À medida que mais organizados, as relações entre os integrantes se fortaleciam, favorecendo a continuidade do coletivo. No entanto, a pesquisa identificou que nascer é fácil...

... Difícil é sobreviver

A manutenção de um coletivo não é uma tarefa simples, pois trata-se da relação entre pessoas que, embora tenham se agrupado por livre e espontânea vontade para o desenvolvimento de ações com as quais compactuam, continuam indivíduos em suas necessidades e peculiaridades. Perguntou-se então para os jovens o que eles tinham em comum

para que continuassem por tanto tempo juntos. Inferiu-se com as respostas que um conjunto de elementos são fundamentais para que o coletivo sobreviva ao longo dos anos.

O primeiro elemento diz respeito à organização interna. A maioria dos grupos já possuía alguns anos de existência, com exceção do Paulisséia, que havia sido criado há um ano. No outro extremo, estava a Banda Útero Punk, o mais antigo, com 12 anos de atividade. A organização de todos os coletivos ocorreu com a realização de reuniões periódicas, divisão de tarefas, determinação de um local para os encontros, e foi determinante para que sobrevivessem, principalmente para que pudessem pleitear os editais de fomento. Aliás, essa é uma de suas principais características, mesmo para aqueles que nunca foram aprovados e estavam sempre em busca de recursos para a realização das ações.

Receber subsídio por meio de editais apareceu como um segundo elemento importante para a sobrevivência dos coletivos. Dos 26 coletivos, somente seis nunca foram aprovados pelo Programa VAI⁵⁰ ou outro edital público; os demais receberam o subsídio pelo menos uma vez. Quando o coletivo recebia aporte financeiro, os integrantes desenvolviam os projetos sem colocar dinheiro do próprio bolso. Desse modo, quanto mais estruturado fosse o coletivo e, se essa estruturação refletisse nos projetos redigidos, maiores eram as chances de conseguirem a aprovação.

Para alguns, ser contemplado pelo Programa VAI foi o empurrão necessário para se manterem enquanto coletivo, como no caso do Na Rego: “Mandamos muito despretensiosamente, mais para ver o que acontecia, e conseguimos o VAI. O VAI foi muito importante, porque não íamos continuar com nossas atividades, caso não passássemos. De repente, começamos a nos ver e a pensar como coletivo” (Amélia, 23 anos, Na Rego).

Ao serem contemplados nos editais, os coletivos conseguiam estabilidade na precariedade. Embora o valor do recurso disponibilizado não fosse alto, devendo ser utilizado em sua totalidade com o projeto aprovado, impedindo que os coletivos criassem um fundo de reserva para ações futuras, esse subsídio permitiu a muitos grupos se estruturar e colocar em prática seus projetos. A possibilidade de desenvolver uma ação servia como motivação para que os integrantes permanecessem no coletivo, uma vez que a execução do projeto lhes trazia satisfação pessoal e, em alguns casos, retorno financeiro. Além disso, com o subsídio do programa VAI, por exemplo, era possível comprar equipamentos que ficavam com o grupo,

⁵⁰ Chegou-se a esses coletivos a partir das indicações dos entrevistados: Muros que Gritam, Apuama, Reversa Cia., Relampandando e Revitarte.

mediante a assinatura de um termo de responsabilidade, para continuar desenvolvendo o projeto.

Alguns coletivos empregaram estratégias para levantar recursos financeiros. O Cine Campinho, ao receber subsídios do Programa VAI, comprou os equipamentos necessários para as exhibições, como caixas de som, projetor e telão, o que garantiu a estabilidade do grupo. Mesmo assim, foi preciso buscar outros meios para manter o coletivo, como a utilização dos equipamentos em eventos como casamentos e aniversários, uma vez que esses aparelhos comprados para o projeto (autofalante, microfone, projetor etc.) necessitam de manutenção e sem eles o principal projeto, que é o cinema, fica prejudicado:

Depois que se passa um tempo do programa, você faz aquela carta, aquele termo de responsabilidade e os equipamentos ficam por conta e responsabilidade do grupo. Os equipamentos também têm uma demanda de manutenção, tem autofalante que queima, então a gente juntou essas coisas, compramos outras, começamos a fazer eventos sociais, muito para amigos, familiares, pessoas conhecidas. Aí tinha essa parceria, vai lá e desenvolve a ação, uma atração, anima o pessoal, eles vão lá e dão o recurso, dão uma contribuição financeira e isso vem dando liga, vem contribuindo. (Rogério, 30 anos, Cine Campinho)

O Literatura Suburbana, quando se organizou enquanto coletivo, começou a pensar em maneiras para se manter. A venda de livros de poesia e de CDs foi uma estratégia adotada inicialmente, mas com passar dos anos seus integrantes passaram a questionar se era ou não correto vender aquilo que “já estava pago”, produzidos com os recursos advindos de editais: “até certo tempo, quando a gente começou a entrar em edital, a gente vendia as coisas, depois a gente começou a entender que já estava pago [...] tem que entender que a sustentabilidade vem de outras formas e é o que a gente está discutindo” (Igor, 28 anos, Literatura Suburbana).

Não há dúvidas de que os programas governamentais voltados para o fomento à cultura, como o VAI, o Programa de Ação Cultural – ProAC, o Fomento ao Teatro⁵¹ e à Dança⁵², entre outros, exercem um papel importante na consolidação dos coletivos ao longo dos anos. No entanto, a pesquisa revelou que os alicerces dessa sobrevivência por longo tempo não se

⁵¹ “Estabelecido pela Lei 13.279/02 o Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo tem por objetivo apoiar a manutenção e a criação de projetos de trabalho continuado de pesquisa e produção teatral visando o desenvolvimento do teatro e o melhor acesso da população ao mesmo, por intermédio de grupos profissionais de teatro que são financiados diretamente por este programa. “ (Disponível: <www.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso: 19 abr. 2018).

⁵² “Estabelecido pela Lei 14.071/05 o Programa Municipal de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo tem por objetivo apoiar a manutenção e a criação de projetos de trabalho continuado em dança contemporânea visando o desenvolvimento da dança e o melhor acesso da população à mesma, por intermédio de grupos profissionais de dança que são financiados por este programa. (Disponível: <www.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso: 19 abr. 2018.)

apoiavam apenas nos subsídios, pois eram limitados, mas também nas relações interpessoais estabelecidas entre os integrantes.

O tempo que passavam juntos, fosse para conceber os projetos ou para desenvolver as atividades propostas, aproximava os integrantes uns dos outros. A atmosfera criada era de companheirismo, amizade e acolhimento. Essa atmosfera apareceu, nos relatos dos jovens, como um terceiro elemento aglutinador para a sobrevivência:

Essa onda de rir, de brincar assim, a amizade né? Vai além da relação de trabalho, que é um trabalho também, mas manter esse equilíbrio é o difícil né. – Falo: “galera, isso aqui é nosso trabalho também”. Talvez não aqui, mas isso daqui vai te proporcionar outros trabalhos a partir dessa sua experiência, então tem que ser encarado como tal. (Igor, Literatura Suburbana)

O pessoal não se encontra só para fazer uma coisa, se encontra em outros momentos também, tem oportunidade de ver um filme, de ouvir um show, ouvir uma música, comer alguma coisa, ir a uma festa, estar sempre vendo o pessoal, estar sempre conversando. Eu acho que tudo isso vai dando liga e vai dando mais intimidade também, que é isso que permite você ser sincero. Às vezes, falar algumas coisas (e é recíproco, o outro também vai devolver o tiro) acaba gerando um clima tenso. Acho que, como em todas as relações humanas, também precisa disso, não dá para ficar “amém”. Isso é o papel da arte também, causar estranhamento, tirar do lugar comum. (Rogério, Cine Campinho)

Um quarto ingrediente para a manutenção dos grupos diz respeito à percepção de similaridade de trajetórias dos companheiros. Percebiam estar ao lado de alguém semelhante, que almeja o mesmo, como ilustrou Rogério: “nada melhor do que lutar do lado de alguém que tem sofrimento parecido com o seu, que aí até a forma de lutar é muito parecida. [...] Ninguém aqui está brigando pelo que é seu só, é pelo que é nosso, pelo que eu preciso e você precisa” (Rogério, 30 anos, Cine Campinho); e Bento “todo mundo é pobre, a maioria é de Guaianases, só meu irmão é de Itaquera. A maioria entende essa demanda cultural como garantia de direitos, a maioria também tem outro trabalho dentro do seu bairro. Essas são as coisas mais comuns entre nós” (Bento, 25 anos, Arte Maloqueira).

O quinto elemento, abordado pelos jovens, foi a ação realizada enquanto grupo, como expressou o Artur: “é muito uma relação de confiança, de amizade, dessas coisas mais particulares e de acreditar que esse trabalho local, essa ação local, traz uma melhoria para aquele território. De acreditar que a gente pode fazer a diferença, que o nosso trabalho pode ser a diferença” (Artur, 28 anos, São Mateus em Movimento); e a Marina: “O desejo de transformar através do cinema como linguagem, de gerar críticas e reflexões. Talvez isso seja o comum,

não queremos fazer filmes parar passar na televisão e ficar famosos. Queremos fazer filmes que tenham crítica, que despertem mudança” (Marina, 27 anos, Grupo Transformar).

O envolvimento com outras frentes de mobilização e a realização de atividades em outras regiões da cidade foi apontado como um sexto fator, como ocorreu com o coletivo Cine Campinho, pois o tornou conhecido para além do Lajeado, tanto que foram convidados para participar do “FEPO (Fórum de Experiências Populares e Áudio Visual), lá no Rio de Janeiro com vários outros coletivos da cidade” (Rogério, 30 anos, Cine Campinho). A relação com outros coletivos de audiovisual também contribuiu para que o Cine Campinho sobrevivesse ao longo desses dez anos de existência, pois lhe permitiu realizar outras ações e expandi-las pela cidade: “o Cine Campinho começou a participar de outras atividades, desenvolvendo coisas com o Centro Independente de Cultura Alternativa e Social – CICAS⁵³, com o pessoal do Cine Escadão, depois disso a gente também foi dando essa expandida” (Rogério, 30 anos, Cine Campinho).

Um sétimo elemento evidenciado pela pesquisa relaciona-se ao tempo de existência dos coletivos. Persistir ao longo dos anos de vida em comum tornou-se um fator alimentador da própria existência do grupo. O coletivo mais antigo é a Banda Útero Punk, formada em 2003. Em segundo lugar está o coletivo Cine Campinho, que iniciou suas atividades em 2005. A Cia. Treme Terra se constitui em 2006, mas somente em 2009 cria o seu primeiro espetáculo e se consolida como companhia de dança. O Literatura Suburbana e o Perifacine começam suas ações em 2007 e, no ano de 2008, é a vez do São Mateus em Movimento e Coletivo 132. Cinco grupos foram criados em 2009 – Sarau do Burro, Correspondência Poética, Arte Maloqueira e Transformar – e, em 2010, somente o Manifesto Crespo se formou. Em 2011, dois grupos teatrais, Macabéa e Reversa Companhia, e um de grafite, Muros que Gritam, foram criados. Os coletivos Poetas Ambulantes, Revitarte, Cine Quebrada e Banda Relampianos surgiram em 2012. Outros três iniciam em 2013 – Nós Madalenas, Paulisséia e Na Rego. Em 2014, foi a vez do Coletivos Apuama, Nós Mulheres da Periferia e Passeando pelas Ruas.

O tempo deu solidez para os coletivos, convidando seus integrantes a estarem sempre inovando nas ações realizadas, refletindo sobre o propósito de seus trabalhos e de como se

⁵³ “CICAS – Centro Independente de Cultura Alternativa e Social, é um projeto cultural realizado em um espaço abandonado que, a partir de março de 2007, começou a ser revitalizado e em seguida utilizado por jovens produtores culturais da zona norte da cidade, com o intuito de torná-lo um centro de cultura diferenciado, trazendo novos conceitos de gestão, organização e realização de suas atividades, num caráter colaborativo e participativo, criando uma vasta rede de grupos culturais.” (Disponível em: <<http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/espaco/51/>>. Acesso em: 5 abr 2018.

manterem ativos. Os mais antigos foram se reinventando e colocaram em prática algumas estratégias para se manterem ativos, como é possível verificar nos exemplos a seguir.

A vocalista e idealizadora da banda Útero Punk precisou abrir mão do seu ideal, o de ter um grupo de *Punk Rock* formado somente por mulheres, para garantir a continuidade da banda. Diante da dificuldade para encontrar mulheres que concordassem com as letras de suas músicas, Tais passou a aceitar músicos do sexo masculino: “foi quando eu dei o braço a torcer e tive que começar a aceitar músicos homens na banda”. Além disso, ela também precisou lidar com a censura recebida das próprias mulheres em relação às letras de suas músicas: “a Útero, hoje, é uma banda que menina gosta de ouvir, mas no começo todas as meninas odiavam a Útero. Por causa das coisas que a gente fala nas músicas, né?” (Tais, 27 anos, Útero Punk).

A renovação das ações realizadas e o incentivo e investimento nos projetos individuais foram estratégias criada para evitar que o grupo caísse na mesmice: “a nossa relação foi sempre dessa, de procurar coisas novas, de projetos novos. Em paralelo, todo mundo tem seus projetos individuais, vamos ajudar eles nos projetos individuais. Esse fluxo ajudou a gente se manter esse tempo” (Igor, 28 anos, Literatura Suburbana).

As dificuldades interpessoais também afetam a sobrevivência dos coletivos. As idas e vindas dos integrantes e a divergências nas ações e de opiniões também compõem o cenário dos grupos.

O principal motivo para o distanciamento dos membros do coletivo são as necessidades financeiras: “o que acontece é que muitos começam a trabalhar aos finais de semana e não conseguimos nos reunir, e a pessoa deixa de vir por conta do trabalho. Infelizmente, precisamos do dinheiro e acaba sendo vilão, nesse sentido” (Marina, 27 anos, Grupo Transformar).

As desavenças no interior dos agrupamentos eram comuns e nem sempre terminavam em consenso ou eram remediadas. Quando isso acontecia, poderia implicar a saída de algum membro ou até mesmo na dissolução do coletivo. Por exemplo, os integrantes do Correspondência Poética tiveram de lidar com uma situação delicada, a qual não foi possível contornar: uma das integrantes começou a “vender” um dos projetos do coletivo sem envolver o restante dos membros. “Em 2012, ela começou a fazer umas coisas que a gente não concordava muito. Ela pegava um projeto que eu tinha escrito, desenvolvia, vendia e não falava para gente” (André 30 anos, Correspondência Poética). A solução encontrada foi o desligamento dela, pois não havia mais confiança.

O coletivo Apuama teve um período de existência bem curto: um ano. Conforme relatou Maira, o que impediu sua continuidade foram dificuldades de relacionamento entre as

integrantes: “uma das meninas não conseguia conversar e discutir, um problema dela, aí a gente terminou” (Maira, 30 anos, coletivo Apuama). Mesmo um coletivo com longa duração pode terminar diante da divergência de opiniões; foi o que ocorreu com o grupo de teatro Reversa Companhia, encerrado após cinco anos, em meados de 2016:

Já estávamos nesse projeto de poesia urbana e fomos identificando divergências primordiais, tanto no pensamento do que é coletivo quanto do que é o trabalho. A Rê, muito legitimamente, com muito amor, levantou uma questão que ela não acreditava no que o coletivo estava propondo como mudança e olhar social. Ela não acredita nisso e saiu do projeto. (Larissa, 25 anos, Reserva Companhia)

Fatores externos também podem acabar com os agrupamentos, como ocorreu com o coletivo 132 que, em 2011, foi vítima da especulação imobiliária crescente na região da Vila Mariana. A essência do grupo era a casa alugada cujos moradores, todos grafiteiros, transformaram em residência artística. O proprietário vendeu a casa, assim como outros imóveis da mesma rua foram vendidos, para que fosse construído um prédio. Diante dessa realidade, o coletivo com sua formação e nomeação inicial chegou ao fim. No entanto, alguns integrantes, entre eles Vinicius, jovem participante da pesquisa, colocaram em prática o “sonho” de abrir uma galeria de Arte de Rua. Assim o fizeram, convidaram outras pessoas e em uma casa alugada no bairro da Vila Madalena nasceu a A7MA. Em 2015, ano em que a entrevista foi realizada, a galeria contava com cinco sócios, sete artistas exclusivos e patenteados e mais trinta artistas parceiros.

Os jovens, ao agirem coletivamente, desejavam modificar a vida das outras pessoas levando informação, conscientização e cultura, mas a pergunta que fica é: como participar dos coletivos afetou suas vidas?

3.3 “SÓ AFETA QUANDO EXISTE O AFETO”

Ao participar dos coletivos, um duplo movimento era realizado por seus membros: afetar e se deixar afetar. O verbo afetar assim como o substantivo afeto derivam da palavra em Latim *affectio*, “relação, disposição, estado temporário, amor, atração”, cuja raiz é *afficere*, “fazer algo, agir sobre, manejar, fazer”. É no sentido de “agir sobre” que o verbo afetar foi utilizado na pesquisa. Identificou-se um duplo movimento de ação: os jovens, através do coletivo, desejavam agir sobre a realidade em que viviam e o grupo agia sobre suas vidas, afetando-as de modos diversos. O afeto, contudo, também precisava estar presente, como respondeu Rogério ao ser questionado sobre como o coletivo influenciou sua vida: “está

associada a essa questão do afeto, porque só afeta quando existe o afeto, se é uma pessoa que não tem o afeto, ela pode fazer qualquer coisa que não vai te afetar. Primeiro me afetou dando-me afeto” (Rogério, 30 anos, Cine Campinho).

Os modos como os jovens foram afetados pela participação nos coletivos estão intimamente relacionados ao trabalho que eles, enquanto indivíduos, realizam sobre si. Em suas narrativas trouxeram à tona a maneira como o coletivo afetou suas “gramáticas”, agindo de modo indireto, por vezes direto, nas principais dimensões formadoras do indivíduo – suporte, identidade e respeito –, conforme conceituou Danilo Martuccelli (2007b).

A forma como a participação nos coletivos afetou as vidas dos integrantes dos grupos foi objeto de reflexão durante a realização das entrevistas. Os jovens mostravam-se surpresos quando lhes indagava sobre o assunto: “Nossa! Parar para pensar, não sei se eu pensei, mas mudou muito” (Igor, 28 anos, Literatura Suburbana). Estar no coletivo e atuar coletivamente configurava-se em um momento de trabalho sobre si, de troca de experiência, de produção de conhecimento e de cultura.

Para alguns, a participação nos coletivos permitiu intensificar o trabalho que realizavam sobre si mesmos, evidenciando o poder de suas agências (GIDDENS, 2013). Para Iara e Igor, o grupo lhes mostrou o seu potencial para atuar na sociedade e a visão sobre eles mesmos: “Eu me vejo uma outra mulher. Hoje eu consigo ver que posso ser efetiva em outros papéis, posso ser muito mais forte do que eu era antes e ter outras posições” (Iara, 21 anos, Nós Madalenas); “Então, acho que mudou nesse sentido de eu pensar enquanto ser humano, um ser ativo, que pode influenciar as coisas. Acho que isso é o mais interessante assim. E também a forma de ver as coisas, entender que dá para gente ser, né? Fazer outras coisas” (Igor, 28 anos, Literatura Suburbana). A ação coletiva revelou para Iara e Igor que eles são capazes de intervir no mundo de outro modo, que são agentes na sociedade e que a ação exercida sobre ela tem capacidade de transformar, de criar a diferença em um estado de coisas já preexistentes (GIDDENS, 2013).

Nessa mesma direção, de se ver enquanto indivíduo contribuinte para o espaço coletivo, Amélia também se sensibilizou. Participar do Na Rego trouxe a ela segurança para se posicionar nas situações coletivas. Como seus companheiros do grupo tinham “personalidade forte”, era necessário que ela também se posicionasse, o que lhe trouxe maturidade e reverberou para outras situações, mas principalmente permitiu reconhecer sua contribuição nas ações em grupo: “Essa coisa da dinâmica em coletivo, eu acho que me trouxe essa maturidade de saber lidar melhor em situações coletivas. [...] De aprender que o que eu tenho para oferecer também é relevante coletivamente” (Amélia, 23 anos, Na Rego).

A convivência entre os integrantes, o compartilhamento dos mesmos ideais e o apoio necessário encontrado nos pares para enfrentar os desafios impostos pela vida transformaram o grupo em um suporte. Segundo Danilo Martuccelli (2007b), trata-se de um conjunto variado de elementos, materiais ou imateriais, tecidos por meio das relações com os pares e consigo mesmo, que passa pela internalização das situações e das práticas, por meio das quais “el individuo se tiene porque es tenido, y es tenido porque él se tiene, dentro de la vida social” (p. 63).

Alguns jovens identificavam no coletivo um suporte, no qual projetavam um ambiente familiar idealizado, em que se sentiam acolhidos. Tulipa começou a frequentar as oficinas oferecidas pela companhia Treme Terra no Ponto de Cultura Afrobase por incentivo de seu pai, frequentador do espaço cultural: “A gente fala que o Treme Terra, que o Afrobase, é um Quilombo Urbano. Que é um espaço de formação, de um apoiar o outro, isso tudo é uma família mesmo” (Tulipa, 24 anos, Treme Terra). Quando começou a frequentar as oficinas, Tulipa mantinha uma relação difícil com seu pai, pois havia voltado a morar com ele fazia pouco tempo. No Treme Terra, ela se sentia acolhida. É essa dimensão do acolhimento que levava os jovens a enxergar nos coletivos o meio familiar em cujos membros podiam se apoiar.

Pedro, do coletivo Paulisséia, também utilizou a expressão família para explicar o modo como o grupo havia afetado sua vida: “O coletivo é a minha vida, a gente formou uma família. Eu não sei como expressar isso, mas acho que foi uma família mesmo. A gente não só faz o coletivo como a gente vive o coletivo” (Pedro, 28 anos, Paulisséia). O fato de “viver o coletivo” cotidianamente, colocando os integrantes em contato constante, criava vínculos entre eles comparados aos laços familiares.

Os elos de amizade se estreitaram de tal forma para Shaira que ela não conseguia conceber a sua vida longe das mulheres do grupo Nós, Mulheres da Periferia: “Hoje eu não consigo me ver sem elas, assim, tipo, como pessoas mesmo, sabe? Como troca, como amigas, como um suporte de vida. Não só no trabalho que a gente construiu juntas, mas na relação que a gente construiu” (Shaira, 27 anos, Nós Mulheres da Periferia).

Com a banda Útero Punk, Tais conseguiu lidar com as marcas de abuso sexual sofrido na infância e depois na juventude, quando foi vítima de uma tentativa de estupro ao voltar para casa depois do trabalho. A banda era a sua vida e foi com a música que ela conseguiu abordar essa questão: “É a minha vida! Depois de tudo que eu passei, tem muita gente que fala que eu deveria ter feito terapia. A minha terapia foi a banda. Foi um jeito de jogar tudo para fora, me ajudou demais” (Tais, 27 anos, Útero Punk).

A música para Tais foi a maneira encontrada por ela para expressar a sua percepção acerca da política, das relações amorosas, sexuais e sociais. Um modo, como pontuou Reguillo (2000), de responder à sua experiência subjetiva do mundo, a partir do lugar social em que estava. A música era, portanto, o veículo pelo qual ela estabelecia diálogo entre dois mundos, o interior e o exterior; e expressava os valores que construiu a respeito deles.

O grupo também é um espaço de sociabilidade, definida por Georg Simmel como a “forma lúdica da sociação”. A sociabilidade é, portanto, o modo pelo qual os indivíduos estabelecem uma unidade cujo intuito é satisfazer seus interesses. Segundo Simmel (2006), o ponto fundamental não é o objetivo pelo qual o grupo foi criado, mas o prazer imbuído na própria união social dos indivíduos. A sociabilidade está presente nos diferentes espaços, como em “irmandades de sangue, comunidades religiosas, bandos de bandidos, reuniões econômicas”, pois “todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da sociedade enquanto tal” (SIMMEL, 2006, p. 64). É nesse sentido que Carlos, frequentador assíduo do Sarau do Burro, encontrou ali um espaço de sociabilidade, em um momento de sua vida de indecisão e desilusão:

Teve uma época da minha vida que eu estava tão encrustado, assim, indeciso com meu trabalho, com as minhas coisas, de não saber o que fazer mesmo. Estava desiludido com a arte, até com a pedagogia mesmo, o Burro era o único lugar onde eu ia, ouvia uns poemas, via as pessoas, conversava com as pessoas, como que estava e sociabilizava, então era um dos lugares de sociabilizar, sabe? Sair daquela coisa do seu mundinho e trocar. (Carlos, 29 anos, Sarau do Burro)

Quatro jovens narraram que a participação nos coletivos os afetou na construção de suas identidades, fossem elas raciais ou de pertencimento a uma determinada classe social. Segundo Martuccelli (2007b), a identidade é o resultado de um trabalho contínuo realizado pelo indivíduo. Ela não está dada, é construída como resultado de uma mediação entre diferentes registros culturais e sociais.

Tulipa e João, ambos integrantes da Cia de Arte Negra Treme Terra, relataram ter aprofundado o contato com a cultura afro-brasileira, por meio de leituras e discussões realizadas para a elaboração dos espetáculos. Para João, a convivência com os demais membros o levou a se aproximar da sua história: “Foi de fazer eu me reconhecer a partir da minha história, na questão de revigorar mesmo as minhas raízes, porque talvez, por onde eu passei, não teve essa coisa de bater na tecla de é ‘a cultura popular afro-brasileira’” (João, 28 anos, Treme Terra). João é oriundo de camada popular, nasceu e cresceu na região do Rio Pequeno. Começou a frequentar as oficinas ministradas pelo grupo Treme Terra, no Ponto de Cultura Afrobases, após

ter saído da Fundação Casa. Começou como aluno, foi convidado a integrar a Companhia de Dança, até que começou a ministrar oficinas de percussão.

Tulipa, ao participar do Treme Terra, também se aproximou da discussão sobre as questões raciais. Embora desde cedo ela tivesse tido contato com a questão indígena e racial, devido ao trabalho realizado pela sua mãe antropóloga e por ser filha de um senegalês, foi na companhia de dança que ela tomou consciência de que ela também fazia parte dessa discussão: “foi no Treme Terra que eu comecei a me ver dentro disso, né? [...] foi quando eu deixei de alisar o cabelo, comecei a entender porque que eu alisava o cabelo. Fui começar a entender como que é esse processo histórico de construção do racismo no Brasil, essas opressões” (Tulipa, 24 anos, Treme Terra).

O coletivo Periferia em Movimento também proporcionou a Tomas o que ele denominou de “resgate” identitário. Quando questionado se o coletivo afetou sua vida, ele respondeu enfaticamente: “Nossa, completamente! Afetou e continua afetando porque me possibilitou conhecer coisas. O Periferia em Movimento permite que eu resgate essa minha identidade, principalmente a partir de 2012, então de entender de fato quem eu sou” (Tomas, 28 anos, Periferia em Movimento). Antes ele tinha vontade de mudar de bairro, mas a pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso, que originou o coletivo, o levou a conhecer a realidade em que vivia e passasse a querer mudar o bairro onde morava.

Integrar-se a um coletivo também os levou a ter consciência crítica em relação aos problemas sociais, concebendo-os de modo mais amplo, não mais restrito à sua realidade, como relatou Bento, do Arte Maloqueira: “afetou em tudo, porque foi a partir daí que comecei a ter uma visão mais ampla da cidade, das questões culturais” (Bento, 25 anos, Arte Maloqueira). Para Rogério, do Cine Campinho, as discussões suscitadas pelas exposições dos filmes chamaram a sua atenção para questões da vida cotidiana, como a fragilidade a qual jovens moradores de periferia, como ele, estão expostos:

Você começa a ficar mais sensível para algumas questões humanas, para algumas questões do dia a dia. Então acho que me afetou de forma positiva no sentido de que, como nós que somos jovens, moradores de uma região desfavorável, desprovida de recursos financeiros e materiais, nós também estamos sujeitos a sofrer uma morte violenta na mão da polícia, nós sofremos esse assédio por conta do poder paralelo, que se fortalece na ausência do poder público. (Rogério, 30 anos, Cine Campinho)

No trabalho realizado sobre si mesmos na construção de suas identidades, os jovens articularam suas histórias pessoais à tradição social e cultural, uma vez que a identidade não pode ser reduzida a uma classe, a uma comunidade, a um sexo, a uma geração. É ela quem

garante, por sua estabilidade e sua semelhança com os demais, o sentimento de pertencimento social. A identidade marca o que é único a partir do que é compartilhado. Por um lado, “aparece como muito coletiva para ser pessoal e, de outro lado, aparece como estranhamente vazia de todo conteúdo coletivo porque resulta, desde que vista de perto, em manifestações bem singulares” (MARTUCCELLI, 2007b, p. 354).

A participação nos coletivos afetou os jovens também na dimensão do respeito. Segundo Martuccelli (2007b), o respeito opera nos regimes de interação social. Na sociedade moderna, dois regimes estão presentes. O primeiro é o igualitário, no qual opera a ficção democrática, articulador de igualdade e liberdade como princípios fundadores da vida moderna. Nesse regime, o substrato particular é abandonado frente o universal. A confirmação social do indivíduo passa pelo respeito que lhes é devido enquanto cidadãos de direitos.

O segundo regime, diferencialista, é caracterizado pela crescente necessidade e expressão de uma diferença e reconhecimento dela. Para Danilo Martuccelli, estamos em uma nova idade que se ancora em torno das demandas de reconhecimento. Nesse regime, trata-se de confirmar a própria singularidade pelos demais, de poder sempre e em todos os momentos reconhecer seu próprio valor.

Para cinco jovens, participar dos coletivos permitiu a eles conquistarem respeito e reconhecimento, dimensões importantes para a constituição de si. O reconhecimento trazido pelo coletivo os afetou profundamente, sendo tomados por um sentimento de valorização que outrora não sentiam. O enaltecimento está presente em diversos aspectos, como, por exemplo, nas relações familiares. Para Valter, o coletivo Muros que Gritam exerceu um papel importante na compreensão de sua produção como arte por parte de sua família, que não era apenas um passatempo: “Eu diria para você que mudou significativamente, assim, tudo! Tanto a minha relação pessoal com a minha família, aceitação da minha mãe pelo que eu produzo, então. Antes ela via como uma coisa que ‘ah vai pintar o sete’, hoje ela já pergunta ‘você vai grafitar onde? Você vai agir onde?’” (Valter, 28 anos, Muros que Gritam).

“Me colocou no mundo”, foi assim que Igor expressou o modo como foi afetado pelo coletivo Literatura Suburbana. Passou a ser reconhecido pelo trabalho realizado pelo grupo: “Me colocou no mundo primeiro, acho que eu colocaria esse termo, é forte, mas é isso, me colocou no mundo. Agora onde eu vou a galera me conhece, me conhece por conta do coletivo né? ” (Igor, 28 anos, Literatura Suburbana). Esse reconhecimento pelo olhar do outro também foi o modo como Carlos foi afetado pelo Sarau do Burro: “eu conheci pessoas, estava ali vivo, estava sendo visto, o meu trabalho estava sendo visto, pude mostrar meu trabalho” (Carlos, 29

anos, Sarau do Burro). E afeta principalmente quando a ação realizada se torna referência e o coletivo passa a ser requisitado para falar sobre os temas abordados em suas ações: “A gente é vista como referência para algumas coisas que eu nem imaginava. Chamam o coletivo para debater algum assunto, dar entrevista” (Eloá, 26 anos, Manifesto Crespo).

Há também o reconhecimento institucional, através de premiações, como ocorreu com Paulo, do projeto Passeando pelas Ruas: “Quando a gente recebeu o prêmio do Brasil Criativo, do Ministério da Cultura, em 2014, isso foi muito bom, deu um reconhecimento muito legal”, e com o Igor, “com o Escola da África ganhei o prêmio jovem brasileiro em 2009”.

O envolvimento dos jovens com o coletivo e com as ações empreendidas ultrapassava as horas de tempo livre, tornando-se atividade remunerada para alguns. As reuniões realizadas, necessárias para alinhar as ideias dos integrantes e pensar nas ações a serem empreendidas, os projetos desenvolvidos, em alguns casos com recursos públicos, possibilitavam o contato com o entorno em que moravam, com as instituições públicas, como escolas, centros culturais, bibliotecas, e também com o comércio do bairro. Através dos projetos, uma rede de contatos foi constituída.

Diante da nova realidade social que se formava com a participação nos coletivos juvenis, a relação estabelecida por eles com o trabalho foi afetada de modo significativo. Todavia, o envolvimento dos jovens com a área cultural, com as artes e com suas profissões, como é o caso dos jornalistas, é anterior à formação dos coletivos. Desse modo, a aspiração de trabalhar na área cultural, de ser artista e de fazer um jornalismo diferente foi potencializada pela participação no coletivo e não produzida por ele.

No processo de transição para a vida adulta, os jovens se deparam com marcadores construídos socialmente, como o término dos estudos, inserção no mercado de trabalho, constituição de um domicílio independente ao da família de origem, casamento e parentalidade, percorridos de modo não linear por eles. Os jovens foram afetados de diversas formas pelo coletivo, mas a perspectiva de futuro em relação ao trabalho, que a participação nos grupos lhes trouxe, tornou-se um grande desafio, o qual será discutido no próximo capítulo.

4. O DESAFIO DO TRABALHO

Como apresentado no segundo capítulo, a transição escola-trabalho foi o tema mais explorado pelos pesquisadores ao estudar a entrada na vida adulta. No entanto, a díade escola-trabalho não será abordada aqui, pois a escolarização não apareceu como uma questão central neste momento do percurso de vida dos jovens. Além disso, no Brasil a transição escola-trabalho não é um marcador que possa ser empregado para delimitar o trânsito para a idade adulta, pois para maioria dos jovens é um par que está presente desde a infância (SPOSITO, 2005).

É o trabalho em si um dos principais desafios vividos no processo de transição para a vida adulta. Para os jovens, as provas permeadoras do universo laboral ganharam novos contornos com a participação deles nos coletivos. Afetou-se a percepção sobre o trabalho e almejaram realizar uma atividade laboral pela qual fosse possível transformar a sua realidade e a dos seus pares. Todavia, antes de integrarem os agrupamentos juvenis, as moças e os rapazes já estavam envolvidos com o universo cultural e artístico. Desse modo, o coletivo potencializou⁵⁴ essa vivência, mostrando que era possível trabalhar com o que se gosta, apresentando o próprio grupo como um suporte para os trânsitos na esfera do trabalho.

O desafio nesse domínio era fazer o que era almejado, ou seja, a atividade laboral como terreno de realização pessoal. No entanto, essa possibilidade não se apresentava de modo semelhante para todos, uma vez que os constrangimentos sofridos e os recursos para enfrentar esse desafio são desiguais. As iniciativas deles para responder aos constrangimentos impostos serão o tema central deste capítulo, dividido em duas seções. Na primeira, de modo sucinto, serão apresentadas as credenciais educacionais dos pesquisados e a trajetória de inserção dos mesmos no mundo laboral de modo a aproximar o leitor da realidade dos jovens. Na segunda, abordar-se-á como os jovens reagem à prova do trabalho, ou seja, como efetivam-se diante dos constrangimentos suas iniciativas.

⁵⁴ Os jovens dos coletivos investigados apresentam um elemento comum. Para eles, não é a experiência de pertencimento que produz processos de ressocialização como se observa nos engajamentos políticos ou religiosos (BERGER, 1985), pois o interesse pela cultura, a valorização da autonomia e da criatividade no mundo do trabalho estão inscritos na produção social dos indivíduos na contemporaneidade.

4.1. CREDENCIAIS EDUCACIONAIS: ALCANÇADAS E ALMEJADAS

Pode-se dizer que as moças e rapazes participantes da pesquisa foram beneficiados pelas políticas voltadas para a ampliação dos anos de escolarização da população empreendidas nos últimos anos. A universalização do ensino básico, mesmo que tardia, possibilitou à parcela considerável dos jovens brasileiros concluir as etapas da educação básica, aumentando expressivamente o número de estudantes no país com idade entre 15 e 17 anos (HASENBALG, 2003; RIBEIRO; CENEVITA; BRITO, 2015).

Na mesma direção da universalização da educação básica, a ampliação das oportunidades para o ingresso no ensino superior também foi significativa nos últimos dez anos. Desse modo, à medida que os jovens concluíam o ensino médio, ingressavam no ensino superior, aumentando o número de homens e mulheres de 18 a 24 anos na condição de estudantes. Embora seja maior o grupo de jovens estudantes desta faixa etária, o trabalho é ainda o aspecto mais relevante para compreender essa parcela da população, pois o estudo e o trabalho são complementares e não excludentes, o que levou Sposito a afirmar que, no Brasil, “trabalho faz juventude” (SPOSITO, 2005; VENTURI e TORINI, 2014).

Para os jovens adultos, parcela da população com idade entre 25 e 29 anos, o trabalho passa a ter contornos mais incisivos em suas vidas. Por exemplo, em 2014, 60,1% estavam no mercado de trabalho com vínculos formais e 19,5% empregados informalmente. Nesses grupos (trabalho formal ou informal), apenas 7,8% conciliavam atividade laboral e estudos. Assim como observado nos jovens das demais faixas etárias, houve uma elevação na escolaridade alcançada, sendo que em 2014, dentre os que estudavam, 80,6% frequentavam um curso de nível superior (SPOSITO; SOUZA; SILVA, 2018).

O perfil educacional dos participantes corrobora com os dados das pesquisas acima. Entre as jovens mulheres, as mais novas ainda estavam na condição de estudantes de graduação: Amanda, 19 anos, Iara, 21 anos, e Amélia, 23 anos, cursavam audiovisual, artes visuais e licenciatura em teatro, respectivamente. Seis garotas – Shaira, Eloá, Larissa, Renata, Suzy e Marina –, com idade entre 25 e 27 anos, concluíram o ensino superior formando-se em jornalismo, designer gráfico, teatro e designer de moda. Dessas, duas estavam no mestrado em instituições públicas de ensino – Larissa, 25 anos, na Escola de Comunicação e Artes da USP, e Suzy, 26 anos, na Universidade Federal de Goiás – e uma, Marina, 27 anos, cursava sua segunda especialização. A primeira foi em cenografia e figurino na Faculdade de Belas Artes e a segunda, que concluiria no final de 2016, em Arte Educação na Faculdades Integradas

Coração de Jesus, em Santo André. Outras duas interromperam a graduação – Paula, 27 anos, que cursava duas graduações, biblioteconomia e audiovisual, devido a problemas de saúde precisou trancar os cursos e Maira, 30 anos, iniciou o curso de administração de empresas, por incentivo de seu pai logo quando concluiu a educação básica, mas não prosseguiu com os estudos. Diferente de Paula, ela não tinha interesse em voltar a estudar.

Das doze mulheres que chegaram ao ensino superior, somente cinco foram estudar em universidades públicas, as demais, sete, estudaram ou estudam em instituições privadas com bolsa de estudos: seis pelo Programa Universidade para Todos (Prouni) e uma pelo Fundo de Financiamento Estudantil (Fies)⁵⁵.

Somente uma jovem, Tais, de 27 anos, não havia ingressado no ensino superior. Quando concluiu o ensino médio fez planos, interrompidos ao descobrir estar grávida. Na ocasião – em 2008, ano em que sua filha nasceu –, Tais havia conseguido bolsa de estudos em instituição privada para cursar pedagogia. Em 2015, estava estudando e recebendo a ajuda de amigos para se preparar para o vestibular: “agora eu quero estudar, quero fazer faculdade. Eu sinto que me faltou, mesmo que eu não vá exercer, é para mim, eu quero continuar estudando. Só terminei o terceiro ano colegial. Para mim, é muito importante continuar estudando” (Tais, 27 anos, Banda Útero Punk). Tais, entre seus amigos, foi a primeira a ter filhos e desde que sua filha mais velha nasceu priorizou os cuidados e a educação dela. Em 2015, Tais havia voltado a trabalhar com registro e, desse modo, conseguiu ter uma fonte de renda fixa. Isso lhe deu novo ânimo para ela e realimentou o seu desejo de ter uma formação superior, até para ser exemplo para seus dois filhos.

Entre os rapazes apenas André, com 30 anos, estava cursando letras na modalidade de ensino a distância. Dez homens – Antônio, Artur, Caique, Lucas, Paulo, Pedro, Tomas, Tadeu, Valter e Vinicius, com idade entre 25 e 31 anos – haviam concluído o ensino superior nas seguintes áreas: artes plásticas, ciências sociais, história, gestão de políticas públicas, jornalismo, licenciatura em teatro, pedagogia e comunicação empresarial. Desses jovens, apenas três estudaram em universidades públicas.

Dos rapazes com ensino superior completo, três cursavam pós-graduação: Pedro, formado em pedagogia, estava em um curso de especialização em psicopedagogia na Faculdade Método de São Paulo; Artur, gestor de políticas públicas, havia iniciado o doutorado na Universidade Federal do ABC; e Paulo, historiador, estava no mestrado na Faculdade de

⁵⁵ O Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) é ação do Ministério da Educação que financia cursos superiores não gratuitos e com avaliação positiva no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). Fonte: <http://fiessелеcao.mec.gov.br/>. Acessado em 08/05/2018.

Arquitetura da USP. Antônio, Caique e Valter disseram ter interesse em ingressar na pós-graduação, mas ainda precisavam delinear seus projetos, pesquisar instituições de ensino e se aproximar dos professores.

Somente Rogério, 30 anos, precisou interromper a graduação. Formado no magistério, iniciou curso de psicologia em 2007 na Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP), porém em 2009 precisou trancar a matrícula, pois mesmo com bolsa de estudos de 50% não teve condições financeiras para continuar a faculdade. Em 2016 tinha planos de retomar os estudos, mas não sabia ainda em qual instituição. Seu objetivo era melhorar suas oportunidades de trabalho, para assim poder trabalhar em algum equipamento cultural, como os da rede do Serviço Social do Comércio (Sesc), ou até mesmo em algum Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA), instituições que, em sua maioria, exigem ensino superior (concluído ou cursando): “uma formação superior abre portas para diversas funções. Você pega SESC, não importa o que você está fazendo, você está fazendo. Vai pegar muito SAICAS que são associados ao Dom Bosco, você tem que estar no mínimo estudando” (Rogério, 30 anos, Cine Campinho).

O restante, cinco jovens com idade entre 25 e 29 anos, haviam concluído o ensino médio. Desse grupo, dois planejavam ingressar no ensino superior o quanto antes. Bento, 25 anos, precisou adiar por dois anos o início da faculdade por motivos de saúde na família. Quando foi entrevistado, em 2016, estava frequentando o grupo de estudos do cursinho popular Educafro e seu interesse era prestar Gestão de Políticas Públicas na USP. Segundo ele, a escolha pelo curso lhe permitiria dar continuidade ao que já realizava por meio do coletivo: “quando mandamos projeto para o VAI ou para a Secretaria de Cultura, você já está meio que trabalhando com gestão de políticas públicas” (Bento, 25 anos, Arte Maloqueira). Em sua avaliação, são poucos os moradores de periferia que estão trabalhando na gestão e há muita centralização do dinheiro. Bento queria prosseguir nos estudos em busca de realização pessoal, mas também para contribuir com a região em que morava, especializando-se profissionalmente a fim de adquirir credenciais acadêmicas para ingressar em cargos públicos mediante concursos.

João, 28 anos, também fazia planos para ingressar no ensino superior. Em julho de 2015 concluiu o ensino médio, em uma escola da rede estadual de educação, em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Queria cursar graduação em música, pois almejava ampliar os seus conhecimentos para além da música afro-brasileira e também gostaria de ensinar seus alunos: “quando eu penso na faculdade de música, penso em ter contato com outras culturas, porque com a minha cultura afro-brasileira eu me sinto bem revigorado e bem

resolvido. Mas eu quero passar por outras culturas, conhecer para agregar vocabulário e trazer para galera” (João, 28 anos, Treme Terra).

Dos 30 jovens entrevistados, somente Bento e João tiveram trajetórias escolares truncadas. Bento repetiu o quarto e o oitavo ano da educação básica e parou de estudar por seis meses no ensino médio. João interrompeu os estudos aos 13 anos, quando foi para a Fundação Casa⁵⁶. Em 2015 concluiu o ensino médio por meio da educação de jovens e adultos.

De modo geral, os jovens participantes dessa pesquisa estavam satisfeitos com as credenciais educacionais que já haviam conquistado, somente quatro aspiravam retomar os estudos em curto prazo. Mesmo para estes que planejavam ingressar no ensino superior, a educação não era um ponto nefrágico na transição para a idade adulta e, sim, o trabalho. Tanto mulheres quanto homens já haviam superado o desafio de inserção no universo laboral, que de modo resumido será abordado a seguir.

4.1.1 Inserção laboral: desafio já enfrentado

Não há dúvidas de que o desafio do trabalho acompanha o indivíduo em boa parte do seu curso de vida, ganhando novas roupagens com o avançar da idade. No entanto, é durante a juventude que o trabalho se configura como um grande desafio, pois é nessa fase da vida que os jovens são impelidos a ingressar no mundo do trabalho “pela realidade, pela necessidade ou pelo desejo” (CORROCHANO; JARDIM, 2016, p. 11).

A inserção laboral é, portanto, o primeiro desafio a ser enfrentado pelos jovens. Entre os anos 2004-2013, o cenário para a entrada no mercado de trabalho esteve favorável para a população juvenil, que se beneficiou do crescimento econômico acompanhado da crescente geração de empregos no Brasil (SABOIA, 2014). Foi nesse período que as moças e os rapazes participantes da pesquisa encararam os desafios da inserção.

Embora a Constituição Federal proíba a execução de trabalhos por menores de 16 anos, salvo na condição de aprendizes⁵⁷ a partir dos 14 anos, um número expressivo dos jovens participantes (17) começou a trabalhar precocemente. Desses, três foram impelidos a trabalhar ainda quando crianças. Paula executava trabalhos domésticos, cuidava dos irmãos e auxiliava

⁵⁶ João não se sentiu confortável para abordar, durante a entrevista, essa passagem de sua vida. Então não há detalhes do tempo que permaneceu como interno na Fundação Casa, nem com qual idade ele retomou os estudos.

⁵⁷ A Lei do Aprendiz (Lei nº 10.097/2000), juntamente com o Decreto federal nº 5.598/2005, determina que as empresas de médio a grande porte devem possuir uma porcentagem equivalente de 5% a 15% de jovens aprendizes em trabalho e/o estágio, sendo que estes demandem alguma função dentro da empresa. A carga horária de trabalho pode ser de até 6 horas e os jovens devem ser registrados conforme a CLT.

os pais no comércio da família no bairro em que moravam. Tais, também aos 7 anos, começou a ajudar sua família comercializando alguns itens: “vendia gelinho, vendia limão, vendia suco, vendia sucata na rua, no ferro-velho para ajudar dentro de casa” (Tais, 27 anos, Útero Punk). Vinicius teve sua primeira inserção laboral aos 8 anos em uma oficina mecânica. Foi seu pai quem conseguiu o trabalho; segundo ele, foi o recurso que encontrou na “ignorância dele” para “tirar ele da rua, da maloqueiragem” (Vinicius, 29 anos, Coletivo 132). Embora ele tenha sido remunerado pelo serviço prestado durante um mês, não considerou a atividade como um trabalho. Sua mãe, logo que descobriu, proibiu o pai de levá-lo à oficina.

Outros quatro jovens, Paulo, com 12 anos, Lucas e Marina, com 15 anos, foram trabalhar no comércio da família, primeiro aos finais de semana depois durante a semana. O pai de Paulo tinha uma padaria; de Lucas, um lava rápido; e da Marina, uma lanchonete e depois um pet shop. Igor com 13 anos foi trabalhar com o avô, que era pedreiro e azulejista. Enquanto para a família os adolescentes e jovens eram mão de obra barata e um modo de tê-los sempre por perto, para os rapazes e a moça uma forma de experimentação.

O restante, 13 jovens, sendo duas garotas e onze rapazes, também iniciaram o mundo laboral precocemente, com idade entre 15 e 16 anos. Pode-se dizer que, para cinco jovens, além da inserção ter sido precoce, foi também precária, pois não se adequavam a lei do aprendiz, realizando jornada de trabalho acima da permitida. Com 14 anos, Tomás trabalhou no supermercado em que seus tios trabalhavam; aos 15 anos, André trabalhou como ajudante de um artista plástico; aos 16 anos, Valter foi empregado em uma oficina de costura; e Pedro, também aos 16 anos, foi contratado pelo Mac Donald.

No entanto, a inserção precoce no mercado laboral não pode ser entendida somente na chave da precariedade, pois algumas inserções, mesmo antes dos 18 anos, são estruturantes. Os jovens anseiam em trabalhar para conquistarem independência financeira dos familiares. Esse foi o motivo que levou os demais jovens, sete, a começarem a trabalhar antes dos 18 anos. Por exemplo, Antônio aos 14 anos começou a grafitar e fez disso uma atividade remunerada, grafitando nas portas dos comércios do bairro. Hugo, aos 15 anos, foi trabalhar com conserto de computadores, que aprendeu de forma autodidata. Caique, também aos 15 anos, começou a animar festas aos finais de semana. Suzy e Amanda, quando concluíram o curso de inglês aos 16 anos, foram contratadas na escola em que estudaram para dar aulas. Vinicius, estudante de mecânica no Serviço Nacional Indústria (Senai), aos 16 anos foi aprendiz em uma indústria de metal. Rogério, aos 15 anos, entrou no antigo Centro Específico de Formação e

Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam), que concedia bolsa de estudos, o que permitiu a ele estudar e realizar os estágios necessários.

A inserção de Bento destoa dos demais. Ele morou dos 8 aos 18 anos em um Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA). O abrigo estimula os jovens de 18 anos a terem condições de se manterem sozinhos ao saírem da instituição, sendo uma das funções dos assistentes sociais e educadores auxiliá-los na busca do primeiro emprego. Sua primeira experiência profissional foi aos 15 anos como bolsista em um Programa da Secretaria Municipal de Saúde, que ele conseguiu por indicação do seu irmão mais velho, com quem morava no abrigo, que também foi agente de DST/AIDS. Aos 16 anos, quando saiu do programa, foi trabalhar na Santa Efigênia, no estoque de uma loja, por dois anos. Assim como para os demais colegas do abrigo, a inserção precoce de Bento no mercado laboral foi estruturante para a sua vida, pois lhe permitiu deixar o abrigo em condições de alugar uma casa.

No que diz respeito à questão de gênero, é necessário pontuar as diferenças entre as trajetórias de moças e rapazes participantes da pesquisa. São os jovens do sexo masculino quem mais tiveram inserção precoce, independentemente de ter sido precária ou estruturante. Geralmente, os homens são impulsionados a buscar trabalho antes das mulheres e os motivos são variados. Alguns são instigados por seus familiares, que valorizam o trabalho como fomentador de virtudes e disciplina. Outros precisam auxiliar financeiramente em suas casas. Há também razão de natureza subjetiva e pessoal, que reflete na busca dos jovens por autonomia e independência em relação aos seus pais. Desde cedo, as jovens mulheres são envolvidas nos afazeres domésticos ou de cuidados (de membros familiares mais velhos ou dos irmãos mais novos), postergando, portanto, a inserção laboral e até mesmo a sua permanência no mercado de trabalho. Dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, confirmam que são as mulheres quem mais se dedicam às atividades do lar, o que as afasta do mercado de trabalho. Em 2016, 92,1% das mulheres com idade entre 16 e 29 anos não trabalhavam nem estudavam por serem responsáveis pelo trabalho doméstico e cuidados de familiares, residentes ou não no mesmo domicílio (IBGE, 2017).

Do conjunto dos jovens entrevistados, 11 postergaram a entrada no mundo do trabalho para quando atingissem a maioridade ou ingressassem no ensino superior. Completar 18 anos é simbólico para a população jovem, seja ela das camadas populares ou da classe média. Nessa idade, as moças e rapazes se veem impelidos a procurarem uma ocupação (CORROCHANO, 2011).

Dos jovens que começaram a trabalhar após completar 18 anos, sete passaram a exercer atividade remunerada na condição de estagiários – Artur, Eloá e Tadeu – ou como bolsistas de iniciação científica aliados com estágios – Renata, Larissa, Amélia e Tulipa. Exceto Artur, Amélia e Larissa, que contavam com suporte familiar financeiro e, portanto, foi uma opção estagiar, os demais precisavam arcar com os custos para se manterem na faculdade. Outros começaram a trabalhar após a conclusão do ensino médio. Iara foi trabalhar com transporte escolar, uma espécie de assistente do motorista, que cuida da locomoção das crianças. Maira, quando terminou o ensino médio, exerceu pequenos trabalhos, como entregar panfletos e ser vendedora em lojas de tênis. Já Carlos começou a trabalhar como *office boy* em uma multinacional.

Uma característica que atravessa a trajetória de inserção dos jovens, tanto para quem começou a trabalhar antes ou depois dos 18, é a rotatividade, como observado por Corseuil *et all* (2014). Os caminhos percorridos por Shaira e Maira são exemplos dessa rotatividade: “eu trabalhei como operadora de telemarketing, trabalhei como panfleteira na rua, assistente administrativa e estou na mesma empresa há mais ou menos nove anos, que é a Gol, entrei lá como operadora de telemarketing” (Shaira, 27 anos, Nós, mulheres da periferia); “eu saí do colégio com 18, aí trabalhei de várias coisas, desde entregar panfleto até loja de tênis, essas coisas. E aí fiquei modelando e comecei a pintar na rua, no curso do Rui Amaral” (Maira, 30 anos, coletivo Apuama).

É possível fazer duas leituras do que foi descrito. A primeira avalia a rotatividade como prejudicial aos jovens, pois a entrada e a saída dos empregos tendem a diminuir a aquisição de experiência geral e específica e a falta desse acúmulo de capital pode atrapalhar futuramente o aumento da sua produtividade e do salário (CORSEUIL *et all*, *idem*). A segunda compreende essa transitoriedade como marca da experimentação e do processo dos jovens tentarem se conhecer enquanto circulam pelos trabalhos. A dimensão da provisoriedade está presente nos percursos ocupacionais dos jovens, uma vez que ao adentrarem o mundo do trabalho não o fazem com vistas a permanecerem na mesma ocupação até a velhice.

A partir dessa perspectiva, pode-se afirmar que nem a inserção precoce nem a tardia foram determinantes na aspiração do trabalho pretendido no momento do curso de vida em que estavam quando foram entrevistados. Todavia, como já enunciado, a participação nos coletivos afetou a relação dos jovens com o trabalho, potencializando o desejo em trabalhar na área cultural, como artistas, ou em dialogar com a periferia por meio de um jornalismo mais próximo da realidade presente nela. O coletivo mostrou-lhes, por meio dos projetos desenvolvidos, que

era possível sobreviver trabalhando nessas áreas. A aspiração em trabalhar com o que se gosta constituía, portanto, no âmbito do trabalho, em um grande desafio para moças e rapazes.

4.2 ENTRE A ASPIRAÇÃO E A CONCRETIZAÇÃO: DESAFIO DA INDEPENDÊNCIA ECONÔMICA E POSSIBILIDADE DA REALIZAÇÃO PESSOAL

A participação nos coletivos, desenvolver uma ação com começo, meio e fim no local onde residem os jovens ou mesmo, circular pela cidade, praticando suas ideias e, ainda, recebendo recursos para tal, foi o estopim para que a aspiração em trabalhar com o que se gosta deixasse de ser algo impossível. O desafio comum enfrentado pelos jovens no momento da entrevista era trabalhar com o que almejavam.

A vontade em trabalhar naquilo que lhe traga realização pessoal não é recente. Guy Bajoiy e Abraham Franssen (1997), em pesquisa realizada com jovens belgos, identificaram entre eles novas aspirações em relação ao trabalho. Segundo os autores, na ética tradicional, o trabalho é considerado um dever moral e social, e a realização pessoal estava subordinada a ele. O que mudou, no entanto, não foi a importância do trabalho, mas a relação estabelecida com ele pelos jovens, isto é, o “trabalho é que tende a estar subordinado à realização pessoal [...]”. Não se trata de uma rejeição do trabalho, mas sim da reivindicação de um trabalho que tenha sentido para o próprio indivíduo e/ou que lhe deixe tempo para uma vida própria” (p. 83). Os jovens belgas rejeitavam o trabalho assalariado na fábrica e recusavam o trabalho alienado, buscando distanciar-se da carreira operária normal tal qual vivida por seus pais.

As moças e rapazes participantes também buscavam novos sentidos no trabalho em que almejavam realizar. Instigados pelos coletivos dos quais eram integrantes, aspiravam por uma ocupação que fizesse sentido, na qual pudessem realizar-se pessoalmente e que não fossem consumidos pelo trabalho.

Dos 30 jovens entrevistados, 26 viam na área cultural um campo profícuo de atuação profissional. Dois investiram na carreira solo de artistas, enquanto outros dois jornalistas perseguiram o sonho de praticar um jornalismo que conseguisse dialogar diretamente com a população periférica, lançando mão de recursos culturais para tal. São moças e rapazes que, de certo modo, a partir de um descontentamento com a forma hegemônica de organização da cultura, buscam caminhos mais criativos e compatíveis com as inovações culturais e tecnológicas (CANCLINI, 2012).

Com a globalização, como pontuou George Yúdice (2004), a cultura ganhou novos contornos, expandindo-se para outros setores da vida, sendo acionada para a resolução de problemas de ordem social e econômica. A cultura passa a ser entendida como um recurso capaz de diminuir as desigualdades, de impedir o desemprego e de alavancar o desenvolvimento social. A cultura deixa de “ser experimentada, valorizada ou compreendida como transcendente” (p. 28) e passa a ser acionada no dia a dia como recurso valioso para a resolução de problemas de diversas ordens.

A conexão entre cultura e desenvolvimento está presente em documentos internacionais e nacionais. Nos programas governamentais, por exemplo, são exaltadas as potencialidades da arte e das indústrias audiovisuais como fontes para: geração de empregos, dinamizar o turismo e elevar o Produto Interno Bruto dos países. No entanto, como bem pontuou Canclini (2012), diante das dívidas e de períodos de austeridade, os fundos destinados a impulsionar o desenvolvimento cultural são cortados, atrofiando a potencialidade criativa das sociedades e diminuindo o acesso e o consumo de bens culturais.

No Brasil, embora nos discursos governamentais o par cultura e desenvolvimento seja evocado, na prática os investimentos no setor cultural são poucos. Dados atuais sobre o aporte de recursos na área e o impacto sobre o Produto Interno Bruto brasileiro são praticamente inexistentes, tanto que em 2017 o Ministério da Cultura lançou dois volumes, de uma série de seis, do *Atlas econômico da cultura brasileira*⁵⁸, com informações até o ano de 2010. Em 2013, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) apresentou o Sistema de Informações de Indicadores Culturais (SIIC) 2007-2010⁵⁹. Segundo os dados divulgados, os gastos governamentais com cultura haviam alcançado apenas 0,3% das despesas da administração pública nas três esferas (federal, estadual e municipal).

Como bem observado por Livia De Tomassi (2016), a multiplicação de editais nos últimos anos possibilitou, em certa medida, que o desejo em trabalhar no campo da cultura se tornasse realidade para alguns e, principalmente, para os participantes de coletivos juvenis.

Todavia, é importante ressaltar que alguns editais possuem públicos específicos, como a Lei Rouanet, Lei Mendonça Filho, os fomentos municipais de teatro, dança e o mais recente SPCine⁶⁰. Todos voltados para profissionais da área artístico-cultural. São poucos os editais que

⁵⁸ Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/publicacoes1/-/asset_publisher/xadX3oKvTsLq/content/atlas-econômico-da-cultura-brasileira/10883>. Acesso em: 13 abril 2018.

⁵⁹ Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv65974.pdf>>. Acesso em: 13 abril 2018.

⁶⁰ Empresa de cinema e audiovisual de São Paulo, iniciativa da Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Cultura. SPCine atua como escritório de desenvolvimento, financiamento e implementação de programas e políticas para os setores de cinema, TV, games e novas mídias. Fonte: <<http://spcine.com.br/sobre/>>. Acesso em: 12 maio 2018.

contemplam projetos de coletivos juvenis não detentores de formação específica na área artística ou cultural. Embora poucos, moças e rapazes, nessa condição podem pleitear subsídios em alguns editais, como o Programa para Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) e o Programa Agente Comunitário de Cultura, criado em 2014, que visa apoiar, por meio de bolsas, indivíduos envolvidos na produção e em atividades de acesso à cultura, ambos da Prefeitura de São Paulo. No âmbito do governo estadual, o Programa de Ação Cultural (ProAC), criado em 2006, também possibilita a grupos e coletivos o desenvolvimento de suas ações. Já no âmbito federal, o Programa Cultura Viva, criado em 2004, tem como eixo principal os Pontos de Cultura, que visam valorizar e apoiar as iniciativas culturais implementadas nas regiões de menor poder aquisitivo.

Porém, as iniciativas apresentadas não são suficientes para atender à demanda crescente de grupos que surgiram nos últimos 10 anos. Na cidade de São Paulo, por exemplo, devido à pressão exercida pelos coletivos culturais, foi criada uma segunda modalidade para o Programa VAI em 2013, que permitiu selecionar projetos apresentados por quem já havia recebido o subsídio por dois anos e tivesse mais de 29 anos, restrição presente no primeiro decreto. A criação dessa modalidade atendeu em partes os anseios. Após essa conquista, diversos coletivos criaram o “Movimento pela Lei de Fomento à Cultura da Periferias”, aprovada em fins de 2016⁶¹, que visa financiar projetos culturais nas periferias da cidade por até dois anos, executados por grupos com pelo menos três anos de existência. A lei prevê a publicação anual de editais.

Em meio a essa desconexão entre discurso e o efetivo aporte de investimentos em cultura, os jovens são constrangidos a enfrentar o desafio de trabalhar e se manter na atividade laboral almejada. No mundo ideal, as moças e rapazes aspiravam fazer das ações do coletivo a sua principal fonte de renda, no entanto sabiam que essa realidade estava distante, por isso buscavam outras ocupações. Para grande parte dos entrevistados, essas atividades laborais também lhes trazia prazer, permitindo sua realização profissional.

A prova é, portanto, comum para todos os entrevistados, mas as iniciativas para enfrentá-la são diversas. Entre os 30 jovens entrevistados, não havia nenhum que conseguisse se sustentar realizando apenas as ações do coletivo, mas quatro estavam mais engajados em conseguir se manter a partir delas, embora ainda sem sucesso. Cinco trabalhavam diretamente na área cultural. Oito atuavam como arte-educadores ou ministrantes de oficinas, trabalhando em ONGs ou por programas governamentais com contratos de curta duração. Sete viam no

⁶¹ Lei nº 16.496/2016.

magistério possibilidades de ter estabilidade financeira. Por fim, dois, não participantes de nenhum coletivo, viviam como artistas e outros dois tinham trabalhos distantes da área cultural⁶². São essas as declinações para enfrentar o desafio, abordadas nos tópicos a seguir.

4.2.1 Caminhos e estratégias adotados para trabalhar com o que se almeja

Participar do coletivo ou trabalhar com o coletivo?

Como já enunciado, participar dos agrupamentos potencializou nos jovens a aspiração de fazer do grupo o seu trabalho. Mas poucos foram os jovens que de fato criaram estratégias para transformar esse anseio em realidade. Quatro deles estavam perseguindo esse sonho: Tadeu, André, Tomas e Shaira.

Os percursos seguidos foram diferentes e nenhum ainda havia conseguido transformar o coletivo em sua principal fonte de renda. Tadeu, do grupo Poetas Ambulantes, por um período curto de tempo, conseguiu fazer da poesia sua principal fonte de renda. Antes da formação do grupo ele já escrevia poesias, porém não as divulgava. Mas ao se deparar com o Sarau da Cooperifa pela primeira vez, definiu que queria “trabalhar com poesia”. Assim, deixou seu trabalho em uma agência de publicidade para escrever poesia de modo profissional, não mais como um *hobby*, e vender livros, aliando com o trabalho de realizar saraus dentro do transporte coletivo, proposta de atuação dos Poetas Ambulantes.

Eu estava fazendo MBA, e mexeu demais comigo. Eu falei: “nossa, não é possível que eu vou ficar apostando numa vida dentro de um escritório. Numa vida que não é a minha, de que eu não gosto. Sendo que aqui tem um monte de gente levando a coisa a sério mesmo e tal”. Aí eu larguei tudo, larguei o MBA, larguei... eu fiquei até o final do ano no outro emprego que eu estava, que era uma agência de publicidade. (Tadeu, 28 anos, Poetas Ambulantes)

Por dois anos Tadeu conseguiu viver esse sonho, manteve-se financeiramente da rescisão recebida ao sair da agência onde trabalhava, da venda do livro de pequenos poemas escrito por ele e com a ajuda de custo pela realização dos projetos contemplados pelo Programa

⁶² Lucas, do coletivo Revitarte, havia deixado o trabalho de produtor cultural na empresa mexicana Cinetransformer, empresa mexicana que no Brasil, pela Lei Rouanet, realiza exposições de filmes ao ar livre. Pediu demissão, pois somente ele havia ficado na equipe de produção e acabou ficando sobrecarregado. Com dificuldades para conseguir trabalho na área da cultura, começou a trabalhar como taxista no ponto de sua família. A Tais, da banda Útero Punk, depois de cinco anos sem trabalhar em uma ocupação formal, foi selecionada para trabalhar na Agência São Paulo de Desenvolvimento, como técnica no Programa de Valorização de Iniciativas Tecnológicas da prefeitura de São Paulo. Enquanto Lucas vislumbrava conseguir trabalhar na área da cultura e com projetos do Revitarte, Tais tinha plena consciência de que era impossível sobreviver somente como cantora.

VAI. Além disso, recebeu também apoio de sua mãe, com quem residia. Mas a venda dos livros não era fácil e o coletivo havia sido aprovado pelo Programa VAI por dois anos, portanto, não poderia mais concorrer.

Em 2015, foi convidado a trabalhar na área de comunicação da ONG Alfabetização Solidária (Alfasol) e, então, decidiu voltar para o mercado formal: “[...] eu vendi o livro para diretora da AlfaSol, ela viu no meu currículo que eu era formado em comunicação e perguntou se eu queria trabalhar. Aí eu falei: o emprego bateu na minha porta, acho que eu vou aceitar. Aceitei e voltei a trabalhar formalmente e tal” (Tadeu, 29 anos, Poetas Ambulantes). Contudo, ele ainda almejava viver só da poesia e tinha como estratégia trabalhar por um período na Alfasol e guardar dinheiro para se manter enquanto a venda de livros não fosse suficiente para arcar com as suas necessidades básicas.

Embora sem data certa para deixar o emprego na ONG, Tadeu não havia esmorecido dos planos e sabia da necessidade de empregar outras estratégias para além de inscrição de projetos nos editais.

Em direção oposta à de Tadeu, André, em 2015, desdobrava-se para conseguir se dedicar exclusivamente ao coletivo Correspondência Poética. Ainda que demonstrasse preocupação em como fazer para manter o coletivo atuante e essa ser a sua principal fonte de renda, ele não relatou nenhum plano de curto, médio ou longo prazo para ter estabilidade. A sobrevivência do grupo dependia principalmente da aprovação de projetos em editais:

É a partir de projetos que a gente vai pegando. É sempre projetos, não tem uma coisa fixa assim. Por exemplo, a gente ganhou agora o VAI II. Então, a gente tem ali, tudo planejado. A gente sabe, mais ou menos, o quanto vai ganhar ali do VAI [...] e, para manter o coletivo, esse ano a gente não escreveu menos do que oito projetos, não se inscreveu em menos do que oito editais. Mas acho que foi uns 12. Levamos várias bicas, óbvio, né? Mas é isso, a gente está sempre produzindo, sempre pensando “Poxa, e daqui a seis meses? O que vamos fazer?” (André, 30 anos, Correspondência Poética)

Essa dependência dos editais para garantir a manutenção do Correspondência Poética deixava André sempre na corda bamba, a ponto de eleger a busca por estabilidade no trabalho como o seu principal desafio: “manter uma regularidade no trabalho, conseguir expandi-lo de forma a ter uma estabilidade com isso. Que eu possa sentir que isso está me dando retorno, além de financeiro também uma satisfação no fazer” (André, 30 anos, Correspondência Poética). André estava prestes a se tornar pai e a responsabilidade com a chegada de uma criança em sua vida exigia essa regularidade no trabalho com o grupo.

Para além dos editais, André, por meio do coletivo, havia sido convidado para realizar trabalho com o Museu da Pessoa no projeto “Com Biblioteca”, no qual era responsável por

produzir o documentário capturando a história de vida de 16 pessoas que atuam com literatura na cidade de São Paulo. Ademais, André, por meio do coletivo, apresentou o projeto “Ensaio Poético” para a Secretaria Municipal de Cultura (SMC), que consistia em um diálogo com autores que apresentavam suas obras e recitavam poesias para ser realizado nos Centros de Educação Unificada. Eram projetos de curto prazo, portanto era preciso pensar qual seria a próxima ação.

O caminho percorrido por Tomas difere dos seus pares. Conforme seu relato, a partir de 2015 o coletivo Periferia em Movimento passa a configurar-se diferente em sua vida, pois deixa de ser o grupo do qual participa para se transformar em seu trabalho. Mas tal decisão não foi tomada sem pensar, ele e os demais integrantes estudaram com calma como poderiam fazer do coletivo o trabalho deles. Para tal, em 2012 participaram de uma formação do HUB Felloewship⁶³, voltada para empreendedores sociais criativos da periferia. Nessa formação, eles estavam em busca de entender o que era o coletivo, “se era um negócio, se o que a gente fazia podia ser um produto, um serviço. Como que a gente calculava, como que dava um preço para isso? Porque tudo tem um custo, só que a gente não sabe fazer conta, sempre fomos criados para ser empregado dos outros” (Tomas, 28 anos, Periferia em Movimento). Acreditavam no potencial do coletivo, mas precisavam encontrar formas de “não ficar dependentes do Programa VAI e nem desse sistema opressor que mata os nossos sonhos” (Tomas, 28 anos, Periferia em Movimento). A partir do curso, eles tomaram consciência de que o coletivo não era um negócio pelo qual seus integrantes teriam lucro. Tomas e os demais integrantes aspiravam prestar serviços de comunicação por meio do Periferia em Movimento, o que aconteceu nos anos seguintes.

Em 2013, o Periferia em Movimento ganhou muita visibilidade. Pelo coletivo, os integrantes realizaram coberturas de eventos em parceria com outros grupos, ministraram oficinas em diferentes locais, como Sesc, foram contratados por duas universidades (Universidade Cruzeiro do Sul e Uni-Italo) para realizar um curso de Extensão Universitária sobre “Jornalismo de Quebrada”. Concomitantemente a tudo isso, ele e outra integrante realizavam trabalhos temporários como jornalistas e todo recurso que entrava ia “para o caixa do Periferia em Movimento, que aí a gente consegue prover as despesas e cada um ter um ganho mínimo ali”⁶⁴ (Tomas, 28 anos, Periferia em Movimento).

⁶³ O Impact Hub Fellowship é um programa que proporciona recursos, conexões e acompanhamento especializado para equipes empreendedoras de negócios com impacto.

⁶⁴ Somente o coletivo Periferia em Movimento criou um caixa para o grupo. Nos demais grupos, essa prática não foi apresentada como alternativa para a manutenção financeira de seus integrantes e do próprio agrupamento.

No final do segundo semestre de 2014, Tomas e sua parceira de coletivo não precisavam mais fazer trabalhos *freelances* para se manterem, pois as ações do coletivo os sustentavam. No entanto, essa alternativa de sobrevivência não durou muito tempo. Em 2015, Tomas também se tornou agente Comunitário de Cultura, pela Secretária Municipal de Cultura e passou a receber uma bolsa, o que permitiu a ele se dedicar às ações do grupo. Com o lançamento do edital Redes e Rua, em 2014, novamente o coletivo pleiteou recursos para realizar o projeto “Repórter da Quebrada” em escolas públicas, dialogando com adolescentes, público que o coletivo não conseguia atingir por meio da internet, uma vez que o conteúdo publicado no *site* era dirigido para o público jovem e adulto.

Embora tivesse sido possível se manter financeiramente somente com as atividades realizadas pelo Periferia em Movimento por alguns meses no ano de 2015, em 2016, quando foi entrevistado, Tomas enxergava com outros olhos as possibilidades e sabia do desafio a ser enfrentado nessa forma de trabalhar, principalmente diante da crise econômica e do cenário político vivenciado pelo país – como trabalhar com o coletivo sem que se torne uma obrigação? Como impedir que a relação estabelecida com o trabalho desenvolvido não fique igual às demais ocupações?

Como que a gente aqui, desse lado, continua fazendo o nosso trabalho, mas de forma a não abraçar muito a coisa, mas continuando fazendo isso com qualidade sem se tornar uma obrigação, sabe? Porque senão acaba virando os outros tramos que eu tive e que as outras pessoas também tiveram. Que tenha um impacto e que a gente continue se realizando. Como que a gente também se viabiliza com isso? Estamos num momento de crise econômica, então tem poucos recursos aí, tanto públicos quanto privados, o que dificulta, tem uma questão política, porque essa não é uma questão só do cenário nacional, porque assim tem vários entraves que estão rolando no dia a dia assim. (Tomas, 28 anos, Periferia em Movimento)

Diante dessa realidade Tomas estava estudando como poderia regularizar o coletivo enquanto “associação”, para que futuramente pudesse ser “encaminhado por outras pessoas”. Para ele, a regularização poderia possibilitar a estabilidade do coletivo e refletia o sentimento de cansaço e seu questionamento sobre o porquê continuar na “militância”, uma vez que a escolha por trabalhar com o que gostava gerava desgaste em diferentes âmbitos da sua vida social: “é desgaste com a família, é desgaste com os amigos, mas também é desgaste na militância. Tem conflitos extremos e isso está muito cansativo, está pesando muito, sobretudo para mim, eu estou me sentindo muito cansado” (Tomas, 28 anos, Periferia em Movimento). O trabalho com o coletivo era uma militância, definida por ele como “lutar pelo o que você acredita”. A união de trabalho com militância é deveras desgastante. É um trabalho que não tem

hora para começar e nem para terminar. É preciso estar sempre em alerta para escrever notícias da realidade da “quebrada”. Por estar na linha de frente do Periferia em Movimento, a regularização do coletivo seria uma saída para que pudesse se distanciar um pouco.

Era pela via da formalização que Shaira e suas companheiras de coletivo vislumbravam dar continuidade ao Nós, mulheres da periferia e, assim, poder trabalhar com um jornalismo comprometido com as mulheres. Desse modo, ela e as demais integrantes estavam “aprendendo a gerir um negócio juntas, a ser empreendedoras juntas, a perder o medo juntas, sabe? A lidar com orçamentos, a lidar com CNPJ (que é uma coisa que a gente ainda não tem, mas que precisamos começar a pensar a ter)” (Shaira, 27 anos, Nós, mulheres da periferia). Shaira e as demais integrantes sabiam o que não queriam fazer, mas ainda estavam estudando o que seria melhor para o coletivo e enxergavam na formalização uma forma de consolidação. Enquanto estudavam os rumos que o grupo tomaria, Shaira continuava na área de comunicação da empresa de linhas aéreas Gol, na qual trabalhava há oito anos.

Os caminhos trilhados para conseguir trabalhar com o que gostam foram diferentes. Tadeu experimentou viver da venda de livros e da ajuda de custo dos editais, mas se viu impelido a voltar ao mercado formal, trabalhando como prestador de serviço na Alfasol, sem direitos trabalhistas garantidos. Mas a experiência não o desanimou e traçava planos para novamente se dedicar à poesia e à venda de livros. André, por sua vez, apostava na inscrição de projetos em editais e em programas culturais da prefeitura de São Paulo. Porém, durante a entrevista não relatou nenhum planejamento para garantir a estabilidade das ações do coletivo e, portanto, ter garantias de renda fixa. Por fim, Tomas percorreu um longo caminho para conseguir, por alguns meses, se manter somente das atividades realizadas pelo coletivo, como, por exemplo, a cobertura de eventos culturais. Contudo, ele estava reavaliando se valia ou não a pena investir na proposta de ter no coletivo a sua única fonte de renda e pensava em se distanciar das ações empreendidas. Em nenhum momento, porém, ele falou sobre acabar com o grupo, pelo contrário, pensava em institucionalizá-lo enquanto associação, para que qualquer pessoa pudesse dar continuidade. Também era por via da institucionalização que Shaira vislumbrava dar continuidade ao grupo, pois, à medida que se tornasse estável, seria possível sobreviver dos trabalhos via coletivo.

Trabalhadores da área cultural

Poucos jovens (seis para ser exata) estavam trabalhando diretamente na área da cultura. Paula, que estava com 27 anos, devido a sua trajetória profissional – trabalhou por sete anos no Museu da Imagem e do Som (MIS), depois coordenou a produção do grupo de teatro Pessoal do Faroeste, onde trabalhou de 2013 a meados de 2015 – e de militância no fórum de cultura de São Mateus, foi eleita para coordenar a Casa de Cultura de São Mateus. No que diz respeito a estabilidade, o trabalho no MIS era o que lhe dava maiores garantias, no entanto Paula optou por sair e trabalhar com uma companhia de teatro, que dependia de editais para sobreviver. Posteriormente, foi ocupar um cargo comissionado na administração pública que, com a aproximação das eleições para prefeitura, a deixaria vulnerável, uma vez que os cargos de confiança são preenchidos por meio de indicação.

Caique, formado em licenciatura em artes cênicas pela UNESP, em 2016 trabalhava como produtor cultural no coletivo Na Rego, era responsável pela parte burocrática, gerenciando os gastos do subsídio financeiro recebido pelo edital ProAC circulação de espetáculos. Além disso, realizava pequenos trabalhos de *freelancer* como iluminador, com amigos ou produtoras, que os contratava para operar e montar luz em espetáculos e shows. O trabalho como produtor era ideal para Caique, pois ele não estava em busca de um trabalho que, segundo ele, fosse rotineiro, com horário para entrar e para sair. Gostava da flexibilidade, mas sabia que estava em uma posição privilegiada, pois não precisava ajudar financeiramente sua mãe. Segundo ele, “os trabalhos são assim, um tempo corrido e um tempo com uma grade boa. Tem tempos de vacas magras e outros de vacas gordas. Eu sou “mão de vaca” e consigo guardar dinheiro para segurar os meses que não aparece nada. Não entro em desespero” (Caique, 28 anos, Banda Relampiendo).

No entanto, Caique estava em busca de realização profissional no campo artístico, em parte conquistado com o grupo musical, mas que não lhe trazia retornos financeiros. Refletindo sobre essa dificuldade de se realizar profissionalmente enquanto artista, ele se deu conta de que “fazia muita coisa ao mesmo tempo e não tinha tempo, porque em São Paulo não conseguimos focar no trabalho” (Caique, 28 anos, Banda Relampiendo). Foi então que decidiu se mudar para Natal com um grupo de amigos que, assim como ele, estavam insatisfeitos com as possibilidades oferecidas pela capital paulista no campo artístico.

Tulipa, da companhia Treme Terra, trabalhava no Ponto de Cultura Afrobase. Ao terminar a faculdade no interior do estado do Rio de Janeiro em 2015, Tulipa voltou e já

começou a trabalhar. Ocupava o cargo de produtora cultural, responsável por administrar as atividades do espaço, auxiliar na elaboração de projetos para concorrer a editais e também realizar a prestação de contas dos projetos em andamento. Em 2015, quando a entrevista foi realizada, esta era a sua principal fonte de renda. Trabalhava meio período, das 10h às 15h. Tinha dias que ficava até às 22h, pois frequentava as oficinas oferecidas no local.

Por fim, Iara, do coletivo Nos Madalenas, trabalhava na produção de um dos Programas da Pinacoteca, ia três vezes por mês ao trabalho. Entrou lá por meio de processo seletivo e tinha muito orgulho de seu trabalho. Mas o contrato estava chegando ao final, por isso, havia participado da seleção do Programa Jovem Monitor Cultural da Prefeitura de São Paulo e aguardava o resultado. Estudava artes visuais e almejava aliar com educação, ainda que não quisesse trabalhar na educação formal, pois acreditava que na escola era difícil estimular a criatividade dos alunos.

Coletivo que abre portas: trabalhadores sociais

Para além do anseio de trabalhar com o que gostavam ou conseguir sobreviver desenvolvendo as ações do próprio coletivo, os jovens não queriam realizar trabalhos que de certa forma limitassem a sua criatividade ou que formatassem seus modos de agir. Desse modo, buscavam ocupações em que poderiam manter a criatividade e serem protagonistas das ações.

A maioria da moças e rapazes trabalhava na área da educação não formal. Eram arte-educadores ou ministravam oficinas, podendo ser nomeados como trabalhadores sociais (DUBET, 2006), pois geralmente atuavam em projetos ou instituições de cunho social.

François Dubet (2006), ao tratar dos trabalhadores sociais em *O declínio da instituição*, revela o quanto o universo do trabalho social era recente, não estava a cargo de uma grande organização que articulasse “fortes identidades profissionais”, como a escola e o hospital. Segundo o autor, o trabalho social “segue sendo um universo atomizado entre várias profissões e, sobretudo, é um mundo policêntrico, disperso entre uma multidão de empregadores e de associações especializadas em função dos problemas e dos públicos aos quais se dirigem” (2006, p. 263).

Diferente da França, onde é regulamentada a profissão de arte-educadores e animadores culturais, existindo inclusive formação no ensino superior, no Brasil essas ocupações do ponto de vista formal não existem, mas na prática é grande a procura, por parte das instituições sociais de jovens, em sua maioria sem formação superior, para desempenhar essas funções.

Todavia, há um perfil valorizado pelas organizações contratantes: espera-se que os jovens sejam engajados em questões sociais, que sejam generosos e abertos para o novo, que sejam reconhecidos pelos outros e que estejam prontos. As credenciais educativas não são requisitos fundamentais, sendo a história do indivíduo e do seu meio familiar mais importante (DUBET, 2006). As moças e rapazes participantes da pesquisa preenchiam todos esses requisitos e o grande diferencial deles foi a constituição dos grupos dos quais eram integrantes.

Desse modo, o coletivo podia não ser o provedor de sustento, mas, para alguns, foi o que os levou a trabalharem como educadores sociais ou serem convidados para realizar oficinas, palestrar e workshops⁶⁵. Foi o que ocorreu com Rogério: “depois que eu comecei a desenvolver atividade no Cine Campinho, comecei também a trabalhar como educador em um Centro para Juventude” (Rogerio, 30 anos, Cine Campinho).

O Cine Campinho tornou-se um coletivo de referência em Guaianases, envolvendo-se em diversas ações em prol da melhoria da região. A visibilidade recebida pelo coletivo também refletiu em seus integrantes e para Rogério abriu portas para outras experiências profissionais como educador social, chegando a trabalhar “como educador do Programa Jovens Urbanos, que era aquela parceria Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), ITAU social e Secretaria Municipal do Trabalho” (Rogério, 30 anos, Cine Campinho). Em 2016, quando a entrevista foi realizada, ele não estava trabalhando. Sua fonte de renda era a ajuda de custo recebida pela realização dos saraus do coletivo Arte Maloqueira, integrante do programa Veia e Ventania do Sistema Municipal de Bibliotecas.

Bento, ao integrar o grupo Arte Maloqueira, conseguiu trabalho em um Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) como educador. Antes de ser educador no CCA, ele já havia trabalhado como estoquista em uma loja na Santa Efigênia, como educador em um abrigo e, em um momento de desespero, chegou a vender drogas em uma “biqueira”. Logo saiu, pois não queria ficar “vendendo veneno para a desgraça dos meus irmãos” (Bento, 25 anos, Arte Maloqueira):

Então, saí de lá e encontrei o Rogério, um amigo que conheci nos tempos do abrigo. Ele e meu irmão estavam escrevendo um projeto e me envolvi junto. Saí da biqueira e comecei a escrever o projeto junto com eles. O projeto foi aprovado pelo VAI, em 2010, e desde então estou trabalhando com cultura, com arte e como educador. A

⁶⁵ Embora os convites individuais recebidos pelos jovens para trabalhos pontuais, como proferir palestras, ministrar oficinas, realizar *workshops*, fossem resultados das ações desenvolvidas no âmbito do coletivo, a remuneração recebida não era dividida entre os integrantes. A participação nos grupos não retira a singularidade dos indivíduos, eles não se dissolvem no coletivo. Exceto para o coletivo Periferia em Movimento, no qual durante um período os integrantes mantiveram um caixa para a manutenção do grupo e das despesas individuais.

partir disso que consegui meu trabalho como educador no CCA. (Bento, 25 anos, Arte Maloqueira)

Bento trabalhava das 8h às 17h, mas seu trabalho não se resumia a essa carga horária, pois escrevia relatórios diários sobre as aulas e a elaboração das mesmas em casa. A criatividade era garantia de sucesso e o trabalho como educador exigia bastante dele: “tem que planejar as atividades, tem que dar conta deles, tem que pensar como vai dar aquela atividade. Faço artesanato, faço oficinas de dança, teatro, poesia, música” (Bento, 25 anos, Arte Maloqueira). Bento desempenhava diversas funções sem respaldo teórico, uma vez que cursou somente até o Ensino Médio, sendo a prática a sua grande aliada. Cabia a ele também estabelecer parcerias externas como, por exemplo, bibliotecas e espaços culturais, para ser possível realizar passeios com os adolescentes. No trabalho realizado por Bento sobre os outros, era ele quem cumpria as tarefas da instituição que, aparentemente, deixava isso a cargo dos educadores sociais.

Cabe aqui uma rápida reflexão sobre as instituições nas quais os jovens participantes da pesquisa trabalham: seu público-alvo são crianças, adolescentes e jovens oriundos de camadas populares, moradores das regiões periféricas cujos muitos pais as buscam como uma alternativa de contraturno escolar, uma forma de manter seus filhos longe das ruas. O fato de uma instituição contratar jovens da mesma origem social de seu público-alvo, envolvidos em atividades culturais, é uma forma de motivá-los, mostrando outras possibilidades que não sejam apenas trabalhar para o tráfico ou ser jogador de futebol. Desse modo, Rogério e Bento eram exemplos da afirmação de que outros caminhos existiam.

O coletivo Literatura Suburbana colocou Igor “no mundo”. Desde que ele deixou o seu trabalho no escritório de advocacia em 2007, a princípio para se dedicar as atividades do coletivo, ele foi adentrando o mundo da cultura, da música e da educação não formal. Trabalhou como educador no Espaço Criança Esperança, no Projeto Jovens Urbanos e chegou a trabalhar em um Centro para Crianças e Adolescentes. Igor reconhecia que os convites de trabalho recebidos por ele não estavam desligados do coletivo: “sou convidado enquanto pessoa que adquiriu experiência no coletivo, né? Então, um não é desligado do outro” (Igor, 28 anos, Literatura Suburbana). Em 2015, realizava diversos trabalhos por contratos de curta duração (no máximo de um ano), alguns ligados aos projetos do coletivo, como formação para educadores, oficinas de produção musical e educomunicação. Além disso, também tocava sua carreira de músico e seu estúdio, mantido em casa.

Também foi escolha de Eloá, do Manifesto Crespo, não ter um trabalho fixo. Além de desenvolver as atividades relativas aos projetos do coletivo, ela trabalhava como *freelancer* na

área de design gráfico e, esporadicamente, como educadora e fotógrafa. Sua vida, assim como a de Igor, estava “corrida! Eu sou *freela* e cada dia em um lugar e de um jeito diferente. Os projetos passam rápido. É um pouco difícil dar conta de organizar tudo isso. Eu sou MEI, então tenho que cuidar da parte jurídica da empresa, pagar INSS” (Eloá, 26 anos, Manifesto Crespo). Embora gostasse bastante de trabalhar de forma autônoma, ocupar-se das questões jurídicas de sua microempresa individual (MEI) ainda era um desafio para Eloá. A vantagem, segundo ela, era ter “mobilidade, poder trabalhar de casa, num clima gostoso, poder comer bem, buscar minha filha na escola às 17h e chegar no horário” (Eloá, 26 anos, Manifesto Crespo). No entanto, era preciso ter um bom planejamento financeiro, para arcar com as despesas quando estava sem trabalho: “quando eu estou num recesso, de um trabalho para o outro, tenho que ter uma reserva para isso” (Eloá, 26 anos, Manifesto Crespo).

Marina viu seu horizonte profissional modificar-se a partir do momento em que começou a participar do grupo Transformar: “na verdade, em 2010, quando comecei a participar do grupo, veio a paixão pelo figurino, a moda já não dava conta daquilo que eu sentia. Percebia que era tudo muito supérfluo, comercial, raso e no figurino eu conseguia exteriorizar melhor minha criação” (Marina, 27 anos, Grupo Transformar). Desde então, ela parou de buscar trabalho na área da moda. Enveredou para a área da arte-educação e para a realização de oficinas. E assim como Eloá e Igor, ela tinha uma vida profissional bem agitada: “Está uma correria. Estou desenvolvendo vários projetos, fazendo figurino para uma peça na Fundação Criança, em São Bernardo; trabalho no Piá; dou aula de figurino na Casa de Cultura São Mateus; e nas minhas horas vagas, que não são muitas, eu dou aulas de música” (Marina, 27 anos, Grupo Transformar). Antes de começar a trabalhar no Projeto Piá, ela havia trabalhado em um Centro para Crianças e Adolescentes, assim como Rogério, Bento e Igor.

João trabalhava como arte-educador no Ponto de Cultura Afrobases, sede da Cia. Treme Terra da qual participava, desde 2012. Ministrava oficinas de percussão em dois dias da semana e mantinha um trabalho noturno, apresentando-se com seu grupo musical em bares, trabalho este que o sustentava. João, em comparação com os demais jovens, aparentemente era estável em sua ocupação, mas as oficinas oferecidas no Ponto de Cultura dependiam de recursos governamentais para existir, o que o deixava também em uma situação de incerteza.

Amélia, do coletivo Na Rego, estava desempregada no momento em que a entrevista foi realizada⁶⁶. Seu último trabalho durou quatro meses como arte-educadora em um Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e Drogas (CAPS) da Prefeitura de São Paulo, em Pirituba. Ela

⁶⁶ Amélia foi entrevistada em julho de 2016.

se desligou desse trabalho no final de 2015, por duas razões: “Pedi a conta do CAPS no final do ano passado, porque estava sobrecarregada com o coletivo e era muito longe. Tive problemas com a própria equipe do CAPS, a forma como as pessoas entendiam algumas coisas, como se propunham a trabalhar” (Amélia, 23 anos, Na Rego). Ela podia tomar essa decisão, pois ainda não tinha grandes responsabilidades financeiras e morava com os pais. Mesmo assim, não se sentia confortável e estava em busca de uma ocupação, tendo realizado entrevista de emprego para ser recepcionista em um *hostel*.

“Manter o foco, aproveitar as oportunidades”: desafio dos trabalhadores sociais

Sem um trabalho fixo, os jovens tinham como grande desafio administrar o tempo e o dinheiro. Precisavam ficar atentos às oportunidades que surgiam, experimentando momentos de ócio e de muita turbulência. Marina foi quem melhor expressou essa dinâmica:

É meio louco, às vezes ficamos um tempo ocioso e, de repente, aparece tudo de uma vez. Já há alguns anos percebo isso. Trabalhar com arte é assim, temos que estar preparados. Tem que estar preparada. Também tem que estar disposta, porque, às vezes, aquele trabalho abre portas para outros. Depende muito, tem horas que não dá mesmo. Por exemplo, agora algumas escolas começaram a me ligar para eu dar aula de música, mas agora não dá, estou cheia. Em janeiro, quando eu estava parada, não apareceu nada. Tenho que trabalhar administrando o tempo e os valores. (Marina, 27 anos, Grupo Transformar).

Igor, por estar inserido na dinâmica de trabalhar em vários lugares e desenvolver diferentes projetos, sendo que nenhum deles era um “trabalho fixo, regado, no sentido de ter hora para entrar e para sair” (Igor, 28 anos, Literatura Suburbana), tinha uma vida muito “corrida” e

Desafio? Acho que desafio é manter o foco né? Não vou falar que é juntar dinheiro, é natural do sistema capitalista. Adquirir esses bens é meio que natural. É manter o foco, até porque, como no meu caso eu faço bastante coisa, é fácil perder o rumo. Então precisa ter foco, então o desafio é manter o foco, achar esses novos caminhos porque a gente trabalha numa economia que é criativa, que ela vai mudando, que ela não é, ela está sendo. Então o desafio para alcançar as outras coisas, uma estabilidade melhor, poder comprar casa, dar uma vida melhor para os futuros filhos, acho que é isso, manter concentração, foco, acho que esse é o maior desafio. De organização pessoal, de estar atento ao mercado, se especializar, aproveitar as oportunidades. Acho que isso é meio que uma filosofia minha, né? Se tiver oportunidade, aproveite, aproveite mesmo. Sempre quando eu pego alguma coisa, eu me agarro e vou; oportunidade vem, eu vou até o final. Então acho que é isso, quando eu falo foco, são essas coisas. Desafio é esse: continuar aproveitando essas coisas. (Igor, 28 anos, Literatura Suburbana)

Afirmar-se enquanto trabalhador do campo cultural dia após dia era um grande desafio para os jovens. Manter-se ocupados também era uma grande prova, uma vez que os trabalhos realizados eram por contrato de serviço, que podia durar de três a dez meses. Os jovens precisavam ficar sempre atentos à abertura de editais para contratação de oficinheiro da prefeitura ou do governo do estado. Outro caminho era escrever propostas de oficinas e apresentar para equipamentos culturais, como Fábricas de Cultura, Centro Cultural da Juventude e SESCOs. Aqueles que trabalhavam em Centro para Crianças e Adolescentes, Centros para Juventude e Abrigos, também não tinham garantias de estabilidade nas instituições, pois dependiam da renovação do convênio da organização com o Poder Público.

Viver em estado de alerta em relação às oportunidades de trabalho, por saber que o contrato pode ou não ser renovado, ter sempre um projeto pronto ou em mente para apresentar em diferentes lugares, não perder as inscrições nos editais, fazia com que os jovens vivessem a experiência que Danilo Martuccelli e Kathya Araujo (2011) denominaram como “inconsistência posicional”:

No centro desta experiência de inconsistência posicional está o sentimento de que tudo pode, a qualquer momento, mudar. Trata-se de uma preocupação posicional permanente, uma atitude cotidiana de inquietude que mostra uma sociedade atravessada por sentimentos plurais de instabilidade. A inconsistência posicional é uma inquietude multiforme, plural em suas fontes, geralmente constante, que dá lugar a uma atmosfera de preocupação posicional comum a um grande número de indivíduos situados em diferentes estratos sociais. (p. 168)

Magistério: saída para estabilidade financeira

Oito jovens viam na carreira do magistério a possibilidade de ter estabilidade financeira. Essa era uma forma de se resguardar da inconsistência posicional que, direta ou indiretamente, os aterrorizava. Desse conjunto, somente três já estavam trabalhando na rede pública de educação: Antônio, Pedro e Paulo.

Antônio, do coletivo Muros que Gritam, formado em Ciências Sociais, desde os 22 anos era professor da rede pública de onde ele retirava a sua principal remuneração: “Minha principal remuneração é no campo educacional, sou professor de sociologia, no ensino básico estadual, há um bom tempo, desde os 22 anos. Hoje tenho 31 anos” (Antônio, 31 anos, Muros que Gritam). Mas Antônio estava desmotivado, pois sofria “com a precarização e sucateamento da educação pelo nosso governador”. Além disso, ele acompanhou de perto a desmobilização dos professores da escola, que antes era referência de militância no campo educacional e, segundo

ele, com a troca de direção acabou se aliando às propostas da Secretaria Estadual de Educação, das quais ele discordava: “O Filomena era forte na região, as pessoas faziam acampamentos na frente da escola em busca de vagas. Hoje é uma escola normal, com uma gestão que segue a cartilha da precarização e sucateamento. Difícil se manter lá também” (Antônio, 31 anos, Muros que Gritam).

Embora o magistério lhe trouxesse estabilidade, Antônio não se via aposentando na área da educação, tinha interesse em trilhar novos caminhos profissionais:

Não me vejo aposentando na educação. Quero explorar outros campos profissionais. Vejo-me me sustentando do que eu produzo artisticamente. Sei que isso não é valorizado no Brasil, e a forma como faço também não é muito conhecida. Talvez eu tenha que, academicamente, ter uma formação melhor, me profissionalizar nessa produção artística, no desenho. Focar mais nisso, talvez. (Antônio, 31 anos, Muros que Gritam)

Mas estes não eram planos para curto prazo, pois Antônio sabia que era preciso buscar melhor formação na área. Enquanto isso, administrava o anseio em ser artista com a realidade do chão da escola.

Paulo, do grupo Passeando pelas Ruas, formou-se em História e desde 2011 também trabalhava como professor na rede estadual.

Paulo era professor em duas escolas: era efetivo em uma delas e na outra completava a carga horária. Ele sofria do mesmo problema de Antônio: a direção da escola onde era efetivo seguia a cartilha: “nessa, que eu sou efetivo, os trabalhos são engessados. Há uma pressão para você usar aquele material do estado, apostilas. Tem uma resistência muito grande por parte da direção em tentar trazer novas perspectivas para escola” (Paulo, 25 anos, Passeando pelas Ruas). Mesmo diante da pressão enfrentada por ele, Paulo dava “umas escapadas para tentar trazer outros temas transversais ao que tem dentro do currículo oficial” (Paulo, 25 anos, Passeando pelas Ruas).

Pedro, pedagogo, também era professor na rede estadual desde 2013, no entanto não era concursado: enquadrava-se na categoria de professor contratado, substituindo os professores que faltavam ou estavam afastados. Em suas palavras, “eu vivo na licença nessa escola” (Pedro, 27 anos, Coletivo Paulisséia). Ele estava aguardando a abertura de concurso para professor da rede estadual.

Valter, historiador, ao se formar, inscreveu-se para ser professor eventual na rede estadual de ensino, condição na qual permaneceu de 2012 a 2015. Desde que se formou trabalhou também com “projetos sociais”, atuando como educador. Foi educador no Programa

Jovens Urbanos e, em 2016, além de realizar as atividades do projeto Garagem Ateliê, também ministrava oficinas de arte urbana na Casa de Cultura em São Miguel. Conseguiu esse último trabalho por meio de edital de contratação de oficinairo da Prefeitura de São Paulo, que terminaria em julho de 2016. Após esse término, ele iria buscar outros lugares para dar oficinas.

Valter, contudo, estava prestes a conseguir um trabalho mais estável, pois havia passado no concurso para professor de História na rede estadual: “prestei o último concurso público, passei, só que eu não fui chamado ainda, estou aguardando a chamada” (Valter, 29 anos, Muros que Gritam).

Assim como Valter, Larissa, formada em Licenciatura em Artes, também aguardava ser chamada no concurso que prestou para a rede municipal, embora ela não gostasse da educação formal: “Prestei concurso para professor do município, amo educação, mas tenho uma crise, porque não gosto tanto da educação formal, gosto muito da educação informal” (Larissa, 25 anos, Reversa Cia). O concurso público continuava sendo uma ocupação mais duradoura e estável.

Renata, também formada em Licenciatura em Artes, estava desempregada e cogitava fazer um curso de pedagogia a distância para aumentar as suas chances de trabalhar na área da educação formal, fosse na rede pública ou na privada.

Artur, gestor de políticas públicas e estudante de doutorado na Universidade Federal do ABC, também estava em busca de estabilidade financeira. Havia enviado currículos para instituições de ensino superior privadas e aguardava retorno. Enquanto não era chamado, realizava trabalhos por contratos. No momento da entrevista, estava desempenhando o trabalho de Agente de Governo Aberto, pela Prefeitura de São Paulo, realizando formações para sociedade civil de cartografia social. Também estava como consultor em um projeto da prefeitura de mapeamento da cultura digital.

Por fim, Suzy, bolsista do CNPQ de mestrado na área de teatro pela Universidade Federal de Goiás, almejava seguir carreira acadêmica. Seus planos eram também fazer doutorado para prestar concurso em alguma universidade federal.

O concurso público continuava sendo uma ocupação mais duradoura e estável, principalmente na área da educação. Havia, portanto, vantagens e desvantagens no serviço público. A carga horária como professor permitia a eles realizarem outras atividades, em especial as relacionadas aos coletivos, durante a semana e também aos finais de semana. Gozavam também de estabilidade financeira e o que recebiam com as ações dos coletivos era complemento de renda. Como desvantagem, cotidianamente precisavam driblar as imposições

da direção das escolas em que trabalhavam, fora as dificuldades com os professores mais velhos, que nem sempre olhavam com bons olhos as propostas trazidas por eles: “às vezes existe um embate de que a gente está querendo ser transgressor, está querendo não levar em consideração a metodologia desses professores que são de mais idade” (Paulo, 25 anos, Passeando pelas Ruas).

Viver da arte, pela arte e para arte

Maira e Vinicius, grafiteiros, não pertenciam a nenhuma forma associativa no momento da entrevista e ambos tinham como ocupação profissional a arte de rua. As semelhanças entre os dois acabam aqui. Vinicius, como muitos jovens moradores de periferia, ainda em tenra idade, aos 12 anos, aproximou-se do grafite. Seu interesse sempre foi o de seguir no grafite, mas formou-se em Artes Plásticas pela Faculdade Paulista de Artes em 2007, o que lhe possibilitou por dez anos ministrar aulas de artes nas redes estadual e privada de ensino. Também trabalhou como educador no Projeto Quixote e Fundação Gol de Letra. Aos poucos, ele foi deixando esses trabalhos, pois sentia a necessidade de se dedicar para a “sua arte” (Vinicius, 29 anos, Coletivo 132).

Em 2012, com o fim do Coletivo 132, ele e outros grafiteiros abriram uma galeria de arte de rua na Vila Madalena, sem nenhum apoio privado ou público para se erguer: “nunca tivemos apoio nenhum, de órgão público ou privado. A gente vem fazendo no lombo mesmo. Não ganho um real com Galeria de Arte, na verdade, é um sonho-realidade. Trabalho muito, mas eu acredito que é um trabalho válido” (Vinicius, 29 anos, Coletivo 132). A proposta inicial da galeria era ser um local de exposição para os artistas de rua; a venda das telas não era uma prioridade, mas com os anos passou a ser uma necessidade para arcar com os custos de manutenção e aluguel do espaço.

Se a galeria não lhe trazia lucro, como ele sobrevivia? Vinicius era um dos poucos grafiteiros brasileiros que conseguia “viver da arte, pela e para”. Ele atuava em diferentes frentes para se manter: “vendo umas telas, faço uns grafites, pinto projetos para campanha de marca, já fiz comercial de TV”. Além disso, participava de exposições em galerias nacionais e internacionais. Ele foi aos poucos conquistando seu espaço, vendendo suas telas a preços modestos, como ele mesmo disse “ não quis pular etapas”. Em 2015, Vinicius estava em uma situação econômica estável, mas sabia que o trabalho com arte era muito incerto: “vou ganhando dinheiro, às vezes muito dinheiro, às vezes pouco dinheiro e às vezes nada. Então é

isso, a arte é isso. Tem meses que eu acho que eu vou ficar rico (‘nossa, vendi três telas num dia, arrebentei’). Vinicius sabia que a arte não é necessidade primária das pessoas e que, em momentos de crise econômica, as pessoas deixam de adquirir: “ninguém precisa de arte, não é uma necessidade básica”.

Maira aproximou-se do grafite por meio de uma oficina ministrada por Rui Amaral⁶⁷ em 2008. Embora tivesse o pai como inspiração, que nas horas vagas pintava telas, foi nessa oficina que despertou seu lado artístico. Seu trabalho era pintar em telas ou nas ruas. Assim como Vinicius, ela vendia telas e também era uma grafiteira reconhecida nacional e internacionalmente. Contudo, neste ponto diferente de Vinicius que já havia encontrado o valor para sua arte, essa ainda era uma questão e um grande desafio para ela, além de manter disciplina e regularidade no trabalho no ateliê:

A disciplina com certeza. E também o que me fez chorar anteontem: essa coisa da grana e de me impor no mercado. Como me impor, desse jeito que eu penso, que eu sou teimosa. Eu não vou mudar meu jeito, porque eu não vou ser feliz, entendeu? E se eu estou fazendo do jeito que estou fazendo no mínimo eu tenho que ser feliz. É o mínimo. Então como que eu vou entrar nesse mundo, ganhar minha grana, mas não me traindo, sabe? Porque tem vários trabalhos que eu nego, que eu não acredito. Agora, como eu vou fazer as pessoas acreditarem mais ainda no meu trabalho. E não me trair, sabe? Porque minhas coisas são assim, tipo, eu fiz uma estampa para marca de roupa de uma amiga minha, eu falei “quantas peças vão ter de cada um?” Trinta de cada peça, quando acabar, acabou. Porque eu gosto disso, eu gosto do único, gosto do feito com carinho, feito para você. Tela? Eu vendo tela, mas geralmente quando as pessoas me procuram eu gosto de saber, de conhecer ela. Para onde está indo. Mas é isso aí, eu acho que é o maior aprendizado, para agora, essa questão de me colocar mesmo no mercado de um jeito mais potente. (Maira, 30 anos, Coletivo Apuama)

Estes jovens, embora trabalhem com o que gostam, não estão livres de desafios; pelo contrário, a autonomia vivida implica assumir a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso de suas escolhas. Precisam administrar o tempo de trabalho, projetar o futuro e sempre se preparar para os períodos de “vacas magras”. É necessário também que se policiem para criarem uma rotina de trabalho, não deixando que o trabalho ocupe todos os espaços de suas vidas. Como observado por Livia De Tomasi (2016), em sua pesquisa sobre jovens empreendedores culturais, os jovens não fazem diferenciação entre tempos e espaços, comumente mantidos e

⁶⁷ “Artista plástico multimídia, ativista cultural, 48 anos, paulista. É um dos pioneiros do movimento do *graffiti* brasileiro, tendo um dos maiores murais na cidade de São Paulo atualmente. Trabalha com desenho animado, pintura, *webart*, instalações. Já expôs na Pinacoteca do Estado, MAC, MIS, Funarte, MASP e Paço das Artes. Participou da Trama do Gosto e de três mostras paralelas na Bienal Internacional de São Paulo. Possui trabalho no acervo do MASP. Formado pela FAAP em artes plásticas”. Fonte: <<http://www.artbr.com.br/ruiamaral/index.html>>. Acesso em: 14 abril 2018.

estudados como distintos. Para eles lazer, atividade política, lugar de moradia, arte e espaço de trabalho se misturam.

Não eram só os jovens artistas imbricados em seus processos criativos, não diferenciando os tempos e espaços. O ócio dos jovens, que se desdobravam nas atividades dos coletivos e nos seus trabalhos individuais, era preenchido pelas demandas da criatividade exigidas por essas ações. O modo como geriam o tempo de trabalho, mesmo aqueles os trabalhadores das instituições sociais, assemelha-se ao modelo artesanal, tipo ideal proposto por White Mills (1969).

Segundo Mills (1969; p.238), no artesanato

[...] o trabalho não obedece a nenhum motivo ulterior, além da fabricação do produto e dos processos de sua criação. Os detalhes do trabalho cotidiano são significativos para o trabalhador porque, em seu espírito, não estão separados do produto do trabalho. O trabalhador é livre para organizar o seu trabalho. Assim, o artesão pode aprender, e desenvolver seus conhecimentos e habilidades, trabalhando. Não há nenhuma separação entre trabalho e divertimento, trabalho e cultura. O modo de subsistência do artesão determina e impregna todo o seu modo de viver.

Ao relatarem como suas vidas estavam corridas, não o faziam em tom de queixa, havia satisfação e prazer em dedicar 24 horas do dia para a inventividade. O período de ócio, portanto, transformava-se em trabalho, como narrou Larissa, Marina e Maira:

“tempo livre mesmo não tenho, porque ser artista é muito louco. Estamos no ócio e, de repente, começamos a criar e quando vemos estamos trabalhando”. (Larissa, 25 anos, Reversa Cia.)

“Na verdade, mesmo estando em lazer é como se eu estivesse trabalhando, porque meu trabalho tem a ver com coisas que para outras pessoas parece lazer”. (Marina, 27 anos, Grupo Transformar)

“É que é complicado, o artista ele está o tempo inteiro buscando inspiração, meio que percebendo as coisas, as pessoas e questionando. Tentando inspirar o tempo todo”. (Maira, 30 anos, Coletivo Apuama)

Além disso, os círculos de amizades desses jovens giravam em torno dos coletivos, sendo comum após a realização das atividades saírem para comer algo, tomar um trago e conversarem. Nesses momentos de descontração aproveitavam para avaliar a ação realizada e programar as próximas. Portanto, não se desligavam nunca.

Outro aspecto a ser destacado é o fato de a maioria dos jovens não estarem em busca de atividades laborais com o objetivo de lhes garantir uma aposentadoria segura, o que, nos dias atuais, está cada vez mais difícil de ser alcançado. Além disso, o futuro se apresenta de modo

opaco, o que torna custoso realizar projetos de médio ou longo prazos. Desse modo, os jovens, como bem observou Carmen Leccardi (2005), constroem um novo significado para o futuro, em que a ideia de estabilidade perde valor. O futuro constituiu, portanto, o espaço do devir possível. Diante da incerteza, os jovens vivem o presente e estão atentos as potencialidades contidas nele.

O desafio comum das moças e rapazes, no âmbito laboral, era conseguir trabalhar com o que almejavam, isto é, na área cultural ou como jornalistas da “quebrada” ou seguirem a carreira de artistas. A participação no coletivo potencializou a aspiração dos jovens e, como apresentado acima, as provas se declinavam de modos diferentes e os indivíduos elaboraram estratégias diversas para enfrentar os constrangimentos.

Deixar de ser um simples participante e transformar o coletivo em uma atividade remunerada ainda não havia se configurado em realidade para eles. Desse modo, os jovens buscavam meios para garantirem a independência econômica, realizando trabalhos que permitissem colocar em prática o seu lado criativo, atuando como trabalhadores sociais, ministrando oficinas e inscrevendo projetos do coletivo em editais, já outros viam no magistério possibilidade de estabilidade laboral.

Aliado ao desafio do trabalho estava a prova da independência pessoal, isto é, para além de terem autonomia e arcarem com seus gastos, os jovens desejavam constituir um domicílio independente ao de seus pais. Esse será o tema do próximo capítulo.

5. INDEPENDÊNCIA E VÍNCULOS FAMILIARES: DESAFIOS MÚLTIPLOS

A população jovem de diversos países, como já identificado em outras pesquisas (REQUENA, 2002; QUILODRÁN, 2003; PAPPÁMIKAIL, 2004; PAIS, CAIRNS, PAPPÁMIKAIL, 2005; GONZÁLEZ, 2010), prolongou a permanência na casa dos pais. No Brasil não foi diferente: assim como observado na população europeia e na latina, a ampliação dos anos de escolaridade e as mudanças no mercado de trabalho contribuíram para tal adiamento. Na pesquisa que gerou esta tese de doutorado, tanto homens quanto mulheres estenderam suas trajetórias educacionais para além da conquistada pela geração anterior a deles. A permanência na residência familiar possibilitou tal conquista, pois os pais foram o principal suporte financeiro, instrumental e emocional para os jovens (PAPPÁMIKAIL, 2004).

Desse modo, moças e rapazes, no momento de realização das entrevistas, já haviam conquistado as credenciais educacionais que avaliavam, naquele momento, serem suficientes para suas vidas; enfrentavam, sobretudo, o desafio de trabalhar com o que almejavam e vivenciavam a experiência da inconsistência posicional (MARTUCCELLI e ARAUJO, 2011). O anseio de trabalhar com o que se gosta era o grande desafio a ser enfrentado no âmbito laboral.

Todavia, no processo de transição para a vida adulta, outras provas também foram identificadas; a conquista de independência em relação à família⁶⁸ de origem, por exemplo, refletida na busca de um lugar para chamar de seu, também se pronunciou como um dos desafios a ser confrontado pelos jovens. Sair da casa dos pais era fundamental para que conquistassem a independência e assumissem mais responsabilidades sobre si mesmos. Outros desafios são o da conjugalidade, na qual os jovens investiam em relações mais igualitárias com seus companheiros(as), e o da parentalidade.

A redefinição das relações familiares também é um desafio a ser enfrentado. Os jovens passam da posição de subordinação para a da autonomia e independência. Filhos podem se tornar provedores, mas também podem voltar à situação de semidependência no momento em que regressam para a casa dos pais, após a terem deixado, e percebem que o lugar não é o mesmo.

⁶⁸ Nesta pesquisa, **família** é entendida como “uma organização de pessoas com laços consanguíneos ou por afinidade, que compartilham o mesmo local de moradia, ou se sentem afetivamente ligados umas aos outros, não sendo um fenômeno natural e sim uma convenção social que varia através da história, apresentando formas e finalidades diversas, numa mesma época e lugar, de acordo com o grupo social”. (VIEIRA, RAVA, 2010, p. 122).

Na constituição de uma nova moradia, diversos trajetos podem ser percorridos e a realidade dos jovens participantes da pesquisa mostrou uma não linearidade entre eles, como já apontado em outros estudos citados (PAIS, 2001; CAMARANO *et all*, 2004, 2006; PIMENTA, 2007).

Dados quantitativos ajudam a dimensionar a realidade da população jovem no que diz respeito à posição que ocupam no interior de suas famílias. Segundo Sposito *et all* (2018), as informações da PNAD revelam alterações no tempo em que os jovens permanecem na residência dos pais. Em 2004, no Brasil, 35% dos homens e 20,1% das mulheres, com idade entre 25 e 29 anos, ocupavam a posição de filhos; em 2014 subiu para 36% e 25%, respectivamente. Em relação à maternidade⁶⁹, é entre as jovens mulheres de 25 a 29 anos que se encontra o maior número de mães, porém registrou-se uma queda: de 67,5%, em 2004, para 59,3%, em 2014 (SPOSITO *et all*, 2018).

Os dados da PNAD de 2014 assinalam que 63,2% dos jovens de 25 a 29 anos não estavam na condição de filhos em seus lares. Desse conjunto, 34,6% eram pessoas de referência e 28,7% eram cônjuges em suas famílias. Em comparação a 2004, houve redução no número de mulheres que ocupavam a posição de cônjuges, de 57,5% diminuiu para 45% em 2014. Entre os rapazes, observou-se o movimento contrário: 3,6% dos jovens declararam a condição de cônjuges em 2004, já em 2014 esse número cresceu para 11,1%.

O perfil dos jovens participantes desta pesquisa de doutorado se assemelha aos dados da PNAD. Dos 30 jovens, sete (duas mulheres e cinco rapazes) já haviam conquistado a independência pessoal em relação à família de origem e viviam com seus parceiros(as) em domicílio independente. Dos sete, uma garota e dois rapazes já tinham filhos e um estava prestes a se tornar pai.

O restante, 23, estavam solteiros e apenas seis estavam em uma relação de namoro estável, os demais não estavam em busca de relacionamentos duradouros. Do conjunto dos jovens solteiros, duas mulheres e dois homens não moravam com os pais e o principal motivo para saírem da residência familiar foi os estudos. Seis jovens (três garotos e três garotas) haviam constituído residência independente da família, mas por motivos diversos retornaram para a casa dos pais. Destes, duas garotas quando partiram do domicílio paterno constituíram uma nova família, mas haviam se separado. Uma delas teve uma filha.

⁶⁹ No questionário da PNAD não há perguntas sobre a paternidade, o que impossibilita a apreensão de informações sobre a quantidade de jovens pais.

As moças e os rapazes solteiros, mesmo os que estavam em um relacionamento amoroso, postergavam o casamento e, conseqüentemente, a parentalidade. Esse adiamento corrobora com o que Camarano *et all* (2006) afirmou ao dizer que a vida adulta está em transição.

Tanto homens quanto mulheres já haviam conquistado autonomia em relação a seus familiares, sendo, portanto, responsáveis pelas suas escolhas. François Singly (2004), chama atenção para a necessidade de distinguir os conceitos de autonomia e independência⁷⁰, que muitas vezes são confundidos no uso comum e na própria academia como equivalentes. O autor utiliza duas noções da filosofia política para apresentar a distinção entre independência e autonomia:

A independência se sustenta na concepção monadologique de Leibniz: o indivíduo não tem que prestar contas a ninguém, pois ele dispõe de recursos que o permitem evoluir de maneira independente. Defendida por Kant, a autonomia é, por sua vez, a capacidade de um indivíduo criar, ele mesmo, sua própria lei, de construir uma visão de mundo, um mundo no sentido da sociologia construtivista. (p. 261)

Para Singly, a especificidade da juventude nas sociedades contemporâneas caracteriza-se pela dissociação entre independência e autonomia. Para compreender a condição juvenil, tal dissociação é de suma importância, pois os jovens podem vivenciar certa autonomia em relação ao mundo dos adultos. Mesmo morando com seus pais, com amigos ou com companheiro de quarto, a autonomia pode ser construída, uma vez que lhe seja permitido estabelecer um mundo próprio, negociar práticas comuns com os demais moradores da casa e, até mesmo, ter um mundo pequeno, dentro do seu próprio quarto.

No entanto, a autonomia é negociada e, em muitos casos, depende materialmente ainda do mundo adulto. A independência, como apresentada por Singly, caracteriza-se pelos recursos que os atores possuem à sua disposição para não depender de ninguém. O processo de conquista da autonomia aliado à independência inicia-se no período da juventude, sendo o alicerce fundamental que permite aos jovens transitarem para a vida adulta.

A maioria dos jovens participantes da pesquisa, 19 para ser exato, ainda dependiam materialmente de seus pais. É essa busca pela independência que este capítulo explorará, enfatizando a heterogeneidade característica dos jovens da pesquisa. Alguns já haviam conquistado, outros faziam planos de curto prazo, e a maioria projetava essa condição para o futuro.

⁷⁰ Como mencionado na página 26 do capítulo 1.

5.1 CAMINHOS PERCORRIDOS RUMO À INDEPENDÊNCIA

Um lugar para chamar de seu

Dos participantes da pesquisa, onze jovens já haviam conquistado a independência em relação a seus pais. Embora esse fosse um desafio já superado, os caminhos que eles percorreram podem auxiliar na compreensão dos processos de transição para a vida adulta nos dias atuais. Além disso, uma vez conquistada a independência, novos desafios apareceram. Será apresentada aqui a experiência de nove jovens.

Há nuances nos trajetos percorridos por mulheres e homens. Quatro moças não residiam mais com seus pais. Paula, 27 anos, e Suzy, 26 anos, saíram da casa dos pais por conta dos estudos. Tais, 27 anos, e Larissa, 25 anos, foram morar com seus companheiros. As semelhanças entre as duplas terminam aqui.

Desde os 18 anos, Tais não morava mais com seus pais: “eu fiquei grávida, meu pai me colocou para fora de casa, me bateu. Aí eu fui morar com meu namorado, no quarto dele, na casa da mãe dele. E desde então a gente está junto” (Tais, 27 anos, Banda Útero Punk).

A independência de Tais não foi planejada e ela encontrou-se diante de novos desafios: iniciar uma vida a dois e responsabilizar-se por uma criança. O primeiro passo foi oficializar o casamento no civil e postergar o ingresso no ensino superior. Em seguida, passou a trabalhar para dividir as despesas da casa, incluindo o aluguel da mesma, começou a lutar para sair da casa dos sogros e, por fim, restabelecer os laços com seus pais, o que, segundo ela, “demorou bastante tempo para eles voltarem a falar com a gente. Depois que o neto nasceu, eles viram que a gente consegue andar com as próprias pernas, apesar das dificuldades. Toda aquela mágoa acabou” (Tais, 27 anos, Banda Útero Punk).

Larissa, aos 25 anos, estava em busca de sua independência. Ao concluir a faculdade, foi morar no exterior durante um tempo, no ano de 2015, uma espécie de ensaio para ficar distante da mãe super protetora. Em 2016, Larissa, que não tinha o menor interesse em se casar e declarava-se adepta do poliamor⁷¹, com um mês de relacionamento estava planejando morar junto com um dos namorados. Mudou-se para o apartamento dele, dividido com mais duas amigas, e planejavam, no segundo semestre, mudar somente os dois para um apartamento alugado. Sua decisão repentina surpreendeu a mãe e o padrasto; enquanto ele aceitou de pronto, a mãe, a princípio, rejeitou a ideia: “para minha mãe foi um sofrimento, aquela novela

⁷¹ Poliamor consiste em relacionar-se com várias pessoas simultaneamente com o consentimento e conhecimento de todos os envolvidos.

mexicana. ‘Como assim? Você nem conhece essa pessoa’. Ela sabe do poliamor e acha uma doideira, fala que minha vida não combina com isso” (Larissa, 25 anos, Reversa Companhia).

Larissa saiu da casa de seus pais, mas o desafio de tornar-se independente financeiramente permanecia, pois desde sua volta do intercâmbio não havia conseguido um trabalho fixo. Seu companheiro arcava com as despesas da casa, “compramos várias coisas para o futuro lar, esse aspecto já está resolvido, só preciso encontrar uma forma de ajudar na casa” (Larissa, 25 anos, Reversa Companhia). Ela não estava confortável com essa situação e não conseguia conceber depender de seu parceiro por um longo período de tempo.

Paula e Suzy, com vistas a cursar o ensino superior, partiram da casa dos pais. Suzy aos 18 anos decidiu mudar-se de Uberlândia/MG e foi morar com um tio em São Bernardo de Campo/SP enquanto se preparava para prestar o vestibular da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP). Mas foi somente em 2009 que se sentiu autônoma, quando ingressou na faculdade e mudou-se para um apartamento do seu pai na região do Butantã. Na nova residência, viu-se sozinha e sem outros adultos por perto que pudessem solucionar seus problemas. Precisou ficar atenta ao vencimento das contas, preparar seu próprio alimento e manter a limpeza da casa. A partir de 2010, Suzy fica totalmente independente. Começou a trabalhar, seu pai pediu o apartamento de volta e ela passou a dividir o aluguel de uma casa na Raposo Tavares com amigos. Distante do trabalho e da faculdade, ela mais uma vez mudou-se e foi morar no Bom Retiro, também de aluguel. No momento da entrevista, em 2016, ela estava morando em Goiânia/Goiás, dividia o apartamento e os custos do mesmo com sua prima e sobrevivia com bolsa de mestrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Essa era uma situação provisória, pois assim que terminasse o mestrado ela precisaria procurar uma ocupação.

Suzy namorava desde 2010 e o relacionamento estava se mantendo a distância. Eles não faziam planos de morarem juntos, porque ela tinha como prioridade estudar e seguir a vida acadêmica, que incluía ingressar no doutorado e, após, prestar concurso para docência em alguma universidade pública, postergando, desse modo, a formação de uma família.

Paula, por outro lado, não mudou de Estado e nem de cidade, mas precisou mudar de bairro. Começou a estudar no período noturno, em uma instituição de ensino superior privada localizada no Morumbi, bairro da zona sul da cidade. Ela residia com a mãe em São Mateus e a volta para a casa era uma epopeia, pois precisava cruzar a cidade, lançando mão de ônibus, trem e metrô. Porém, muitas vezes, quando chegava no terminal de ônibus, não havia mais

linhas operando para sua casa. A solução encontrada, para dar continuidade aos estudos, foi alugar uma casa no bairro Cidade Ademar na periferia da zona sul.

Desde então, Paula conquistou a sua independência em relação a mãe, que não considerava legítimo o motivo pelo qual ela havia saído de casa, tanto que, segundo Paula, “quando eu saí de casa ela me casou para os vizinhos” (Paula, 27 anos, Perifacine). A atitude de sua mãe a pegou de surpresa, pois soube por uma vizinha que a indagou como estava a vida de casada. Sem reação, não desmentiu a mãe, mas a situação a fez refletir em como para sua mãe era difícil aceitar as suas escolhas: “meu pai sempre o foi o cara que mais ‘você tem que fazer o que você quer, o que você gosta’. Minha mãe não, tem... aquela vida padronizada” (Paula, 27 anos, Perifacine).

Depois de morar na zona sul, Paula alugou um apartamento na região central de São Paulo. Em 2015, por conta do trabalho na Coordenação da Casa de Cultura, voltou a morar em São Mateus, mas não com a família. Paula sempre morou sozinha, nunca buscou alguém para dividir aluguel e as despesas da casa. Em alguns períodos, recebeu em sua casa seu pai e sua irmã.

Paula não estava namorando, na verdade ela nunca chegou a se envolver com alguém a tal ponto de chamar de namorado. Para ela, relacionar-se era complicado e ela buscava compreender o que a bloqueava nesse sentido. Uma das hipóteses era o fato de ser muito independente, o que a impedia de investir em um relacionamento mais sério. Postergava, portanto, a vida a dois, mas projetava para o futuro a maternidade e cogitava a possibilidade, caso não se envolvesse com alguém, de adoção.

Dentre os rapazes que já não residiam mais com os pais, somente Lucas seguiu o caminho do casamento. Aos 18 anos teve um filho, que estava com dez anos em 2016. Segundo Lucas, “na época ela foi morar na casa dos meus pais e depois fomos morar sozinhos. A primeira oportunidade que tivemos saímos de casa. Não é fácil ter uma família dentro de outra. Então, batalhamos para sair da casa dos meus pais” (Lucas, 28 anos, Revitarte). Comparando com a experiência vivida por Tais, observa-se que o movimento de deslocamento é o mesmo: são as moças quem deixam a casa dos pais para habitar o quarto dos rapazes. E, rapidamente, buscam constituir um domicílio independente, como diz o ditado “quem casa quer casa”.

Por razões diferentes, André, Igor, Antônio e Carlos deixaram de morar com os pais antes de dividirem a casa com suas companheiras. Aos 15 anos, André foi morar em uma república. Sua família e ele vieram de Alagoas para São Paulo, trilhando o caminho “típico de retirante”. Primeiro veio seu pai e depois sua mãe. Porém, por conta de alguns contratempos,

seus pais tiveram que voltar para o Nordeste e ele decidiu que não voltaria: “eu tinha acabado de conhecer a galera da Trópis⁷², comecei a fazer teatro, então eu falei que não ia. Tinha 15 anos, descolei um trampo, fui trabalhar com o Mario Lupo e o Ralf deixou que eu ficasse na Trópis, porque tinha uma república” (André, 30 anos, Correspondência Poética).

André, de 2002 a meados de 2005, junto com a Associação Trópis para o Desenvolvimento Cultural e Social, mudou-se para a Baixada Santista (litoral de São Paulo). Ao regressar, passou a dividir o aluguel de uma casa com amigos no bairro Monte Azul, zona sul de São Paulo. De 2009 a 2011, dividiu casa com uma companheira, de quem se separou e voltou a morar com amigos. Em 2012, ele começou a namorar sua atual parceira e, em meados de 2013, decidiu morar com ela. No segundo semestre de 2015, nasceu o filho deles. O casal se conheceu nos saraus a que frequentavam.

Igor, que morava com a mãe, antes de completar 18 anos sentiu necessidade de ir morar em outra casa, por uma questão de espaço: “eu precisava disso, porque era muita gente, nós éramos em seis. A gente sempre morou em casa pequena. Era muito junto. Na verdade, eu não fui morar sozinho, fui morar eu e a minha irmã. E aí ela casou e eu fiquei sozinho”. Ele e a irmã recebiam ajuda financeira da mãe, mas depois que conseguiu seu primeiro trabalho com carteira registrada passou a arcar com todas as despesas, cortando os laços de dependência que ainda o unia a sua mãe. Igor morou sozinho por alguns anos e, em 2014, casou-se.

Carlos era um nômade, morou com a mãe e a avó em Guarulhos, depois com a mãe e o padrasto no Tatuapé, em São Paulo. Aos 23 anos, foi morar com os amigos em uma residência artística no Sumaré por três anos. Como sempre dormia na casa dos amigos, não foi surpresa para mãe quando decidiu ir morar com eles. Com o fim da residência, voltou a morar com a sua avó até que ele e sua companheira decidiram morar juntos.

Desse grupo de jovens, Antônio foi o que mais demorou para sair de casa. Morou com a mãe em uma casa em Ermelino Matarazzo até os 29 anos, quando decidiu morar sozinho. O processo de saída foi “natural”, como ele relatou: “eu já tinha certa vivência fora dessa questão do lar. Ela foi mãe solteira e mostrou que tínhamos que nos mexer também. Então, praticamente foi bem natural a saída, no sentido de não forçosa, de eu ter que ir. Tive vários indícios, mas nada imposto por ela” (Antônio, 31 anos, Muros que Gritam).

⁷² Associação Trópis para o Desenvolvimento Cultural e Social, localizada no bairro Monte Azul, zona sul da cidade. Foi idealizada pelo educador Ralf Rickli.

5.2 ENTRE A ASPIRAÇÃO E A CONCRETIZAÇÃO: A BUSCA PELA INDEPENDÊNCIA DOMICILIAR

A permanência prolongada no domicílio parental impele pais e filhos a negociarem novos espaços de autonomia e independência (PAPPÁMIKAIL, 2004). Todavia, chega um momento em que as negociações já não são suficientes para garantir a estadia na casa paterna. Além disso, os marcos construídos socialmente para definir se a pessoa é ou não adulta também estão presentes no imaginário dos jovens, sendo a constituição de um domicílio independente um dos indicadores da transição plena para a vida adulta. Apoiados nessa construção social, os jovens alimentavam a aspiração de sair da casa dos pais como forma de ter plena independência deles.

O processo de transição da residência da família de origem para a formação de uma habitação independente não é algo que ocorre em um curto período de tempo. Segundo Joaquim Casal *et all* (2011), a transição familiar compreende de dois a três últimos anos de permanência com a família de origem até dois ou três anos de continuidade em uma posição social domiciliar definida. Apoiando-se nesta perspectiva, pode-se dizer que as moças e rapazes estavam no processo de planejamento dessa independência.

Desse modo, os jovens apresentaram gradações nas formas como respondiam o desafio da busca por independência, que, para alguns, se traduzia na constituição de um novo domicílio. Dois jovens apresentaram planos de curto prazo, a maioria, 15, planejavam a longo prazo e dois, por ligações emocionais e financeiras, assumiam a posição de chefes em suas famílias. Tais nuances serão trabalhadas nos tópicos a seguir, além dos motivos para a saída e as relações estabelecidas com as famílias de origem.

A independência não pode esperar

Paulo, jovem de 25 anos, desde 2013, ano de conclusão da faculdade, planejava sair da casa dos pais. Ele era quem estava mais próximo de concretizar o projeto de independência. Em maio de 2016, data de realização da entrevista, Paulo havia visitado alguns apartamentos e estava prestes a fechar contrato. Inicialmente iria morar sozinho e buscaria algum colega para dividir o aluguel. Ele não podia mais esperar. Há três anos ele ensaiava sair da casa dos pais, mas avaliava que era cômodo financeiramente morar com eles e havia também a pressão familiar para que não saísse: “eu também estava bem, não vou negar” (Paulo, 25 anos, Passeando pelas Ruas).

Após três anos de ensaio, sua vida amorosa começou a tomar novos rumos e lhe deu motivos suficientes para concretizar seu projeto. Era em busca de assumir a sua sexualidade que Paulo queria sair da residência de seus pais. De família evangélica, sentia que era um tabu ainda discutir a sua orientação sexual com seus familiares:

Você quer a liberdade também para você poder se construir enquanto pessoa, enquanto o ser cidadão, você quer colocar as suas questões de ideologia em prática. Às vezes na minha família tenho uma liberdade muito grande para poder falar o que eu quero e tudo mais, mas não para questão sexual, que é onde há a barragem com a minha pessoa, pelo fato de que eu sou gay. Então talvez esse assunto não venha a ter uma boa dinâmica em casa, apesar de acreditar que todo mundo já sabe, mas não foi falado por mim, entendeu? (Paulo, 25 anos, Passeando pelas Ruas)

Além de almejar liberdade para assumir a sua orientação sexual, Paulo também buscava ter tranquilidade para estudar. Estava no mestrado, tinha interesse em dar continuidade aos estudos por meio do doutorado e, por mais que a casa em que morava fosse espaçosa, não atendia às suas necessidades de silêncio: “apesar da minha casa ser grande, tem eu e mais cinco irmãos. Ainda que o pessoal já seja grande e, basicamente até as sete da noite só minha mãe e minha avó fiquem em casa, ainda assim eu não consigo produzir, pois eu não tenho privacidade, essa é a real”. Paulo dividia o quarto com seu irmão mais novo, o que restringia a sua privacidade e silêncio. Ele contribuía financeiramente em casa, pagando algumas contas e ajudando a mãe quando faltava dinheiro para pagar algo.

Valter, assim como Paulo, ansiava por mudar-se. Morava com a mãe e irmã em uma casa própria em Ermelino Matarazzo, zona leste. Na casa, um dormitório só para ele estava disponível, onde sua privacidade estava preservada. Porém, ele desejava sair da casa da mãe, sabia que seria um novo desafio, mas estava disposto a ter que se responsabilizar pela organização da casa, pelo pagamento das contas, entre outras motivações:

Eu tenho muita vontade de ir para um espaço só meu, ter essa autonomia e liberdade no sentido de buscar esse novo desafio, né? Que é morar sozinho e ter as minhas coisas, a minha organização, saber me virar, me preocupar com a conta que eu vou ter que pagar e com isso e com aquilo que eu não vou poder fazer mais, porque conta disso ou daquilo. Então eu penso muito assim. Eu já pensei várias vezes, e até hoje o que me prende um pouco é essa minha questão financeira meio incerta, mas ao mesmo tempo é o que eu mais quero: tentar ter o meu espaço e poder fazer as minhas coisas mais tranquilamente. (Valter, 29 anos, Muros que Gritam)

Por não estar trabalhando em algo que lhe garantisse uma renda fixa, Valter estava sem contribuir para o pagamento das despesas do lar. O fato de depender financeiramente de sua mãe não era uma situação confortável para ele: “uma coisa que me pega muito e que eu me cobro muito, da crise que eu te falei, é o fato de eu estar esse tempo sem trabalhar, assim, sabe?

Então, ela é ainda quem tem segurado algumas pontas, no sentido de me ajudar financeiramente mesmo” (Valter, 29 anos, Muros que Gritam).

O principal empecilho para que saísse da casa da mãe era a falta de estabilidade financeira, mas seus planos eram de curto prazo, pois ele e sua namorada, com quem estava há quatro meses, planejavam dividir o aluguel de um imóvel assim que ele conseguisse um trabalho, algo que não estava longe, pois aguardava ser chamado no concurso de professor da rede estadual.

Por motivos diferentes, Paulo e Valter foram os únicos que colocaram a constituição de um domicílio como prioridade. Os demais, embora ansiassem pela independência, elegeram outras prioridades, postergando a saída da residência familiar.

Independência almejada versus prioridades

Cinco moças e quatro rapazes estavam adiando a partida da casa dos pais. Havia um empecilho comum a todos: a falta de recursos financeiros. Todavia, uma combinação de outros fatores também contribuía para que prolongassem a estadia no domicílio familiar.

Para Tadeu, a casa da mãe já não comportava mais o seu mundo: “não tem pressão nenhuma, minha mãe até preferia que eu ficasse. Mas já deu, preciso do meu espaço. É mais por uma questão de espaço de querer sair. Porque, assim, o meu mundo já está muito maior do que aquele quarto e eu não consigo mais ficar ali” (Tadeu, 29 anos, Poetas Ambulantes).

Tadeu morava com a mãe e a irmã mais nova em um apartamento próprio em Interlagos, bairro da zona sul da cidade. Ajudava financeiramente em casa, com uma contribuição mensal de R\$ 500,00, que entregava para a mãe. Mesmo ganhando seu próprio dinheiro, o que lhe possibilitava contribuir com as despesas da casa, Tadeu não se considerava independente por ainda morar com a mãe: sair de casa era o que faltava para ele se ver independente.

Porém, Tadeu havia elencado prioridades: “quero sair de casa, mas uma coisa ou outra, então a princípio o plano é juntar dinheiro e concentrar esforços nos meus projetos culturais, para quando sair conseguir me estabilizar” (Tadeu, 29 anos, Poetas Ambulantes). O desafio de trabalhar com o que almejava era, portanto, a sua prioridade e ciente de que a área cultural, em especial a cena da literatura marginal, era incerta, não podia arriscar sair da casa da mãe antes de ter condições mínimas para se manter.

A opção de trabalhar com o que gostava, aliada a outros fatores, também dificultava os planos de Tomas para constituir um domicílio independente. Morava com os pais e a irmã em

uma casa própria na zona sul. Segundo ele, já há algum tempo desejava sair da casa dos pais, mas o fato de não ter uma renda fixa o deixava temeroso: “eu vou fazer 29 anos, só que continuo morando com os meus pais e, assim, há algum tempo eu já quero sair de casa, só que eu não consigo porque tem esse dilema de não ter um salário” (Tomas, 28 anos, Periferia em Movimento).

Para Tomas, ter um trabalho fixo era uma imposição da sociedade, mas ainda assim a falta dessa condição acabava dificultando a sua saída: “a gente é educado para ser empregado, para ter carteira assinada e tudo mais, e isso é importante, uma conquista” (Tomas, 28 anos, Periferia em Movimento). Desse modo, ele esbarrava em sua escolha profissional, a de trabalhar com um jornalismo diferente, na “quebrada”, carregando consigo o sentimento de que não tinha o direito de errar: “mas tem isso quando você vai criar alguma coisa, assim, ou empreender, como o Ferrez⁷³ diz, ‘a gente não tem direito de errar’” (Tomas, 28 anos, Periferia em Movimento).

Além desses constrangimentos sociais que Tomas trouxe em sua fala, em sua avaliação, era cômodo morar com seus pais, pois o eximia de ter que responsabilizar-se pelas demandas de organização da casa, já que alguém sempre faria isso para ele. Contudo, por ainda morar com os pais, ele precisava dar satisfação sobre suas ações:

Ah, morar com os meus pais é bom, é cômodo. É bastante cômodo! Porque de certa forma você sabe que vai chegar lá e vai ter alguém em casa, então sempre vai ter alguém em casa para conversar, trocar ideia e mesmo não falar nada e brigar também, né? Então, se você não fez aquilo que deveria ser feito, vai ter outra pessoa para fazer, que vai desde varrer a casa, lavar a louça, fazer comida, até lembrar de pagar conta. Sempre dá para reorganizar as responsabilidades. Por outro lado, é ruim porque é isso, né? Tenho quase 29 anos, daqui a pouco faço 30 e vira e mexe ainda tenho que ficar dando satisfação, sabe? Do que estou fazendo, para onde eu estou indo.

Ele ponderou que o comodismo era de ambas as partes: para os pais, era bom que os filhos ainda morassem com eles, pois eram o muro de arrimo da família: “se escorando na gente para justificar os conflitos entre eles próprios, que são conflitos da relação deles. Então a gente acaba tendo que ficar sendo testemunha, advogado e juiz. De certa forma a gente também se escora neles em certos pontos” (Tomas, 28 anos, Periferia em Movimento). Havia, portanto, uma relação de dependência emocional por parte dos pais e material por parte dele.

⁷³ “Ferréz, nome artístico de Reginaldo Ferreira da Silva (São Paulo, 1975), é um romancista, contista, poeta e empreendedor. É ligado à corrente considerada literatura marginal por ser desenvolvida na periferia das grandes cidades e tratar de temas relacionados a este universo.” (Fonte: <<https://www.ferrezescritor.com.br/bio>>. Acesso em: 28 abril 2018).

Hugo também postergava a saída da residência da família de origem. Além de alegar dificuldades financeiras, havia também um segundo fator: a viuvez da mãe. Com o falecimento de seu pai, ficou mais difícil levar adiante os planos para sair de casa. Hugo reside em São Bernardo do Campo com a mãe e a irmã em uma casa própria. Seus trabalhos com teatro estão em São Paulo. Em 2013, quando começou a trabalhar como produtor na Cia. Pessoal do Faroeste no bairro do Bom Retiro, ele ensaiou mudar-se de casa:

Eu já ameacei fazer isso, na época que eu trabalhava na Faroeste, que era lá na Luz. Eu falava: “não tem condições de ficar vindo para cá”. Daí eu falava e minha mãe ficava meio assim e dizia “você vai morar lá sozinho?”. Aí eu voltava e fazia a viagem para vê-la. Chegava podre e falava: “mãe, faz uma marmita”, só para ela fazer, lavar minha roupa... Para ela, já é o máximo, entendeu? Eu fico meio assim por conta disso, por conta de ter que sair de lá, porque acho que minha mãe vai sentir e também por causa da minha irmã, que vai ficar sozinha com minha mãe. Ah! Mas uma hora vamos ter que sair. (Hugo, 26 anos, Núcleo Macabéa)

Hugo traz em sua fala argumentos de sua mãe: “você vai morar lá sozinho?”. Partir de casa para constituir um domicílio independente, sem a formação de uma nova família, não é visto com bons olhos pelos pais. Van de Velde (2008) observou esse comportamento nas famílias espanholas, onde os pais consideravam uma traição afetiva se seus filhos fossem morar sozinhos.

Todavia, essa relação com os pais pode ser analisada pela perspectiva das obrigações morais e fidelidades éticas (MARTUCCLELLI, 2006), em que os indivíduos são impelidos a pagar uma dívida com os seus pais. A leitura também pode ser realizada na chave de retribuição dos cuidados recebidos, que está carregado de emoções positivas, prazer. Aliados aos princípios de fidelidade, os jovens também buscam o seu lugar, que os leva à indecisão entre ficar e sair de casa.

Para Pedro, 28 anos, as obrigações morais e a fidelidade para com seus pais falaram mais alto e ele não fazia planos de independência domiciliar. Ele morava em uma casa de três cômodos com os pais e uma irmã em Ermelino Matarazzo, zona leste. O imóvel ficava em um terreno da família dos seus avós paternos, dividindo o quintal com outros familiares. Pedro não tinha privacidade, pois todos compartilhavam o mesmo dormitório: “É um quarto para família toda, minha mãe, meu pai, minha irmã” (Pedro, 28 anos, Coletivo Paulisséia).

Diante da situação em que vivia, Pedro não se imaginava indo morar sem os pais. Desejava muito mudar de casa para que pudesse viver em melhores condições: “Sim, só que eu levo minha família junto comigo. De sair do ambiente que é o quintal, de ter a nossa casa própria” (Pedro, 28 anos, Coletivo Paulisséia). Seus pais eram bem idosos, sua mãe sempre foi

dona de casa e o pai era serralheiro, mas não estava mais trabalhando. Ele e a irmã sustentavam a casa. A posição que ocupava de mantenedor era uma das razões para que Pedro não se visse constituindo um domicílio independente da sua família de origem. O processo de transição para a vida adulta, bem como sua independência, ocorria à medida que assumia as responsabilidades pelos cuidados de seus pais. Pedro ia ocupando o lugar de chefe de família em sua residência.

Entre as jovens mulheres, apenas Iara, 21 anos, na época da entrevista demonstrou com maior ênfase os princípios de fidelidade. Ela não tinha empecilhos que a fizessem ponderar sobre sair ou não de casa, era ela mesma quem não conseguia se ver longe dos familiares, da mãe em especial. Ela nutria em si o sentimento de que precisava fazer algo pela mãe “não é questão de que eu preciso dela para fazer algo para mim, mas que eu preciso fazer alguma coisa por ela” (Iara, 21 anos, Nós Madalenas). Tal sentimento nasceu após o falecimento do pai, “se meu pai tivesse vivo eu não ia pensar assim”; a partir desse momento, ela passou a dividir o mesmo dormitório com a mãe e, desde então, ela não conseguia imaginar deixar a mãe dormir sozinha todos os dias.

Embora nutrisse esse sentimento, Iara projetava para o futuro a sua independência pessoal e também domiciliar, almejava ter um lugar para chamar de seu, pois poderia organizá-lo do seu jeito: “eu sou louca para ter o meu espaço, do jeito que eu quero, assim, para ter a pia no lugar que eu quero. Se eu quero uma pia no teto eu vou ter, assim uma coisa que eu não tenho em casa” (Iara, 21 anos, Nós Madalenas). Além disso, ponderava que morar longe dos familiares seria um grande aprendizado “para ter essa vida individual, de eu fazer as minhas coisas [...] Aprender a ter outras responsabilidades que eu ainda não tenho. E eu acho que todo mundo precisa disso um pouco” (Iara, 21 anos, Nós Madalenas).

Amanda, 19 anos, e Amélia, 23 anos, também aspiravam ter controle da dinâmica da casa. Embora fossem respeitadas em sua autonomia, no direito de ir e vir, só o dormitório não era suficiente. Queriam se apropriar da residência como um todo, criar a própria rotina e decidir sobre o cotidiano.

Amélia morava com os pais em um imóvel próprio no bairro de Santana, zona norte. Logo quando iniciou a faculdade queria muito mudar-se, mas avaliou que naquele momento esse anseio era fruto de “rebeldia”. Com o passar dos anos e a constante melhora no relacionamento com os pais, ela passou a avaliar que para conseguir se desenvolver pessoalmente era preciso estar em uma situação que permitisse a ela ter independência pessoal plena:

Eu me sinto espremida ali dentro e para eu conseguir me desenvolver mais preciso estar em outra situação, que me permita andar para frente. É muito mais nesse sentido. Nos primeiros anos da faculdade era uma rebeldia de querer fazer o que eu queria, mas hoje é nesse outro sentido, de desenvolvimento pessoal. Estar na casa deles ainda é um problema. Há muito tempo eu quero ter um lugar onde eu tomo todas as decisões, decidir dinâmicas da casa. Por exemplo, eu sou alienada de grande parte do processo que envolve a manutenção da minha sobrevivência e isso me incomoda muito. Ainda que eu ache difícil eu quero ter noção de como é trabalhar para conseguir o dinheiro que compra a minha comida, que faz a comida, que paga minhas contas. Eu até tento me esforçar, mas minha mãe é muito dominadora desse espaço. (Amélia, 23 anos, Na Rego)

Amélia, embora estivesse concluindo a universidade no final de 2016, não estava empregada. Seus planos eram alçar voos maiores, queria mudar-se de Estado, morar em alguma cidade na região nordeste do país. Com o valor do edital do Programa Ação Cultural, que receberia pela circulação do espetáculo pelo interior, ela planejava viajar pelo nordeste a fim de encontrar uma cidade com a qual se identificasse para, então, iniciar nova vida.

Amanda, assim como Amélia, tinha uma condição de vida mais favorável: morava com os pais em uma casa na Vila Andrade, zona sul da cidade. Seu envolvimento com as atividades domésticas era praticamente nulo e desejava ter maior controle dessa rotina, pois esperava que essa dinâmica a ajudaria a “ter mais disciplina” e “humildade”. Acreditava também que morar longe dos pais lhe ajudaria a aprender mais sobre a vida: “tenho vontade de sair de casa e espero que em breve. Quero ter independência doméstica, porque eu não lavo minhas roupas, por exemplo. Acho que vai me ensinar a ter mais disciplina, mais humildade. Queria passar perrengues na vida para aprender certas coisas” (Amanda, 19 anos, Cine da Quebrada).

A conquista da independência financeira e domiciliar teria que esperar, pois Amanda estava na faculdade e pagava 25% da mensalidade com seu salário de estagiária, o que não lhe possibilitava arcar com os custos de um aluguel naquele momento. Enquanto isso, permaneceria na residência paterna.

Com vistas a ter um espaço maior para trabalhar e guardar seus pertences, Marina também planejava, a longo prazo, sair da casa dos pais, imóvel próprio em São Mateus: “Tenho vontade de ter um espaço, um ateliê, porque aqui tenho só uma salinha. Tenho vontade de ter uma casa, mas isso depende do fator dinheiro, então ainda vai demorar um pouco. Não tenho tanta pressa, mas, ao mesmo tempo, tenho um grande anseio” (Marina, 27 anos, Grupo Transformar).

Shaira também declarou ter vontade de sair da casa dos pais, mas não estava com pressa. O motivo que a levava a adiar a sua saída era bem realista, pois para ela não fazia sentido sair da casa dos pais para morar de aluguel no centro de São Paulo, movimento que a maioria de

suas amigas gostariam de fazer: “eu tenho algumas amigas que estão nessa. ‘Ah! Vamos morar juntas, vamos alugar alguma coisa aqui em São Paulo’. Para mim, não faz sentido, sair da minha casa para pagar aluguel, eu posso ficar no meu bairro mesmo” (Shaira, 27 anos, Nós Mulheres da Periferia). Sua casa ficava no Jardim Miriam, bairro que faz divisa com Diadema; mesmo estando distante do centro, ela só via sentido em sair da casa dos pais se fosse para viver uma “experiência plausível”, como mudar para outro Estado a trabalho ou para estudos. Além disso, ela tinha como prioridade estudar durante seis meses inglês em Nova York, em 2017.

Há um fator comum entre as moças, não mencionado pelos rapazes, que aumentava, dentro das gradações vistas acima, o anseio por sair da casa dos pais: elas não podiam levar os namorados para dormir em casa e, para algumas, o tema da sexualidade acabava se tornando tabu. O que se observa, portanto, é que a criação dos pais, pautada na desigualdade de gênero⁷⁴, impacta na educação dos filhos.

Marina estava em um relacionamento há quase quatro anos, mas não podia levar o namorado para dormir em casa e, durante a entrevista, pediu para que não abordássemos o tema⁷⁵. Shaira também se queixou dessa questão. Sua irmã havia casado e estava feliz em ter um quarto somente para ela, mas essa privacidade não incluía levar namorados para casa. Aliás, falar sobre sexo com sua mãe era um tabu:

A minha mãe tem muita dificuldade com a minha sexualidade, muita! Porque ela é muito moralista. Ela tem muita dificuldade com a sexualidade dela, então ela transferiu isso um pouco para a mim. Quando eu comecei a me liberar mesmo (e aí tem aquilo de mãe, né?). Tipo, tem que mentir quando você vai dormir fora, aí eu falei “ai que coisa besta”. Comecei a falar para ela: “ah, aonde você vai? Mas aonde você vai?”. Eu falei: “vou em tal lugar dormir com tal pessoa”, aí ela começou a ficar louca, desesperada. (Shaira, 27 anos, Nós Mulheres da Periferia)

Amélia e seu pai, ainda na adolescência, selaram um acordo que durava até os dias atuais: “Falo muito pouco com ele até hoje sobre as questões de namoro, é um acordo tácito. Por exemplo, não levo ninguém para minha casa, mas ao mesmo tempo vivo dormindo fora de casa” (Amélia, 23 anos, Na Rego). Iara, além do controle da mãe, era monitorada pelos irmãos. Na ocasião da entrevista não estava namorando, mas relatou um episódio vivenciado sobre a questão: “eu levava o namorado em casa, mas não tinha privacidade de ficar no quarto. Uma vez ele dormiu comigo, mas para fazer um trabalho da escola. No dia seguinte, fizeram uma

⁷⁴ Segundo a historiadora Joan Scott: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

⁷⁵Entrevista foi realizada na residência dela. A mãe e o namorado aguardavam no andar de baixo.

reunião na sala de casa: ‘Eu não acredito que você dormiu com ele. Você nunca me decepcionou tanto!’” (Iara, 21 anos, Nós Madalenas). As moças, embora não concordem com a postura dos pais, submetem-se às suas regras, experimentam limites para a conquista da autonomia no interior da família e adiam a busca pela independência.

Entre a aspiração pela independência e a sua concretização há um caminho a ser percorrido pelos jovens. Além das barreiras emocionais presentes na trajetória de algumas moças e rapazes, outros entraves também dificultavam a constituição de uma residência independente da dos pais: a falta de dinheiro aliada aos preços altos dos aluguéis deixavam o terreno desfavorável para eles. No Brasil, não há políticas de apoio aos jovens para a aquisição de moradia própria. Cientes desse desafio, a estratégia encontrada era dividir o aluguel com alguém, fosse namorado(a) ou amigos.

5.3 INDEPENDÊNCIA PESSOAL E AS NOVAS RELAÇÕES FAMILIARES

No processo de transição para a vida adulta, os jovens deparam-se com inúmeras provas diferentes durante o período da juventude. A partir da experiência de moças e rapazes participantes desta pesquisa, pode-se dizer que, para os jovens com idade entre 15-17 anos, o grande desafio é a conquista da autonomia. Com 18 anos, aumenta o anseio pela independência econômica e pessoal, que passa a ser prioridade na vida de moças e rapazes. A partir dos 25 anos, os jovens começam a desenhar planos para deixar a residência dos pais, seja para morarem sozinhos ou para constituir uma nova família.

As provas da transição acompanham os indivíduos nos diferentes momentos de suas vidas e convida-os a construir estratégias de enfrentamento. Como os processos de transição não são lineares, os desafios, outrora enfrentados, podem novamente aparecer. Entre os jovens entrevistados, vê-se que novos ninhos foram construídos e o desafio da conjugalidade se fez presente. Seis jovens tiveram seus ninhos desmanchados e foram impelidos a regressar à residência de origem. Em meio a essas provações, novas relações familiares são construídas. Esses temas serão abordados nos tópicos a seguir.

A construção de um novo ninho: desafios da conjugalidade e parentalidade

Dos 30 jovens entrevistados, cinco rapazes e duas moças dividiam casa com seus companheiros. Entre rapazes casados, Carlos era o que possuía a relação conjugal mais

conturbada. Estava com sua companheira há 11 anos. Começaram a namorar e após três anos de relacionamento se separaram. Nas idas e vindas do relacionamento, nasceu o primeiro filho. Decidiram manter a gestação, mas sem reatar o namoro. Passados alguns anos, em 2012, voltaram a namorar e decidiram morar juntos. Ela já morava em uma casa alugada em Guarulhos com o filho, então ele se mudou para lá e nasceu sua filha. A segunda gestação não foi programada: “eu estava casado mesmo, e aí ela engravidou de novo. A gente não estava esperando. Ela tomava anticoncepcional, mas aconteceu. A gente ficou meio assim, aí eu falei: ‘não vai tomar uma atitude precipitada, vamos ter a criança e já era’” (Carlos, 29 anos, Sarau do Burro).

Quando a relação começava a ficar desgastada, ele sentia que era o momento de se distanciar, isto é, ficar menos em casa. Como ele trabalhava em São Paulo, facilitava a dinâmica, pois podia dormir na casa dos amigos ou da sua mãe. Como ele explicou, “estão juntos, só não dá para morar junto” (Carlos, 29 anos, Sarau do Burro). Refletindo sobre o que dificultava morar juntos, ele tentou encontrar uma explicação:

Acho que é um choque ideológico, eu penso uma coisa e ela pensa outra. Eu encaro a vida de um jeito, ela encara de outro. Não sei se é de profissional, por exemplo, ela é esteticista, manicure, pedicure, massagista, depiladora, essas coisas, e eu me ocupo de outras coisas. Eu estou sempre voltado para arte, voltado para escrita, para pedagogia, filosofia, então eu já encaro a vida um pouco diferente. Acho que eu tenho o olhar, eu estava pensando nisso, acho que ela tem uma visão meio mundana da vida, sabe? Coisa que eu não tenho muito. Rola um choque de posturas de, por exemplo, chegar em casa e ligar a TV; era uma coisa, assim, que eu não curto. E ela leva a vida normal, não tem uma grande questão filosófica. Isso é bom porque eu aprendo a conviver, mas para mim é um choque. (Carlos, 29 anos, Sarau do Burro)

Essa divergência, nomeada de “ideológica” refletia no modo como cada um educava as crianças: enquanto Carlos prezava pelo diálogo, ela aplicava “a educação pela pedra” (Carlos, 29 anos, Sarau do Burro). Na visão dela, as crianças faziam o que queriam com ele, mas Carlos continuava investindo no diálogo com os filhos. Isso porque ele passou a entender melhor a paternidade, e começou a sair da posição do “pai ausente”: “eu estou amadurecendo, acho que agora eu consigo lidar melhor com essa situação, até de aceitar a coisa do pai, aceitar o papel do pai, que não é bem organizado na minha cabeça, aceitar a utilidade, a função, eu aprendi na prática mesmo” (Carlos, 29 anos, Sarau do Burro).

Em 2014, Igor casou-se e começou a aprender a dividir o mesmo teto com alguém: “eu fiquei oito anos morando sozinho, então tem esse processo de reacostumar, acho que foi a parte mais difícil. Já está tranquilo” (Igor, 28 anos, Literatura Suburbana). Mesmo que já tivesse acertado as arestas, ele ainda necessitava de momentos em que pudesse ficar sozinho; uma

válvula de escape era viajar: “quando eu viajo, nossa senhora, é uma felicidade. É tão bom ficar sozinho, mas é por um tempo” (Igor, 28 anos, Literatura Suburbana).

Ainda não tinham filhos, mas Igor desejava tê-los o quanto antes e já havia se encarregado de convencer a companheira: “Ela quer. Queria menos no começo do ano, aí eu fui convencendo. Que é bom, não tem jeito, ter muito velho não dá. Se já está bagunçado hoje, imagina com 20 anos, não vou acompanhar nada”. Para Igor, era importante ser pai ainda cedo para que pudesse diminuir o “conflito de gerações”. Não queria ser um pai velho sem energia para acompanhar os filhos.

A vida conjugal de Antônio era a mais recente, ele ainda estava vivenciando as dificuldades do início da vida a dois: “É treta. Mesmo sendo parecidos no pensamento, temos que conciliar a vida pessoal com a do outro, com as experiências que trazemos. Também tem a vida familiar, que a dela está lá, mas os meus ainda moram aqui no bairro” (Antônio, 31 anos. Muros que Gritam). Eles ainda estavam ajustando os ponteiros da vida a dois, sendo que os motivos para as brigas estavam ancorados na organização pessoal, aliada à coletiva

Morando sozinho, eu fazia as coisas do meio jeito. Morar com outra pessoa é uma dinâmica diferente, são duas organizações. Agora que estamos entendendo direito. Por exemplo, tomamos café e pensamos o que fazer no dia, o que cada um tem que fazer. Não é do jeito que cada um quer e na hora que bem entender. Nossas brigas sempre foram permeadas por essa questão. Tem que conciliar a profissão com a casa, o trabalho de professor e o cultural, que faço em casa, com os afazeres. Tenho o tempo artístico. Precisamos ter muito entendimento, estamos sintonizando esse diálogo. (Antônio, 31 anos. Muros que Gritam)

Antônio e sua companheira discutiram sobre a chegada dos filhos e concluíram que ainda não era o momento, devido ao envolvimento deles profissionalmente e às atividades do coletivo. Na opinião deles, para se ter um filho era preciso “canalizar a energia para ele”, além disso, ainda estavam “entendendo a vida juntos⁷⁶”.

No que diz respeito a parentalidade, a chegada dos filhos modificou a vida dos jovens, sendo sinônimo de responsabilidade, alegria e também formação de uma rede de apoio.

Para Tais, “ser mãe é uma responsabilidade muito forte”. Durante os dois primeiros anos após o nascimento de sua filha, dedicou-se plenamente aos cuidados dela. Precisou parar de trabalhar e não deu continuidade aos estudos. Após a melhora da relação entre Tais e seus pais, “comecei a levar minha filha para ter uma ligação com os avós, que eu acho extremamente importante” (Tais, 27 anos, Útero Punk). Em 2015, quando ela voltou a trabalhar, estabeleceu-

⁷⁶ A Entrevista com Antônio foi realizada em julho de 2016, em janeiro de 2017, quando enviei a transcrição da entrevista ele me retornou dizendo que seria pai.

se uma rede de suporte com o apoio de seus pais e irmã, que se prontificaram a cuidar de seus filhos após o horário da escola.

Com a chegada do filho, tanto Lucas como sua companheira adiaram a entrada no ensino superior, já que a prioridade era trabalhar para conseguir sustentar o rebento. Embora a paternidade não tenha sido programada, “é uma das melhores coisas que aconteceu na nossa vida. Na minha e na dos meus pais, que já são senhores bem de idade. Quando eu nasci eles, já eram velhos e gostaram da ideia de ter um neto” (Lucas, 28 anos, Revitarte).

O suporte dos pais, tanto financeiro quanto de disponibilidade de tempo, era fundamental para Lucas e sua esposa: “o Laerte passa muito tempo com os avós, porque temos que trabalhar. Isso é bom para os meus pais, porque eles já não têm muitas coisas e gostam de ficar com ele” (Lucas, 28 anos, Revitarte). Embora, na sua avaliação, os pais se beneficiassem com a participação ativa na criação do neto, ele também sabia que isso o tornava dependente deles: “Acho que até hoje dependo um pouco, até por causa do meu filho. Eles sempre me ajudam. Mas tento deixar o menos possível para eles. Não peço que eles me ajudem, peço que ajudem o neto deles” (Lucas, 28 anos, Revitarte).

André e sua esposa já planejavam a gravidez, mas, ao receber a notícia de que seria pai, ele ficou desconcertado: “Foi um desespero e uma felicidade misturadamente, como diria o Guimarães Rosa. Misturadamente, porque é isso, cai a realidade que você vai ser responsável por uma vida e tal” (André, 30 anos, Correspondência Poética).

Desde a criação do Coletivo Correspondência Poética, André dedicava-se ao grupo, inscrevendo projetos em editais e ministrando oficinas, o que tornava a sua vida financeira bem instável. A notícia de que seria pai lhe trazia preocupações no campo financeiro: “agora vou ser pai, não posso ficar sem grana. E essa é uma coisa que também me preocupa pra caramba” (André, 30 anos, Correspondência Poética).

A independência e a responsabilidade haviam se tornado realidade muito cedo em sua vida, mas a notícia de que se encarregaria por outra vida o tirou do eixo. Percebeu-se diante de uma nova realidade, que o levou a reestruturar a sua dinâmica de trabalho, mas sem abrir mão de seguir realizando o que almejava no campo profissional. André teve de assumir o papel de provedor, sendo capaz de cumprir financeiramente com as responsabilidades com a família (MARTUCCELLI, 2006). Por isso, precisou organizar o seu campo profissional.

Para os jovens com filhos, à medida que a responsabilidade aumentava, os desafios também cresciam. A principal prova era garantir a educação deles e, em alguns casos, a sua sobrevivência. Esse foi o principal desafio eleito por Tais:

Eu tenho um medo, cada vez mais, por causa do meu filho. Ele vai crescer dentro da periferia, ele não tem a pele bem escura, mas vai ser tão difícil para ele. Eu acho que esse é o meu maior desafio. Quero criar um filho com uma consciência bacana. Todo mundo fala: “isso não vai atingir seu filho, porque você vai dar uma boa educação”. Eu tenho medo da redução da maioridade penal. Tenho medo do meu filho ser executado dentro da quebrada. (Tais, 27 anos, Banda Útero Punk)

No que diz respeito à relação conjugal, observa-se um novo modo de vivenciar a conjugalidade entre os jovens: relações horizontais, em que homens e mulheres se responsabilizam pela dinâmica doméstica. Por exemplo, Tais relatou que, na divisão dos cuidados com a casa e com os filhos, ela e seu esposo eram grandes aliados, pois ele de fato assumiu a responsabilidade paterna. Como ele trabalhava no período da tarde/noite, era ele quem mais se dedicava às tarefas do lar e aos cuidados das crianças. Em 2015, depois de cinco anos sem trabalhar, Tais conseguiu um emprego de oito horas e, com a efetiva participação de seu companheiro, ela não sentiu a sobrecarga de trabalho. A parceria entre eles extrapolava o âmbito doméstico: enquanto Tais era a vocalista e compositora da banda Útero Punk, seu companheiro era o produtor da banda desde 2012. Nos dias de shows, a família inteira marcava presença.

Importante ressaltar a militância de Tais como jovem feminista, praticando os princípios do feminismo no seu dia a dia e não apenas nas letras de suas músicas, o que influenciou no modo como seu esposo assumiu a paternidade, envolvendo-se nos cuidados das crianças e nos afazeres domésticos. Tais afirma que seu companheiro é “um machista em desconstrução” (Tais, 27 anos, Banda Útero Punk). Ela conclui que, não apenas conquistou independência em relação a sua família, mas também se afirmou no interior da nova família construída.

Lucas e sua esposa, após dez anos de relação e morando juntos, afirmavam ter um bom relacionamento, embora tivessem um dia a dia bem desgastante, pois os dois dedicavam muitas horas ao trabalho. Durante muitos dias, a comunicação era feita apenas por aplicativos de mensagem instantânea. Dividiam-se para realizar o trabalho doméstico, e sua companheira ocupava a posição de chefe da família, já que era ela quem tinha trabalho estável. Na percepção de Lucas, invertia-se “o valor da tradicional família”. O envolvimento dele com as demandas do lar não era visto como uma ajuda: “Eu não ajudo, nós dividimos as tarefas porque a casa é minha também. E não temos vergonha nenhuma de fazer isso, é uma questão igualitária. Não é porque ela é mulher que tem que arrumar a casa e eu ficar lá de boa” (Lucas, 28 anos, Revitarte).

Em relação à atuação coletiva, um dos questionamentos levantados era se a vida conjugal e a chegada dos filhos afetariam a participação dos jovens nos grupos. Observou-se

um envolvimento das(os) cônjuges nas atividades e/ou a compreensão e respeito deles pelas atividades dos parceiros. Tati era a vocalista da banda e seu esposo o produtor. Era ele quem mais a incentivava a dar continuidade à banda, que começou a deslanchar quando ele assumiu a produção

Eu quis parar com a banda em 2012 depois da violência que eu sofri na rua. E ele: “não, agora mais do que nunca! Aí um motivo para que a banda existe. Um motivo real. Você queria uma prova que seu trabalho é importante? Está justificado agora e você vai continuar. Nós vamos continuar!”, ele falou. E ele entrou como produtor da banda no mesmo ano. Começou a fechar vários shows, palestras. Começou a abrir vários leques, porque antes era só uma banda e virou um projeto social, onde a gente ajuda outras mulheres. Já virou uma rede de mulheres que produzem cultura. Ele trouxe isso para mim. (Tais, 27 anos, Banda Útero Punk)

O meio artístico uniu Larissa ao seu companheiro. Os dois criaram um coletivo e iniciaram um projeto de poesia e teatro. Suas vidas estavam interligadas pelo coletivo: “trabalhamos juntos num dos coletivos e ele me complementa criativamente” (Larissa, 25 anos, Reversa Companhia). Foi durante uma atividade da qual participava que Igor conheceu sua companheira: “a gente se conheceu no evento, acho que foi no Reduto do Rap. O pessoal ficou me enchendo o saco para falar um negócio lá, aí eu falei, ela me viu. Estava saindo, ela foi lá, pediu meu telefone, essas coisas assim. Aí rolou!” (Igor, 28 anos, Literatura Suburbanda). Para Igor, o fato de a esposa “circular no movimento, mas não fazer parte” foi o que deu “uma combinação legal”, pois ela o apoia em suas ações e dá espaço para que ele possa trabalhar.

Antônio conheceu sua namorada em um evento de grafite. Além do grafite, eles tinham em comum a profissão, pois ela era professora, ministrava aulas de artes na rede estadual no município de Jandira e, segundo Antônio, “ela também participa dos movimentos” culturais da região de Ermelino Matarazzo. Além desse envolvimento com a questão cultural, dedicava-se à proteção dos animais, realizando resgates, o que corroborava com a opção de serem vegetarianos. Diante de tal afinidade, a participação dele no coletivo e o seu envolvimento no movimento de reivindicação da casa de cultura de Ermelino Matarazzo nunca chegou a ser uma questão no relacionamento deles.

Já Lucas e sua esposa se conheciam desde crianças. Foi no ensino médio que começaram a namorar e ela acompanhou o nascimento do coletivo Revitarte de perto. Embora não fosse uma das integrantes, ela emprestava para o coletivo sua expertise na área de marketing, auxiliando em alguns projetos.

Os jovens acima conquistaram independência e, com ela, mais responsabilidades, como a manutenção da casa, gerenciamento da vida a dois e, em alguns casos, a chegada dos filhos.

Porém, mesmo diante dessas responsabilidades, os coletivos continuaram ocupando lugar de destaque em suas vidas.

Estranhos no ninho: desafios do retorno à casa dos pais

De todos os passos a serem trilhados na transição para a vida adulta, a constituição de uma habitação independente é, sem dúvidas, o mais complexo. Mas, e quando a experiência não dá certo? Descobre-se que voltar para a casa dos pais é tão complexo quanto a saída.

Eloá, Maira, Renata, Bento, Rogério e Artur viveram essa experiência. O retorno para a casa dos pais fez com que os jovens, inicialmente, se sentissem como estranhos no ninho. A coabitação estimula a solidariedade familiar nos períodos difíceis da vida dos seus integrantes e as relações familiares, com a re-coabitação, ganham nova dinâmica (PEIXOTO; LUZ, 2007), cabendo aos jovens se integrarem às regras da família.

Eloá mudou-se de casa para viver um relacionamento a dois. Ela e o namorado alugaram uma casa, ficaram juntos por quatro anos e tiveram uma filha. A relação chegou ao final e, segundo ela, “deu muito certo, mas acho que a gente pensa bem diferente também e com o tempo foi vendo que estava desalinhado” (Eloá, 26 anos, Manifesto Crespo). Por questões emocionais e financeiras, voltou a morar com os pais: “Aqui era o lugar ideal para eu voltar depois de me separar, pelo suporte emocional” (Eloá, 26 anos, Manifesto Crespo).

Ao retornar para a casa dos pais, ela se deparou com três desafios: o primeiro foi “lidar com a frustração do que projetava no casamento, do que projetava na casa, criança, cachorro” (Eloá, 26 anos, Manifesto Crespo); o segundo foi a perda da privacidade que havia conquistado ao ter um domicílio independente; o terceiro diz respeito à criação de sua filha: “É desafiador! Temos muitas diferenças de visão, conflitos sobre as coisas” (Eloá, 26 anos, Manifesto Crespo). Embora o cuidado dos netos pelos avós seja uma prática recorrente no Brasil, é preciso ajustar as concepções de educação, a fim de amenizar as tensões intergeracionais. Todavia, esse é um trabalho árduo, pois as visões de mundo, os valores e comportamentos se modificam a cada geração.

Maira havia deixado a casa dos pais para morar com o namorado, convivência que teve duração de um ano e meio. Porém não deu certo, pois as desigualdades na divisão das tarefas domésticas arrefeceram o relacionamento. Viver uma relação pautada na desigualdade de gênero a levou a perceber que essa assimetria é uma questão cultural: “eu me vi caindo numa relação que nem a que a minha mãe tem com meu pai, igual à que a sociedade meio que joga

para gente viver. Porque é muito machista, né? O sistema, querendo ou não, faz tudo acabar caindo na gente, e eu lutei muito assim para ir contra” (Maira, 30 anos, Apuama).

Ainda que Maira não tivesse vivido uma experiência satisfatória com namorado, o fato de ter saído da casa dos pais foi significativo para ela: “eu nunca tinha saído da casa dos meus pais; eu saí e foi uma experiência incrível morar com outra pessoa” (Maira, 30 anos, Apuama). Com o fim da relação, ela retornou para a casa dos pais e a volta não estava sendo fácil, pois estava cada vez mais difícil aceitar as imposições do pai que, além de ter atitudes machistas, também não aceitava sua profissão como artista de rua. Por conta disso, ela alugou uma sala para montar o seu ateliê.

Como pontuou Peixoto e Luz (2007), “ainda que os laços familiares sejam fortes, as tensões criadas com a re-coabitação podem gerar rupturas entre pais e filhos” (p. 184). No caso de Maira, a vida em comum com o pai estava passando por alguns ajustes, levando-a a sentir a necessidade de se impor, o que a fez discutir com o pai, abalando a boa relação que tinham antes de sair de casa.

Outros motivos levam os jovens a sair e retornar para o domicílio de origem. Renata, aos 16 anos, despediu-se da mãe e foi estudar teatro em Tatuí, cidade vizinha de Sorocaba, onde residem seus familiares. Até ingressar no ensino superior, era sua mãe quem custeava suas despesas. Após o início da graduação, quando se mudou para São Paulo, ela foi morar na residência estudantil da Unesp, conseguiu bolsa de iniciação científica, participou de projetos de extensão e também realizou estágios remunerados, o que diminuiu a contribuição mensal recebida da mãe. Ao término da faculdade, em 2015, ela conseguiu um trabalho em uma galeria de fotografia, o que a permitiu permanecer em São Paulo sem a ajuda financeira da mãe. Ela passou, então, a dividir um apartamento com colegas.

Após nove anos morando longe da mãe, precisou tomar uma decisão. Insatisfeita com o trabalho, pediu demissão e, com dificuldades para encontrar nova ocupação, o que a impossibilitava de arcar com o aluguel, decidiu voltar para Sorocaba. Renata ainda não havia processado o retorno, “ainda não parei para refletir sobre isso, mas a sensação é bem ruim, porque eu queria trabalhar e pagar meu aluguel. Meu ideal era esse. Lembro que, quando cheguei com o carreto, pensei: ‘Quero voltar para São Paulo’. Foi bem assustador” (Renata, 25 anos, Reversa Cia.). Vê-se dependente novamente de sua mãe gerava nela tamanho desconforto que, ao viajar todas as semanas para São Paulo, por conta do grupo de teatro, sempre que possível protelava o retorno para Sorocaba.

Artur, que nasceu e cresceu no bairro da Aclimação, durante a graduação em Gestão em Políticas Públicas na USP Leste, aproximou-se de alguns coletivos culturais da zona leste de São Paulo. Dessa aproximação, ele passou a prestar consultoria em elaboração de projetos para os grupos, o que o levou à sua participação efetiva na ONG São Mateus em Movimento. O seu forte envolvimento nas ações culturais na Vila Flávia, bairro do distrito de São Mateus, o levou a tomar a decisão de se mudar para a região, onde residiu por dois anos, tempo de duração do mestrado.

Dois motivos o levaram a retornar para a casa dos pais. O primeiro foi a aproximação do encerramento da bolsa de estudos que recebia da CAPES, pois o mestrado estava chegando ao final e a ajuda de custo recebida pelos projetos contemplados por editais da prefeitura não era suficiente para arcar com as despesas; o segundo era o fato de morar sozinho na casa alugada, já que seus companheiros “brigavam demais”, o que o levou a morar só. Contudo, ele não se adaptou:

É muito ruim morar sozinho, cara, eu não curto morar sozinho não. É, eu gosto de estar trocando sempre e estar morando sozinho lá na quebrada é foda, você fica distante de tudo e eu já estava sentindo isso, de estar distante, de não poder fazer alguns cursos que eu queria. Sempre ser uma grande correria, entende? É também o lance financeiro, sabia já que iria terminar o mestrado, iria acabar a bolsa, eu pensei: ‘ah, vou é dar um passo para trás para dar dois para frente, sabe?’. E resolvi voltar para cá, estou aqui desde o começo do ano. (Artur, 28 anos, São Mateus em Movimento)

Retornar para a casa dos pais foi a melhor opção para ele. A experiência de viver na periferia por dois anos foi suficiente para ele compreender as dificuldades impostas pela distância da região central. Sua condição de vida com sua família permitiu-lhe seguir tendo privacidade, uma vez que a casa em que moravam era espaçosa. Voltar nessas condições tornou a convivência mais tranquila: “então, eu tenho a minha liberdade, eu consigo ter o meu espaço dentro da casa dos meus pais, por isso que estou até aqui mais tranquilo, saca? Essa casa é outro privilégio que a gente tem, né? Puta privilégio” (Artur, 28 anos, São Mateus em Movimento). Ele reconhecia o tempo todo que ele e sua família eram privilegiados e comparava a sua residência com as casas da periferia: “não é aquela coisa que você tem, não é que nem casa de quebrada, que é tudo colado” (Artur, 28 anos, São Mateus em Movimento).

Rogério aos 25 anos foi em busca de sua independência. Após morar cinco anos fora, precisou recorrer ao suporte familiar no momento mais delicado da sua vida. Ele dividia o

aluguel com dois amigos, Ricardo⁷⁷ e Bento. Ricardo faleceu no final de 2015. Abalados emocionalmente, Rogério e Bento decidiram entregar a casa em que moravam para o proprietário e cada um foi morar com seus familiares.

Mesmo diante da situação delicada em que se encontrava, foi embaraçoso para Rogério voltar para a casa dos pais: “depois de cinco anos, voltar para casa dos meus pais foi um negócio meio constrangedor, porque você não volta do mesmo jeito, você volta mais inibido, volta com receio. O normal seria tudo dar certo e voltar apenas para continuar fazendo visita” (Rogério, 30 anos, Cine Campinho).

Seu constrangimento não foi sem precedentes, pois, ao decidir alugar a casa com os amigos, seus pais e irmãs reprovaram a decisão: “Ninguém queria que eu saísse. ‘Ah, você vai sair por quê? Vinte e quatro anos ainda, espera mais um pouco’. As minhas irmãs, inclusive, falaram: ‘Não vai dar certo! Vai dar seis meses você vai estar aqui de novo’” (Rogério, 30 anos, Cine Campinho).

A decisão de voltar foi difícil para Rogério e também surpreendente: “eu não esperava que teria tanta acolhida, me surpreendeu essa volta para casa. Eu achava que ia ter uma certa resistência, o pessoal falar ‘agora aqui é assim hein?’. Pelo contrário, fez questão de me deixar mais à vontade” (Rogério, 30 anos, Cine Campinho).

Bento, um dos amigos que dividia a casa com Rogério, já havia se tornado independente aos 18 anos, quando deixou o abrigo em que morava⁷⁸. Com o falecimento de seu irmão Ricardo e a perda do emprego, ele, pela primeira vez, foi morar com seu pai que residia no bairro do Belém, na zona leste.

A experiência de morar com o pai não estava sendo difícil, até porque seu pai tinha sérios problemas de saúde e ele ponderava ser necessário cuidar dele, mesmo que ele não tivesse recebido o mesmo cuidado no momento em que mais precisou:

Ele se arrepende muito de não ter dado mais atenção, mais apoio. Mas não é porque ele não deu que eu vou fazer a mesma coisa com ele. Meu pai tem esquizofrenia paranoide e precisa tomar remédios controlados. Ele acha que essa doença é uma dádiva de Deus, que ele tem um olhar diferente. Não vê isso como doença, por isso fica sem tomar o remédio. Então, temos que dar atenção, pedir para tomar o remédio, acompanhar ao médico. Tem que cuidar mesmo. É o filho grande que eu tenho.

⁷⁷ Bento e Ricardo eram irmãos.

⁷⁸ Desde os 8 anos de idade que Bento não morava com os pais, pois ele e seus dois irmãos, por parte de mãe, foram levados para um abrigo e somente um deles foi adotado. A mãe não tinha condições de criá-los e perdeu a guarda dos filhos. A nova esposa de seu pai não aceitou que as crianças fossem morar com eles. Aos 15 anos, o pai foi buscar Bento e Ricardo no abrigo, mas eles preferiram permanecer na instituição que os acolheram quando crianças, mas nunca perderam o contato com o pai.

Mas a sua temporada na casa do pai estava para chegar ao fim. Bento voltou a trabalhar no primeiro semestre de 2016 em um Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) em Guaianases. Seu plano era alugar novamente um imóvel e dividir com Rogério.

Há nuances nos modos como as moças e rapazes vivenciaram a re-coabitação. A partir dos relatos, observa-se que, para as jovens mulheres, a volta para a casa dos pais foi permeada por mais dificuldades. Embora tenham recebido acolhimento de suas famílias, era preciso novamente se ajustar à dinâmica imposta pelos familiares, como, por exemplo, não dispor de privacidade para dormirem com os namorados em casa.

O retorno para a casa dos pais era uma questão a ser enfrentada por esses jovens, configurando-se em um desafio no processo de transição para a vida adulta. O sentimento de pertencimento ao universo doméstico da moradia dos pais não é mais o mesmo, uma vez que os jovens vieram de uma experiência anterior de autonomia e independência econômica (PEIXOTO; LUZ, 2007). Era preciso, portanto, adaptar-se e aceitar as antigas e novas regras da casa, reestabelecer as relações familiares, dividir o dia a dia do qual haviam tomado distância e que, conseqüentemente, auxiliou na melhora da relação. Não era sem razão o anseio de novamente sair do ninho, embora todos reconhecessem na família o suporte necessário para conseguir dar um passo à frente.

Novas relações com a família de origem

Tornar-se independente dos pais permitiu aos jovens estabelecer novas relações com a família de origem. Os pais se despedem dos seus filhos e, quando os recebem de volta, seja para dividirem o mesmo teto novamente ou como visitas, deparam-se com um novo ser e uma nova relação é construída.

De modo geral, todos aqueles que já haviam deixado o domicílio de origem disseram que a relação com os pais tinha melhorado. A distância favoreceu a construção de relações mais pautadas na cumplicidade e no respeito. Foi preciso Maira ir morar com namorado para perceber a forte ligação que tinha com sua mãe: “Senti mais cumplicidade. Senti que minha mãe, eu percebi uma coisa que eu nunca tinha percebido, que a minha ligação com minha mãe é muito forte também, só que de outro jeito” (Maira, 30 anos, Apuama). Quando voltou a morar com os pais, trouxe na bagagem a sua experiência em dividir a casa com uma pessoa machista, o que a levou a lançar um novo olhar para a relação de seus pais, fazendo com que tomasse partido da mãe: “quando eu voltei, ela estava ficando mal, depressiva, várias coisas por causa

do meu pai, e eu via aquilo acontecer, eu fiquei louca, virei meio que bicho quase para protegê-la” (Maira, 30 anos, Apuama). Se com a mãe surgiu um sentimento de maior cumplicidade, com o pai foi como se “ela estivesse tirando a cegueira dos olhos” e refletindo sobre o assunto; ela se deu conta de que idealizou uma imagem de pai que não era real.

Uma nova relação também foi construída entre Larissa e sua mãe. O que antes estava pautada no controle, na superproteção e na severidade, cedeu espaço para o cuidado e o amor. Distanciar-se do dia a dia da família a levou a vivenciar “o paraíso da relação”. O fato de não estar diariamente com a mãe mudou o foco de atenção, que antes era sobre a sua sexualidade, o que gerava brigas entre as duas. O ditado popular, “o que os olhos não veem o coração não sente”, cabe bem nessa situação:

Hoje realmente a relação é outra, é de cuidado, é de amor, é de coisas que importam. Por exemplo, briguinhas sobre a minha moral e bons costumes não acontece, porque ela não sabe da minha vida, não a acompanha de perto, não sabe com quem eu fico, se eu bebo etc. Está tudo bem. Ela se interessa pelos meus projetos, conversamos muito sobre política, porque compactuamos muito nesse aspecto. A relação é de torcida. Fica mais cúmplice e menos parasitário. (Larissa, 25 anos, Reversa Cia.)

Enquanto para Larissa distanciar-se da mãe desviou o foco das conversas de sua opção pelo poliamor, para Eloá o afastamento possibilitou tratar de assuntos que antes eram tabus: “a gente não dialogava muito, sempre conversou, mas existiam alguns tabus. Ainda existe, mas a gente vive de uma forma muito mais aberta, até pela idade que fui adquirindo” (Eloá, 26 anos, Manifesto Crespo). Além da distância, o avançar da idade proporcionou as mudanças no relacionamento com a mãe.

Após sair da casa dos pais, Artur sentiu que era mais respeitado por eles: “Hoje meus pais me respeitam muito mais! Tipo de fala, de posicionamento político, sabe? Tem um grande respeito, eu sou interessante” (Artur, 28 anos, São Mateus em Movimento). Esse reconhecimento era importante para ele, pois era assentir sua opção por morar na periferia e desenvolver projetos em um bairro totalmente diferente do que residia com os pais.

Para Lucas, o fato de não morar mais com os pais diminuiu as brigas: “Mas mudou a relação, agora é mais adulta. Já não me sinto tão bem na casa que eu morava, agora sou visita. Já não tenho meu quarto, não tenho nada lá” (Lucas, 28 anos, Revitarte). Antônio disse que a relação mudou para melhor e também fez menção ao modo como era recebido pela mãe quando ia visitá-la: “Você vai tomar um chá e tem um bolo. Dá aquela saudade!” (Antônio, 31 anos, Muros que Gritam).

Igor foi o único que relatou a falta de tempo para visitar a família após o casamento. Sua esposa passou a fazer a “ponte” com sua família: “eu tenho pouco tempo com a família de casa, com os familiares, porque agora viraram familiares mesmo. Antigamente eu tinha tempo de sair com as sobrinhas e tal, ia ao cinema, bagunçava com elas. Às vezes é a Tabata quem faz essa ponte com eles” (Igor, 28 anos, Literatura Suburbana).

A partir dos relatos citados, observa-se que, para todos os jovens, que não viviam mais na casa dos seus pais e até para os que retornaram, distanciar-se da convivência familiar contribuiu para a configuração de novas relações. Afastar-se do cotidiano ajudou os pais a enxergarem seus filhos com outros olhos, estabelecendo com eles uma relação menos verticalizada, valorizando suas conquistas e o modo como decidiram seguir suas vidas. Do mesmo modo, os jovens passaram a ver que seus pais também são humanos, que possuem defeitos e qualidades, assim como eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, dedicou-se a compreender os indivíduos jovens, participantes de coletivos juvenis, e os desafios enfrentados por eles ao mover-se para a adultez. O problema de pesquisa estudado nasceu a partir da identificação de duas insuficiências nas produções acadêmicas: uma no campo das investigações sobre transição para a vida adulta e a outra, nos estudos realizados sobre coletivos juvenis, este último investigado de modo mais aprofundado na pesquisa de mestrado que resultou na dissertação “Grupos Juvenis e equipamentos públicos: um estudo do Centro Cultural da Juventude da cidade de São Paulo”.

A revisão bibliográfica realizada evidenciou que o estopim para o início dos estudos sobre transição para a vida adulta foi o fenômeno denominado prolongamento da juventude, quando se observou que esse período do curso de vida passou a se estender no tempo. Nos países europeus, em fins dos anos 1980 e início dos 1990, pesquisadores debruçaram-se sob essa temática e até o início dos anos 2000 um conjunto de pesquisas foram realizadas e grupos de investigação foram criados com o objetivo de ampliar o alcance dos estudos.

Por meio do levantamento foi possível identificar que as pesquisas empreendidas pelo GRET, pelo EGRIS e por Olivier Galland serviram como bússolas para os pesquisadores de outros países realizarem seus estudos. Enquanto as pesquisas efetuadas nos países europeus, até meados dos anos 2000, tiveram como foco desenvolver metodologias e modelos de análise que melhor apreendessem as mudanças ocorridas nos processos de mover-se até a idade adulta, as pesquisas realizadas entre os anos 2007 e 2016 lançaram mão das abordagens metodológicas e analíticas desenvolvidas anteriormente e elegeram públicos específicos como, por exemplo, jovens com deficiência e jovens em situação de vulnerabilidade.

Foram poucas as pesquisas que se propuseram a desenvolver estudos comparativos. O principal enfoque dos estudos foi a transição entre escola e trabalho, em segundo o tema mais recorrente foram os novos arranjos familiares. Poucas pesquisas, apenas três, buscaram compreender os apoios estatais disponíveis aos jovens para moverem-se para a idade adulta.

Na América Latina os estudos começaram a ser realizados nos anos 2000, com menor produção na primeira década e ampliação na segunda. O levantamento bibliográfico mostrou que o tema da transição nos países latino-americanos ainda é emergente e os poucos estudos realizados no período pesquisado concentraram-se no tema da inserção laboral, como principal marcador de entrada na vida adulta.

No Brasil o cenário não foi diferente do encontrado nos países latino-americanos. O tema da transição para a vida adulta não se tornou objeto privilegiado de investigação nas áreas da Ciências Sociais e Educação. Um número significativo de trabalhos foi realizado no âmbito da demografia e da economia, que utilizaram informações do Censo Demográfico, das PNADs e da Pesquisa de Padrão de Vida para verificar as alterações ocorridas ao longo dos anos.

As pesquisas brasileiras de caráter qualitativo concentraram esforços para compreender as mudanças no mercado de trabalho e como elas afetaram o processo de transição da escola para o universo laboral, do mesmo modo que as investigações realizadas no hemisfério-Norte e nos países latino-americanos.

A revisão bibliográfica evidenciou que os estudos sobre transição para a vida adulta não consideraram outros aspectos da vida dos jovens, como o tempo livre, a participação política, a atuação em coletivos juvenis, entre outros. Essa pesquisa de doutorado teve como objetivo contribuir para a compreensão do modo como os jovens se movem para a adultez na atualidade, lançando o olhar para uma dimensão da vida desses indivíduos que até então não havia sido pesquisada: a participação deles em coletivos juvenis e o modo como a pertença nesses agrupamentos afetou suas vidas e os desafios vividos por eles ao moverem-se para a adultez.

A noção de prova, enquanto operador analítico, foi adotada. As provas são os desafios históricos e socialmente produzidos e distribuídos de forma desigual, as quais os atores são constrangidos a enfrentar para que possam constituir-se como indivíduos. Enquanto desafios estruturais, as provas são as mesmas para parcelas majoritárias da sociedade, o que diferencia são as posições nas quais os indivíduos estão na estrutura social e os recursos que possuem para enfrenta-las (MARTUCCELLI, 2007a; MARTUCCELLI e SINGLY, 2012).

Danilo Martuccelli (2010) pontua que os indivíduos da América do Sul forjam suas individualidades em uma sociedade onde o mundo institucional é precário. As vulnerabilidades das posições sociais e os movimentos cíclicos da conjuntura levam os indivíduos a enfrentarem as diversas contingências de modo pessoal. O indivíduo do Sul é o resultado da somatória de elementos estruturais que não encontra nas instituições sua principal razão de ser. É a partir da vida social, das suas dinâmicas e intercâmbios que o indivíduo se constitui. Desprovido de apoio institucional, o indivíduo encarrega-se e responsabiliza-se pelo seu processo de individuação.

Os resultados encontrados ao longo da pesquisa corroboram com a noção de individualidades do Sul apresentada por Martuccelli. Os indivíduos jovens, participantes da pesquisa, assumiram e tomaram para si a responsabilidade dos seus processos de individuação.

Retoma-se aqui a pergunta disparadora: ***Em que medida a participação dos jovens nos coletivos juvenis afeta, e como afeta, os modos de transição para a vida adulta na atualidade?***.

A partir desta, outras se desdobraram: *como moças e rapazes jovens estão realizando a transição para a vida adulta na sociedade contemporânea? Quais são os desafios vividos pelos jovens para se tornarem adultos? Quais respostas são dadas para enfrentar as provas da transição? Como se processa os modos de ação coletiva dos jovens a partir do momento em que passam a vivenciar experiências do mundo adulto?*. Para responder a essas questões foram entrevistados 30 jovens participantes de grupos de diferentes linguagens atuantes na cidade de São Paulo.

A pesquisa constatou que as trajetórias dos jovens para a vida adulta são permeadas por idas e vindas (PAIS, 2001). Porém, a participação nos coletivos trouxe novos desafios para os jovens no trânsito para a vida adulta, em especial no âmbito do trabalho e na busca pela independência. Integrar um grupo potencializou, para alguns, o desejo de trabalhar na área da cultura ou das artes e, para outros, o de exercer um jornalismo que dialogasse com os moradores da periferia. O trabalho, em sua forma tradicional com horários e jornadas delimitadas rigidamente, passou a ser visto com novas lentes. Alguns jovens descobriram que podiam ser seus próprios chefes e, ao mesmo tempo, precisaram aprender a controlar seu tempo de trabalho, o que chamaram de “ter disciplina”.

Trabalhar com o que almejavam destacou-se como um dos desafios necessários para as moças e rapazes aqui pesquisados. A escassez de investimentos na área cultural, por parte do Estado, a dinâmica e as exigências da vida não lhes permitiram, mas o anseio por trabalhar somente com as ações do coletivo pairava sob as expectativas profissionais de muitos deles. Na impossibilidade disto, engajaram-se nas atividades possíveis e aliavam-nas com as ações coletivas.

Embora os grupos não fossem a fonte de sustento dos jovens, eles abriram portas para que exercessem atividades laborais, em especial as relacionadas à educação não formal e à área cultural. Uma parcela significativa dos jovens trabalhava ou havia trabalhado como educadores sociais em Organizações não Governamentais (ONGs). Outros trabalhavam como produtores ou ministrando oficinas em equipamentos culturais e educacionais, como Casas de Cultura e Centros de Educação Unificada (CEU). Esta última ocupação era a mais frágil, do ponto de vista da precariedade e da provisoriedade, pois todo ano era necessário concorrer a editais abertos pela prefeitura e pelo governo estadual. Configurava-se, assim, como uma das principais provas, pois os valores recebidos eram baixos e os contratos eram por tempo

determinado. Esse tipo de ocupação exigia dos jovens atenção às oportunidades, combinação de variadas atividades e administração de seus rendimentos para os períodos sem trabalho.

Os dois artistas, que viviam “da arte e pela arte” – ou seja, conseguiam se sustentar realizando o que mais gostavam de fazer (grafitar em muros e em telas), e as moças e os rapazes que trabalhavam como *freelancer*, emitindo notas como Microempreendedor Individual (MEI), não estavam imunes às provas relacionadas ao trabalho. Ser seu próprio chefe, administrar o tempo e criar disciplina para o trabalho, estimar valores para suas obras e hora de trabalho, prevenir-se para os momentos de poucas vendas e ausência de convites de trabalho apareceram como questões a ser enfrentadas.

O grande desafio era, portanto, a busca pela estabilidade para enfrentar a vida adulta e a possibilidade de trabalhar com as atividades coletivas para realização pessoal. Um dos caminhos era o concurso público, que acenava para os graduados em História, Artes e Pedagogia como possibilidade, pois lhes permitiria ter renda regular mensal, atuar na área de formação e ter tempo para se dedicar aos projetos desenvolvidos com os grupos. Outro, esse mais tortuoso e de difícil concretização, era transformar as atividades dos coletivos em suas atividades laborais, aliando a garantia de sustento à realização pessoal.

Em estreita relação com os desafios enfrentados no campo do trabalho estava a prova da independência. Para moças e rapazes que ainda residiam com os pais, o desafio era constituir um novo domicílio. Para os pesquisados, deixar a residência familiar era uma prova importante de ser vivida. Não estavam em busca apenas de privacidade, já conquistada pelas paredes de seus dormitórios, ansiavam por ter dimensão total da organização de uma casa e suas despesas, ter disciplina quanto aos pagamentos das contas, poder levar amigos, não dar satisfação para seus pais, as mulheres desejavam viver sua sexualidade. Em resumo, queriam um lugar para chamarem de seu.

Além das dificuldades financeiras para poder arcar com os custos do aluguel ou parcelas de um financiamento, outras questões levavam os jovens a postergarem a saída da casa dos pais. A questão da comodidade (cama, comida e roupa lavada) foi apresentada por alguns deles. O sentimento de obrigações morais e fidelidade para com seus pais apareceram como razões para o adiamento. Ademais, os próprios pais contribuíam para que seus filhos postergassem a saída: em alguns casos, os filhos eram suporte financeiro e emocional; em outros, não era visto com bons olhos a saída da casa se não fosse para a formação de uma nova família. No entanto, no plano das ideias, a independência domiciliar era planejada e a estratégia para driblar as

dificuldades financeiras consistia em dividir o aluguel de um imóvel com amigos ou companheiro(a).

No que diz respeito às relações amorosas, diante da vida agitada que levavam, dividindo-se entre trabalho e ações coletivas, os jovens se viam impossibilitados de adentrarem em um relacionamento mais estável. Não estavam adiando somente a conjugalidade, isto é, dividir a mesma casa, mas também os namoros. Possuíam um caso aqui, outro acolá, mas muitos estavam longe de assumir um relacionamento sério. Desse modo, adiava-se também a chegada dos filhos.

Aqueles que já tinham uma vida a dois investiam em novas formas de união, pautando-se na horizontalidade das relações e na divisão de tarefas domésticas, embora as desigualdades de gênero ainda estivessem presentes. A constituição de uma nova família trouxe novos desafios para os jovens, como adaptar-se à dinâmica e ao “jeito” do companheiro(a), lidar com as divergências de opinião e modos de relacionar-se com o mundo. Embora os jovens estivessem em uma união, prezavam por terem momentos com eles mesmos.

A chegada dos filhos era um ingrediente a mais para as provas da vida adulta. A parentalidade traduzida por eles como responsabilidade, pois uma nova vida passava a depender deles, trazia-lhes alegrias e preocupações, sendo a principal delas em relação ao futuro. Para os jovens oriundos das camadas populares e negros(as), manter seus filhos vivos, em especial quando eles atingissem a adolescência e juventude, era um ponto de preocupação. Além das garantias mínimas de subsistência: alimentação, vestimenta, acesso a saúde e a educação⁷⁹.

Os jovens que haviam deixado a casa dos pais para constituir domicílio próprio, com parceiros ou com amigos, e, por motivos diversos, retornaram para a casa dos pais enfrentavam novamente o desafio da construção da sua independência, mas, acima de tudo, precisavam redefinir o papel de filhos, adaptando-se às antigas e novas regras.

O retorno para a casa paterna foi mais desafiador para as jovens mulheres do que para seus pares do sexo masculino. Elas se depararam novamente com a educação sexista recebida durante a juventude, em que seus irmãos podiam levar as namoradas para dormir em casa e elas, não. Viram-se outra vez sem privacidade e, para a que já era mãe, foi preciso lidar com os conflitos intergeracionais em relação à criação de sua filha.

⁷⁹ A incerteza quanto ao futuro e o temor pela integridade dos filhos quando estivessem maiores refletia as mudanças que ocorriam no cenário político nos anos de 2015 e 2016, período que as entrevistas foram realizadas, como, por exemplo, o impedimento da Presidenta Dilma Rousseff, avanço dos setores conservadores do país e o retrocesso nas políticas sociais.

Para os rapazes, embora retornar para a casa dos pais os colocasse em uma situação constrangedora, as regras familiares não eram tão exigentes para eles. Foram recebidos por seus familiares de modo que se sentissem novamente em casa. Diferentemente das moças, que tinham plena consciência de que a casa dos pais não era e nunca havia sido delas.

Contudo, o que a pesquisa mostrou é que a família, tanto para as moças como para os rapazes, era o principal suporte desses jovens. Os pais auxiliavam-lhes nos aspectos financeiro, emocional e no cuidado dos netos para que pudessem trabalhar e, até mesmo, se divertir.

Ao moverem-se para a vida adulta, os jovens construíram novas relações com suas famílias, baseadas na cumplicidade e no respeito: brigas diminuíram, temas que antes eram tabus passaram a compor os diálogos. A relação passou a ser entre adultos; ainda que a autoridade paterna continuasse a existir, buscavam relacionar-se de forma mais horizontal. Além disso, os pais valorizam a experiência vivida fora do ninho por seus filhos.

A pesquisa inferiu que participar dos coletivos juvenis não só afetou a transição, mas a vida adulta em si, que ganhou novas configurações com a participação dos jovens neles. E, principalmente, afetou os jovens nas suas diferentes “gramáticas” enquanto indivíduos: do suporte, da identidade e do respeito.

Além da família, os jovens apontavam os grupos como um suporte importante para enfrentar os desafios estabelecidos ao longo da trajetória. Nos agrupamentos, encontravam acolhimento, compartilhavam dos mesmos ideais, fortaleciam os vínculos de amizade e ampliavam as redes de amigos. Desse modo, o tecido social, essencial para que o indivíduo se sustente no mundo, era alargado.

Os coletivos também auxiliaram os jovens na constituição de suas identidades raciais e de classe, colaborando na mediação dos diferentes registros sociais e culturais com os quais tinham contato. A participação trouxe-lhes o sentimento de pertencimento social, imprimindo neles o que era único e o que era compartilhado com seus pares.

A dimensão mais importante afetada, contudo, é a do respeito. Os coletivos trouxeram reconhecimento para os jovens, aflorando neles o sentimento, antes não existente, de valorização de si mesmos e de suas ações. Se antes eram invisibilizados, o coletivo trouxe-lhes visibilidade, colocando-os no “mundo”.

Ao contrário do que se imaginava a princípio, as responsabilidades de adulto não afastaram as moças e os rapazes dos agrupamentos; pelo contrário, os grupos ajustaram-se à nova realidade vivida por eles, tornando as atividades e espaços aptos para receber pais e filhos,

adaptando os horários de desenvolvimento das ações, a fim de garantir a presença deles nas atividades.

A participação nos coletivos juvenis afetou a vida dos jovens de tal modo que permitiu a eles forjarem uma nova forma de viver a adultez, de modo mais criativo e engajado, reinventando-a, mostrando que a vida adulta também está em transição. Mostrou aos indivíduos que as fronteiras entre ser jovem e ser adulto não são fixas e nem delimitadas, pelo contrário, são elásticas e porosas. Desse modo, os jovens circulavam entre os dois mundos no mesmo tempo histórico: são jovens que vivem a adultez e adultos que carregam consigo as experiências e o modo de vida de jovens.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.
- ALMEIDA, Elmir de. Os estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências. In: SPOSITO, Marília Pontes. (coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.
- ALMEIDA, Renato Souza de. Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 56, p. 151-172, jun. 2013.
- ARANCIBIA, Milena. Trayectorias habitacionales de las y los jóvenes: construir un hogar propio en el área metropolitana de Buenos Aires entre 1999 y 2013. **Última Década**, Santiago, n. 44, p. 171-193, 2016.
- ARAUJO, Kathya; MARTUCCELLI, Danilo. Las individualidades populares: análisis de sectores urbanos en Chile. **Latin American Research Review**, [SI], vol. 50, n. 2, p. 86-106, 2015.
- ARAUJO, Kathya; MARTUCCELLI, Danilo. **Desafíos comunes: retrato de la sociedad chilena y sus individuos**. 1. ed. Santiago: LOM Ediciones, 2012.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. Jeunesse et conjugaison de temps. **Sociologie et sociétés**, Parisv. 28, n. 1, p. 13-22, 1996.
- BAJOIY, Guy; FRANSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e 6, p. 76-95, maio/jun/jul/ago/set/out/nov/dez, 1997.
- BAPTISTE, Chandeline Jean. **Transição para a vida adulta e migração internacional: o caso dos jovens haitianos na cidade de São Paulo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BERMUDEZ-LOBERA, Juan. Las transiciones a la adultez de los jóvenes que no estudian ni trabajan (ninis) en México. **Papeles de Población**, Toluca, n. 79, p. 243-279, 2014. biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101459>. Acesso em: 12 maio 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOUTINET, Jean-Pierre. **A imaturidade da vida adulta**. Porto: Rés, 2000.
- CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006.
- CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana L.; PASINATO, Maria Tereza; KANSO, Solange. **Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.
- CANCLINI, Néstor G.; URTEAGA, Maritza (coords). **Cultura y desarrollo: una visión crítica desde los jóvenes**. Buenos Aires: Paidós, 2012.

CÁNOVAS, Carlos Javier Echarri; AMADOR, Julieta Pérez. En tránsito hacia la adultez: eventos en el curso de vida de los jóvenes en México. **Revista Estudios Demográficos y Urbanos**, Ciudad de México, vol. 22, n. 1, p. 43-77, 2007.

CARDOZO, Santiago; IERVOLINO, Alejandra. Adiós juventud: tendencias en las transiciones a la vida adulta en Uruguay. **Revista de Ciencias Sociales**, Costa Rica, n. 25, ano XXII, 2009.

CASAL, Joaquim; GARCIA Maribel; MERINO, Rafael; QUESADA, Miguel. Aportaciones teóricas y metodológicas a la sociología de la juventud desde la perspectiva de la transición. **Papers**, Barcelona, n. 79, p. 21-48, 2006.

CASAL, Joaquim; MERINO, Rafael; GARCIA, Maribel. Pasado y futuro del estudio sobre la transición de los jóvenes. **Papers Sociologia**, Barcelona, n. 96/4, p. 1139-1162, 2011

CIGANDA, Daniel; PARDO, Ignacio. Emancipación y formación de hogares entre los jóvenes uruguayos: las transformaciones recientes. **Papeles de Población**, Toluca, n. 82, p. 203-231, 2014.

CLARK, Gary. Plaidoyer pour les puls de ski. Une critique des théories des subcultures jeunes. In: GLEVARECE, Hervé. et Al. Cultural Studies. Anthologie. Paris: Armand Colin, 2008.

CLARKE, John; HALL, Stuart.; JEFFERSON, Tony. Subcultures, cultures and class. In:

CORROCHANO, Maria Carla; JARDIM, Fabiana A. Apresentação. **Linhas Críticas**, Brasília, v.22, n. 47, 2016.

CORROCHANO, Maria Carla. Trabalho e educação no tempo da juventude: entre dados e ações públicas no Brasil. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; FREITAS, Maria Virginia de (Org.). **Juventude em pauta: políticas públicas no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2011. p. 45-72.

CORSEUIL, Carlos Henrique; FOGUEL, Miguel; GONZAGA, Gustavo; RIBEIRO, Eduardo Pontual. **A rotatividade dos jovens no mercado de trabalho formal brasileiro**. Brasília: Ipea, 2013.

CUZZOCREA, Valentina; COLLINS, Rebecca. Collaborative individualization? Peer-to-peer action in youth transitions. **Young**, [SI], n. 23 (2), p. 136-153, 2015.

DÁVILA, OSCAR e FELIPE GHIARDO (2008): Trayectorias sociales juveniles. Ambivalencias y discursos sobre el trabajo. Valparaíso: Ediciones CIDPA e INJUV

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp, 2004.

DIEZ, Valeria B. Gili. El proceso de transición a la vida adulta de jóvenes rurales sanjuaninos. **Kairos**, São Paulo, ano 18, n. 33, p. 1-15, 2014. Disponível em <<http://www.revistakairos.org>>. Acesso em: 11 set. 2018.

DU BOIS-REYMOND, Manuela; BLASCO, Andreu L. Transiciones tipo yo-yo y trayectorias fallidas: hacia las políticas integradas de transición para los jóvenes europeos. **Revista Estudios de Juventud**, Madrid, vol. 65, n. 04, p. 11-29, 2004.

DU BOIS-REYMOND, Manueda du. Young parenthood in the Netherlands. **Young**, [SI], v. 17, n. 3, p. 265-283, 2009.

DUBET, François. **El declive de la institución: profesiones, sujetos e individuos en la modernidad**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2006.

DUBET, François. La jeunesse est une épreuve. In: DUBET, François.; GALLAND, Oliver; DESCHAVANNE, E. Comprendre les jeunes. **Revue de Philosophie et de Sciences Sociales**, Paris, n. 5. 2004.

DUBET, François. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

EGRIS (European Group For Integrated Social Research). Misleading Trajectories: transition dilemmas of young adults in Europe. **Journal of Youth Studies**, [SI], vol. 4, n. 1, p. 101-118, 2001.

ESTEFANÍA, Miguel Melendro. El tránsito a la vida adulta de los jóvenes en dificultad social. **Ekaina**, Madrid, 2011.

FALCÃO, Nádia Maciel. Possibilidades de compreensão da transição para a vida adulta na atualidade. In: 37ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPED. Florianópolis: UFSC, 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT03-4340.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2018.

FALCÃO, Nádia Maciel. **“É pesado, mas vou levando”**: jovens de Manaus entre a escola e o trabalho. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

FANZERES, Luis; CRUZ-SANTOS, Anabela; SANTOS, Sofia. A transição para a idade adulta dos alunos com NEE: percepções dos profissionais. **Journal of Research in Special Educational Needs**, [SI], v. 16, n. 1, p. 1050-1054, 2016.

FEIXA, Carles. De las bandas a las culturas juveniles. **Estudios sobre las culturas contemporáneas**, Colima, vol. V, n. 15, p. 139-170, 1994.

FERNANDEZ, Aline da Fonseca. **Efeitos do território sobre processos de transição para a vida adulta**: estudo de caso do Município de São Gonçalo. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FERRARIS, Sabrina A.; SALGADO, Mario Martínez. Entre la escuela y el trabajo. El tránsito a la vida adulta de los jóvenes en la Ciudad de Buenos Aires y el Distrito Federal. **Estudios Demográficos y Urbano**, Ciudad de México, vol. 30, n. 2 (89), p. 405-431, 2015.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde e Soc.**, São Paulo, vol. 23, n. 3, p. 979-992, 2014.

FONAYET, Francesc Valls. El impacto de la crisis entre los jóvenes en España. **Revista de Estudios Sociológicos**, Ciudad de México, n. 54, p. 134-149, 2015.

FREITAS, Maria Virgínia de; DI PIERRO, Gabriel. Cultura e apropriação da cidade por meio de iniciativas juvenis. **Le Monde Diplomatique Brasil**, vol. 13, 2015. Especial Juventude e a desigualdade no urbano.

FREIRE FILHO, João. Das subculturas às pós-culturas juvenis: música, estilo e ativismo político. **Contemporânea. Jornal de comunicação e cultura**, Salvador, vol 3 n° 1, 2005

GALLAND, O. L'entrée des jeunes dans la vie adulte. **Problèmes Politiques et Sociaux**, Paris, n° 794. dez. 1997.

GALLAND, O. L'entrée dans la vie adulte en France. Bilan et perspectives sociologiques. **Sociologie et sociétés**, Paris, vol. 28, n° 1, 1996. p. 37-46.

GALLAND, O. Un nouvel age de la vie? **Revue Française de Sociologie**, Paris, XXXI, 1990. p. 529-551.

GENTILE, Alessandro. Jóvenes titulados superiores en la encrucijada de la crisis. **RECERCA – Revista de Pensament i Anàlisi**, Castellón de la Plana, n. 16, p. 35-58, 2015.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GONZALÉZ, José Javier Callejo. La emergencia de una nueva concepción de la familia entre las y los jóvenes españoles. **Revista Estudios de Juventud**, Madrid, n. 90, p. 43-66, 2010.

GOYETTE, Martin. Dinámicas relacionales de las transiciones a la vida adulta. Complementariedad entre redes, apoyos e soportes. **REDES – Revista Hispana para la análisis de redes sociales**, Barcelona, vol. 18, n° 4, 2010.

HALL, Stuart.; JEFFERSON, Tony. **Resistance through rituals**. 2. ed. New York: Routledge, 2006.

HASENBALG, Carlos. A transição da escola ao mercado de trabalho. In: HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle (Orgs.). **Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/>> . Acesso em 17 de abril de 2018.

JACINTO, Claudia; MILLENAAR, Verónica. Enfoques de programas para la inclusión laboral de los jóvenes pobres: lo institucional como soporte subjetivo. **Ultima Décad.**, Santiago, v. 17, n. 30, p. 67-92, 2009.

KAUFMANN, Jean-Claude. **Entrevista compreensiva**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

KING, Andrew. Recognising adulthood? young adults accomplishment of their age identities. **Sociology**, [SI], v. 47, n. 1, p. 109-125, 2013.

KOVÁCS, Ilona. Flexibilização do mercado de trabalho e percursos de transição de jovens: uma abordagem qualitativa do caso da área metropolitana de Lisboa. **SOCIUS Working Papers**, Instituto Superior de Economia e Gestão, nº 1/2013, p. 1-40, 2013.

LAHELMA, Elina; GORDON, Toulia. Resources and (in(ter))dependence young people's reflections on parent. **Young**, [SI], v. 16, n. 2, p. 209-226, 2008.

LARANJEIRA, Denise Helena Pereira; IRIART, Mirela Figueiredo Santos; RODRIGUES, Milena Santos. Problematizando as transições juvenis na saída do Ensino Médio. **Educ. Real**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 117-133, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362016000100117&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2016.

LECCARDI, Carmen. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, nov. 2005. ISSN 1809-4554. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12470/14247>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

LEVI, Giovanni; SHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (Da Antiguidade à Era Moderna, v. 1.)

LINS DE BARROS, Myrian M., Trajetórias de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, nº 34, p. 71-92, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/horizontes/pdf/00000000000003400000000000000000.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

MADEIRA, Fátima de Carvalho. **Transição para a vida adulta no Brasil**: etapas e contextos a partir das PNADs de 1955 a 2005. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Rio de Janeiro.

MAGALHÃES, Liliane. S. **Participação de jovens em grupos culturais e mobilidade no espaço urbano de São Paulo**. 2008. 306 fls. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

MARINHO, Marco. Transição para a vida adulta e práticas culturais na periferia metropolitana de Belo Horizonte: as trajetórias de Miro e Faro. **Fórum sociológico** [Online], 26, 2015. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/sociologico/1195>>. Acesso em: 15 de nov. de 2017.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 30, nº 2, maio/ago. 2004. p. 289-300.

MARTUCCELLI, Danilo; DE SILGLY, François. **Las sociologías del individuo**. Santiago: LOM, 2012.

_____; ARAUJO, Kathya. La inconsistencia posicional: un nuevo concepto sobre la estratificación social. **Revista CEPAL**, Chile, n. 103, p. 165-178, 2011

_____; **Existen individuos en el Sul?**. Santiago: LOM, 2010.

_____; **Forgé por l'épreuve: l'individu dans la France contemporaine.** Armand Colin: Paris, 2006.

_____; **Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo.** Santiago: LOM, 2007a.

_____; **Gramáticas del individuo.** Buenos Aires: Losada, 2007b.

MATTELART, A. e NEVEU, É. Introdução aos estudos culturais. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

McCARTHY, Bill; WILLIAMS, Monica; HAGAN, John. Homeless youth and the transition to adulthood. In: FURLONG, Andy. **Handbook of youth and young adulthood: new perspectives and agendas.** Routledge, p. 232-239, 2009.

MELLO, Juliana Leitão E. **Jovens em mudança: padronização e despadronização da transição para a vida adulta no Brasil** Rio de Janeiro. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MILLER, Dinorah; ARVIZU, Vanessa. Ser madre y estudiante. Una exploración de las características de las universitarias con hijos y breves notas para su estudio. **Revista de la Educación Superior**, México, v. XLV, n. 177, p. 17-42, 2016.

MILLS, White. Estilos de Vida. In: MILLS, White. **A nova classe média.** 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MORENO, Almudena. The transition to adulthood in Spain in a comparative perspective: the incidence of structural factors. **Young**, v. 20, n. 1. p. 19-48, 2012.

MORENO, Gilberto G. **“Tudo que a gente faz na quebrada é política”:** vida associativa nas bordas da cidade. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MULDER, Clara H. Leaving the parental home in young adulthood. In: FURLONG, Andy. **Handbook of youth and young adulthood: new perspectives and agendas.** routledge, p. 203-210, 2009.

MÜLLER, Elaine. **A transição é a vida inteira:** uma etnografia sobre os sentidos e a assunção da adultez. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

NASCIMENTO, Arlindo Mello do. **Transições para a vida adulta:** Revisão bibliográfica e olhar na situação brasileira no período 1970-2000. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Rio de Janeiro.

NASCIMENTO, Erica Peçanha do. Como os escritores da periferia entraram em cena. In: NASCIMENTO, Erica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

NASCIMENTO, Erica Peçanha. **“Literatura marginal”:** os escritores da periferia entram em cena. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, Raquel Coelho; ÁLVARO, Estramiana José Luis. Alargamiento de la juventude e identidade: un estudio de los procesos de transición a la vida adulta de jóvenes en Brasil y España. **Athena Digital**, Bellaterra, 14 (2), p. 21-37, 2014.

NOELL, Judit Fullana *et. al.* La transición a la vida adulta de jóvenes con discapacidad intelectual. Evaluación de un programa de formación para la mejora de las competencias personales. **Revista de Investigación en Educación**, [SI], n. 13 (1), p. 53-68, 2015.

OTERO, Analia Elizabeth. Las configuraciones de transiciones juveniles. Debates actuales sobre la educación y el trabajo. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, 13(2), p. 149-165, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1607-40412011000200010&lng=es&nrm=i>. Acesso em: 11 de jun. 2017

PAIS, José Machado; CAIRNS, David; PAPPAMIKAIL, Lia. Jovens europeus: retrato da diversidade. **Tempo social**, São Paulo, vol. 17, n. 2, p. 109-140, 2005.

_____. **Culturas Juvenis**. 2º edição, Lisboa: imprensa Nacional, 2003.

_____. Laberintos de vida: paro juvenil y rutas de salida (jóvenes portugueses). **Estudios de Juventud**, Madrid vol. 56, p. 87-101, 2002.

_____. **Ganchos, tachos e biscates**. Lisboa: Ambar, 2001. Parte I, caps. 2 e 3. p. 65-104.

_____. Emprego juvenil e mudança social: velhas teses, novos modos de vida. **Análise Social**, Lisboa, V. XXVI, p. 945-987, 1991.

PAPPÁMIKAIL, Lia. Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para vida adulta em Portugal. **Sociologia, problemas e práticas**, Lisboa, n. 46, p. 91-116, 2004.

PARSONS, Talcott. A classe como sistema social. In. BRITO, S. (Org.). **Sociologia da juventude III: a vida coletiva juvenil**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

PEIXOTO, Clarice Ehlers; LUZ, Gleice Mattos. De uma morada a outra: processos de re-coabitação entre as gerações. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 29, p. 171-191, 2007.

PEREGRINO, Mônica. Juventude, trabalho e escola: elementos para análise de uma posição social fecunda. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 31, n. 84, p. 275-291, 2011.

PEREZ, María Leticia Rivermar. En un porvenir incierto. La transición a la adultez entre jóvenes de un municipio de la Sierra Norte de Puebla, México. **Norteamérica**, [SI], ano 7, nº 1, p. 99-124, 2012.

PÉREZ-BALEÓN, Guadalupe Fabiola. Trayectorias tempranas en el inicio de la vida adulta en México. **Estudios Demograficos y Urbanos**, Ciudad de México, v. 29, n. 2 (86), p.365-407, 2014.

PIMENTA, Melissa de Mattos. **“Ser jovem” e “Ser adulto”**: identidades, representações e trajetórias. 2007. 464 fls. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

PONCELA, Anna M. Fernández. **Cultura política y jóvenes en el umbral del nuevo milenio**. San Rafael: Instituto Mexicano de la Juventud, 2003.

PORVENMIRE-KIRK, Tiana C.; LINDISTROM, Lauren; BULLIS, Michael. De escuela a la vida adulta. **Career Development for Exceptional Individuals**, [SI], p. 1-12, 2009.

QUILODRAN, Julieta. La familia, referentes en transición. **Pap. Poblac**, Toluca, v. 9, n. 37, p. 51-82, 2003.

REGUILLO, Rossana. **Culturas juveniles**: formas políticas del desencanto. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.

REGUILLO, Rossana. El lugar desde los márgenes. Músicas e identidades juveniles. **Nómadas (Col)**, Bogotá, n. 13, p. 40-53, out. 2000.

REQUENA, Miguel. Juventud y dependencia familiar en España. **Revista Estudios de Juventud**, Madrid, v. 2, n. 58, p. 10-23, 2002.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. Desigualdades nas transições para a vida adulta no Brasil (1996 e 2008). **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 433-473, 2014.

RIBEIRO, Carlos Costa; CENEVIVA, Ricardo; BRITO, Murillo Marschner Alves de. Estratificação educacional entre jovens no Brasil: 1960 a 2010. In: ARRETCHE, Marta (Org.). **Trajetórias das desigualdades**: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. São Paulo: Edunesp, 2015. p. 79-108.

RIDDELL, Sheila. Disability, exclusion and transition to adulthood. In: FURLONG, Andy. **Handbook of youth and young adulthood**: new perspectives and agendas. Routledge, 2009.

ROMANELLI, Geraldo. Questões teóricas e metodológica nas pesquisas sobre família e escola. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T (Orgs.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SABOIA, João. Baixo crescimento econômico e melhora do mercado de trabalho: como entender a aparente contradição? **Estudos avançados**, São Paulo, v. 28, n. 81, p. 115-125, 2014.
SALAS, Minor Mora; OLIVEIRA, Orlandina de. Los caminos de la vida: acumulación, reproducción o superación de las desventajas sociales en México. **Rev. mex. cienc. polít. soc**, México, v. 59, n. 220, p. 81-116, 2014.

SALAS, Minor Mora; Oliveira, Orlandina de. Responsabilidades familiares y autonomía personal: elementos centrales del proceso de transición a la vida adulta. **Estudios sociológicos**, México, vol. XXVII, n. 81, p. 801-835, 2009.

SANTOS, Maria Aparecida C. dos. **O universo hip hop e a fúria dos elementos**. 2017. 189f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SAUCEDO, Silvia E. Giorguli. Caminos divergentes hacia la adultez en México. In: BINTOCK, Georgina; VIEIRA, J. Melo (Coords.). **Nupcialidad y familia en la América Latina actual**. Rio de Janeiro: ALAP, p. 123-163, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, São Paulo, v. 2, n. 02, p. 71-99, dez. 1995.

SILVA, Fernanda .Arantes. e. **Grupos juvenis e equipamentos públicos**: um estudo do Centro Cultural da Juventude da cidade de São Paulo. 2010. 240 fl. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMPSON, Donald; CIESLIK, Mark. Basic skills and transitions to adulthood. **Young November**, n. 15, p. 395-412, 2007.

SINGLY, François de. La spécificité de la jeunesse dans les sociétés individualistes. In: DUBET, François. Galland Olivier; DESCHAVANNE, Éric. **Comprendre les jeunes. Revue de Philosophie et de Sciences Sociales**, Paris, n. 5, 2004.

SOARES, Magda Becker. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1986.

SPOSITO, Marília Pontes; SOUZA, Raquel; SILVA, Fernanda Arantes e. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educ. Pesqui.** São Paulo, vol. 44. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634201712170308>>. Acesso em: 3 jan. 2018.

_____. Estado da Arte sobre juventude: uma introdução. In: SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

_____. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.

_____; CORTI, Ana Paula. A pesquisas sobre juventude e os temas emergentes. **Juventude e escolarização (1980-1998)**. MEC/Inep/Comped, 2002.

_____. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 161-178, dez. 1993.

SUAREZ, Luis Gomez; LUIS, María Josefa. Nuevas condiciones juveniles y trayectorias de vida en Cuba: una aproximación al tema. **Ultima Décad.**, Santiago, v. 17, n. 31, p. 11-29, 2009.

SWARTZ, Teresa Toguchi; O'BRIEN, Kirsten Bengtson. Intergenerational support during the transition to adulthood. In: FURLONG, Andy. **Handbook of youth and young adulthood**: new perspectives and agendas. Routledge, p. 217-225, 2009.

TOMMASI, Livia De. Jovens produtores culturais de favela. **Linhas Críticas** (UnB), Brasília, v. 22, p. 41-62, 2016.

VAN DE VELD, C. **Devenir adulte**. Sociologie comparée de la jeunesse en Europe. Presses universitaires, coll. “le lien social”, 2008..

VARELA, Carmen; LARA, Cecilia. Jóvenes de hoy, adolescentes de ayer en Uruguay: maternidad y desempeños. **Sociedad y economía**, Cali, n. 29, p. 15-37, 2015.

VENTURI, Gustavo; TORINI, Danilo. **Transições do mercado de trabalho de mulheres e homens jovens no Brasil**. Organização Internacional do Trabalho. Genebra: OIT, 2014.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

VIEIRA, Ana Caroline Sari; RAVA, Paula Grazziotin Silveira. Ninho cheio: uma nova etapa do ciclo vital familiar?. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 33, p. 118-134, dez. 2010.

VIEIRA, Joice Melo. Transição para a vida adulta em São Paulo: cenários e tendências sociodemográficas. 2009. Tese (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de tornar visível. **Estudos feministas**, Florianópolis, vol. 13, n. 1, p. 107-126, jan-abril. 2005.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

YÚDICE, George. A conveniência da cultura. In: YÚDICE, George. A conveniência da cultura: uso da cultura na era global. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p. 25-64.

ZALUAR, Alba. Guangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, Hermano (Org.). **Galeras cariocas**: territórios de conflito e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

APÊNDICE A – DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES

Amanda, 19 anos, branca, solteira, atriz, estudante de audiovisual e integrante do coletivo de audiovisual Cine da Quebrada desde 2014. Mora com seus pais e uma irmã em uma casa própria na Vila das Belezas, Zona Sul da cidade de São Paulo. Cursa a graduação no SENAC e tem bolsa de 75% do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), programa do Ministério da Educação. Seu interesse por audiovisual iniciou aos 17 anos, quando participou de um “projeto social” em que produziu um curta-metragem. Aos 18 anos, começou a participar de atividades no Espaço Comunidade, espaço cultural independente, sem fins lucrativos, que promove atividades no bairro Jd. Monte Azul desde 2012. Foi neste espaço que se envolveu com o coletivo Cine da Quebrada.

Amanda estagiava em uma produtora de audiovisual, que realiza vídeos promocionais, onde trabalha seis horas por dia. Ela conseguiu o estágio em julho de 2016, depois de ficar um ano sem trabalhar, ficou com depressão e em fevereiro do mesmo ano começou a fazer terapia. Durante o período em que ficou sem emprego chegou a fazer alguns trabalhos pontuais. Além do trabalho na produtora, estava envolvida na produção de um documentário sobre artistas de rua, iria fotografar as roupas artesanais que são confeccionadas por uma prima, trabalharia na produção de um longa-metragem a convite de um professor e estava desenvolvendo o projeto A Ponte – Festival de Cinema do coletivo do qual faz parte. O seu primeiro trabalho foi como professora de inglês na escola de idiomas CNA. Depois trabalhou como recepcionista em dois lugares, mas “chegou uma hora que não quis mais simplesmente trabalhar para ganhar dinheiro, quero usar meu tempo para fazer coisas que eu gosto”.

Amanda tem vontade de sair da casa dos pais, disse que dividir a casa é o mais difícil, pois às vezes “quero ficar sozinha, não quero conversar com ninguém, ou, às vezes, quero conversar com alguém e não tem ninguém”. Também quer ter “independência doméstica”, acredita que aprenderá a ter “mais disciplina”. Quer passar por alguns “perrengues na vida para aprender certas coisas” e acredita que morar longe dos pais lhe proporcionará isso. Amanda não é religiosa, mas se considera uma pessoa espiritualizada. Não estava em nenhum relacionamento amoroso sério.

Iara, negra, tem 20 anos, cursa Artes Visuais, seu pai já era falecido, morava com a mãe e dois irmãos mais velhos no bairro da Vila Albertina, na Zona Norte de São Paulo, em uma casa própria. Na sua adolescência cursou oficinas de teatro e artes visuais na Fundação Gol de

Letra⁸⁰, e foi por essa fundação que viajou para a França, para um intercâmbio cultural. Fez curso de audiovisual e cinema no Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias, o que lhe possibilitou trabalhar em três produtoras como estagiária de pós-produção, realizando edição de vídeo, mas viu que essa não era a sua área, embora ela goste de trabalhar com edição de vídeo. Quando terminou o ensino médio, prestou prova para o Programa Universidade para Todos (PROUNI), conseguindo 100% de bolsa para cursar Artes Visuais na Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Sua mãe e irmãos fizeram objeções a sua escolha: “E aí, em questão de apoio da família, foi naquele mais ou menos: ‘você não vai ter dinheiro com isso’, mas até que estou me surpreendendo... Assim, trabalhando três vezes por mês, mas estou conseguindo ficar ok com grana, mas porque eu tenho o audiovisual de *back up*”. Seus dois irmãos já haviam concluído o ensino superior e trabalhavam. Sua mãe trabalhava como auxiliar de cozinha em um Centro de Educação Infantil.

Quando realizamos a entrevista Iara trabalhava três vezes por mês como assistente do departamento educativo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. No dia que nos encontramos, ela teria uma entrevista no período da tarde para o Programa Jovem Monitor/a Cultural, da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo, sendo posteriormente selecionada para a vaga. Atualmente, trabalha na Casa de Cultura Tremembé.

Em 2013, ela e outras jovens mulheres, que também fizeram curso no Instituto Criar, reúnem-se para escrever projeto para o Edital Carmem dos Santos de Cinema, para seleção de projetos audiovisuais voltado para mulheres. O projeto que ela inscreveu não foi aprovado neste edital e resolveram elaborar melhor o projeto para concorrer ao edital do Programa VAI de 2014. Foi assim que surgiu o coletivo “Nós, Madalenas!”, do qual Iara faz parte. O projeto elaborado por ela e mais seis pessoas foi aprovado no VAI e com o subsídio realizaram o documentário “Mucamas”, que conta a história das mães de cinco integrantes, que eram ou foram trabalhadoras domésticas. Em 2014, o grupo estava realizando exposições do documentário.

Amélia, 23 anos, branca, solteira, estava no sexto ano de licenciatura em teatro na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e integrava o Na Rego, coletivo teatral que discute temas relacionados à prostituição de travestis e transexuais. Ela sempre desejou estudar teatro, mesmo sendo uma criança tímida. Aos 11 anos, começou os estudos nessa área na escola de ensino fundamental que frequentava. Quando mudou de escola, por incentivo da mãe, fez

⁸⁰ A Gol de Letra é uma Organização Não Governamental (ONG), fundada em 1988 pelos ex-jogadores de futebol Raí e Leonardo, para desenvolver projetos que contribuíssem com a educação de crianças e jovens de comunidades socialmente vulneráveis, oferecendo a elas mais oportunidades e perspectivas de vida.

curso para modelo e algumas formações para trabalhar com vídeo e TV. Aos 16 anos, fez o curso técnico de teatro na escola Macunaíma. Além disso, estudou Turismo na Escola Técnica do Parque da Juventude e disse que ao final do ensino médio ficou muito confusa em qual carreira seguir, embora estudar teatro sempre passasse pela sua cabeça. Então, em visita a uma feira de profissões da USP, conversou com uma estudante de teatro da ECA e tomou a sua decisão, deixando seus pais “malucos”, pois eles já estavam aliviados por ela ter desistido. Embora seus pais nunca a tenham proibido de estudar o que queria, também não a incentivaram. O discurso que ouvia era “Se é o que você quer não vou falar nada, mas dizer que estou feliz, não estou”. Hoje, considera que eles já entenderam a sua escolha, mas permanecem preocupados pela instabilidade da profissão. Na faculdade, não se relacionava com os estudantes da sua turma, aproximando-se dos estudantes veteranos. A dificuldade de relacionamento com as pessoas do seu ano tem a ver com o modo como eles vivenciam a faculdade, estão lá somente para as aulas, enquanto ela se envolveu com o movimento estudantil. Mas considera que sua turma foi uma exceção, pois as turmas que entraram depois “faziam coisas legais”.

Amélia mora com seus pais em Santana, Zona Norte da cidade de São Paulo. Antes, moravam no Jaconã, em um bairro mais periférico. Desde os 18 anos planeja sair de casa, mas ainda não conseguiu concretizar. Várias questões a impediram, como a depressão que viveu dos 17 aos 20, em que ela não conseguia fazer nada direito e o trabalho que havia encontrado pagava muito mal, “Eu não ia conseguir me bancar sozinha e teria que continuar dependendo dos meus pais mesmo não estando mais na casa deles, o que eu achava muito pior. Decidi continuar lá mesmo e fui ficando”. Ela avalia que não ter saído foi bom para melhorar a relação com os pais, que antes era permeada por conflitos constantes. Agora, ela consegue entendê-los e também é compreendida. Seus planos era terminar a faculdade e se mudar para o Nordeste, pois ela disse estar cansada de São Paulo.

Amélia, no momento da entrevista, estava em busca de trabalho, como a situação estava difícil e ela estava “desesperada”, tinha feito entrevista para trabalhar em um *hostel*. No quarto ano de faculdade, começou a estagiar no educativo do SESC. Em 2015, trabalhou por quatro meses em um Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS), da Secretaria Municipal da Saúde, realizando oficinas de arte terapia, de onde acabou saindo por achar o ambiente muito “tóxico”, porque tinha muita “panelinha” e “picuinhas”. Não chegou a fazer amizades com as pessoas da equipe, diferente do que aconteceu no SESC.

Ela não é uma pessoa religiosa, seus pais são católicos, mas não praticantes. Amélia não estava namorando, disse que tinha “uns casos meio fluidos, mas nada muito sólido”.

Tulipa, negra, 24 anos, nasceu no Butantã, onde seus pais moravam na época. Sua mãe é brasileira, antropóloga formada pela USP, seu pai é senegalês, formado em letras, chegou ao Brasil em 1983. Ela tem um irmão, que atualmente mora no Rio de Janeiro, formado em Engenharia Florestal. Seus pais se separaram ainda quando eram crianças. Ela e seu irmão moraram com a mãe até os 15 anos, primeiro no estado do Mato Grosso, em uma tribo Xavante, depois mudaram-se para a cidade de Pirenópolis, que fica no interior de Goiás. Voltaram para São Paulo em 2006, quando sua mãe começou a ser ameaçada por fazendeiros do Mato Grosso, pois lutava pela demarcação das terras indígenas.

Na capital paulista, vai morar com o pai no Morro do Querosene. Nesse período começou a frequentar a oficina de dança afro oferecida pelo Instituto Nação e desde o início acompanhou a formação da Cia. Treme Terra, companhia de Arte Negra.

Tulipa se afastou fisicamente da Cia. quando foi morar em Seropédica, no estado do Rio de Janeiro, onde cursou na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) licenciatura em Biologia. Mas levou consigo as influências do grupo e ajudou a organizar o Núcleo de Estudantes Negros, para discussão de questões como acesso e permanência do negro na universidade, racismo institucional, entre outros temas. O seu trabalho de conclusão de curso foi sobre a Lei n. 10.639, que torna obrigatório o ensino de história da cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, no ensino de biologia, proposta inovadora na área, pois seus colegas de faculdade não viam como a biologia poderia discutir outras questões. Durante a graduação, foi contemplada com uma bolsa do programa Ciências sem Fronteiras, o que lhe possibilitou estudar em Madrid durante 12 meses. Durante a faculdade sobreviveu dos estágios que fazia, teve bolsa pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Governo Federal, ministrou aulas de Espanhol em uma escola particular de línguas, deu aulas de dança afro e às vezes trabalhou como garçonne aos finais de semana.

Ela voltou para São Paulo em meados de 2015, foi morar na casa de um casal de amigos de seus pais, que ela chama de tios postiços, na Vila Gomes, Zona Oeste, onde moram os tios, um primo e uma prima, que também estudou na UFRRJ, na mesma época que ela. Seu pai estava morando na Ilha do Bororé, na Zona Sul da cidade, e sua mãe estava de mudança para Bolívia.

Quando realizamos a entrevista, ela ainda não tinha ido à busca de um trabalho na área de Biologia, mas tem vontade de trabalhar em sala de aula. Pretende prestar concurso, seja para trabalhar na escola estadual ou municipal. Também quer fazer mestrado e dar continuidade ao tema desenvolvido na sua monografia, mas quer incluir a questão da dança afro em seu projeto. Ela estava trabalhando na área de Produção do Ponto de Cultura Afrobase, sendo responsável pelas atividades educacionais, como as oficinas e a seleção dos vídeos que são exibidos no espaço, e auxiliando também na elaboração de projetos, prestação de contas, documentação etc. Tulipa não estava namorando, mas também não se via em um relacionamento amoroso, estar sozinha não é uma questão para ela.

Renata, 25 anos, branca, formada em Artes Cênicas pela UNESP e integrante de dois grupos de teatro: Reversa e Núcleo Vermelho. O Reversa Companhia é um grupo formado por estudantes da Unesp em 2001 e o Núcleo Vermelho foi constituído em 2013 a partir de um curso livre de teatro ministrado pela Brava Companhia.

Sua família é de Sorocaba. Aos 16 anos, mudou-se sozinha para Tatuí para estudar no Conservatório Dramático e Musical “Dr. Carlos de Campos”, sua mãe era quem arcava com todas as despesas. Aos dezoito anos ingressa na faculdade para estudar teatro. Durante a graduação teve bolsa de iniciação científica, morou na moradia estudantil e recebia ajuda financeira de sua mãe para alimentação e transporte. Em 2014, estagiou no Centro Cultural São Paulo e a situação financeira melhorou um pouco.

Quando terminou a graduação, em março de 2015, saiu do estágio e precisava também deixar a moradia estudantil. Conseguiu postergar a saída por três meses e estava decidida a voltar para Sorocaba, quando conseguiu trabalho em uma Galeria de Fotografia em um shopping. Saiu da moradia e foi dividir o aluguel de uma casa com dois meninos no Butantã. Em janeiro de 2016, mudou para a casa de um amigo no Bom Retiro. Até março de 2016, ela trabalhou na galeria, mas resolveu sair, pois seu horário de trabalho era bem desgastante, já que era horário de shopping.

Diante da dificuldade de conseguir um novo trabalho em junho voltou a morar com sua mãe em Sorocaba. Fazia um mês que tinha voltado, mas vinha para São Paulo toda semana, às vezes nem voltava, devido aos ensaios nos grupos de teatro. Ela ainda não havia processado a sua volta para a casa da mãe, “mas a sensação é bem ruim, porque eu queria trabalhar e pagar meu aluguel. Meu ideal era esse”. Seus planos era iniciar um curso de pedagogia à distância no segundo semestre de 2016, para aumentar as suas chances de conseguir um emprego. Também

se preparava para prestar mestrado no final do ano, para faculdades em São Paulo e em outros estados.

Renata tem uma irmã mais velha que estuda em Araraquara e dois irmãos mais novos por parte de pai. Estava morando apenas com a mãe, que era seu principal suporte financeiro, pois, seu pai havia se ausentado nessas questões.

Ela sempre foi de se relacionar amorosamente de forma intensa, com planos para casar e ter filhos. Dos 16 até os 24 anos teve três namorados. Em dezembro de 2015, terminou com o seu último namorado, pois começou a questionar as relações monogâmicas. No início de 2016, conheceu um rapaz, mas não se comprometeram a namorar, estão juntos e também saem com outras pessoas.

Renata começou a frequentar a Umbanda em 2014, mas disse que não sabia se acreditava ou não, estava “num momento de suspensão mesmo, totalmente perdida no sentido de crença. Sou batizada na igreja presbiteriana. Minha família inteira é”.

Larissa, 25 anos, branca, atriz, dramaturga, integrante de dois grupos de teatro: Grupo Teta de Teatro e Coletivo Amapola de Teatro e Poesia Urbana. Até julho de 2016, também integrava o grupo Reversa Companhia.

É formada em licenciatura em arte e teatro pela UNESP, campus Barra Funda. Quando concluiu a graduação, aos 23 anos, mudou para Londres para fazer curso de teatro, morou lá durante oito meses e por dois meses viajou por outros países da Europa. Ela planejou a viagem para Londres sem comunicar a família, juntou dinheiro e comprou a passagem. Seu principal objetivo era ter a experiência de viver sozinha, pois “eu me sentia presa a um nicho de proteção”. Quando voltou, cursou uma especialização em dramaturgia na SP Escola de Teatro e em 2016 iniciou o mestrado em Dramaturgia na Escola de Comunicação e Artes (ECA/USP). Ela cursou a educação básica e o ensino médio em escola particular. Ela e sua irmã mais velha eram bolsistas. Durante a faculdade fez iniciação científica, estagiou em escola pública, participou de um projeto de extensão realizado pela Unesp na Fundação Casa durante um ano e meio, e trabalhou como assistente em uma escola particular de teatro. Em 2015, foi contratada para substituir uma educadora em uma Organização Não Governamental no Jd. Colombo, Zona Sul, onde ministrava aulas de teatro. Quando a entrevista foi realizada, em julho de 2016, ela estava “procurando trabalho remunerado mais seriamente”. Havia prestado concurso para professor do município de São Paulo. Ela “ama” educação, mas tem uma “crise”, pois não gosta de trabalhar na educação formal, prefere a educação informal.

Larissa morava com o namorado e mais três amigos na avenida Paulista. Em novembro, ela e o namorado dividiriam um apartamento. Seria uma experiência nova, pois ela nunca havia cogitado em morar com alguém. Seus relacionamentos amorosos estavam pautados no “poli amor”. Se relacionou por seis anos com um rapaz em que podiam sair com outras pessoas, foi quando conheceu o atual namorado. Mas não deseja que o fato de morarem juntos transforme a relação deles em monogâmica. Antes morava com a mãe e duas irmãs no bairro Vila Nova Caledônia, que fica depois do aeroporto de Congonhas. Seus pais se separaram quando ela tinha seis anos. O pai foi ausente e ainda é, mas hoje em dia eles saem para tomar cerveja e conversar. Sua religião é a Umbanda, estuda o paganismo e o sagrado feminino.

Suzy, 26 anos, branca, solteira, é atriz do Coletivo Na Rego que se formou no início de 2013. É de Uberlândia – MG. Aos 16 anos, havia concluído o ensino médio e iniciou o curso de Publicidade em uma faculdade particular em sua cidade natal, mas não gostou. Começou a fazer teatro e se descobriu. Em 2008, quando estava com 18 anos, mudou para São Bernardo do Campo, foi morar com seu tio para fazer cursinho e prestar vestibular para as universidades públicas em São Paulo, mesmo tendo sido aprovada no vestibular da Universidade Federal de Uberlândia. Fez seis meses de cursinho e foi aprovada no vestibular de meio de ano da Unesp. Quando entrou na faculdade mudou para São Paulo, chegou a morar no Butantã, em um apartamento do seu pai, mas foi “expulsa” de lá, pois ele se casaria e venderia o apartamento, mas até a data da entrevista não havia sido vendido. Ela morou por um período próximo à Raposo Tavares e depois se mudou para o Bom Retiro, que ficava a 15 minutos da Unesp e tinha fácil acesso para o trabalho. Ela recebia ajuda financeira do seu pai para pagar aluguel, mas não era constante. Então trabalhou ministrando aulas particulares de inglês e como professora de artes em uma escola pública. Suzy sempre gostou de ter o seu dinheiro, começou a trabalhar aos 16 anos, logo quando concluiu o curso de inglês e foi convidada pela escola de idiomas onde estudava para trabalhar.

Em 2015, ela concorreu à vaga de mestrado na Unesp e na Universidade Federal de Goiana (UFG), na primeira ela não passou, então iniciou a pós-graduação em Goiânia. A escolha por estudar na UFG envolveu questões familiares e estratégicas. A motivação familiar foi estar mais perto da mãe, avós e tias que moram em Itumbiara, cidade que fica em Goiás e estratégica, pois quando ingressou no mestrado na Federal de Goiânia já sabia que receberia bolsa de estudos da CAPES no valor de R\$ 1.500,00, o que permitiria arcar com os custos de moradia e alimentação. Ela divide um apartamento de dois dormitórios com sua prima.

Suzy relatou que não gosta do Programa da Pós em que está, pois é interdisciplinar e um dos primeiros, sua turma está servindo de “cobaia”, sua orientadora é das artes visuais e não do teatro. No primeiro semestre de 2016, ela veio para São Paulo cursar disciplina na Escola de Comunicação e Artes (ECA) na USP.

Apesar de viver em Goiás, sua vida não estava desconectada de São Paulo, pois pelo menos um final de semana por mês vinha para a cidade para participar das atividades do Coletivo Na Rego. Além disso, seu companheiro, com quem já se relacionava há seis anos, morava no Jd. Bonfiglioli, bairro da Zona Oeste de São Paulo.

Atualmente, ela mantém uma boa relação com a família, mas na adolescência foi bem difícil, pois precisou lidar com a separação dos pais e vivia em conflito com eles. A relação com sua mãe melhorou depois que mudou para São Paulo, a saudade que sentiam uma da outra ocupou o espaço das diferenças. Seu pai é médico e sua mãe advogada. Ela tem três irmãos, um só por parte de pai, com quem teve pouco contato e outros dois irmãos, um já formado em medicina e outro cursando. Sua família é de médicos, ela é a única atriz: “Sou a neta mais velha, a mais desejada e a que foi fazer teatro”. As divergências ideológicas ainda causam alguns atritos. Não entendem como ela consegue viver com a sua bolsa de estudos, não ter buscado um trabalho ou profissão que lhe desse mais dinheiro.

Eloá, 26 anos, negra, solteira, tem uma filha de três anos e é membro-fundadora do Manifesto Crespo, “coletivo cultural formado por mulheres negras que atua por meio da reflexão e prática acerca das particularidades e potencialidades do corpo negro”⁸¹, e que iniciou suas atividades em 2010. Ela se considera uma pessoa religiosa, adepta das religiões de matriz africana, embora não tenha uma prática regular e um espaço que frequente.

É graduada em Design Gráfico pela Anhembí Morumbi, teve bolsa parcial oferecida pela própria Universidade e o restante da mensalidade parcelou. Frequentou o ensino médio na Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas. Também fez cursos extracurriculares de design, moda, vestuário e modelagem. No momento da entrevista, fazia curso de cenografia. Eloá deseja fazer pós-graduação, dando continuidade ao que estudou no seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em que pesquisou símbolos africanos de comunicação visual.

Eloá é uma Microempreendedora Individual (MEI), trabalhava como *freelancer*, atuando como educadora e fotógrafa, estava “cada dia em um lugar e de um jeito diferente”. Relatou ter dificuldade para organizar a parte jurídica da MEI, pagar as contas, recolher o INSS, mas estava

⁸¹ Disponível em: <www.manifestocrespo.org/sobre/>. Acesso em: 5 set. 018

feliz em trabalhar dessa forma, pois podia trabalhar de casa, ter uma boa alimentação, levar e buscar a filha na escola. Para ela, o que “mais pega” em não ter um trabalho com carteira assinada é não possuir um plano de saúde. Sua experiência de trabalho contratada por CLT foi logo após o término da faculdade, quando ministrou oficinas de fotografia na Fundação Casa, por meio de uma ONG. Em 2011, abriu a MEI e desde então passou a realizar *freelas*. Ela é contratada por outros coletivos para pensar na comunicação visual, para registro de eventos etc. No coletivo Manifesto Crespo ela tem mais investimento de tempo que retorno financeiro. É responsável pela comunicação visual do coletivo e foi uma das idealizadoras do Projeto Adinkras, onde realiza oficinas de símbolos africanos.

Com 20 anos, ela saiu da casa dos pais, morou por um tempo no Ipiranga e depois em Taboão da Serra, com seu companheiro. Após o nascimento da filha ficaram juntos por mais um ano. Com a separação, ela retornou para a casa dos pais, local que considerou ideal para voltar porque “tinha o suporte emocional”. Mas foi um processo difícil, pois Eloá demorou para entender que não tinha mais a sua casa, mas agora sabe que a casa é dos seus pais e não sua. Deseja mudar para uma casa e morar com sua filha, podendo organizar os projetos do coletivo, mas, no momento, precisa primeiro colocar as ideias no papel para conseguir projetar o futuro.

Shaira, 27 anos, é negra, solteira, jornalista e uma das fundadoras do Nós, Mulheres da Periferia, que iniciou as atividades em 2013, coletivo de comunicação que aborda temas de interesse das mulheres jovens. É uma menina “engajada com o movimento negro”, pois seus pais sempre foram envolvidos durante o seu crescimento. Sempre circulou em espaços de resistência, frequentou manifestações políticas e considera que tem “uma ligação com a política desde criança, porque os meus pais eram petistas e a gente ia muito para rua”. Mora com os pais no Jardim Miriam, bairro da Zona Sul de São Paulo que faz divisa com Diadema. A casa em que moram não é alugada, mas também não tem documentação, pois o terreno foi cedido por um tio. Tem uma irmã mais velha que havia se casado fazia um ano e não morava mais com eles. É sua irmã quem está em busca de regularizar a situação da casa, pois sua mãe quer vendê-la para conseguir morar mais próximo do metrô. Ela tem planos de sair da casa dos pais, mas não vê sentido em sair para pagar aluguel no centro de São Paulo. Seus planos para 2017 é ir morar por um tempo em Nova York, na casa de uma amiga. Com esse projeto, ela vê sentido em sair da casa dos pais, porque ela estará “saindo para viver uma experiência plausível, não para ficar no centro de São Paulo”. Também pensa em deixar a casa dos pais para estudar, em outro Estado ou cidade.

Toda a educação básica e o ensino médio ela cursou em escola pública e no ensino superior conseguiu bolsa integral do PROUNI na Faculdade Metodista, “que para jornalismo é uma faculdade muito boa”. Sua irmã é formada em Letras/Francês, seu pai em Letras/Inglês e sua mãe em Serviço Social, todos pela PUC e todos com bolsa do Governo Federal, entraram na mesma época. O sistema de cotas e o Programa Universidade para Todos possibilitou que seus pais realizassem o desejo antigo de cursarem o ensino superior e também de ver as filhas formada. Shaira estava fazendo o curso de especialização “Cultura, educação e relações étnico-raciais” na Escola de Comunicação e Artes da USP. Em 2013, ela começou a fazer uma especialização em Gestão de Negócios na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), mas desistiu do curso.

Shaira começou a trabalhar aos 16 anos. Disse que estava se achando “muito folgada” por não trabalhar, pois sua irmã havia começado a trabalhar com essa idade, por meio do Programa Jovem Aprendiz. Via que sua irmã tinha dinheiro para comprar as coisas e também queria ter acesso a bens materiais por meio de seu próprio trabalho. Por um mês ela trabalhou na Microlins, vendendo cursos informática. Como fazia cursinho na época, e precisava pagar a mensalidade, ela começou a trabalhar com panfletagem na região central. Depois como operadora de telemarketing na Atento Brasil, onde ficou por dois anos e saiu para trabalhar na Gol Linhas Aéreas Inteligentes, também na área de telemarketing, onde ficou por aproximadamente dois anos nesta área. Ainda dentro da Gol, foi promovida ao cargo de assistente administrativa e, em meados de 2011, ela se submeteu a um processo seletivo interno e foi para a área de comunicação. Ela já trabalhava há nove anos na empresa, mas estava decidida a sair para se dedicar às atividades do coletivo do qual fazia parte e também passar um período em Nova York. Havia conseguido que sua chefe lhe mandasse embora. Em 2012, foi correspondente no blog Mural da Folha de São Paulo que reunia jornalistas recém-formados e estudantes para contar o que se passa na periferia da grande São Paulo. Foi a partir dessa experiência que surgiu o coletivo do qual ela participa.

Shaira não estava namorando no momento em que a entrevista foi realizada (maio de 2016). Ela tinha seus “casos” e não estava em busca de algo mais sério naquele momento.

Paula, negra, 27 anos, tem uma irmã e um irmão, mais novos que ela. Seus pais são separados. Nasceu no bairro Cidade Ademar, mas mudou-se para São Mateus ainda quando pequena. Aos 18 anos, saiu de casa para conseguir cursar ensino superior em uma faculdade no Morumbi. Por estudar a noite não tinha transporte para voltar para casa, então, foi morar sozinha. Primeiro,

retornou para Cidade Ademar, Zona Sul, e posteriormente foi morar perto do CEU Caminho do Mar, também na região sul da cidade. Em 2014, alugou um apartamento na Rua Aurora, no Centro da cidade. Em agosto de 2015, voltou a morar em São Mateus, lugar que sempre atuou política e culturalmente, mesmo morando em outras regiões.

Paula tem uma formação escolar e frequência a cursos extras curriculares bem peculiares. Aos dez anos, frequentou o curso de teatro oferecido por uma Associação de bairro. Aos 16, iniciou um curso de liderança jovem pelo Centro de Capacitação Profissional – Henry Ford – Multimarcas⁸² que fica no Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto⁸³, que consiste no acompanhamento de algumas ações voltadas para adolescência e juventude. É quando ela começa a acompanhar o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), a Comissão Extraordinária Permanente de Defesa dos Direitos da Criança, do Adolescente e da Juventude da Câmara Municipal de São Paulo, a Coordenadoria de Juventude, entre outros órgãos. Como parte da formação, ela aprendia a confeccionar jornal. Nesse período também foi selecionada para o curso técnico de Mecânica, oferecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), por meio de uma ONG. De 2005 a 2006, fez curso de produção no Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias. Por conta desse curso, em 2006, começou a estagiar no Museu da Imagem e do Som (MIS), primeiro na área de recepção de público, depois no acervo. É então incentivada a fazer curso técnico em biblioteconomia no SENAC. Porém, inicia a faculdade de Biblioteconomia, que por problemas de saúde foi trancada, quando faltava apenas um ano e meio para concluir. Quando teve condições de voltar a estudar, ela resolveu dar início a um curso de audiovisual, que também não concluiu, faltando apenas um semestre. Ela diz que se sente deslocada na faculdade, pois acaba ensinando seus amigos, uma vez que já teve contato, na prática, com o que é ensinado nas aulas.

Paula começou a trabalhar com sete anos, cuidando de seus irmãos e ajudando a mãe no comércio local de sua propriedade. Antes do trabalho no MIS já tinha adquirido experiência com os projetos culturais que começou a desenvolver em 2008, por meio do grupo Mundo em Foco, que ajudou a estruturar em 2007 e hoje é uma ONG. A realização desses projetos lhe proporcionou a prática na área de produção, além da elaboração de projetos. O primeiro recurso financeiro que a Mundo em Foco ganhou foi o prêmio Criando Asas, em 2008, depois, de 2009 a 2013 sempre tiveram projetos aprovados pelo Programa, sendo ela proponente ou parte da

⁸² O Centro de Capacitação Profissional – Henry Ford – Multimarcas foi criado por iniciativa do Comitê dos Trabalhadores da Ford, com o apoio da Ford em parceria com o Instituto Credicard, com o Unibanco, com o Senai, com o Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto e com a Prefeitura de São Paulo.

⁸³ O Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto é uma entidade filantrópica criada em 1946, ligada à Pastoral do Menor.

equipe técnica. Realizava os projetos conciliando com a faculdade, com o trabalho no MIS, onde ficou de 2006 a 2013, quando saiu para trabalhar por alguns meses no Comitê de Política de Acervo do Governo Estadual. É, então, convidada para coordenar a equipe de produção do grupo teatral Pessoal do Faroeste, onde trabalha de 2014 a junho de 2015. Deixou o trabalho de produção para assumir a coordenação da Casa de Cultura São Mateus da Secretaria Municipal de Cultura.

Seu envolvimento com a área cultural iniciou-se cedo, quando começou a fazer teatro. Foi durante o curso de liderança jovem que conheceu o Fórum de Cultura de São Mateus, do qual foi coordenadora do início de 2013 a outubro de 2015. Precisou sair da coordenação ao assumir o cargo comissionado na Casa de Cultura, mas, diferente das demais Casas que tiveram seus coordenadores indicados, Paula foi eleita pelo Comitê Gestor da Casa de São Mateus e seu nome apresentado à Secretaria Municipal de Cultura⁸⁴. Paula estava muito satisfeita com o trabalho que estava realizando, aliás, segundo ela: “O trabalho é a minha paixão, sou o que estou fazendo”.

O grupo Perifacine, o qual ela faz parte, foi iniciado ainda como um projeto do Mundo em Foco, e à época da entrevista estava sendo repensado por ela e outro integrante. A ideia era dar continuidade com o grupo, mas com o novo trabalho estava com pouco tempo para se dedicar na reestruturação das ações. Da mesma forma, também não tinha muito tempo para se dedicar a um relacionamento amoroso, mas revelou ter desejo em ter filhos, pode ser que esteja casada ou não.

Marina, 27 anos, branca, solteira, integrante do Grupo Transformar desde 2010, coletivo de cinema periférico formado por jovens de São Mateus que iniciou as atividades em 2009. Estudou Design de Moda na Universidade Anhembi Morumbi e teve bolsa integral do Programa Universidade para Todos (PROUNI), do Governo Federal. O período da faculdade foi difícil para Marina, pois conviveu com pessoas que valorizavam mais a marca das roupas que vestiam que o processo de aprendizagem. A universidade em que estudava fica no Morumbi e ela se deslocava da Zona Leste até a Zona Sul todos os dias. Segundo ela, sentiu na pele o preconceito de classe, pois seus colegas de turma à medida que sabiam que ela era bolsista a tratavam com mais hostilidade, então ela optou por não contar. Fez poucas amizades e elas foram se perdendo por conta da distância física e ideológica, “Eu era uma pessoa mais revolucionária e o pessoal

⁸⁴ No final de 2014 a Secretaria Municipal de Cultura passou novamente a administrar as Casas de Cultura, cuja gestão havia sido transferida para as Subprefeituras no governo da Prefeita Marta Suplicy.

lá de extrema direita, então, não batia, não dava para ter uma amizade assim”. Após a graduação ela fez uma especialização em Cenografia e Figurino na Faculdade Belas Artes. No primeiro semestre de 2016, ela concluiria uma especialização em Arte Educação nas Faculdades Integradas Coração de Jesus (FAINC)), que fica em Santo André.

Marina, embora formada em Design de Moda, não pleiteou inserção profissional na área da indústria da moda e da confecção. Chegou a estagiar com um estilista e trabalhou em uma confecção no setor *underwear*. Ela deixou o trabalho na confecção e por meio do projeto Praças da Paz, realizado pelo Instituto Sou da Paz, desenvolveu oficinas de moda na comunidade Vergueirinho. Nesse mesmo período se inscreveu em editais da Coordenadoria de Ações para a Juventude da Prefeitura de São Bernardo do Campo e da Fundação da Criança de São Bernardo do Campo, para ministrar oficinas de desenho de moda e de figurino. Por um período ela trabalhou nesses três lugares. Também teve a experiência de trabalhar em um Centro para Crianças e Adolescentes (CCA). Em 2016, Marina permaneceu trabalhando na Fundação Criança, fazendo figurino para uma peça; no Programa de Iniciação Artística (PIÁ), da Prefeitura de São Paulo; realizava oficinas de figurino na Casa de Cultura São Mateus; e, nas horas vagas, ministrava aulas particulares de violão e música para algumas crianças na igreja que frequentava, onde para as famílias que tinham condições de pagar, ela cobrava um valor simbólico pelas aulas, mas oferecia aulas voluntárias para aquelas que não tinham condições de pagar.

Marina mora com seus pais em uma casa própria. Ela tem uma irmã mais velha e um irmão mais novo, ambos já casados. Seus pais estudaram até o ensino médio, seus irmãos, assim como ela, concluíram o ensino superior. Seu irmão mais novo também participa do Grupo Transformar e disse que eles possuem ideais parecidos. Embora considere que tenha uma boa relação com seus pais, ela acha complicada, pois “às vezes eles me entendem até demais, mas tem horas que sou incompreendida. As pessoas esperam filhos que façam faculdade, que estudem e fiquem naquele trabalho por 20 anos até se aposentar”. Marina expressou desejo em sair de casa, morar sozinha, ter um ateliê para que pudesse trabalhar e também guardar os figurinos que ela cria. No entanto, seus planos de sair de casa não têm data marcada e por questões financeiras acredita que demorará. Ela estava em um relacionamento amoroso há três anos e meio, se conheceram em uma festa da igreja. Marina é católica, vai à missa todo domingo, participa da celebração e toca a cada 15 dias com as crianças que ensina.

Tais, produtora cultura negra, de 27 anos, casada, com dois filhos, é vocalista da Banda Útero Punk e ativista do movimento feminista negro. Mora na Brasilândia desde que nasceu. Foi mãe aos 18 anos, como ela mesma disse: “Fiz parte da estatística”. Casou-se e se afastou dos pais por um bom tempo, até que, por conta da filha, começou a se reaproximar. Sua filha mais velha tem oito anos e o caçula dois. Ela, ao se apresentar, trouxe a questão do seu ativismo no movimento feminista negro, pois gosta de deixar bem claro isso, como podemos perceber em sua fala: “Quando a gente fala de feminismo, a gente pensa em Simone de Beauvoir, a gente pensa em muita coisa acadêmica. E eu não fiz faculdade, então eu trabalho vivência. E tenho propriedade para dizer por ser mulher, negra de periferia, que o feminismo chegou em mim por interesse, eu tive interesse em estudar, mas os livros da Simone nunca chegaram na minha escola. Então, eu me coloco sim, como uma ativista do movimento negro e feminista”.

Quando realizamos a entrevista ela estava se estabilizando, depois de cinco anos sem um emprego formal, conseguiu um trabalho como assistente de projetos na Agência São Paulo de Desenvolvimento (ADESAMPA), na Secretaria Municipal de Trabalho e Empreendedorismo. Ela passou por um processo seletivo, por meio de análise de currículo e entrevistas. Mas, quem enviou seu currículo para a vaga, escondido dela, foi seu marido, pois ela tinha certeza que não seria selecionada: “Não, só vão contratar gente não negra, tem que ter faculdade é ‘mó mimimi’ isso daí, só vão os coleguinhas, eu não quero”. Além desse descrédito em relação ao processo de seleção, ela tinha medo de sair de casa, pois os últimos três anos que ficou sem trabalho formal, foram três anos que ela ficou “trancada” em casa, quando saía era para fazer shows da sua banda e levar os filhos ao médico, mas estava sempre acompanhada. Também fazia bicos como diarista e faxineira, nos primeiros anos. Conseguiu um trabalho formal em 2012, mas ao ser vítima de abuso sexual quando voltava para casa, ficou com muito medo e se trancou. Tais, vítima de abuso sexual, teve sérios problemas emocionais, sobretudo porque, desde pequena, era violentada por seus irmãos mais velhos, filhos do primeiro casamento de seu pai. Como tentativa de sair de casa, ela começou a vender bolos e café no ponto final de uma linha de ônibus em frente à sua casa, mas seu marido ficava na janela dando suporte. Agora, com o trabalho na Secretaria, ela estava retomando a vida, com ajuda psicológica, do esposo, de amigos e de demais familiares. Estava entusiasmada com o trabalho e feliz por ter um registro em carteira novamente.

A violência sexual que vivenciou em sua infância e adolescência a incentivou a montar um grupo musical de meninas, onde pudesse abordar essa questão e incentivar outras meninas a falarem sobre o assunto. A Útero Punk surgiu em 2003, quando ela começou a ter contato com

música e, na escola, uma das professoras começou a abordar temas como pedofilia e violência sexual e propôs a formação de grupos para debater o assunto. Suas músicas contam sua história e de tantas mulheres que passam por isso. A banda gravou o primeiro CD/DVD, “Não se renda” em 2013, com o apoio do Programa VAI (Valorização de Iniciativas Culturais). Em 2014, também com o subsídio do VAI, gravaram a coletânea “Útero Punk: mulheres em perigo”, com a participação de outras cinco bandas que possuem vocal feminino.

Maira, artista plástica branca, de 30 anos, tinha voltado a morar com seus pais e seu irmão na Vila Madalena, em uma casa própria, depois de ter morado por um ano e meio com um namorado, em uma casa alugada. A vida em comum não deu certo, pois ela se viu em uma relação marcada pela cultura machista, pois, acabou “virando mãe” do namorado.

Seu pai é contador, ministrou aulas no ensino superior, é aposentado como funcionário público, pintava nas horas vagas e, depois de se aposentar, começou a trabalhar como pedreiro. Sua mãe, é formada em Psicologia e trabalhava como funcionária pública. Ambos, pai e mãe, eram concursados. Seu irmão é músico, toca bateria. Maira e ele seguiram o caminho artístico pela influência do pai. No entanto, o pai da Maira é “avesso” ao caminho escolhido pelos filhos: “Cara, meu pai é incrível: o cara que inspirou tudo isso. Ele, avesso assim, quase que ignora. O meu irmão é músico por causa do meu pai, sabe? E meu pai não quer saber. Não se interessa. Meio loucura”. Ela tem ensino superior incompleto. Quando terminou o ensino médio fez um ano de cursinho (que ela não frequentava assiduamente), prestou vestibular no Mackenzie, passou para o curso de Publicidade, mas não tinha como pagar. Na época seu pai trabalhava em uma Faculdade de Administração e ela conseguiu bolsa para cursar administração. Por três anos estudou administração, mas desistiu quando trabalhou por dez dias em uma empresa e conviveu com a “rotina”, “picuinha de sala” e viu que essa relação de trabalho não era o que queria para sua vida. Estava nessa época com 22 anos, começou a se indagar sobre o que queria da sua vida, pensou em morar um tempo fora, em Portugal, começou a fazer pequenos trabalhos para juntar dinheiro para tirar a dupla cidadania. Nesse período, fez um curso de grafite com Rui Amaral e começou a se interessar pelo grafite.

Foi em 2008 que ela começou a ter contato com o grafite. Vendia algumas telas, aceitava alguns trabalhos de pintura. Mas foi somente em 2011 que começou a sobreviver somente de arte. Antes, logo quando terminou o ensino médio, fez pequenos trabalhos, desde distribuir panfletos na rua a vendedora em loja de tênis. Também foi modelo de vestuário em *showroom*, em que o trabalho de um mês a sustentava por seis meses. Quando realizamos a entrevista, ela alugava,

em conjunto com outras duas mulheres, uma sala comercial que transformaram em ateliê, próxima à casa dos seus pais, na Vila Madalena. É lá que passa maior parte do tempo, mas também sente necessidade de pintar na rua com outros artistas.

Maira não estava participando de nenhum coletivo ou grupo específico, e sim em um projeto chamado “Tantas Marias”, que reuniu artistas plásticas que produziam suas obras e organizaram uma exposição. No entanto, no projeto não havia atividades sistemáticas, com reuniões etc.

Em 2014, integrou o grupo Apuama que, em parceria com outras artistas, elaboraram uma performance que unia dança, música e pintura. Quando começou a grafitar, ela sempre pintou junto com outras pessoas, tinha um grupinho que sempre saía para grafitar, mas eles não chegaram a se nomearem como coletivo ou grupo.

Bento, 25 anos, negro, solteiro, arte educador e integrante do Arte Maloqueira, coletivo de literatura, desde 2009. Morou dos nove aos 18 anos em um abrigo, hoje denominado de SAICA. A mãe de Bento faleceu enquanto ele e seu irmão moravam no abrigo. No momento da entrevista estava morando com seu pai, no Belém, mas sempre estava em Guaianases, na casa dos pais do Rogério, também integrante do coletivo Arte Maloqueira. Por cinco anos morou com seu irmão, que faleceu no final de 2015, e com o Rogério em uma casa alugada em Guaianases. Os planos era voltar a alugar uma casa em Guaianases e dividir novamente com o amigo.

Bento considera como seu primeiro trabalho sua participação em um programa da Secretaria Municipal de Saúde, em que atuou como Agente Comunitário de DST/AIDS quando tinha 15 anos. Depois conseguiu trabalho de estoquista em uma loja na Santa Efigênia, onde trabalhou por dois anos. Trabalhou em um abrigo, onde ficou amigo do dono que lhe ofereceu pagar uma faculdade, para que depois ele trabalhasse no novo abrigo que abriria. Por discordar de alguns pontos, pois o abrigo era de uma instituição religiosa, ele saiu do trabalho e ficou desempregado. Na mesma época, precisou deixar o SAICA, pois havia completado 18 anos. Seu irmão também ficou desempregado. Ele começou a trabalhar em uma “biqueira” vendendo drogas, “fiquei algumas semanas e vi que não tinha nada a ver comigo, não queria isso para mim, ficar vendendo veneno para a desgraça dos meus irmãos”. Deixou a biqueira e junto com Rogério e seu irmão escreveram um projeto para o edital do Programa VAI em 2010. Desde então começou a trabalhar com cultura, com arte e como educador. Bento, em julho de 2016, estava trabalhando como arte educador em um CCA em Guaianases. Antes, havia trabalhado por dois meses em um SAICA. Já havia trabalhado em um CCA e saiu com a mudança de gerência que

teve e também para acompanhar seu irmão que precisaria fazer mais um ano de tratamento de quimioterapia.

Estudou até o ensino médio. Na sua trajetória escolar conta com duas repetências, ambas no ensino fundamental devido a faltas. No primeiro ano do ensino médio ficou seis meses sem estudar. Quando voltou, “estava mais engajado politicamente, com o olhar mais crítico e questionador”. Organizou um grêmio na escola e incentivou a realização de algumas atividades, como o “desfile de moda africana, campeonatos e intervalos de aula interativos com música e competição de dança”. Precisou mudar de escola e formou outro grêmio, mas não teve o mesmo resultado, pois, faltou apoio dos professores e o envolvimento dos alunos. Estava se preparando para a prova do Enem e para a Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST), com o objetivo de entrar na EACH/USP. Quer se formar em Políticas Públicas, por já estar envolvido com projetos culturais.

Bento, embora acredite em Deus, não é religioso. Não estava namorando na época em que a entrevista foi realizada.

Paulo, 25 anos, negro, solteiro, historiador, professor na rede estadual de ensino e membro fundador do grupo Passeando pelas Ruas que iniciou suas ações em 2014 e organiza visitas a patrimônios culturais seguidos de diálogo. Paulo cursou o Ensino

Médio em uma escola particular sendo bolsista por dois anos. No terceiro ano precisou voltar a trabalhar para conseguir pagar a mensalidade da escola, mas ainda não quitou completamente a sua dívida. Com dezoito iniciou o ensino superior na Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Durante a graduação desenvolveu dois projetos de iniciação científica, que lhe colocou em contato com a pesquisa. Em 2016, cursava o mestrado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e estudava a urbanização da Zona Leste.

Aos 12 anos ele começou a trabalhar aos sábados na padaria que seu pai tinha no bairro dos Pimentas, em Guarulhos. No terceiro ano do Ensino Médio, quando perdeu a bolsa de estudos, começou a trabalhar todos os dias, pela manhã ia para escola e a tarde para padaria, onde ficava até às 22h. Seu pai perdeu a padaria e ele conseguiu trabalho como operador de telemarketing. Na faculdade conseguiu estágio no Arquivo Histórico Municipal. Em 2011, ainda na graduação, ele assume aulas de história na rede estadual de ensino de São Paulo como professor contratado e em 2014 ele é aprovado no concurso e passa a ser professor efetivo. Em 2016 ele ministrava aula no ensino médio em duas escolas todas as manhãs.

Paulo é de uma família numerosa, morava com seus pais, um irmão e mais quatro irmãs no Jardim Helena, bairro do distrito de São Miguel Paulista. Seus planos era sair de casa e segundo ele se concretizaria em maio de 2016, mês em que nos encontramos. Desde a graduação ele já tinha interesse em sair de casa, mas sua mãe questionava seu desejo e também questões financeiras impossibilitavam o pagamento do aluguel. Mas estava confiante de que conseguiria sair da casa dos pais. O principal motivo era ter “mais liberdade”, embora pudesse falar de muitos assuntos em sua casa, não encontrava abertura para falar sobre “questão sexual, que é onde há a barragem com a minha pessoa, pelo fato de que eu sou gay [...] apesar de acreditar que todo mundo já sabe”.

Paulo estava em um relacionamento amoroso há sete meses com um estadunidense. Se viam de tempos em tempos, quando ele viaja para os Estados Unidos ou quando o seu namorado vinha para São Paulo. Esse era mais um motivo para que mudasse da casa dos pais, assim não precisariam ficar em hotel.

Hugo, é branco, tem 26 anos, é ator e mora em São Bernardo do Campo com sua mãe e irmã. Seu pai faleceu em 2010. Aos 15 anos, ele decidiu que queria ser seminarista e alimentou essa ideia até os 17 anos, frequentando assiduamente a igreja católica e fazendo retiros vocacionais. Nesse meio tempo, começou a fazer teatro e desistiu do seminário. Mas antes de engrenar no teatro, ele, ao concluir o ensino médio, conseguiu uma bolsa em uma Faculdade em São Caetano para cursar Serviço Social, embora preferisse Filosofia. Frequentou a faculdade por duas semanas, mas desistiu. Ele era o único homem na sala e suas colegas de curso eram todas mais velhas e tinham filhos com a sua idade.

A seguir foi buscar cursos na área do teatro. Fez curso profissionalizante de teatro na Escola de Teatro Macunaíma, onde tomou contato com o Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Começou a participar de um grupo de teatro, o Metaxis, que estudava a temática, quando começou a fazer teatro-fórum. Depois, foi para a Cia dos Imaginários, onde realizou dois espetáculos. A Cia acabou e ele precisou parar por um tempo, pois não tinha mais dinheiro para vir para São Paulo. Em 2012, começou a estudar na Escola Livre de Teatro de Santo André, na época tinha 22 anos. Também começou a trabalhar no Gato Coletivo Artístico, onde participou de um espetáculo sobre *bullying*, que circulou por diversas escolas na Zona Leste e também foi apresentado em uma escola no México. Durante o curso que fez na Escola Livre de Teatro conheceu o Núcleo Macabéa de teatro que, na época, tinha acabado de ter projeto aprovado pelo Programa VAI, a ser realizado na favela do Boqueirão, no bairro do Ipiranga. O projeto foi implantado durante o

ano de 2012, e em 2013 o Núcleo Macabéa recebeu outro subsídio do VAI. Mas nesse ano precisou se ausentar, pois estava trabalhando na produção do espetáculo de outro grupo teatral – Pessoal do Faroeste – que atua na região da Luz. Além de trabalhar na produção, ele também atuou em dois espetáculos desse grupo, durante um ano. Disse que era muito corrido para ele, pois saía de São Bernardo para a região da Luz; o espetáculo terminava tarde e muitas vezes precisou dormir na sede da Companhia. Decidiu deixar o trabalho, pois estava se ausentando demais de casa, sua mãe, que é aposentada, ficava muito tempo sozinha e ele não queria deixar toda a responsabilidade para sua irmã.

Hugo voltou a estudar teatro em 2014 quando foi aprovado novamente no processo seletivo da Escola Livre de Teatro de Santo André, para fazer uma formação de quatro anos. Foi também selecionado para o Núcleo Experimental de Teatro do Sesi, localizado na Avenida Paulista. Por um ano cursou os dois, mas no final de 2014 foi convidado para participar de uma peça Teatro Vertigem, que havia estreado em dezembro do mesmo ano. Os dois cursos eram gratuitos, mas precisava de dinheiro para pagar a condução, por isso, começou a trabalhar com um amigo de *barman*, mas desde os 15 anos de idade reparava computadores, tendo aprendido de forma autodidata. Com alguns clientes disse que “As vezes, me dá um dinheiro assim, me garante alguma coisa”.

No início de 2015, ele voltou a trabalhar com o Núcleo Macabéa na área de produção geral. Quando realizamos a entrevista, o desejo de Hugo era fazer cinema, tinha participado de um teste para o filme *O Som ao redor*, mas não foi selecionado. Ele tem apoio dos seus familiares para ser ator, mas nem por isso deixa de ser pressionado para que faça uma faculdade: “Se você tem a faculdade, você tem um respeito a mais”. Outra pressão que recebe em casa é em relação a não estar namorando. Ele tem desejo de casar, ter filhos, mas disse que o teatro não permite. Sobre sair de casa, ele já pensou, principalmente quando estava trabalhando na região da Luz, mas desistiu, pois, sua mãe ficaria chateada.

Igor, tem 28 anos, é negro, apresenta-se como MC e escritor negro e periférico, um amante da música negra, em especial do *rap*, é militante das causas juvenis e culturais. Em 2014, casou-se no civil e ainda não tem filhos, mas planeja ter em 2016, pois, segundo ele, conseguiu convencer sua companheira. Alega que se esperar muito estará velho e a diferença de idade entre o filho e ele será muito grande e “o conflito de geração será enorme”. Reside no bairro da Brasilândia desde pequeno, diz que é “órfão de pai vivo”. Durante a infância morou com sua mãe, cinco irmãos e avós maternos. Com 18 anos, alugou uma casa e foi morar com sua irmã,

na Brasilândia mesmo. Disse que precisava de espaço, pois era muita gente junto e sua família sempre morou em casa pequena. Sua irmã se casou e ele permaneceu morando sozinho até os 26 anos, quando se casou.

Em relação aos estudos, Igor sempre estudou em escola pública, completou o ensino médio e desde então continuou estudando, mas, como ele diz, “não a nível de graduação”. Apostou em formações técnicas, que contribuíram para os trabalhos que realiza, pois pôde colocar em prática mais rápido. Acredita que é a relação da faculdade com a prática que faz com que ele adie o ingresso no ensino superior: “coisas que a gente já viveu muito e a gente vai chegar lá e vai esperar terminar o ciclo para poder pegar o certificado, porque você já passou por aquilo basicamente. Mas é algo que eu valorizo pra caramba, acho bem legal assim, mas é cara, minha opção”. Embora tenha essa visão sobre a faculdade, ele deseja realizar um curso superior e tem um projeto ambicioso, que chama de “sonho ideal”, que é fazer curso em algum país africano. Igor trabalha desde a adolescência, em que relatou ter ajudado o avô paterno, que era pedreiro. Fez bicos em uma barraca de feira, e com 18 anos diz que começou seu primeiro trabalho “oficial”, em um mercado. Aos 20 anos, ele saiu de um escritório de advocacia em que trabalhava, ficou um período desempregado, voltou a trabalhar por um tempo em um restaurante e decidiu, em 2007, parar de trabalhar e se dedicar à organização do coletivo Literatura Suburbana que ele acabara de formar em parceria com outro jovem. A partir deste momento suas atividades de trabalho estiveram relacionadas com as ações do coletivo, que consistiu, inicialmente, na realização de palestras em uma escola sobre a Lei n. 10.639. Foi a partir das ações do coletivo que ele começou a trabalhar como educador social, primeiro no Espaço Criança Esperança, depois no Programa Jovens Urbanos do Centro de Estudos e Pesquisa em Educação e Ação Comunitária (Cenpec). Paralelo a esses trabalhos, desenvolvia os projetos elaborados pelo coletivo que receberam subsídios financeiros da Prefeitura de São Paulo e do Governo do Estado. Com esses projetos publicaram livros de poesia, um *audiobook*, realizaram festivais de *rap* e lançaram coletânea de músicas.

Desde 2009, tem investido na sua carreira de músico, gravou quatro CDs e participou com músicas de sua autoria em outros seis. Quando perguntei para ele como estava a vida, respondeu que estava “bem corrida”, pois ele não tem como horizonte ter um emprego formal, com horário para entrar e sair, então, precisa conciliar os horários e sempre estar com “a cabeça em vários lugares, processos artísticos, processos burocráticos, processos interpessoais...”. No momento da entrevista, Igor estava realizando oficinas diversas, como vídeo, áudio, música, literatura, na Fábrica de Cultura Brasilândia, que terminaria no final de 2015, além de oficina de

educomunicação em uma escola no bairro Jardim Guarani pelo Ponto de Cultura da Rádio Cantareira. Além das oficinas, estava realizando shows de seu último CD, em espaços públicos e saraus. Também conta com um estúdio de gravação em sua casa, onde realiza os ensaios e aluga para outros artistas, no entanto, não vê o estúdio como uma fonte de renda, mas como um espaço para aprendizado, para ele e para os demais.

João, é negro, tem 28 anos, nasceu e viveu no bairro do Rio Pequeno com sua mãe, quatro irmãs e um irmão. Sua mãe mudou-se em 2008 para Carapicuíba, onde moram alguns parentes. Ela mudou-se por problemas de saúde, não conseguia mais trabalhar e foi buscar um lugar mais tranquilo para morar. Ele continuou morando no Rio Pequeno com duas irmãs, que já tem filhos. João teve uma companheira com quem morou por um ano e meio. Os dois tiveram uma filha, que estava com quatro anos quando realizamos a entrevista. O relacionamento não deu certo, começaram a se desentender e preferiram se separar antes que o respeito entre eles acabasse e prejudicasse o crescimento da filha, que mora agora com a mãe e uma tia. Segundo João, parte do desentendimento entre eles foi pelo fato de ele trabalhar com arte: “E, muitas vezes, a arte não tem o retorno financeiro esperado pelas pessoas, que estão muito piradas na televisão. Porque o cara para ser músico, tem que ser o músico do Faustão. O cara para ser músico tem que tocar lá na banda que está aparecendo na televisão. Se você não é esse tipo de músico, as pessoas acham que você está vivendo uma utopia”.

Em 2012, mudou-se para Carapicuíba, foi morar com a mãe, mas sua vida profissional continuou em São Paulo. Atualmente, trabalha como arte educador, ministrando oficinas de percussão no Ponto de Cultura Afrobases do Instituto Nação. Ele integra o elenco da Cia. de Arte Negra Treme Terra, que é uma companhia de dança ligada ao Instituto Nação. Além disso, em 2015 começou a ensaiar com a Orquestra de Berimbaus do Morro do Querosene.

No primeiro semestre de 2015, João concluiu o ensino médio, por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em Carapicuíba. Sua trajetória escolar foi tortuosa. Com 13 anos, parou de estudar e ficou por um bom tempo sem frequentar a escola, tempo esse que ele não conseguiu mensurar. Disse que foi um período conturbado, em que ele teve problemas com a justiça, não deu detalhes sobre isso, mas revelou que foi interno da antiga Fundação para o Bem-Estar do Menor (Febem). Esse foi um período que marcou muito sua vida, e diz: “Todo momento eu vejo a galera falando que é... Fundação Casa vai reformar o menor. Pô, é uma puta mentira, ninguém sabe o quê que acontece lá dentro”. João não mencionou quanto tempo ficou lá, mas quando saiu voltou para morar com sua mãe no Rio Pequeno, começou a acompanhar as

atividades oferecidas pelo Instituto Nação, ainda no Morro do Querosene. Diz que foi lá que aprendeu a se reconhecer e se valorizar como negro. Na escola não teve essa referência, não se identificava nela. João quer cursar faculdade de música, construir um lar e continuar trabalhando com arte na periferia, que ele enxerga que é sua missão.

Pedro, branco, tem 28 anos, é pedagogo e professor do ensino fundamental I em uma escola estadual, fazia pós-graduação em Psicopedagogia. Nasceu e cresceu em São Paulo, no bairro de Ermelino Matarazzo, Zona Leste, onde mora até hoje com seus pais e uma irmã em uma casa própria de três cômodos, localizada em um terreno com várias moradias, onde moram alguns parentes, como avós, tios(as) e sobrinhos(as). É Pedro e sua irmã que, agora, mantêm a casa. Ele não tem vontade de morar sem seus pais, quando perguntado se ele gostaria de sair de casa, respondeu da seguinte forma: “Sim, só que eu levo minha família junto comigo”. Pedro não tem um quarto só dele, ele, seus pais e irmã dormem no mesmo quarto. Ele não estava namorando na época da entrevista.

Cursou Pedagogia em uma faculdade particular. A pós-graduação era cursada na mesma faculdade, em um final de semana por mês. Além de ter ensino superior na área da educação, Pedro aos 14 anos começou a fazer teatro na igreja católica do bairro e aos 17 anos frequentou o curso de teatro oferecido pelo Teatro da Universidade de São Paulo (TUSP), mas não chegou a tirar o registro técnico, que é um registro profissional na carteira de trabalho que o habilitaria a exercer a profissão de ator. Mas foi nesse período que ele começou a ter contato com a escola, não como aluno, mas como ator, pois realizava monólogos nas escolas para ter horas de cena, como estágio, para ser ator profissional e ter na carteira de trabalho esse registro. No entanto, ele mudou de ideia, encantou-se pelo espaço escolar e prestou vestibular para Pedagogia. Outra paixão de Pedro é o audiovisual, que conheceu quando participava das oficinas oferecidas pela Associação Cultural Kinoforum⁸⁵ na Associação Cultural Poder Negro, que ele frequentava na adolescência e juventude.

As diversas formações que Pedro possui estão refletidas em seu trabalho. Desde 2013, ele trabalhava em uma escola estadual no bairro de Ermelino Matarazzo, próxima da sua casa. Ele não é concursado, é um dos professores contratados que ficam nas escolas para substituir professores. Como ele mesmo disse: “Eu vivo de licença nessa escola. Eu pego, eu vivo, ano passado eu estava no reforço, esse ano eu estou com as licenças”. Quando acaba a licença, ele

⁸⁵ “Criada em 1995, a Associação Cultural Kinoforum, entidade sem fins lucrativos, realiza atividades e projetos e apoia o desenvolvimento da linguagem e da produção cinematográfica com destaque para a promoção do audiovisual brasileiro.” Disponível em: <www.kinoforum.org.br/>. Acesso em: 24 jan. 2016.

perde a sala e volta a ser professor substituto, mas tem interesse em prestar concurso para ser efetivo e fazer carreira na escola.

É nessa mesma unidade que em 2015 ele desenvolveu oficinas de audiovisual para as crianças, que fazem parte do projeto Jaguaporeruba, aprovado pelo Programa VAI, do Coletivo Paulisséia, do qual ele faz parte. Em 2014, também desenvolveu a mesma oficina, mas pelo projeto Rua2, também aprovado pelo VAI. Em ambos os projetos o coletivo gravou um longa-metragem. Além da gravação, realizam apresentações do filme seguido de debate. Pedro é o “cabeça” do Coletivo, ele concentra boa parte das atividades, isso toma boa parte de seu tempo.

Tomás, 28 anos, branco, solteiro, mora no Grajaú, bairro da Zona Sul de São Paulo. É jornalista e integrante fundador do Periferia em Movimento, coletivo de comunicação periférica, que iniciou suas ações em 2009.

Em 2004, ele concluiu o ensino médio e não tinha muita perspectiva em fazer faculdade, disse que não era algo comum naquela época, “acho que eu fui o segundo da minha família ou terceiro a entrar numa faculdade”. Passou em 2005 sem estudar, mas via que teria de fazer algo para sair do supermercado onde trabalhava como empacotador. Prestou vestibular para Jornalismo e em 2006 começou a estudar na Universidade de Santo Amaro (Unisa), que para ele era referência na região e teria condições de arcar com os custos da mensalidade. Nunca cogitou prestar vestibular para uma universidade pública. No TCC, Tomás se interessou por estudar a história do Grajaú e junto com mais duas colegas de faculdade fizeram a pesquisa.

O foco do TCC foi a realização de um documentário para contar a história do Movimento pela Paz que acontecia na região desde 2000. Tal manifestação se originou porque o Grajaú estava entre os distritos da cidade em que mais ocorriam homicídios. A realização desse trabalho fez com que Tomás mudasse a sua relação com o bairro, pois antes tinha vontade de mudar e depois, passou a querer transformar o bairro. Para a realização do documentário eles recolheram muito material e depoimentos de moradores que não foram utilizados. Então, decidiram criar um blog para publicar o material que tinham e os bastidores da pesquisa de campo. Foram surpreendidos, porque começaram a receber demandas das pessoas que queriam divulgar seus eventos. Isso impulsionou eles a escreverem projeto em 2009 para o Programa VAI, propondo um ciclo de debates para abordar o documentário e outros temas presentes na região. Foram contemplados e em 2010, desenvolveram as ações do projeto no CEU Navegantes. Em 2011, foram contemplados novamente no Programa VAI e desenvolveram oficinas e seis documentários

produzidos por jovens contando diferentes histórias do Grajaú. Em 2013, ele fez um curso de especialização na PUC em História, Sociedade e Cultura.

Tomás começou a trabalhar em 2003, aos quatorze anos, como empacotador no supermercado que seus tios trabalhavam. Saiu do supermercado em 2007, quando começou a estagiar no Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC), onde ficou por seis meses. Depois, estagiou por cinco meses em uma editora chamada Executivas Financeiras, que tinha uma revista e um site voltado para tecnologia e finanças. No início de 2008, iniciou estágio em uma imobiliária e sua função era atualizar o site. Em julho, conseguiu estágio como repórter em uma revista segmentada de tecnologia e negócios. Em 2011, começou a trabalhar como *freelancer* para um site americano que produzia conteúdo para o público latino-americano. Ele era o correspondente de São Paulo e tinha liberdade para cobrir diversos temas, desde migração a moradores de rua. Em 2012, pediu demissão da revista de tecnologia e negócios. Nesse mesmo ano Tomás e mais uma integrante do coletivo começaram a pensar em formas de dar continuidade às ações do Periferia em Movimento, uma vez que não poderiam mais concorrer ao Programa VAI. Ambos não se viam mais trabalhando como jornalistas nos espaços convencionais. São indicados pela associação Escola de Notícias para participarem de uma formação de empreendedores culturais criativos oferecido pela Organização Manier. Após a formação, de maio a dezembro de 2013, receberam subsídio e consultoria para aperfeiçoarem o trabalho do Periferia em Movimento. Em 2014, a partir de conversas com o pessoal da Produtora A Banca, do M'Boi Mirim, conseguiram planejar uma forma de estruturar o grupo e todo trabalho *freelancer* que fazia ia para o caixa do coletivo. Mas também consegue cobrir alguns eventos, enquanto coletivo, que são remunerados, como ministrar curso para educadores no SESC Interlagos. Foram contratados para desenvolver uma extensão universitária na Universidade Cruzeiro do Sul sobre Jornalismo de Quebrada. Depois foram convidados para desenvolver curso no Centro Universitário Ítalo Brasileiro (UNI-ÍTALO) e na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). E no final de 2014, ele conseguia se manter do trabalho realizado no Periferia em Movimento. Ainda em 2015, Tomás foi selecionado no edital de Agente Comunitário de Cultura da Secretaria Municipal de Cultura e o Periferia em Movimento foi selecionado no edital Redes e Ruas, também da Prefeitura de São Paulo, com o projeto Repórter da Quebrada. Em maio de 2016, ele estava aguardando resposta de dois editais: Redes e Ruas e o VAI Tec. E começaria a trabalhar como Agente de Governo Aberto.

Tomás mora com os pais e a irmã. Embora seja cômodo morar com os pais, não deixa de ter conflitos, porque como boa parte do trabalho que realiza é em casa, acaba sendo interrompido,

pois não compreendem que está trabalhando. Ele não era religioso, mas durante a adolescência participou da Pastoral da Juventude. Estava em um relacionamento amoroso sério desde 2011.

Caíque, 28 anos, branco, solteiro, músico, ator e ex-integrante da banda Relampianos e do Grupo Teta de Teatro. Em fins de 2016 saiu de ambos os grupos pois estava de mudança para Natal/RN, depois de morar em São Paulo por sete anos. Mudou-se para São Paulo em 2009 ao fazer prova de transferência para o curso de licenciatura em arte e teatro da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho –Unesp/Campus Barra Funda. Antes de vir para capital, estudou por um ano na Universidade Federal de Ouro Preto. Ele morava em Itapira com a mãe, avó e uma tia. Não mantinha nenhum contato com o pai.

A mudança para Natal estava aliada com as dificuldades encontradas para se manter em São Paulo, já tinha um amigo morando lá e pela possibilidade de fazer mestrado decidiu se mudar. Estava em um “momento de concluir coisas”, por isso não estava em um trabalho fixo, pois inviabilizaria a conclusão dos trabalhos com os quais estava envolvido.

Trabalhava na produção do Coletivo na Rego, gerenciando o projeto que o coletivo estava desenvolvendo e que tinha subsídio do Programa de Ação Cultura – ProAc Teatro Circulação. Também estava ensaiando com o Grupo Teta de Teatro, que estrearia espetáculo em setembro. Além disso, fazia alguns trabalhos ligado a iluminação. A ideia era conseguir juntar o máximo de dinheiro possível para se manter em Natal até que encontrasse um trabalho por lá.

Caíque começou a fazer teatro aos 16 anos. Diz ter o privilégio de não tido a necessidade de começar a trabalhar ainda na adolescência. Mas sua família começou a passar por dificuldades financeiras e ele começou a procurar trabalho. Para não ter que abrir mão das atividades que realizava “fui animar festas, fui fazer bicos esporádicos, fui vender peças de teatro no interior, nas escolas, dançar em festival de dança”. Somente em 2015 teve uma experiência “um pouco mais regrada” de trabalho, participou do Programa Jovem Monitor, da Secretaria Municipal de Cultura, no Teatro Municipal Alfredo Mesquita, aonde cumpria carga horária semanal de 30 horas. Ele no momento da entrevista, julho 2016, não estava se relacionando amorosamente com ninguém. Teve alguns relacionamentos monogâmicos, mas havia adotado a filosofia do poli amor.

Artur, 28 anos, branco, solteiro, é presidente do São Mateus em Movimento, Organização Não Governamental, que envolve um conjunto de coletivos da região. Iniciou sua atuação em 2011, levando a sua expertise em gestão e elaboração de projetos. Sua aproximação com os coletivos

da Zona Leste iniciou durante a faculdade, primeiro em Ermelino Matarazzo, com o Circo do Balaio e o Muros que Gritam, e depois em São Mateus, principalmente com o Grupo OPNI.

Durante toda a educação básica Artur estudou no colégio Objetivo, que é um “colégio que prepara para o vestibular”. Segundo ele, teve “esse privilégio”, pois, sua mãe é professora lá. Aos dezessete anos entrou no vestibular. É formado em Gestão de Políticas Públicas pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Na Universidade Federal do ABC desenvolveu seu projeto de mestrado na área de Planejamento e Gestão do Território e estava cursando o doutorado na mesma área e instituição. Ele foi contemplado com bolsa da CAPES no mestrado, e no doutorado estava sem.

Ele sempre trabalhou com política cultural. Em 2007, começou como estagiário na Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo e lá ficou por oito anos, acompanhando o Programa Fábricas de Cultura. No momento em que a entrevista foi realizada, desenvolvia um projeto que foi selecionado pelo Programa Agente de Governo Aberto da Prefeitura de São Paulo, que consistia na realização de oficinas de mapeamento cultural. O projeto teve início em novembro de 2015 e terminaria em maio de 2016. Por meio desse projeto, foi chamado para fazer mapeamento digital no Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso, projeto que foi realizado entre maio e agosto de 2016. Mas o valor recebido por esses projetos não era suficiente, e ele estava em busca de uma vaga como professor em instituições de ensino superior privadas. Havia enviado alguns currículos, mas até abril de 2016 não tivera retorno.

Artur estava morando com seus pais e um irmão na casa em que cresceu na Vila Mariana. Por dois anos teve a experiência de morar em uma casa alugada que dividia com dois amigos, no bairro Vila Flávia, em São Mateus. Mudou-se para lá pouco antes de iniciar o mestrado e saiu para conseguir concluir. Segundo ele, os dois amigos estavam brigando muito, então ele ficou um período morando sozinho, mas disse que é muito ruim morar sozinho, porque gosta de “estar trocando” e além disso, morar “Sozinho lá na quebrada é foda, você fica distante de tudo e eu já estava sentindo isso, de estar distante, de não poder fazer alguns cursos que eu queria”. No início de 2016, ele voltou para a casa dos pais e percebeu que eles o respeitavam mais depois de ter ficado fora durante esse período. Quer sair da casa dos pais, mas não havia colocado prazo para isso. Pensa em dividir a casa com um amigo ou uma “menina de boa”. Não pensa em comprar casa, porque acha que é algo que “te prende em algum lugar”. Quer poder mudar de região, cidade, Estado quando tiver vontade. Ele não estava namorado e não sabia ao certo se queria relacionamento sério naquele momento.

Lucas, 28 anos, branco, casado, tem um filho de dez anos, é membro-fundador do coletivo Revitarte, que realiza revitalização de espaços degradados, desde 2012. Formado em Administração de Empresas, com ênfase em Comércio Exterior, pela Universidade Paulista (UNIP). Ingressou no ensino superior por incentivo e insistência de sua esposa. Quando tinha 18 anos, era interessado em trabalhar com Marketing, para isso era bolsista do cursinho Objetivo para prestar vestibular fora de São Paulo. Mas seu filho nasceu e ele parou de estudar para começar a trabalhar. Com 19 anos, prestou vestibular na UNIP.

Lucas começou a trabalhar aos 15 anos. Seu primeiro emprego foi aos sábados no lava-rápido do seu pai. Aos 18 anos começou a trabalhar em um *call center* e depois como assistente administrativo em outras empresas. Na faculdade começou a estagiar na Cinetransformer, empresa mexicana que desenvolve projeto com exibição de filmes em uma carreta nos Estados Unidos, México e Brasil. Nessa empresa, ele trabalhou por nove anos, sendo que nos últimos dois ocupou o cargo de coordenador de operações. Foi ele quem pediu para sair da empresa e com a dificuldade de encontrar outro trabalho, aceitou a proposta de seu pai para trabalhar com o táxi da família. Como ele tem licença de taxista desde os 18 anos, ponderou que seria uma boa ideia enquanto não encontrava trabalho na área cultural. Paralelo às corridas de táxi, fez alguns trabalhos de produção cultural e trabalha nas atividades do coletivo Revitarte, mas sem nenhum retorno financeiro.

Ele, a esposa e o filho moram em um apartamento na Vila Andrade/Zona Sul, que haviam acabado de comprar, e fica próximo do bairro Monte Azul, onde moram seus pais e sogra. Sua esposa também trabalha e seu filho passa boa parte do tempo com seus pais ou sua sogra.

Vinícius, é negro, tem 29 anos, é artistas plástico, arte educador e galerista. Vê-se como um devoto da arte, está a todo tempo fazendo “arte na rua, ou arte em casa, ou arte nos gestos, nas palavras”. Nasceu no Grajaú, onde morou com sua mãe e avó até a adolescência. Mudou com sua mãe e padrasto para Interlagos. Sua mãe decidiu mudar do Grajaú por dois motivos: diminuir a distância percorrida para o trabalho dela no centro da cidade e afastar o filho da malandragem local: “Quando eu digo a malandragem é a rua, né? Sempre fui da rua, sempre gostei, e era o dia inteiro, era fazendo grafite, andando de *skate*, falando gíria o dia inteiro”. Vinícius começou a fazer grafite com 12 anos. Em 2008, quando estava com 21, foi morar no bairro da Aclimação em uma residência artística com outros grafiteiros e artistas, onde fundou o Coletivo 132 e, em 2009, o Sarau do Burro inicia suas atividades na casa. A mudança para a residência artística ocorreu de forma gradual, uma vez que após o Acidente Vascular Cerebral (AVC) de sua avó, sua mãe parou de trabalhar para cuidar dela. Nesse momento, começou a

trabalhar para ajudar em casa e pagar a prestação da casa em que sua mãe mora hoje. Ele ministrava oficinas na Zona Sul e nos dias de oficina dormia na casa da mãe. Aos poucos, foi ficando direto na casa. Na residência artística viveu até 2011, quando por conta da especulação imobiliária foi preciso entregar a casa. Atualmente, ele mora com mais dois amigos ao lado do Parque da Aclimação. Segundo ele, é uma casa mais reservada por conta do momento em que ele e os demais moradores viviam, já que na antiga moradia realizavam muitas festas e eventos. O fato de ter que entregar a casa acabou desmotivando seus moradores, mas, como em uma casinha realizavam tantas ações juntos, resolveram alugar um espaço na Vila Madalena para dar continuidade às atividades que já realizavam. O espaço teve início como um centro cultural até que foi ganhando corpo e tornou-se uma galeria, a A7MA, que é “uma galeria diferente das outras que são muito caretas, é uma galeria que abrange o movimento contemporâneo da poesia, da música, da *street art*, de uma forma bonita, de uma forma genuína, porque somos nós que estamos fazendo”. Além de um dos sócios da galeria, ele é curador das exposições que lá ocorrem.

O sustento de Vinícius vem das palestras, da galeria e da venda das suas obras, mas ele não se limita a pintar em telas, ocupa os muros da cidade com sua arte e já foi preso por isso. É um artista plástico conhecido nacional e internacionalmente. Por meio da arte ele conheceu outros lugares, em 2015 fez um *tour* pelo Nordeste, foi para o Mato Grosso, Rio de Janeiro, Minas Gerais. Também viajou duas vezes para os Estados Unidos. Mas nem sempre viveu de arte, com oito anos começou a trabalhar em uma oficina mecânica, seu pai, que na época morava em São Paulo o colocou para trabalhar na oficina, como forma de evitar que ele ficasse na rua. Depois, seu primeiro trabalho foi como aprendiz em uma indústria, onde trabalhava com metalmeccânica, ele fez curso técnico no SENAI. Em seguida, trabalhou por 20 dias em uma metalúrgica, mas alega que seus pensamentos não cabiam no local. Foi estampar camiseta e com 19 anos começou a dar aulas de arte no ensino médio, em uma escola estadual, quando começou a cursar Artes Plásticas na Faculdade Paulista de Artes. Vinícius deu aulas por dez anos, nesses anos trabalhou em colégios particulares, escolas estaduais e ONGs.

No momento da entrevista, ele não estava namorando, pois com a vida corrida que leva, de trabalho e viagens, não teria como sustentar uma relação amorosa. Mas tem suas “namoradas” e não descarta a possibilidade de ter uma companheira.

Valter, 29 anos, negro, solteiro, professor de história, artista plástico e membro-fundador do coletivo de artes visuais Muros que Gritam, desde 2011. Também é integrante do Movimento Cultural Ermelino Matarazzo e da rede Cultura ZL. É morador de Ermelino Matarazzo desde

que nasceu. Tem um irmão mais velho e uma irmã mais nova. Mora com a mãe e a irmã em uma casa própria. Seu irmão mora com a esposa e a filha na casa de cima e no mesmo quintal alugam mais duas casas. Seu pai faleceu no ano 2000.

A educação básica e o ensino médio, cursou em instituições públicas de ensino. No ensino superior, ingressou no Centro Universitário Sant'Anna, instituição privada de ensino. Quando escolheu por se formar em história tinha pretensão de trabalhar com arquivo, em museu, ou até mesmo com arqueologia. Mas em contato com um professor que ministrava a disciplina de prática de ensino, despertou seu interesse em ser professor, em trabalhar com educação diretamente. E, no momento, ele queria fazer mestrado, mas ainda não havia decidido onde prestar e em qual programa prestar, sabia que não queria fazer algo que levasse ele a estudar história e educação novamente, então estava mais inclinado a ir para a área de artes.

Valter começou a trabalhar com 16 anos em uma oficina de costura, no mesmo bairro em que mora. Ficou nessa oficina por dois anos e trabalhou esse período sem registro. Aos 18 anos, interessado em fazer faculdade, procurou outro trabalho que lhe permitisse arcar com os custos da mensalidade. Trabalhou como estoquista em uma loja no Brás. Quando terminou a faculdade, em 2009, trabalhou em uma Organização Não Governamental em Guaianases como educador do Programa Jovens Urbanos por quatro anos. Em 2011, trabalhou como professor contratado em uma escola estadual, onde ficou até o final de 2015. Ele passou no concurso para professor do Governo do Estado de São Paulo e aguardava a convocação.

Em 2016, ministrava oficinas de arte urbana na Casa de Cultura de São Miguel, que abriu seleção para a contratação deicineiros por meio de edital. Esse trabalho terminou em julho de 2016, com exposição dos trabalhos dos alunos. Também atuava no Garagem Ateliê, espaço autônomo de criação artística e exposição de artes e afins, que funciona na garagem de sua casa. Em julho desse mesmo ano estava programada a exposição AbstrAção na Casa Criativa Mauá. Além disso, foi selecionado para participar do Festival Concreto – Festival Internacional de Arte Urbana, que foi realizado em Fortaleza/CE no mês de novembro. Por fim, estava programando a realização de dois murais de grafite em comemoração ao aniversário do coletivo Muros que Gritam.

Valter, após o término de um noivado, que durou cinco anos, estava novamente em um relacionamento amoroso sério, com intenção de morar junto. Pensava em morar em uma cidade do interior de fácil acesso à capital. Esses eram os planos que ele desejava concluir o quanto antes.

Carlos, branco, tem 30 anos, é escritor, artista plástico, trabalha como agente cultural, na área da educação e com arte. Até os 13 anos, morou com sua mãe e avó na cidade de Guarulhos. Sua mãe se casou e ele foi morar com ela e o padrasto em São Paulo, no Belém, depois se mudaram para o bairro Tatuapé, onde morou até os 20 anos. Saiu da casa da mãe e foi morar no bairro do Sumaré, em uma residência artística, com outros rapazes. Morou nessa residência artística até os 23 anos, quando voltou a morar com a avó em Guarulhos e montou seu ateliê na casa dela. Por três anos morou com a avó, e em 2012 ele e a mãe de seu filho, na época com três anos, decidiram morar juntos. Em 2013, nasceu a filha deles. A relação com sua companheira sempre foi difícil, pois, no início, mesmo quando eles foram morar juntos, ele não voltava para casa todos os dias, por conta da distância. Mas aos poucos ela foi aceitando, e ele afirma que estão juntos, apesar de não morarem na mesma casa. Às sextas e sábados, ele ficava em Guarulhos, com ela e as crianças. Além disso, eles estavam aprendendo a respeitar o jeito um do outro. Em 2016 sua avó faleceu e ele estava decidindo se mudaria com a sua companheira e filhos para a casa que era da sua avó, pois assim sairiam do aluguel.

Carlos trabalhava no Projeto Quixote⁸⁶ de segunda e terça, realizando oficinas em que são propostas atividades lúdicas com o objetivo de acolher os que chegam no projeto. Estava lá desde 2011, quando saiu do Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso, onde trabalhou como monitor e produtor cultural. Não estava contente com o trabalho no Quixote e havia realizado entrevista na Fábrica de Cultura Capão Redondo. Estava bem feliz, pois vivia uma fase da sua vida em que podia escolher onde trabalhar. Paralelo ao Projeto Quixote, às quartas e quintas-feiras foi convidado para trabalhar no projeto Meu Primeiro Livro, em uma escola estadual em Suzano. O projeto é financiado pelo Programa Mais Educação do Governo Federal. Além disso, ele estava desenvolvendo um projeto pessoal, onde realizava pesquisa sobre devaneios e ministrava oficinas em espaços culturais, com bolsa do programa Agente Comunitário de Cultura da Secretaria Municipal de Cultura. Ele já teve momentos difíceis financeiramente e considera que agora está em um bom momento, mas disse que de vez em quando ainda pede dinheiro emprestado para sua mãe.

Carlos tem ensino médio completo, mas pensa em fazer faculdade, filosofia ou psicologia, para que o curso pudesse auxiliar na pesquisa que realiza. Ele gosta de estudar, ler sobre educação, filosofia, psicologia, arte, entre outros temas. Ele é escritor, teve um livro publicado pelo Selo

⁸⁶ “O Projeto Quixote é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, OSCIP, sem fins lucrativos que atua na missão de transformar a história de crianças, jovens e famílias em complexas situações de risco, através do atendimento clínico, pedagógico e social integrados, gerando e disseminando conhecimento.” Disponível em: <www.projetoquixote.org.br/o-que-e-o-projeto/>. Acesso em: 24 jan. 2016.

DoBurro em 2012. Também é grafiteiro, o que o ajudou a conseguir trabalho tanto no Centro Cultural da Juventude como no Projeto Quixote.

Ele chegou a participar de alguns grupos e coletivos. Quando morou na residência artística ele e os demais moradores tentaram montar um grupo, chamado Mudurucu, mas que não se efetivou. Depois, em 2011 ele começou a flertar com o Coletivo Literatura Suburbana, teve um livreto publicado por ele e passou a percorrer os Saraus. Nesse momento, começou a ficar “de bode”, e continuou frequentando somente o Sarau do Burro, que ele gostava de ir, pois é um sarau mais solto, que não precisa fazer inscrição para declamar. Disse ter muita vergonha de ser anunciado para começar a falar sua poesia. No Sarau do Burro ele teve um envolvimento maior, publicou seu livro, mas na verdade também ajudou a fortalecer o selo, pois, foi ele quem pagou a publicação com o cachê que havia recebido. Mas ele havia se desentendido com um dos organizadores, porque pensava que o Sarau do Burro era organizado conjuntamente, mas descobriu que essa pessoa não enxergava dessa forma. Então ele parou de intervir na questão da organização e não estava participando de nenhum grupo no momento da entrevista. Porém, ainda por conta das suas participações no Sarau, em 2015, viajou para a Feira do Livro de Buenos Aires.

André, é branco, tem 30 anos, é de Alagoas, mudou-se com 11 anos para São Paulo em 1996 com sua mãe e uma irmã. Seu pai já estava em São Paulo, viera em busca de trabalho, e sua irmã mais velha havia vindo com sua tia um ano antes. Morou na Zona Sul da cidade com sua família. Em 2000, seu pai mudou para o interior do estado e sua mãe voltou, com uma de suas irmãs e o genro, para Alagoas. Ele decide ficar e com 15 anos vai morar em uma república com outras pessoas que conheceu durante um curso de teatro em 1998, na Associação Trópis para Desenvolvimento Cultural e Social. Em 2002, muda-se para a cidade de São Vicente, no litoral, onde junto com outras pessoas, organizaram uma Casa de Cultura. Voltou para São Paulo em 2005. Atualmente, ele mora na região do Campo Limpo com sua companheira, com quem está junto desde 2013. No final de outubro de 2015, o filho deles nasceu. A vinda do filho era desejada, mas quando descobriram que realmente estavam esperando o bebê, ele disse que “foi um desespero e uma felicidade misturadamente, como diria o Guimarães Rosas”. Foi neste momento que ele se deu conta de que seria responsável por uma vida, ele mudou a sua perspectiva em relação ao trabalho, pois desde 2009, ano em que junto com outros amigos criou o coletivo Correspondência Poética, os recursos financeiros que conseguia estavam atrelados à realização de projetos pelo coletivo. Viu, então, a necessidade de se planejar mais: “eu sempre fui muito disperso, bagunçado, coisa da criatividade. Sempre quis resolver tudo com a

criatividade. A criatividade é boa, é uma ótima arma, mas não resolve tudo... Você precisa se planejar e executar o seu planejamento certinho... Eu comecei a pensar o próprio trabalho, que eu já levava a sério, mas levava muito como militância, como precisa ser realizado no mundo, para uma coisa, tipo... Eu também preciso me realizar no mundo com esse trabalho”. Com o Correspondência Poética ele realizou quatro projetos apoiados pelo Programa VAI nos anos de 2010, 2011, 2014 e 2015. Em 2012 e 2013, realizou oficinas de convívio literário e reciclagem de papel em bibliotecas e nos CEUs, e produziu o programa audiovisual Ensaio Poético. Em 2015, realizou, a convite do Museu da Pessoa, o projeto Com Biblioteca, financiado pelo Programa de Ação Cultural (ProAC)⁸⁷, um documentário com registro da história de vida de 16 pessoas que atuam com literatura periférica.

André antes da criação do coletivo havia realizado outros trabalhos. Quando morou sozinho, depois que seus pais foram embora de São Paulo, trabalhou como ajudante de um artista plástico, também trabalhou na Associação Trópis, mas diz que nunca teve um emprego muito formal, possui poucos registros na carteira e sempre realizou atividades por curtos períodos. Os registros em carteira remetem ao tempo em que trabalhava como educador, em 2007, na Fábrica de Criatividade, que fica no Capão Redondo; em 2008 e 2009 trabalhou na produção de um teatro no Parque Ecológico do Guarapiranga.

Sua aproximação com a literatura ocorreu em 2000, na própria Associação Trópis. Desde então, seu conhecimento nesta área se deu de forma autodidata e na prática. Quando realizamos a entrevista ele estava cursando letras, como ele mesmo disse “depois de muito tempo negando a faculdade, falei ‘é, acho melhor entrar, vai ser bom para trabalho’”. Para André, a negação da faculdade se dava por ele acreditar que existia outras maneiras “mais interessantes de aprender as coisas. Que a faculdade era meio que elitista mesmo”. Ele fazia o curso a distância em uma universidade privada.

Rogério, 30 anos, disse que tinha raízes africanas e indígenas, solteiro, é um jovem que atua em questões culturais e educacionais, com o objetivo de se apropriar dos espaços públicos. No momento da entrevista, não estava em nenhum relacionamento amoroso. Morador do “extremo leste da cidade de São Paulo, Guaianases-Lajeado”. Participa de três coletivos: Cine Campinho, desde 2006; Arte Maloqueira, desde 2009; e Movimento Cultural dos Guaianás, também desde

⁸⁷ Programa de Ação Cultural – ProAC, é um programa do Governo do Estado que promove o incentivo à cultura por meio de Editais e também na modalidade ICMS, em que o grupo ou artística selecionado precisa captar recursos junto às empresas.

2009. Nesses coletivos é membro-fundador. Seus planos, em parceria com outras pessoas, são de constituir um Instituto Cultural e de Pesquisa.

Estudou no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento ao Magistério (CEFAM), motivado pela bolsa oferecida, pois, ao ver que seu irmão mais velho, que já estudava lá, conseguia contribuir financeiramente em casa, além de comprar objetos pessoais, viu que a formação em magistério seria uma oportunidade também para fazer o mesmo. Não trabalhou diretamente na área da educação formal, realizou os estágios necessários, mas ao terminar o curso foi trabalhar na Procuradoria do Município de São Paulo, por indicação de um amigo. Não ficou por muito tempo neste trabalho, depois que saiu de lá inscreveu o Cine Campinho no Programa VAI e não tentou trabalhar em escola. Ele iniciou o curso de Psicologia na PUC, conseguiu bolsa da Fundação São Paulo, porém, mesmo com bolsa não conseguiu dar sequência a sua formação superior por questões financeiras, pois o curso de psicologia é em período integral, o que lhe impossibilitava trabalhar. Ele realizou uma série de cursos extracurriculares, como formações em livrarias para educadores, vivências culturais no Instituto Tomie Ohtake, cursou expressão verbal no SENAC, participou de formação sobre empreendedorismo e economia criativa na Ashoka entre outros. Demonstrou interesse em retomar os estudos, mas tinha um novo curso em mente: Direito. Acredita que ao ter uma graduação “portas para diversas funções” serão abertas, independente da formação que adquira.

No momento da entrevista, março de 2016, fazia um mês que ele não estava trabalhando. Seu último trabalho havia sido em um Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (SAICA). Por não ser contratado pela CLT ele não estava recebendo seguro-desemprego, então sua fonte de renda era proveniente do projeto Sarau da Arte Maloqueira, pelo Programa Veia e Ventania, do Sistema Municipal de Bibliotecas; e do aluguel dos equipamentos de som que o Coletivo Cine Campinho dispõe.

Embora não tenha seguido a carreira do magistério na educação formal, ela lhe abriu algumas portas para trabalhar como educador em instituições não governamentais, como em um Centro para Juventude e no Programa Jovens Urbanos do CENPEC.

Rogério estava morando novamente com seus pais e um irmão mais novo, depois de ter morado por cinco anos com dois amigos. O que motivou o retorno para a casa dos pais foi o falecimento de um deles e ficar na casa em que moravam tornou-se insustentável, devido às lembranças. Disse que voltar para a casa dos pais foi constrangedor, “Porque você não volta do mesmo jeito, você volta mais inibido, você volta com receio, porque o normal seria tudo dar certo e você voltar para continuar fazendo visita”. Mas ele se surpreendeu com a acolhida e relatou que

quando saiu novamente nem eles e nem suas irmãs queriam que ele fosse embora. Rogério tem seis irmãos, sendo três mulheres e três homens e disse que mantém um bom relacionamento com todos, mas com seus irmãos, que também fazem parte do coletivo Cine Campinho, ele não conversa sobre alguns assuntos relacionados à política para que não haja discussão.

A mãe do Rogério terminou o ensino médio frequentando a Educação de Jovens e Adultos. Seu pai estudou até o ensino fundamental. Seus irmãos mais velhos possuem ensino superior completo. Duas de suas irmãs estavam cursando o ensino superior e a terceira estudava para prestar vestibular para medicina.

Ele se considera uma pessoa religiosa, pois está sempre se “religando com alguma coisa, com arte, com música, com natureza, com pessoas. Eu tenho essa ligação espiritual além de um templo, além de uma referência religiosa”. Suas irmãs e irmãos são evangélicos e seus pais católicos.

Antônio, 31 anos, branco, grafiteiro, professor da rede estadual de ensino e integrante do coletivo de artes visuais Muros que Gritam e do Movimento Cultural Ermelino Matarazzo.

A educação básica e o ensino médio, estudou em escola pública. Graduiu-se em Ciências Sociais pela PUC. A princípio, seu desejo era estudar Artes Plásticas e em 2002, quando prestou o vestibular, não havia, segundo ele, “essa democratização do ensino superior que há hoje”. Como primeira opção colocou Artes Plásticas e Ciências Sociais como segunda. Ele se preparou para o vestibular em um cursinho comunitário “que não era só aula por aula e para entrar no vestibular, ele trazia um pensamento crítico”, o que lhe ajudou a formar a sua “identidade” e optar por Ciências Sociais. A PUC era a única universidade que dava bolsas no primeiro semestre. Ele conseguiu bolsa de 50%, a outra metade da mensalidade foi paga por financiamento pela Fundação São Paulo, que é mantenedora da PUC, mas ainda não havia conseguido quitar a dívida.

Antônio tem interesse em entrar no mestrado, mas sabe que precisará dedicar bom tempo da sua vida para realizar uma pesquisa robusta e, no momento, estava envolvido com a luta pela Casa de Cultura de Ermelino Matarazzo e levando adiante a Ocupação Cultural Ermelino Matarazzo. Então, lhe restava pouco tempo para escrever o projeto. Havia prestado processo seletivo duas vezes para a EACH/USP. Também cursou duas disciplinas lá como aluno especial.

Em 2007, quando estava com 22 anos, começou a trabalhar como professor no ensino médio na rede estadual de ensino. No primeiro ano lecionou aulas de história e quando a disciplina

sociologia voltou para a grade assumiu as turmas de sociologia. Leciona na mesma escola desde então e no primeiro concurso que prestou conseguiu se efetivar. Era uma escola importante na região de Ermelino Matarazzo, que oferecia cursos técnicos e que em meados de 2000 foram fechados. Ele vive os dilemas do sucateamento da educação pública e conflitos com uma gestão “que segue a cartilha da precarização e sucateamento”. Aos 14 anos começou a grafitar e considera que trabalha com isso, pois obtém “remuneração com as ilustrações em camisetas” que faz. Ele, em parceria com sua mãe e sua companheira, está criando uma marca para produção de camisetas. Em 2014 e em 2015 foi selecionado pelo edital de Agente Comunitário de Cultura, programa da Secretaria Municipal de Cultura, recebendo uma bolsa para realizar mapeamento e articulação das ações culturais existentes na região.

Antônio em 2015 alugou uma casa e foi morar sozinho. No início de 2016 começou a dividir a casa com sua companheira, com quem namorava há três anos. Antes morava com sua mãe.

APÊNDICE B – DESCRIÇÃO DOS COLETIVOS

1) Literatura Suburbana

O Literatura Suburbana, coletivo de Brasilândia, zona norte, constitui-se em 2007. Atualmente, é composto por oito integrantes com idade entre 27 e 34 anos (sete homens e uma mulher). Iniciou seus trabalhos a partir da elaboração de oficinas que versavam sobre a cultura afro-brasileira, após um de seus integrantes e principal idealizador tomar conhecimento da Lei nº 10.693/03, que incluiu o estudo da História da África, a luta dos negros no Brasil e a cultura negra brasileira ao estudo de História. Após a elaboração das oficinas, o coletivo passou a oferecê-las nas escolas, que foram realizadas tanto com os professores como com os alunos, e tinha como principal proposta retirar alguns mitos da escravidão, presentes nos livros didáticos, como, por exemplo, que a Lei Áurea colocou fim ao trabalho escravo no Brasil.

O coletivo também trabalha com a cultura hip hop e literatura marginal. Com a sua consolidação, os integrantes passaram a desenvolver outros projetos: Festival de Música Reviva Rap (que consiste na realização de apresentação de grupos de rap na cidade de São Paulo, no interior, no litoral, e em outros estados e na publicação do Mapa do Rap, onde disponibilizam informações⁸⁸ de grupos de rap para produtores e demais artistas, ampliando a rede de contatos), Coleção Besouro (coletânea de literatura infantil e infantojuvenil) e Aperte o Play da Poesia (projeto de gravação de poesias de escritores da Brasilândia). A possibilidade de iniciar novos projetos e desenvolvê-los pode ser atribuída aos subsídios recebidos por políticas de incentivo à cultura, como o Programa para Valorização de Iniciativas Culturais, da Prefeitura de São Paulo e o Programa de Ação Cultural – Hip Hop, do governo do estado. Por meio da implementação de seus projetos e utilização de espaços públicos, como escolas, praças e centros culturais, o coletivo visa garantir o direito a cultura através de acesso, produção e consumo.

2) Banda Útero Punk

Formada em 2003 por moradores de Brasilândia, zona norte, a banda Útero Punk conta com quatro integrantes com idade entre 22 e 30 anos, sendo três homens e uma mulher (a vocalista e idealizadora do grupo musical). O mote principal das músicas é a questão da mulher na sociedade. Ainda com 14 anos, a vocalista tomou conhecimento sobre a violência sofrida diariamente pelas mulheres e, na sua grande maioria, nos seus próprios lares. A partir de então se propôs a dar início a banda, com o objetivo de inserir as mulheres na cena punk da região

⁸⁸ As informações para o Mapa do Rap são coletadas por meio de ficha de inscrição preenchida pelos grupos para participarem do Festival.

norte, ciente de que a aceitação delas como protagonistas nesse espaço era nula. No início, a banda era composta somente por integrantes do sexo feminino, mas pela escassez de mulheres no universo da música e principalmente que se interesse pelo estilo *punk rock*, foi preciso aceitar integrantes homens.

Na perspectiva da banda, a música é uma ferramenta estratégica para a luta feminista por igualdade, direitos e emancipação das mulheres. Dessa forma, a banda Útero Punk retrata em suas músicas a vivência das mulheres e suas experiências individuais e coletivas. Aborda a violência doméstica e sexual, no intuito de sensibilizar a sociedade e as próprias mulheres. Além disso, propõe-se a fomentar e divulgar a produção cultural de mulheres da periferia e incentivar que outras mulheres montem sua própria banda. Em março de 2015, a vocalista e a banda foram homenageadas em sessão solene da Câmara em comemoração ao dia internacional das mulheres pelo trabalho voltado para conscientização sobre as diversas formas de violência sofridas pelas mulheres.

Durante 10 (dez) anos de existência, a banda sobreviveu sem recorrer aos subsídios públicos, realizando shows na paróquia no bairro onde moravam, envolviam outras bandas e arrecadavam materiais de higiene para doação. Em 2013 e 2014 foram contemplados pelo Programa VAI para a gravação de CD.

3) Coletivo Nós, Madalenas!

Formado em 2013 por nove mulheres com idade entre 20 e 24 anos, moradoras de diversas regiões da cidade, participantes das oficinas oferecidas pelo Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias⁸⁹. É um coletivo feminino de audiovisual que debate a desigualdade social e de gênero. Em 2014 realizaram, com apoio do Programa VAI, o documentário “Mucamas”, que retratou o trabalho doméstico na cidade de São Paulo, por meio dos depoimentos de cinco mulheres que trabalham ou já trabalharam como domésticas. As mulheres entrevistadas são mães de cinco integrantes do coletivo. Em 2015, realizaram a exibição do documentário seguido de debate em espaços culturais, organizações não governamentais e escolas. Embora este coletivo constasse do levantamento realizado, cheguei a ele por meio de indicação do Coletivo Literatura Suburbana.

4) Cia de Arte Negra Treme Terra

⁸⁹ O Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias, fundado em 2003 pelo apresentador de TV Luciano Huck, visa promover o desenvolvimento profissional, sociocultural e pessoal de jovens por meio do audiovisual. Disponível em: <<http://www.institutocriar.org/capa/institucional/quem-somos/18/>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

Formada em 2006, no Morro do Querosene, no Butantã, zona oeste da cidade, a Cia de Arte Negra Treme Terra conta atualmente com aproximadamente 20 (vinte) integrantes: o elenco inclui jovens com idade entre 17 e 25 anos; a direção e produção conta com pessoas com idade entre 30 e 36 anos. A formação do grupo de dança aconteceu a partir das oficinas oferecidas pelo Instituto Nação. Atualmente, trabalham no bairro Rio Pequeno, também na zona oeste, onde se localiza o Ponto de Cultura Afrobases, desenvolvendo atividades de formação nas linguagens da dança e da música, buscando fomentar a diversidade cultural como ferramenta de transformação social, além de constituir um espaço de discussão, troca e pesquisa sobre a cultura negra, dialogando com a comunidade do entorno.

Após dois anos de existência, em 2009, a Cia Treme Terra criou seu primeiro espetáculo intitulado *Cultura de resistência*. Essa obra apontou para o início da pesquisa, realizada por eles, em arte negra contemporânea, que se centrava na promoção do diálogo da dança com a música. Espetáculo chave para a Cia, pois aborda o processo da diáspora negra, que contribuiu para a discussão sobre o conceito de quilombo urbano, como espaço simbólico de resistência cultural. Em 2011, ao serem contemplados pelo edital de Copatrocínio para Primeiras Obras⁹⁰, da SMC, criaram um álbum musical com as trilhas presentes no espetáculo e um vídeo-documental com performances de danças em espaço público e depoimentos de artistas que contribuíram para o processo de montagem da obra.

Em 2012, estrearam seu segundo espetáculo, *Terreiro Urbano*, construído a partir de pesquisa sobre as danças dos orixás em contexto urbano. Com esse espetáculo, a Cia. ganhou visibilidade, pois, além de apresentá-lo em diversos espaços culturais da cidade, públicos e privados, foram convidados para representar o Brasil no programa de circulação da Europa Kinder Kultur Karawane, realizando 20 (vinte) apresentações na Alemanha e Bulgária, e realizaram workshops de dança negra e música afro-brasileira.

Em 2015, o espetáculo *Terreiro Urbano* integrou a programação do Circuito São Paulo de Cultura, programa da Secretaria Municipal de Cultura, que visa descentralizar as atividades culturais, onde realizaram apresentações nas diversas regiões da cidade. É por meio da realização de seus espetáculos que a Cia se mantém em atividade.

5) Coletivo 132

⁹⁰ Edital criado em 2007 pelo Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso, equipamento da Secretaria Municipal de Cultura, seu objetivo era copatrocinar a realização de produtos culturais multimídias. O edital contou com seis edições anuais.

Formado em 2009 por quatro integrantes, sendo três homens e uma mulher, o Coletivo 132 surgiu sob a influência do grafite que hoje se tornou presença na cultura nacional e internacional. Manteve-se até 2011 em uma casa onde moravam, produziam, expunham e discutiam sobre arte contemporânea em suas diversas linguagens – pintura, música, literatura, vídeo e grafite –, o que uniu os componentes do coletivo. Atualmente é composto por cinco integrantes, com idade entre 29 e 33 anos, todos do sexo masculino.

O Coletivo 132 tem a cidade como suporte. Cada um de seus integrantes desenvolveu, desde a adolescência, técnicas diferentes. Conheceram-se durante intervenções realizadas no espaço público. Alguns já expuseram seus trabalhos na Pinacoteca do Estado, no Museu Brasileiro de Escultura, na Casa das Rosas e em exposições na Alemanha e na França.

Em 2012, três integrantes do coletivo fundaram, em parceria com outros artistas, a Galeria A7MA (lê-se a sétima), espaço de arte e cultura localizado no bairro de Vila Madalena. O espaço é referência entre os artistas visuais da cidade, conta com mais de 30 exposições em seu catálogo e um acervo variado de obras. O coletivo em 2011 produziu a série animada *Cidade dos índios* com subsídio recebido pelo Programa VAI.

6) Sarau do Burro

O Sarau do Burro iniciou suas atividades em 2009 com o objetivo de abrigar os recitais de poesia realizados pelo coletivo Poesia Maloqueirista na residência artística do Coletivo 132. Nasceu como um sarau que interligava artes plásticas e poesia. Atualmente, o sarau ocorre toda primeira terça-feira do mês na galeria de arte A7M”, localizada no bairro Vila Madalena. O grupo é composto por três pessoas com idade entre 29 e 33 anos. O sarau, desde seu início, funciona como espaço para a livre experimentação poética e não possui programação formal, o que permite que cada participante possa mostrar sua poesia na hora que melhor lhe agradar. Além de poetas, o sarau é frequentado por grafiteiros, músicos e outros artistas que se identifiquem com as artes urbanas.

Em 2011 o grupo lançou o selo “DoBurro”, pelo qual publicou, por dois anos (2011 e 2012), a antologia do Sarau do Burro, junção de poemas declamados nos encontros e selecionados por Minchoni, principal organizador do sarau. Além da antologia, o selo também publicou livros de outros poetas e, em 2014, realizou o concurso “Meu Livro é DoBurro”, em que selecionou um livro para publicação. Pelo selo também organizam, desde 2012, o Menor Slam do Mundo de Poesia, projeto contemplado pelo Programa VAI em 2014. Este coletivo, embora esteja no levantamento, foi indicado pelo ex-integrante do Coletivo 132.

7) Coletivo Poetas Ambulantes

Formado em 2012, é composto por seis integrantes com idade entre 24 e 29 anos. São três mulheres e três homens, moradores da zona sul. O coletivo inspirou-se nos vendedores ambulantes que circulam no interior do metrô, trens e ônibus, para dar início à sua atuação. Os integrantes circulam pela cidade por meio dos transportes coletivos e neles oferecem aos passageiros poesia falada, em troca de atenção, emoção e interação.

A cada mês, o coletivo traça um itinerário diferente, percorre diversas linhas de ônibus, trens e metrô, declamando e entregando poemas da autoria dos integrantes do coletivo ou de autores consagrados. Realiza as ações em dias úteis, escolhe geralmente o horário de pico, em que encontra os passageiros cansados e estressados; busca, por meio da intervenção poética, tornar a viagem agradável e divertida. Os passageiros são convidados a aplaudir, interagir com os poetas e integrar o sarau, declamando uma poesia.

Nos anos de 2013 e 2014, as ações do coletivo foram subsidiadas pelo Programa VAI, o que possibilitou ao coletivo ampliar suas ações pela cidade. Atualmente permanece realizando as intervenções no transporte público, porém as realiza com recursos próprios.

8) Núcleo Macabéa de Teatro

Formado em 2011 pelo dramaturgo, poeta, ator e diretor de teatro Rudinei Borges, atualmente conta com seis integrantes com idade entre 25 e 41 anos. O Núcleo Macabéa leva o nome da personagem de Clarice Lispector. Tal escolha tem íntima relação com a proposta de pesquisa teatral de seus integrantes, que se propõe a estudar a migração, o exílio e a andaria do povo. O Núcleo atua na zona sul, na favela do Boqueirão, região do Ipiranga e Cursino. Nasceu a partir da criação do seu primeiro espetáculo, *Chão e silêncio*, encenado em 2012, com subsídio do Programa VAI, nas vielas da favela e na casa de seus moradores.

A criação poético-cênica do Núcleo Macabéa de Teatro é norteadada pela concepção de História Oral de Vida. A cada criação, entrevistas são realizadas com os moradores da favela e estes são envolvidos no processo como atuentes imprescindíveis para o desenvolvimento e criação poético-cênica, ocupando lugar estratégico por meio da narrativa de suas vidas.

Em 2013 o grupo, novamente contemplado pelo Programa VAI, foi para a sala de teatro com o espetáculo *Agruras, ensaio sobre o desamparo*. Em 2014, com projeto aprovado na modalidade II do VAI, volta para a favela do Boqueirão e novamente encena nas salas dos moradores, agora com o espetáculo *Fé e peleja*.

9) Correspondência Poética

Formado em 2009 por quatro pessoas, tem como objetivo pesquisar e difundir a poesia produzida nas periferias do país, utilizando-se de plataformas que variam de *website* a papel reciclado. Atualmente o coletivo conta com dois integrantes, com 30 e 35 anos, ambos moradores da zona sul. Eles são responsáveis pela manutenção das atividades e recebem ajuda pontual de colaboradores. Outras duas integrantes que formavam o grupo saíram por razões diferentes. A primeira saiu em 2012 por começar a vender os projetos do coletivo sem incluir os demais integrantes, a segunda por estar envolvida com outros trabalhos.

Iniciaram as atividades distribuindo poemas nos pontos e terminais de ônibus na zona sul. Os poemas eram escritos à mão em papel reciclado e enrolados como pergaminhos. Eram deixados em uma caixa, acoplados às estruturas dos pontos e terminais de ônibus com o indicativo “Pegue aqui sua poesia”. Em 2010, recebeu subsídio do Programa VAI, o que possibilitou a ampliação dos locais de distribuição dos poemas e a construção do *blog* do coletivo (correspondenciapoetica.blogspot.com). Em 2011, novamente com apoio do VAI, deram continuidade as ações já realizadas e gravaram sete vídeos-poemas, em que atrizes de grupos teatrais da periferia interpretam poemas de poetas diferentes.

Em 2012 e 2013, sem nenhum apoio por meio de edital, o coletivo realizou oficinas de convívio literário e reciclagem de papel, além de produzir o programa audiovisual Ensaio Poético, onde um escritor é convidado a mostrar trechos de sua obra, falar sobre literatura e política. Em 2014 e 2015, recebeu novamente subsídio do Programa VAI e realizou o 1º e o 2º Festival de Poesia da Cidade de São Paulo, concurso de poesia com o objetivo de valorizar a poesia oral e o movimento literário, que cresceu nos últimos anos na cidade de São Paulo por meio dos Saraus.

10) Perifacine: Fascinante, itinerante, nosso

O Coletivo Perifacine é de São Mateus e nasceu em 2007 como um projeto do Núcleo Fragmentos da Arte, que depois passou a se chamar Mundo em Foco, com o objetivo de realizar exposições itinerantes e gratuitas de filmes e vídeos em diversas regiões da cidade. Em 2008, o Perifacine consolida-se enquanto coletivo e cineclube após ganhar o 3º Prêmio Criando Asas⁹¹

⁹¹ Prêmio idealizado pelo Instituto Criar de TV em parceria com o Instituto Asas, visa estimular a participação social de jovens, por meio da viabilização de projetos que utilizem o audiovisual como ferramenta de transformação social.

e segue atuando como um coletivo dentro de outro coletivo. Atualmente são três jovens, uma mulher de 28 anos e dois homens, com 28 e 30 anos, quem tocam as ações do Perifacine.

Pelo Perifacine já foram realizadas 140 exibições de vídeos e curta-metragens para aproximadamente 15 mil pessoas, em diferentes lugares, como Centros de Direitos da Criança e Adolescente, Fundação Casa, escolas, ruas, praças, becos e vielas do estado de São Paulo. Além das exibições, com o subsídio do Programa VAI, em 2011, o Perifacine conseguiu organizar um acervo de vídeos independentes e produções da periferia, para disponibilizar a produtores, coletivos, exibidores, escolas públicas, educadores, espaços sociais e culturais sem fins lucrativos. O grupo recebeu subsídios do Programa VAI a partir de 2011, e, para a realização de outras iniciativas de sua autoria ou na participação da ficha técnica de outros projetos, foi contemplado pelo VAI em 2012, 2013, 2014 e 2015. Este coletivo foi indicado pelo integrante do Núcleo Macabéa de Teatro, mas já constava do levantamento realizado.

11) Coletivo Paulisséia

Formado em 2013 em Ermelino Matarazzo, tem como objetivo realizar intervenção teatral, audiovisual e literária na região e conta com oito integrantes, com idade entre 24 e 30 anos, que tocam o coletivo, mas recebe apoio de mais 22 pessoas para a realização de suas ações.

A primeira ação do coletivo foi a organização de um grupo de teatro com jovens com idade entre 18 e 26 anos. Em fins de 2013, elaboraram projeto para o Programa VAI para a gravação do curta-metragem *Rua 2* e realização de oficinas de audiovisual em uma escola estadual. O projeto foi contemplado pelo VAI em 2014 e, em 2015, recebeu novamente apoio para dar continuidade às oficinas e produzir o segundo filme, um longa-metragem chamado *Jaguaporeruba*. Além das oficinas e das gravações, o coletivo realiza exibições ao ar livre e saraus.

12) Coletivo Apuama

O coletivo teve um tempo de existência curto, iniciou e terminou em 2014 para a realização do projeto *Por um fio*, que reuniu quatro artistas de diferentes linguagens: música, artes visuais e dança. O coletivo investigou formas de fazer-dizer e os atos de performance, reflexão e escrita. A proposta da performance *Por um fio* foi gerar reflexões sobre o fazer artístico, padronizações de gênero, sobre o corpo e ocupações dos espaços. Este coletivo foi indicado pelo integrante do Coletivo 132.

13) Coletivo Cine Campinho

Em 2005, um grupo de jovens amigos, moradores de Guaianases, começou a organizar exposições de filmes e documentários seguidas de debates em suas residências. Os interessados em acompanhar as exposições cresceram e as casas não comportavam mais o número de frequentadores. Com a insuficiência de espaço, surgiu a ideia de utilizar o campinho de futebol para realizar as sessões, que apareceu como alternativa, uma vez que a região não contava com um espaço cultural que pudesse receber a atividade.

A partir dessa constatação, o grupo de amigos pensou em um projeto de produção de um documentário sobre Guaianases e a realização de debates sobre os problemas que afetam o bairro, principalmente em relação à ausência de espaços destinados para o lazer. Em parceria com outro grupo, também de Guaianases, inscreveram o projeto para o Programa VAI e foram contemplados em 2007 e 2008. Com o subsídio recebido, conseguiram consolidar as ações culturais no bairro, ampliá-las e se aproximar dos moradores, atendendo um número maior de pessoas. Nasceu assim o Coletivo Cine Campinho.

A atuação do coletivo na região foi fundamental, pois fomentou a luta por espaços culturais. Em 2009, foi inaugurada a Casa de Cultura de Guaianases, no entanto o grupo continuou a utilizar o campinho de futebol para a realização de suas atividades, assim como outros também se apropriaram desse espaço. Os vizinhos do campinho passaram a reivindicar na subprefeitura melhorias para o espaço, uma vez que shows e festas juninas passaram a ser realizados nele. O coletivo ganhou visibilidade para fora de São Paulo, sendo convidado para participar do Encontro de Audiovisual do Rio de Janeiro, espaço importante de troca de experiências com grupos de todos os estados brasileiros. Houve, também, um trabalho de circulação pela cidade de São Paulo, auxiliando na formação de novos coletivos de audiovisual.

Em 2010, o campinho estava sendo pleiteado para a construção de um Centro de Educação Infantil (CEI) conveniado com a Prefeitura. Embora a região necessitasse da construção desse equipamento, o coletivo e os moradores do entorno também avaliavam que o campinho de futebol era um espaço de lazer e que comportava diversas atividades. Esse movimento fez com que a Secretaria de Educação buscasse outro terreno e também trouxe melhorias por parte do Poder Público para o campo de futebol, que ganhou novo gramado, traves, cadeiras, mesas e bancos.

O coletivo entre os anos de 2010 e 2013 realizou suas atividades sem subsídio governamental. Com a criação do Programa VAI 2, em 2014 e 2015 tiveram projeto novamente

contemplado. Atualmente conta com aproximadamente 15 integrantes, com idade entre 20 e 40 anos, todos moradores de Guaianases.

14) Manifesto Crespo

Formado por mulheres em 2010, a partir de discussões sobre questões do universo da cultura afro-brasileira, suas produções artísticas e estéticas, com o objetivo de reconhecer o valor do negro na sociedade, fortalecer a autoestima de homens e mulheres e resgatar as origens afrodescendentes. A discussão central do coletivo é como o cabelo crespo pode e deve ser olhado de maneira criativa, desmistificando a ideia de que existe cabelo ruim.

O coletivo contava com seis integrantes, número reduzido para três. As ex-integrantes se envolveram em outros projetos que tomaram mais espaço em suas vidas que as ações do Manifesto Crespo. Todas têm ensino superior completo e exercem outras atividades profissionais, além de desempenharem funções estratégicas no coletivo.

Inicialmente, o coletivo atuava na região noroeste da cidade, em Perus e Taipas, agora sua atuação já chegou no interior e litoral paulista. O coletivo desenvolve cinco projetos: *Tecendo e trançando arte*, que consiste em uma vivência educativa para todas as idades com tranças, dreads, tecido e penteados afros como um saber e expressão artística ancestral. O coletivo com este projeto foi contemplado pelo VAI em 2011 e 2012 e, em 2014, recebeu o Prêmio Lélia Gonzalez das Secretarias de Promoção da Igualdade Racial e de Políticas para as Mulheres do governo federal; *Di Rainha – Africanidades, arte, festa e mulheres em evidência*, festa itinerante e independente que inicia com um sarau, transforma-se em baile e encerra com um *pocket show*; *Estampando saberes*, oficina que apresenta a arte de estampar tecidos e superfícies, utilizando os Adinkras, um conjunto de símbolos que formam um sistema de transmissão de valores acumulados pelo povo Akan, presente no oeste da África; *Crespos debate*, que compreende a realização de diálogos e encontros sobre o universo do corpo, cultura e diversidade; e *Mostra de criadora em moda: mulheres afro-latinas*, neste projeto o coletivo realiza a produção do evento, estratégias de divulgação, *backstage*, maquiagem, discotecagem do desfile e cobertura fotográfica e textual.

15) Coletivo na Rego

Formado em 2013, como fruto do trabalho de conclusão de curso (TCC) de um dos integrantes em Licenciatura em Arte e Teatro da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita filho (Unesp), campus Barra Funda. O TCC consistiu na construção coletiva de uma

performance com foco em travestis, que trabalham como prostitutas na Rua Rego Freitas, na região central da cidade. Atualmente o coletivo conta com quatro integrantes com idade entre 23 e 28 anos, sendo dois homens e duas mulheres.

Em 2014, o coletivo inscreveu o projeto *V. A. I. na Rego e se joga! Espaço [est]ético de transposição subjetiva*, no edital do Programa VAI e foi contemplado, o que possibilitou a apresentação da performance, a realização de oficinas de teatro, mostras de filmes, exposições fotográficas e debates. As atividades foram realizadas no Centro de Referência da Diversidade, que se localiza na Rua Rego Freitas. As ações realizadas tinham como proposta o estímulo à reflexão sobre os problemas vividos pela população trans e eram abertas ao público. Ter conseguido subsídio do Programa VAI foi fundamental para que o coletivo continuasse existindo, pois sem ele não dariam continuidade às ações e não se consolidariam enquanto grupo. Em 2015 e 2016, circularam com a peça *Na Rego* pelo interior do Estado de São Paulo, fomentado pelo Programa de Ação Cultural (ProAC) Circulação de Teatro de Rua, da Secretaria Estadual de Cultura. Em 2016, foram contemplados pelo edital Redes e Ruas, das Secretarias de Direitos Humanos, Cultura e Serviços, para a realização da web-série *Transitar*.

16) Coletivo Cultural Arte Maloqueira

O coletivo, que iniciou suas atividades em 2009 a partir das ações do Movimento Cultural Guaianás e por meio da realização da I Semana de Arte Maloqueira, atua na região de Guaianases e conta com a participação de dez pessoas.

Em 2010 e 2011, foi contemplado pelo Programa VAI e realizou a II e III edição da Semana, ocupando um local alugado pela Prefeitura para o funcionamento da Casa de Cultura de Guaianases.

Também em 2011, a convite do Sistema Municipal de Bibliotecas, passou a compor o projeto *Literatura periférica: veia e ventania nas bibliotecas de São Paulo*, que tem como objetivo a realização de saraus temáticos para aproximar o público da literatura. No início, os saraus realizados pelo coletivo ocorriam na Biblioteca Municipal Cora Coralina, contudo, em 2016, a ação passou a acontecer na Biblioteca Jamil Almansur Haddad.

Em 2012, quatro jovens mulheres integrantes do Arte Maloqueira deixaram o coletivo e formaram o Juntas na Luta, coletivo feminista que realiza saraus temáticos na Biblioteca Cora Coralina.

17) Movimento Cultural Guaianás

A partir da reunião de coletivos culturais de diversas linguagens atuantes na região de Guaianases, o Movimento Cultural Guaianás iniciou suas atividades em janeiro de 2009, com cerca de 50 a 60 pessoas. A principal demanda do Movimento é a criação de uma Casa de Cultura no distrito. Em março do mesmo ano, entregaram documento com propostas de políticas culturais para a região ao Secretário de Cultura no qual indicavam o local para a implementação da Casa, um edifício que abrigou o antigo cinema de Guaianases e a subprefeitura. O local seria desativado e os grupos participantes do movimento realizaram o Encontro da Diversidade Cultural de Guaianases, com o propósito de ocupar o espaço. Entre 2009 e 2012, funcionou no espaço um Centro Cultural com recursos da Prefeitura. Como o espaço era locado e por questões políticas, a orientação foi que um novo espaço fosse alugado e, até 2016, a Casa de Cultura ainda não era realidade.

18) São Mateus em Movimento

Fundado em 2008 por jovens integrantes dos coletivos culturais Rima Fatal da Leste e Grupo OPNI, moradores do bairro Vila Flávia/São Mateus. Descontentes com a escassez de oportunidades educacionais, culturais e de lazer, esses jovens criaram um espaço comunitário, nomeado como *Espaço São Mateus em movimento*. Desde sua fundação, organiza-se e identifica-se como uma rede de coletivos e agentes culturais, uma vez que suas ações sempre se pautaram pela colaboração e a complementariedade. A criação do espaço só foi possível devido à doação de uma antiga moradora do bairro, que cedeu parte de sua residência para a concretização do projeto. As atividades desenvolvidas são voltadas, principalmente, para a população jovem da região e visam estimular o pensamento crítico por meio do desenvolvimento de atividades culturais diversas.

Em 2011, o São Mateus em Movimento institucionaliza-se como organização não governamental, o que lhe abre as portas para concorrer a editais que são específicos para pessoas jurídicas. O espaço tornou-se um Ponto de Cultura, sendo uma das primeiras entidades a serem selecionadas em 2013 pelo Programa Cultura Viva. Também é um Polo Periférico de Cultura Digital (Media Lab São Mateus e Movimento), selecionado pelo edital Redes e Ruas das Secretarias de Direitos Humanos e Cidadania, Cultura e Serviços em 2015. Em 2016, teve novamente projeto aprovado pelo Redes e Ruas para desenvolver o projeto *Territórios e redes*.

Nos dias atuais, conta com a participação de coletivos e agentes culturais, como o Coletivo Coletores, Grupo Odisseia das Flores, Sarau Comungar, Grupo Opni, entre outros.

19) Grupo Transformar

O Grupo Transformar iniciou suas atividades em 2009, reunindo um grupo de jovens e adolescentes da Comunidade Eclesial de Base São Marcos, com o objetivo de discutir e apontar soluções para promover mudanças socioculturais na comunidade em que vivem. Passaram a desenvolver atividades culturais, artísticas e de conscientização ambiental. Em 2010, o coletivo ofertou oficinas de audiovisual para os jovens da região e produziu o curta-metragem *Do outro lado do muro*, que discorre sobre o preconceito e foi lançado na Noite Cultural. Em 2011, deu continuidade às ações de formação em audiovisual com o projeto *Cinema para transformar*, realizando oficinas diversas, como história do cinema, roteiro, trilha sonora, figurino, direção, filmagem e edição. Ainda em 2011 participou da organização do 1º Festival de Vídeos do CEU Sapopemba e produziu a continuação do filme *Do outro lado do muro 2*, que abordou o preconceito contra pessoas com deficiência, a transição do adolescente para a vida adulta e os novos desafios depois da inserção no mercado de trabalho. O filme foi lançado na Noite Cultural Transformar em 2012.

Em 2012, o grupo aceitou um novo desafio – adaptar o conto A Cartomante, de Machado de Assis –, que foi lançado em um baile de máscaras organizado pelo coletivo. O segundo texto adaptado foi A Igreja do Diabo, e então o contato com obras literárias foi crescendo e o coletivo teve a ideia de organizar o *Festival Curta Literatura*, com o objetivo de promover a circulação de obras literárias, incentivar a leitura e quebrar a barreira que existe entre os jovens e a leitura. Em 2013, o grupo Transformar foi contemplado pelo Programa VAI e, com o subsídio recebido, realizou o Festival, desenvolveu oficinas de audiovisual gratuitas e produziu o filme *A Igreja do Diabo*.

Em 2014 as atividades do coletivo intensificaram-se. Iniciou então a exibição de filmes ao ar livre, realizou saraus, engajou-se na luta pelo Centro Cultural São Mateus. Os integrantes do grupo participaram de oficinas para melhorar suas habilidades e produziram o filme *Sonhos de liberdade*, que discutiu o trabalho para o jovem a partir da seguinte perspectiva: ao mesmo tempo que ele é necessário, também aliena e coloca os jovens em um sistema dominante e opressor.

Em 2015, desenvolveram o projeto *Inventando o futuro*, que consistiu na criação da *web-série Trailers do cotidiano*. Os curtas produzidos e difundidos abordam temas ligados ao dia a dia, despertando discussões e reflexões sobre preconceito, segurança, saúde, moradia e transporte. Deram continuidade às exibições de filmes ao ar livre, seguidas de rodas de conversa

e também realizaram a formação audiovisual *Cine Direitos Humanos*, para adolescentes no Centro de Educação Unificado Sapopemba e na Escola Municipal de Educação Fundamental Olival Costa.

O único subsídio recebido foi em 2013, mas a falta de dinheiro não esmoreceu o grupo, que, em 2016, batalhava para produzir um longa-metragem e lutava por uma Cooperativa de Formação e Produção de Cinema Independente em São Mateus. Paralelo à pesquisa do longa, produziram o documentário *Riacho dos Machados*, que conta a história de um riacho poluído que um dia ofereceu água potável para os moradores do bairro Jardim Tietê, lançado no 3º Sarau realizado em abril desse mesmo ano.

Em 2016, participavam do grupo 12 pessoas com idade entre 16 e 32 anos. Ainda utilizava o espaço da Igreja São Marcos, mas em 2010 passou a pensar em seus projetos, desvinculando-se da tutela da igreja.

20) Nós, Mulheres da Periferia

Formado em 2014, após publicação de artigo de quatro mulheres jornalistas, correspondentes do blog Mural, na seção “Tendências/Debates”, do jornal *Folha de S. Paulo*. O artigo tratava da invisibilidade e dos direitos não atendidos das mulheres moradoras da periferia. O texto, escrito com base nas vivências, visões e experiências cotidianas delas, teve grande repercussão, sendo replicado em outros veículos de mídia e ecoou entre as mulheres, jovens e não tão jovens, também moradoras da periferia. A partir disso, iniciou-se um processo de pesquisa e consolidação do coletivo, entre 2012 e 2013, que surgiu como um portal (<<http://nosmulheresdaperiferia.com.br>>), lançado via Facebook com grande repercussão. Em 2015, o coletivo foi contemplado pelo Programa VAI e foi desenvolvido o projeto *Desconstruindo estereótipos*, que consistiu na realização de oficinas com mulheres de seis regiões periféricas para discutir o modo como a mídia e os programas de televisão retratam as mulheres.

Em 2016, o coletivo recebeu novamente subsídio do Programa VAI e desenvolveu o projeto *Quem somos [por nós]*, que ganhou o Prêmio Almerinda Farias Gama, da Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial (criado para fortalecer as vozes de negras e negros da cidade de São Paulo), e o Prêmio Pontos de Mídia Livre, do Ministério da Cultura.

O objetivo do Nós, mulheres da periferia é dar visibilidade aos direitos não atendidos das mulheres, problematizar acerca dos preconceitos e estereótipos limitadores que se cruzam com as questões de classe social e raça e dar espaço para suas histórias. Após o lançamento do Portal,

as integrantes passaram a ser convidadas para falar sobre o coletivo e suas ideias em diversos locais, sempre com o objetivo de fortalecer as mulheres moradoras das regiões periféricas. Em 2014, o coletivo contava com nove integrantes, sendo oito jornalistas e uma designer. Em 2016, contava com sete integrantes.

21) Periferia em Movimento

Coletivo de comunicação que iniciou as atividades em 2009 com a participação de três integrantes estudantes de jornalismo e moradores do Grajaú, zona sul da cidade. O Periferia em Movimento é fruto do TCC desses estudantes, incomodados com a narrativa limitada, muitas vezes negativa e superficial que a mídia convencional apresenta da periferia. Produziram o documentário *Grajaú na construção da paz*, no qual apresentam a história do Movimento pela Paz iniciado nos anos 2000, quando os índices de homicídios aumentavam de forma assustadora na região. Em julho de 2009, criaram o blog Periferia em Movimento para divulgar os bastidores das gravações e a pesquisa científica. No final desse mesmo ano, defenderam o TCC e pleitearam subsídio do Programa VAI, sendo contemplados e, em 2010, desenvolveram o projeto *Periferia em Movimento debates*, que envolveu moradores, artistas e militantes do Grajaú.

Em 2011, receberam novamente subsídio do VAI e realizaram o projeto *O.C.A. Oficina de Cinema Amador*, nos distritos do Grajaú e Campo Limpo. Participaram de dois debates, um na Semana de Jornalismo da Universidade Santo Amaro (UNISA) e outro no Encontro de Jornalismo da Universidade Paulista (UNIP). Em 2012, sem nenhum recurso, o coletivo repensa a sua atuação e, em agosto, foca seus trabalhos na divulgação e produção de reportagens sobre movimentos sociais e coletivos culturais da periferia. Em setembro desse ano, realizou a cobertura do *Encontro estéticas das periferias*. Entre novembro de 2012 a maio de 2013, participou do programa HUB Fellowship para empreendedores sociais criativos, depois recebeu consultoria em empreendimento comunitário pela Organização Manier.

Os anos de 2013 e 2014 foram recheados de ações: oficinas de jornalismo em aldeias indígenas, participação em debates sobre jornalismo periférico, cobertura de eventos culturais, realização de cursos de extensão em universidade. Ainda em 2014, com subsídio do Programa Agente Comunitário de Cultura, o coletivo realizou o projeto *Cultura ao extremo*, que mapeou os “fazedores de cultura” nas regiões de Cidade Dutra, Grajaú, Marsilac, Parelheiros e Socorro. Em 2015, novamente com subsídio, agora do edital Redes e Ruas das Secretarias de Direitos

Humanos e Cidadania, Cultura e Serviços, desenvolveu o projeto *Repórter da Quebrada – jornalismo cidadão conectando o extremo sul* e também lançou o novo site do coletivo. Em 2016, foi novamente contemplado pelo edital Redes e Ruas.

O Periferia em Movimento atualmente conta com dois integrantes fixos, que se dedicam às atividades, um rapaz com 28 anos e uma moça de 32. Também recebe apoio de outras duas jovens mulheres.

22) Passeando pelas ruas: histórias do meu bairro e da minha cidade

O grupo foi formado a partir de um projeto escrito por Paulo, um dos integrantes, após participação em uma oficina de elaboração de projetos ministrada pelo Programa VAI, que ali viu a oportunidade de trabalhar com a questão do patrimônio histórico. Ele convidou uma amiga com quem havia estudado História para participar do projeto. Ela topou e assim nasceu o Passeando pelas Ruas. Em 2014, realizou o projeto que debatia os usos e transformações do patrimônio histórico da cidade na atualidade, por meio de visitadas guiadas a diferentes equipamentos culturais, como museus, casas de cultura, ruas e festas. Nesse ano, contava com dois integrantes e um colaborador. Em 2015, o colaborador passou a ser integrante e queria ser proponente do projeto, o que gerou desconforto entre os membros. Pleiteou o VAI 2, mas não foi aprovado. Então, os outros dois integrantes deixaram o projeto, restando somente o Paulo, que não desistiu de dar continuidade ao projeto e levar o grupo adiante. Com a ajuda de sua irmã, ele inscreveu projeto para o edital do VAI 1 para 2016 e foram contemplados.

23) Reversa Companhia

Formado em 2011 por três estudantes (um homem e duas mulheres) do Instituto de Artes (IA) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), campus São Paulo. Desde a formação, o grupo apresentava o espetáculo *A cicatriz é a flor*, texto de Newton Moreno, que conta a história de separação de um casal lésbico. Em 2012, ficou em terceiro lugar no 11º Festival de Teatro de Mogi Morim. Até o final de 2015, o grupo permaneceu com três integrantes. No início de 2016, um novo integrante chegou, namorado de uma das atrizes. Estava desenvolvendo dois projetos: a peça *A cicatriz é a flor* e uma nova montagem, *Cumplicidade*, que seria encenada pelo casal. Este segundo projeto foi o que trouxe discordância entre dois integrantes do grupo. Enquanto um acreditava que se tratava de um espetáculo de cunho político, uma das atrizes entendia como estético. Por discordarem, ela saiu desse projeto. Em julho de 2016, o coletivo se desfez.

24) Núcleo Vermelho

Formado em 2013 a partir do Curso Livre de Teatro ministrado pela Brava Companhia, contou com a participação de dez atores, jovens e adultos, oriundos de diferentes regiões da cidade. O primeiro processo criativo realizado sob orientação da Brava Companhia consistiu na montagem de um texto teatral, que abordou criticamente as questões relativas ao mundo do trabalho. O espetáculo, nomeado de *A comédia do trabalho*, foi encenado entre fins de 2013 e início de 2014, completando oito apresentações no Sacolão das Artes, espaço cultural gerido por coletivos na zona sul.

Em 2014, o Núcleo deu continuidade aos estudos sobre a questão do mundo do trabalho e foi contemplado pelo edital Programa de Ação Cultural (ProAc), da Secretaria Estadual de Cultura, com o projeto *Rachaduras: investigando fissuras no mundo do trabalho*. Ainda em 2014, recebeu o Prêmio Funarte Artes na Rua e, com os dois subsídios, foi montado o espetáculo *O que não fazer? Investigando a mercadoria no incrível mundo da democracia*, que estreou em 2015 na Praça do Patriarca, no centro de São Paulo, e foi encenado em 2016 no Sesc Campo Limpo.

Após a realização desse projeto, o grupo estava estudando quais seriam os próximos passos, se iria se inscrever em editais ou não. Contava com 14 integrantes, com idade entre 25 e 40 anos.

25) Revitarte

O coletivo, que iniciou as atividades em setembro de 2012, é composto por jovens moradores do Jardim Monte Azul, Parque Arariba e Jardim São Luís, todos da zona sul da cidade de São Paulo. O objetivo era revitalizar espaços degradados através da arte e de trabalho coletivo. O processo de transformação trazido pelas revitalizações realizadas é registrado em foto e vídeo e disponibilizado no site do coletivo (<www.revitarte.com>). Aliado às atividades de revitalização, promove atividades culturais para incentivar a ocupação dos espaços públicos.

O coletivo “nasceu através do ócio, dessa inatividade e da vontade de fazer alguma coisa” (Lucas, 28 anos). A primeira iniciativa foi revitalizar uma casa abandonada, propriedade de uma usuária de drogas que havia se tornado ponto de uso. Em seguida, foram identificados outros espaços que necessitavam de revitalização e o coletivo também passou a receber

demandas dos moradores. Durante os quatro anos de existência, o coletivo desenvolveu alguns projetos:

- *Casarão*, projeto financiado pelos integrantes do coletivo e que deu início às ações, envolvendo mais de 50 voluntários que retiraram o entulho do terreno, carpiram, pintaram a casa por dentro e a fachada e grafitaram o portão e o muro.
- *Escadão*, a segunda ação do Revitarte realizada em 2013, consistiu na revitalização de um escadão, com conserto dos degraus, criação de mosaico e grafite. O escadão, utilizado pelos moradores com frequência, estava há tempos degradado e sem iluminação. O projeto teve duração de cinco meses e envolveu 200 pessoas que auxiliaram nos mutirões. Contou também com a participação de outros quatro coletivos de artes visuais e a ação se estendeu para algumas casas. Essa ação foi contemplada pela 7ª edição do prêmio Criando Asas. Em dezembro, foi realizado o *Ocupa Monte Azul*, com recursos da Coordenação de Políticas para Juventude da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, que também entrevistou junto à Secretaria de Serviços para que a iluminação fosse colocada no escadão.
- *Mercado*, a terceira ação foi realizada em 2014 na fachada de um mercadinho do bairro e envolveu mais três parceiros, sendo dois coletivos e uma associação. A fachada foi grafitada e recebeu um jardim vertical com mudas de hortaliças e plantas.
- Exibição do filme *Cidade Cinza*, em 2014, seguida de debate com o produtor do filme na sede da Associação Cultural Monte Azul. Participaram da ação *Como virar sua cidade em Santa Inês*, no bairro da zona leste, a convite do Coletivo AZU e em que coordenou a pintura do painel de grafite.

Em 2016 o coletivo estava formatando um novo projeto de revitalização de um beco e ia em busca de patrocínio. Embora já tivesse se inscrito em editais, o coletivo não havia conseguido a aprovação em nenhum deles, nem no Programa VAI. Dessa forma, a efetivação das ações dependia dos recursos pessoais dos integrantes, do apoio de demais coletivos, da ajuda do comércio do bairro em que a ação é realizada, geralmente com materiais, e do apoio de grandes empresas. Em 2016, participavam do coletivo 11 pessoas, entre homens e mulheres com idade entre 25 e 35 anos.

26) Muros que Gritam

Formado em 2011, a partir da elaboração de projeto, intitulado *Muros que gritam*, para o Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo (ProAc). A proposta era realizar ações de artes visuais com grafite nos bairros de Ermelino Matarazzo, Guaianases e Itaquera. O projeto não foi selecionado, mas o grupo de amigos continuou realizando ações de grafite, enquanto educação não formal, por meio de *workshops* em escolas públicas, oficinas de *stencil*, debates sobre grafite e arte urbana, com o objetivo de aproximar crianças, jovens e adultos das artes visuais.

Em 2013, o grupo passou por mudanças, alguns integrantes saíram e outros entraram e passaram a se nomear como coletivo Muros que Gritam. Além das atividades formativas realizadas, o coletivo passou a participar de reuniões, articulações culturais, fóruns de cultura, ampliando a atuação política iniciada em 2011 com a participação de alguns integrantes na Rede de Cultura ZL de Ermelino Matarazzo e da Ocupação Cultural Ermelino Matarazzo.

O coletivo Muros que Gritam nunca conseguiu recurso público, nem privado, para desenvolver suas ações. Em 2016, o coletivo contava com 10 integrantes, entre homens e mulheres, com idade entre 18 e 40 anos. Nem todos moravam na zona leste, alguns moravam em cidades da Grande São Paulo.

27) Rede Cultura ZL Ermelino Matarazzo

A rede começou em 2010 a partir de alguns grupos artísticos de Ermelino Matarazzo que se reuniram para discutir as agendas das atividades culturais e mapear as manifestações existentes na região. O objetivo era aproximar os diversos grupos e tornar conhecida as atividades desenvolvidas.

Em 2011, a rede promoveu reuniões com a Subprefeitura de Ermelino Matarazzo para acompanhar a implementação de uma Casa de Cultura para região, prevista para ser entregue até o final do mesmo ano, o que não ocorreu. Foi realizado o primeiro manifesto em prol da Casa de Cultura com atividades culturais, que envolveu aproximadamente 1000 pessoas. Nesse mesmo ano, concretizou-se parceria com a Secretaria Estadual de Cultura com o projeto *Oficinas Culturais do Estado de São Paulo* e ao longo do ano foram realizadas 34 oficinas de diferentes linguagens artísticas.

Em 2012, sem a consolidação da Casa de Cultura, foi realizado o segundo manifesto, novamente com atividades artísticas. A partir desse manifesto, a rede começou a discutir mais sobre as políticas públicas de cultura para a região e a reabertura do teatro Flávio Império, a fomentação e a articulação de produções artísticas dos coletivos, assim como a divulgação de

suas atividades. Em 2012 e 2013, com apoio do Programa VAI, elaboraram o Informativo Cultura ZL I e II.

Em 2014, foi realizada a 1ª Ação na Ocupação Cultural Ermelino Matarazzo, no espaço onde ficava a Subprefeitura de Ermelino Matarazzo, ocupado pelos coletivos da Rede. Essa ocupação transformou-se em um movimento com a realização de atividades culturais nesse prédio público inativo e desativado. O objetivo principal é que nele funcione a Casa de Cultura Ermelino Matarazzo e Ponte Rasa e que a mesma seja administrada por um conselho popular. Em meados de 2016, a Casa de Cultura ainda não tinha sido entregue e os coletivos permaneciam na ocupação. De forma autônoma, reformaram os espaços que estava em condições de uso e abriu as portas para que fossem realizadas atividades culturais e artísticas.

28) Movimento Cultural Ermelino Matarazzo

Iniciado em 2013, o movimento reúne agentes e coletivos culturais do bairro e a principal bandeira levantada é a luta pela construção da Casa de Cultura de Ermelino Matarazzo e Ponte Rasa. Além disso, a proposta é ocupar espaços públicos e ter espaços geridos por coletivos que atuam na área cultural. O movimento realiza palestras e *workshops* em escolas, quando são convidados, além de três eventos fixos: Cine Pipoca, Sarau Ermelino Ocupa e a Batalha de Rima de MC's. O coletivo tem mais um projeto, o *Ocupação*, que é menos frequente. O Movimento não depende de recursos financeiros para se manter, pois realiza as atividades com os equipamentos adquiridos pelos coletivos com subsídios do programa VAI.

29) Cine da Quebrada

Formado em 2012, é um Cine Club que ocorre no Espaço Comunidade, que se localiza no Jardim Monte Azul, zona sul da cidade. É um espaço cultural independente, sem fins lucrativos, que apoia e divulga produções artísticas, culturais e iniciativas socioambientais, movimentos artísticos independentes e questões sobre direitos humanos.

No início, as atividades do Cine da Quebrada consistiam na exibição de um filme qualquer acompanhado de pipoca. Em meados de 2014, um dos integrantes propôs que a exibição fosse seguida de debates e que fossem selecionados filmes com pontos pouco discutidos, como o uso medicinal da *cannabis sativa*, grafite e pichação. Essa iniciativa resultou na parceria com a Taturana, negócio social que atua na democratização do acesso às obras audiovisuais brasileiras.

Em 2015, foi inscrito o projeto para o Rumos Itaú Cultural e para o Programa VAI, sendo contemplado somente no VAI. Dessa forma, em 2016 iniciou o projeto *Festival de Cinema – a ponte*, que consistiu na realização de oficinas e do Festival de Cinema em setembro do mesmo ano. Com o subsídio recebido foi possível adquirir os equipamentos de audiovisual.

O Cine da Quebrada é organizado por quatro pessoas, sendo três homens com idade entre 27 e 29 anos e por uma jovem mulher de 19 anos.

30) Grupo Teta de Teatro

Grupo que existe desde 2011 e foi alterando o nome e os integrantes ao longo dos anos. Em 2015, passa a ser denominado como Grupo Teta de Teatro e contava com a participação de cinco integrantes, sendo dois homens e três mulheres. Nesse ano, deu início à criação do espetáculo *92 minutos para Ana F.*, que abordava a vigilância sobre os corpos e comportamento das mulheres. A pesquisa do espetáculo foi pautada em matérias jornalísticas dos anos de 1920, 1940, 1960, 1980 e anos 2000. Em setembro de 2016, o espetáculo foi estreado. O grupo passaria por uma nova reformulação, pois os rapazes estavam de mudança para a cidade de Natal.

31) Coletivo Amapola de Teatro e Poesia Urbana

Criado em 2015 e formado por duas pessoas, o coletivo tem como objetivo discutir a relação da cidade com as pessoas. O novo espetáculo se propunha a discutir o ambiente hostil da cidade e as manifestações artísticas. O coletivo inscreveu o projeto *Concurso para bolsa de incentivo à criação literária no estado de São Paulo – texto de dramaturgia* para o edital ProAc, mas não foi contemplado.

32) Banda Relampiandos

Fundado em 2012, é um grupo cênico-musical formado por quatro artistas multidisciplinares, sendo uma atriz, dois atores e um artista visual. A banda tem como característica recriar arranjos musicais do repertório popular brasileiro ou estrangeiro. Utiliza diferentes instrumentos, como djembé, ukulele, escaleta, apito, bongô, violão e guitarra, além de inserir outras linguagens como teatro e literatura. Somente no ano de 2015 a banda investiu em sua primeira criação autoral, *Filhas da América*, em que canta as mulheres da América Latina que lutaram e ainda lutam por seus direitos. O show reúne músicas de autoras ou canções

que abordam a força feminina perante a sociedade latino-americana. A estreia do show foi em junho de 2016 na cidade de São Paulo e seguiu para o interior e litoral paulista.